UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Instituto de Geociências

Programa de Pós Graduação em Geografia

Lara Palhares Silva Puliero

VEGANISMO, ANTIESPECISMO E RUPTURA METABÓLICA:

uma geografia das relações contemporâneas entre alimentação e natureza

Belo Horizonte

2024

Lara Palhares Silva Puliero

VEGANISMO, ANTIESPECISMO E RUPTURA METABÓLICA:
uma geografia das relações contemporâneas entre alimentação e natureza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Organização do espaço.

Linha de pesquisa: Produção do espaço, ecologia, política, cultura, educação em Geografia.

Orientador: Prof. Dr Felipe Nunes Coelho Magalhães

Belo Horizonte

2024

P981v
2024

Puliero, Lara Palhares Silva.

Veganismo, antiespecismo e ruptura metabólica [manuscrito] : uma geografia das relações contemporâneas entre alimentação e natureza / Lara Palhares Silva Puliero. – 2024.

252 f., enc. il. (principalmente color.)

Orientador: Felipe Nunes Coelho Magalhães.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2024.

Área de concentração: Organização do Espaço.

Linha de pesquisa: Produção do espaço, Ecologia, Política, Cultura, Educação em Geografia.

Bibliografia: f. 238-250.

Inclui anexo.

1. Geografia humana – Teses. 2. Veganismo – Teses. 3. Relação humano-animal – Teses. 4. Soberania alimentar – Teses. 5. Lefebvre, Henri, 1901-1991 – Teses. I. Magalhães, Felipe Nunes Coelho. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Geociências. III. Título.

CDU: 911.3:179.3

Ficha catalográfica elaborada por Nathalia Machado Laponez Maia – CRB-6/3002
Biblioteca “Vitória Pedersoli”, Instituto de Geociências da UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

"VEGANISMO, ANTIESPECISMO E RUPTURA METABÓLICA: UMA GEOGRAFIA DAS RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS ENTRE ALIMENTAÇÃO E NATUREZA"

LARA PALHARES SILVA PULIERO

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia 1º de julho de 2024, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, constituída pelos seguintes professores:

Felipe Nunes Coelho Magalhães

IGC/UFMG

Heloisa Soares de Moura Costa

IGC/UFMG

Cátia Grisa

UFRGS

Belo Horizonte, 01 de julho de 2024.

Documento assinado eletronicamente por **Felipe Nunes Coelho Magalhaes**, **Professor do Magistério Superior**, em 01/07/2024, às 11:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Heloísa Soares de Moura Costa**, **Professor(a)**, em 01/07/2024, às 11:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Cátia Grisa**, **Usuária Externa**, em 01/07/2024, às 12:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3305177** e o código CRC **5343D156**.

AGRADECIMENTOS

Aos entrevistados pela generosidade em compartilhar, para além de suas experiências e saberes, seus tempos e esforços dedicados para a realização das entrevistas. Suas contribuições foram essenciais para a realização deste trabalho, para a compreensão mais profunda do tema abordado e para dar voz às diversas perspectivas presentes neste estudo. Damos graças pelos ensinamentos e compartilhamentos, principalmente nos momentos em que o gravador estava desligado.

Ao Felipe, pelo apoio, orientação e pela inspiração, desde o primeiro período do curso de graduação. Obrigada pela paciência, por todas as oportunidades proporcionadas de forma direta ou indireta e pela confiança.

A Heloísa e Cátia, pelo tempo dedicado à leitura cuidadosa deste trabalho e pelas reflexões detalhadas fornecidas durante a qualificação e a defesa.

Ao AUÊ! pela possibilidade de inserção em projetos que fazem sentido em direção à transformação da realidade, e a todas e todos pelas discussões produtivas, trocas de ideias e pela atmosfera de camaradagem. O trabalho verdadeiramente em equipe foi essencial para enfrentar os desafios encontrados.

À Universidade Federal de Minas Gerais, ao corpo docente do Programa de Pós Graduação em Geografia, assim como aos colegas e aos técnicos e servidores da universidade.

À FAPEMIG pelo apoio financeiro e institucional para a realização deste estudo.

Aos meus pais por me incentivarem a sempre fazer aquilo que fazia sentido para mim. Obrigada pela educação crítica e pelo amor incondicional.
Ao Bernardo pela amizade e cumplicidade.
Ao Igor pelo apoio, compreensão e pela parceria.
Aos meus amigos pelo acolhimento e suporte.

Obrigada!

“Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo.” - Karl Marx

“Faz parte de uma perspectiva revolucionária não apenas como podemos descobrir relações mais compassivas com os seres humanos, mas também como podemos desenvolver relações compassivas com as outras criaturas com quem compartilhamos este planeta, e isso significaria desafiar toda a forma industrial capitalista de produção de alimentos.” - Angela Davis

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo explorar as similaridades e proximidades entre o conceito de ruptura metabólica e as práticas alimentares ligadas tanto ao consumo de carne quanto ao consumo de alimentos veganos ultraprocessados, entendidos como integrantes do sistema alimentar hegemônico centrado na carne. Para isso, exploramos como esse sistema alimentar interage com o espaço urbano à luz da teoria da ruptura metabólica de Kohei Saito, que examina a desintegração do metabolismo natural entre sociedade e natureza causada pelo atual modo de produção, e à luz da teoria dos espaços abstratos, de Henri Lefebvre. Por outro lado, identificamos práticas ligadas ao veganismo popular/político que buscam interseções com movimentos sociais, como a luta pela soberania alimentar, para entender se estas poderiam ser consideradas sementes de utopias concretas em direção à produção de espaços diferenciais, buscando o que chamamos de resgate metabólico. Um coletivo Rastafari de alimentação vegetariana foi escolhido como objeto empírico para essa análise. Essa proposta de conexão entre ruptura metabólica e produção do espaço permitirá avançar o entendimento da Geografia sobre esses temas, até então pouco explorados nessa área do conhecimento.

Palavras-chave: veganismo; antiespecismo; ruptura metabólica; produção do espaço; sistemas alimentares.

ABSTRACT

The dissertation aims to explore the similarities and proximities between the concept of metabolic rift and food practices related to both meat consumption and the consumption of ultraprocessed vegan foods, understood as part of the hegemonic food system centered on meat. To this end, we explore how this food system interacts with urban space in light of Kohei Saito's theory of metabolic rift, which examines the disintegration of natural metabolism between society and nature caused by the current mode of production, and in light of Henri Lefebvre's theory of abstract spaces. On the other hand, we identify practices related to popular/political veganism that seek intersections with social movements, such as the struggle for food sovereignty, to understand whether these could be considered seeds of concrete utopias toward the production of differential spaces, aiming at what we call *resgate metabólico*. A Rastafari vegetarian food collective was chosen as an empirical object for this analysis. This proposal to connect metabolic rift and space production will allow for advancing the understanding of Geography in these topics, which have so far been little explored in this field of knowledge.

Keywords: veganism; antispeciesism; metabolic rift; production of space; food systems.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Alimentação: emissão de gases de efeito estufa por toda a cadeia de abastecimento

Figura 2: Uso de terras para alimentos por cada 1000 kcal

Figura 3: Uso de terras para cada quilograma de alimento produzido

Figura 4: Recursos de água doce renovável per capita

Figura 5: Parcela de emissão de gases de efeito estufa provenientes da alimentação

Figura 6: Emissão de gases de efeito estufa provenientes de sistemas alimentares

Figura 7: Produção de soja do mundo em 2018

Figura 8: Produção de soja do Brasil e EUA (1961-2018)

Figura 9: A soja do mundo é utilizada para alimentação, combustível ou ração animal?

Figura 10: Soja: usada para alimentação, ração ou combustível? Brasil

Figura 11: Contagem de gado no mundo por animais, 1890-2014

Figura 12: Número de gado por países, 1961-2014

Figura 13: Produção de frutos do mar: captura de peixes selvagens vs. aquacultura

Figura 14: Perspectivas ideológicas do veganismo e a prática de boicotes

Figura 15: Relação das(os) entrevistadas(os) com o Coletivo Roots Ativa

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABIA - Associação Brasileira da Indústria de Alimentos

AUP - Alimentos Ultraprocessados

DCNTs - Doenças Crônicas Não Transmissíveis

DIT - Divisão Internacional do Trabalho

FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura

GEE - Gases de efeito estufa

HLPE - Painel de Especialistas em Segurança Alimentar e Nutricional

IARC - Agência Internacional de Pesquisa em Câncer

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

IPCC - Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas

IVU - União Vegetariana Internacional

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

MAV - Movimento Afro Vegano

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONG - Organização não governamental

PIB - Produto Interno Bruto

SAN - Segurança Alimentar e Nutricional

SEEG - Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa

STF - Superior Tribunal Federal

SVB - Sociedade Vegetariana Brasileira

UVA - União Vegana de Ativismo

WWF - World Wide Fund for Nature

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO…….....10
2 PERCORRENDO OS VEGANISMOS: origens, motivações, disputas e proposições..25
2.1 Restrições ao consumo de animais não humanos……...…….……...25
2.1.1 Motivos ambientais….……..……...27
2.1.2 Motivos de saúde…...……...43
2.1.3 Motivos ligados à crenças e culturas...……..……...50
2.1.4 Especismo……61
2.2 A origem do termo x origem das práticas.……..…….……..67
2.3 Disputa e vertentes…..……..……...……..70
2.4 O debate em torno dos antiespecismos subversivos…….....100
3 SISTEMAS ALIMENTARES SEM ANIMAIS: e agora?……..……..…..106
3.1 Sistema hegemônico centrado na carne……...…….107
3.2 Sistema arcaico à base de plantas..……...……126
4 METABOLISMO COM A NATUREZA: entre a ruptura e o resgate.....135
4.1 Descobertas do Marx tardio……...……...……...135
4.2 Metabolismo entre animais humanos e natureza..……..……...…...…....139
4.3 Ruptura do metabolismo……..……..……...……...…....141
4.4 Veganismo de mercado e os deslocamentos metabólicos…….…….……...148
4.4.1 Deslocamento tecnológico……...……..148
4.4.2 Deslocamento espacial……..……163
4.4.3 Deslocamento temporal…….……170
4.5 Resgate metabólico……...……..……...….178
4.6 Formas de resgate……...…….……191
5 SEMENTES DE UTOPIAS CONCRETAS.....…...……...……...……...……...……...198
5.1 Espaços diferenciais……..……..……199
5.2 Utopias concretas…….……204
5.3 Regando comparações com o Roots Ativa……...….....206
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS...…….……...……...……..……233
REFERÊNCIAS……..…….……238
ANEXO A - Termo de Consentimento utilizado no trabalho..……...…….....251

INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo tema do veganismo surgiu a partir das aulas da graduação em Geografia, pela possibilidade de mudança de hábitos em direção ao que eu acreditava ser o mais ético do ponto de vista ambiental. Entendia que dentre as inúmeras contradições que viver no sistema capitalista nos gera, a opção por excluir produtos de origem animal seria estar um pouco menos longe (ou mais perto) do que acreditava ser benéfico para o meio ambiente. Diante de todas as formas de degradação da natureza que o ser humano foi capaz de promover, entendia que o veganismo seria um movimento que, ao propor o fim da pecuária, já contribuíria em algo para diminuir a degradação e exploração da natureza. Me deparei com a informação de que outras ações individuais como reciclagem e compostagem, redução do consumo direto de água etc., fariam menos diferença do que o impacto da pecuária - o que não significa que não devem também ser adotadas. Dessa forma, optar por não consumir mais produtos de origem animal parecia tão óbvio em relação à ética ambiental quanto não jogar o lixo no chão. Porém o paladar adiou um pouco o entendimento racional do que acreditava ser mais ético com a mudança na prática. Foi então que decidi buscar assistir vídeos e documentários de como os animais são explorados para me sensibilizar ao ponto de acreditar que optar pelo meu paladar em detrimento do sofrimento de outros animais não humanos seria egoísmo. Dessa forma percebi a influência da cultura e do paladar na tentativa de mudança de prática, mesmo quando a argumentação teórica está introjetada. A teoria influenciou minha prática, mas começar a me inserir nos espaços veganos também influenciou minha teoria - e influencia até hoje. Dessa forma, essa pesquisa é também uma pesquisa-ação. Não só por ser uma pesquisadora vegana que pesquisa veganismo, como também devido ao fato de que essa dissertação me possibilitou estar em lugares e em contato com sujeitos que transformaram meu modo de enxergar o mundo e viver nele - e consequentemente transformaram os rumos dessa pesquisa.

Portanto, a busca pelo veganismo pode ser colocada com o que alguns autores chamam de “ansiedade climática” e em relação a isso, nos dedicamos a um breve contexto.

Enquanto 2023 foi o ano mais quente do planeta, (ONU News, 2024) - tivemos na China recorde de temperatura negativa com -53ºC (CNN Brasil, 2023a) e na mesma região quase 53ºC positivos (CNN Brasil, 2023b) - dizemos adeus ao maior iceberg do planeta (Amos, 2024), que pode colocar em risco as correntes marítimas do Atlântico. Começamos 2024 com recordes de temperatura em janeiro (Poynting; Rivault, 2024), seca histórica no Rio Negro

(Aguiar, 2023) e temos três anos para as metas estabelecidas no acordo de Paris serem cumpridas.

Enquanto isso, a classe dominante, que constrói hotel espacial (CNN BRASIL, 2021), *bunker* de sobrevivência (Mello, 2023) e parece ter consciência do colapso ambiental está por vir, é a mesma que produz o discurso hegemônico e busca invalidar as teses científicas, chamando as previsões climáticas de alarmistas (Nestlé, 2029), com o objetivo de que as classes dominadas continuem produzindo, sem questionar o modo de produção que levou a essa degradação.

A teórica Hannah Ritchie, em uma pesquisa global com jovens, chegou à conclusão que metade deles acredita que a humanidade está condenada e que não há nada que pode ser feito. (Bourke, 2024). Gramsci mostra como a hegemonia das classes dominantes constrói este consenso na classe dominada e, a partir do momento em que se entende que nada pode ser feito, não há porque buscar outras alternativas de mundo possíveis. Dessa forma, não compactuar com a ideia de que o fim está dado talvez seja o primeiro passo para adiar o fim do mundo.

Em um contexto de crise ambiental, com notícias cada vez mais frequentes de eventos catastróficos ligados ao clima em diferentes partes do globo e a sociedade com menos de 10% de sobrevivência devido ao consumo de recursos (Bologna; Aquino, 2020), me pergunto, enquanto pesquisadora, qual contribuição me presto a dar? Apenas formular mais páginas de críticas ao sistema atual que vão se somando nas bibliotecas ou de alguma forma esboçar uma reflexão sobre uma possibilidade de mudança? Não é sobre acreditar em uma relevância ou não do meu trabalho para a ciência ou me colocar acima de outro pesquisador, mas sim contribuir singelamente com um pensamento que possa promover de fato alguma mudança social. Inclusive há teóricos, professores, pelos quais possuo profunda admiração que, na academia, estão propondo conceitos originais e criando conexões entre pensamentos, ao mesmo tempo que conseguem analisar a realidade social com profundidade e produzem artigos com críticas primorosas ao modo de produção. Porém, estes mesmos teóricos parecem não propor ou no mínimo mencionar os esforços contrários a essas crises dentro de seus trabalhos, que vão ser lidos pela comunidade acadêmica e poderiam ser inspiração para organização coletiva - quem dirá modificar hábitos, sejam eles quais forem, para buscar adiar o fim do mundo (Krenak, 2019). Acredito que a sociedade organizada e os movimentos sociais não dependem necessariamente da universidade, mas acredito na potência que a universidade possui para transformação da realidade e não vejo sua capacidade e seus recursos sendo aplicados com a

potência como poderiam, em diálogos construtivos com estes movimentos. Baseando-me na décima primeira tese de Marx sobre Feuerbach, “Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é *transformá-lo*.”

Dessa forma, parece viável buscar alternativas para adiar o fim do mundo (Krenak, 2019). Nos questionamos então, se o veganismo, enquanto modo de vida, pode ser considerado uma das alternativas de adiar o fim do mundo, uma vez que promove boicote à pecuária, que é uma das ações antrópicas responsáveis por antecipar o fim do mundo. No item 1.1.1 exploramos melhor as consequências negativas para o ambiente com a atividade pecuária. Reconhecemos a diferença significativa entre a pecuária industrial e a pecuária tradicional, assim como pesquisas que buscam analisar efeitos regenerativos de biomas através da pecuária em pequena escala. Dessa forma, enquanto crítica ao modo de produção, direcionamos as análises e reflexões à pecuária industrial, porém as demais críticas e reflexões advindas do antiespecismo sobre o consumo da carne e derivados é destinada à criação de animais como um todo. Ressaltamos que outras atividades como a mega mineração, exploração de combustíveis fósseis, entre outros, também contribuem ativamente para antecipar este fim. Porém, entendemos que, sugerir o boicote à pecuária e a agricultura industrial à nível individual parece mais viável e imediato no contexto social em que vivemos, do que um boicote aos produtos derivados da mineração e combustíveis fósseis, que são mais difíceis de boicotar à nível individual - porém sem deixar que criticar essas atividades e de se movimentar para construir coletivamente outras alternativas. Ao mesmo tempo em que entendemos que não se pode culpabilizar o indivíduo pelas questões ambientais - que possuem causas estruturais -, entendemos também o papel do consumo e dos hábitos na construção coletiva e transformação social.

Uma inicial provocação a esta pesquisa poderia se apresentar através da questão: ‘qual o sentido tratar de veganismo em um contexto de uma sociedade em que mais de 33 milhões de pessoas passam fome?’ (Rede PENSSAN, 2022). A inquietação é justificada uma vez que o aumento do preço da carne significa a ausência de uma importante fonte nutricional no corpo de tantos sujeitos, que em último caso pode levar a diversas doenças como as doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs) ou pela deficiência nutricional ou pela substituição da carne por alimentos ultraprocessados. As imagens de pessoas em filas para pegar ossos em açougues em meio a uma crise sanitária sem precedentes, também me trouxe o questionamento da pesquisa ser elitista, alienada, ou ao menos fora do seu contexto temporal

e espacial, visto que, abordar possibilidades de outras escolhas alimentares pressupõe, primeiramente, o privilégio de poder ter essa escolha. Por outro lado, os sujeitos que hoje estão em insegurança alimentar também são sujeitos de desejos e reduzi-los a aceitar qualquer alimento, visto que estão em um quadro de fome, é também retirar deles a humanidade.

Josué de Castro (1984) afirma que existem três tipos de fome: endêmica, epidêmica e subnutrição, mas que de toda forma, fome e miséria são construções sociais. Dessa forma, entende-se que o que produziu a fome de mais de 33 milhões de brasileiros foram escolhas políticas que priorizam o lucro, em detrimento dos sujeitos e sua cidadania. Ou seja, apesar de alguns integrantes do movimento vegano comemorarem o alto preço da carne e consequentemente um menor consumo por parte de muitos brasileiros (União Vegana de Ativismo, 2021), essa diminuição foi provocada pela miséria causada pelo sistema em que vivemos.

Além disso, muitas vezes, a substituição da carne ocorre pela introdução de produtos alimentícios ultraprocessados, que não são recomendados pelo Guia Alimentar Para a População Brasileira (Brasil, 2006) e podem levar a doenças como obesidade e diabetes. No Brasil, o consumo de ultraprocessados mata mais do que homicídios, são 57 mil mortes devido à alimentação contra 45,5 mil pela violência em 2019 (Torres, 2022).

As substituições vegetais ultraprocessadas para as carnes são produzidas por práticas intensivas de monoculturas e mesmo algumas se apresentando como “saudáveis” por serem orgânicas, ferem as orientações do Guia, visto que não apresentam princípios da equidade e da sustentabilidade ambiental, além de acentuarem desigualdades.

Porém, o veganismo popular e o veganismo anticapitalista, duas grandes vertentes dentro do movimento vegano, combatem este elevado preço da carne e sua consequente diminuição de consumo (União Vegana de Ativismo, 2021). Eles entendem que a causa da exploração de animais não humanos partilha da mesma causa de outras explorações de animais humanos e da degradação da natureza - o modo de produção do sistema capitalista. Essa percepção parece ir ao encontro do que avaliou Swinburn et al, que averiguou que a desnutrição, a obesidade e as mudanças climáticas são as três grandes sindemias, ocorrem de forma simultânea e estão inter-relacionadas, na medida em que têm causas e efeitos em comum, complicando uns aos outros. A falta de ação política para lidar com este problema acentua o quadro (IDEC, 2019). Para

estas vertentes, o veganismo pressupõe escolha e acesso, ou seja, em um contexto em que a autonomia alimentar é negada, não há como os sujeitos terem acessos a alimentos saudáveis e fazerem boas escolhas.

Buscamos diferenciar as vertentes do veganismo através de literatura sobre o tema, além de análises de redes sociais e práticas de algumas empresas que comercializam produtos "veganos". A teoria da ruptura metabólica elaborada por Karl Marx e revisitada por Kohei Saito guiou as análises deste trabalho para demonstrar como a consolidação do sistema capitalista provocou a ruptura do metabolismo com a natureza.

A forma com a qual nos organizamos em sociedade é determinante para a forma como impactamos, transformamos e nos apropriamos da natureza. E, por isso, o conceito de "metabolismo" pode ser considerado como a base para a compreensão da ecologia política, num cenário em que a produção capitalista corrompe o metabolismo entre homem e terra.

> Para Marx, a natureza e o homem possuiriam um metabolismo único, esta seria o corpo inorgânico desse, e, com a alienação do próprio ser no capitalismo, ocorreria um distanciamento visceral entre ambos, estabelecendo a denominada "fratura metabólica". Marx e Engels, enquanto primeiros a aplicarem o conceito de metabolismo à sociedade, associaram o referido termo à relação cidade-campo, grande indústria-grande agricultura, homem-natureza, e a "falha" estariam na insustentabilidade destes relacionamentos dentro do capitalismo (Freitas, 2012).

Quando tratamos de alimentação, a relação entre homem e terra é fundamental para compreender, de forma mais complexa, como ocorrem todos os processos ligados a essa atividade, que talvez seja a mais imprescindível ao ser humano. Por outro lado, entender a relação entre sociedade e natureza, através da alimentação, também parece ser um caminho interessante e, sobre isso, corroboramos com Josué de Castro que afirma que

> Nenhum fenômeno se presta mais para ponto de referência no estudo ecológico destas correlações entre os grupos humanos e os quadros regionais que eles ocupam, do que o fenômeno da alimentação — o estudo dos recursos naturais que o meio fornece para subsistência das populações locais e o estudo dos processos através dos quais essas populações se organizam para satisfazer as suas necessidades fundamentais em alimentos. Já Vidal de La Blanche havia afirmado há muito tempo que "entre as forças que ligam o homem a um determinado meio, uma das mais tenazes é a que transparece quando se realiza o estudo dos recursos alimentares regionais". (Castro, 1984, p. 24)

Buscar compreender as formas de produção de alimentos, quais os tipos de produção, quais as relações sociais envolvidas no modo de produção, de que forma os solos podem ser tratados

em diferentes formas de produção e suas implicações ambientais, passando por toda a cadeia produtiva, de distribuição e comercialização, até chegar nas formas de consumo dos alimentos, na autonomia das escolhas alimentares, na relação do consumidor com o alimento e com os estabelecimentos, enfim, compreender os sistemas alimentares através do olhar da ruptura metabólica e da produção do espaço parece ser extremamente potente.

As dinâmicas econômicas, sociais e ambientais que ocorrem no território possuem a capacidade de produzir diferentes tipos de espaços, que não são meros cenários para tais atividades. "O modo de produção projeta essas relações no terreno, o qual reage sobre elas." (Lefebvre, 2006). O sistema agroalimentar moderno, que opera com grandes corporações de alimentos alterando dinâmicas pré-existentes, produz novos espaços integrando e desintegrando o nacional, o local. As tentativas de homogeneizar espaços através da imposição de culturas alimentares e as consequentes reações a tais esforços também serão analisadas nos capítulos subsequentes, principalmente a partir da concepção de espaço abstrato, conceito desenvolvido por Lefebvre (2006).

Em meio às contradições deste espaço abstrato, melhor explicado nos próximos capítulos, movimentos sociais se colocam como contrários ao uso e organização do espaço que o capitalismo provocou. Dessa forma, estudaremos o Coletivo Roots Ativa como possível exemplo deste movimento. Trata-se de um coletivo Rastafari com alimentação de base vegetariana que pratica agricultura urbana de base agroecológica no Aglomerado da Serra, grande território da periferia de Belo Horizonte. As demais justificativas para escolha do coletivo se encontram no decorrer do trabalho.

Ao pesquisar sobre veganismo, me deparei com a ausência da geografia nessas discussões, encontrando diversas referências principalmente na sociologia e na nutrição. Essa falta não fazia sentido na minha concepção, visto que foi a geografia que me levou ao veganismo. Oliver, Turnbull, Richardson citam um encontro de geógrafos que aconteceu em 2017, durante a conferência anual da American Association of Geographers, para tratar da ausência do veganismo na geografia apesar do seu crescimento em outras áreas de estudos.

> Os organizadores pretendiam que a sessão atendesse à 'centralidade e natureza contestada do lugar nas ações e no discurso dos ativistas pelos direitos dos animais' e ao veganismo como '*uma práxis inerentemente espacial*' (White et al., 2017, p. 1). O encontro refletiu sobre as geografias veganas, assim como sobre a ciência social e

> a pesquisa pública sobre veganismo de forma mais ampla (Giraud, 2021; Hodge et al., 2022) para questionar duas coisas: por que geografias veganas agora e quais são os principais desafios e oportunidades das geografias veganas? Isso serviu como um espaço para fazer um balanço e refletir sobre se os geógrafos veganos precisam "reafirmar a promessa radical do veganismo e das geografias veganas críticas" (White et al., 2022, s.p.). Nessa visão, a pesquisa vegana está inescapavelmente ligada ao ativismo e à defesa além da academia.[1] (Oliver; Turnbull; Richardson, 2024, p. 3, tradução nossa, grifo deles)

Os autores afirmam que apesar do veganismo ser um dos movimentos alimentares que mais cresce no mundo, tanto no norte como no sul global, ele ainda não recebeu uma consideração completa nas geografias alimentares. A rejeição do veganismo pela geografia pode ser explicado por Giraud, ancorados em outros autores como Simon Springer e Richard White, “como um (tipo errado de) ativismo acadêmico, destacando a opressão dos animais que desafia até mesmo as geografias mais críticas.” (Giraud, 2021, p. 3, tradução nossa)

Autores como Stewart e Cole (2020) que refletiram sobre suas carreiras como sociólogos veganos também foram citados por Oliver, Turnbull, Richardson (2024) para evidenciar as resistências encontradas na academia, onde ser vegano e estudar o veganismo gera desafios constantes porque é visto como uma "agenda política" em vez de uma linha séria de investigação acadêmica. Eles pontuam que as reações que descartam a pesquisa acadêmica em torno do tema como "meramente ativismo" refletem os descartes do "meramente feminista" e do "meramente cultural" e são comuns para pesquisadores que estudam o veganismo enquanto veganos.

Apesar da anterior ausência do veganismo na geografia, Giraud (2021) evidencia que os potenciais do veganismo, como um assunto e teoria geográfica, têm sido esforços reconhecidos e destacam que é no subcampo das geografias anarquistas que o veganismo tem encontrado maior refúgio.

---

[1] The organisers intended the session to attend to ‘the centrality and contested nature of place in the actions and discourse of animal rights activists’ and veganism as ‘an inherently spatial praxis’ (White et al., 2017, p. 1). Five years later, an edited collection was published (Hodge et al., 2022), accompanied by another meeting of vegan geographers, this time at the Royal Geographical Society's Annual Conference (White et al., 2022). The meeting reflected on vegan geographies, as well as social science and public scholarship on veganism more broadly (Giraud, 2021; Hodge et al., 2022) to ask two things: why vegan geographies now, and what are the key challenges and opportunities of vegan geographies? This served as a space to take stock and reflect on whether vegan geographers need to ‘reassert the radical promise of veganism and critical vegan geographies’ (White et al., 2022, n.p.). In this vision, vegan scholarship is inescapably linked to activism and advocacy beyond the academy.

Gostaríamos também de reforçar o que trazem os autores sobre o estabelecimento de agendas de pesquisa, que por vezes pode guiar os leitores a uma rica variedade de trabalhos, mas por outro lado, sua curadoria pode gerar apagamentos e omissões, principalmente de pesquisas menos conhecidas, geralmente afetando de forma desproporcional e negativa pesquisadoras jovens do sul global. “O poder de estabelecer agendas não é neutro e, quando um campo emergente está sendo estabelecido, os acadêmicos mais bem posicionados na hierarquia têm uma oportunidade desproporcional de moldá-lo.” (Oliver; Turnbull; Richardson, 2024, p. 4, tradução nossa).

Dessa forma, justificamos o uso da tentativa da prática de “uma política de citação pautada em uma perspectiva teórico-afetiva. Esta configura, assim como a categoria não-homem, uma estratégia de subversão acadêmica.” (Caetano; Ferreira; Seemann, 2023, p. 41) Neste texto, uma das autoras comenta sobre a resistência que encontrou ao trabalhar com conceitos que extrapolam o antropocentrismo, ao afirmar que “as conexões que tecia entre as opressões levantavam suspeitas sobre uma suposta ‘falta de objetividade’ do trabalho, frequentemente demandando justificativas sobre a validade científica da pesquisa para que não fosse entendida como ‘militância’.” (Caetano; Ferreira; Seemann, 2023, p. 40). Dessa forma, além de algumas referências clássicas, utilizamos também textos que entendemos como uma perspectiva teórico-afetiva, não por conhecer as autoras e os autores, mas por encontrar em algum elemento daquele sujeito ou obra, uma semelhança próxima o suficiente para considerar afetiva.

A área de atuação da autora acima citada é História, e além de ter dificuldade em encontrar orientação para seu trabalho acadêmico, também não encontrou referências teóricas de historiadores sobre o tema, o que exigiu dela um trabalho permanentemente transdisciplinar, além de sempre precisar definir ‘especismo’ por ser um termo desconhecido no campo da História. No meu caso, apesar de também sentir a necessidade de dar alguns passos atrás,definir especismo e precisar recorrer à transdisciplinaridade, tive a sorte de ter tido um orientador gentil o suficiente para aceitar orientar um tema que não era inicialmente seu objeto de estudo.

> Compreender as referências teórico-afetivas como centrais para a pesquisa é, na elaboração teórica, situá-las na escrita - movimento que se faz contrário ao mito colonial da racionalidade objetiva e distanciada. Dessa forma, seguir a defesa de uma objetividade distanciada supostamente não posicionada é recair na colonialidade dos corpos que coloca o homem branco, cisgênero, heterossexual, sem deficiência como humano universal - único corpo capaz de assumir plenamente a posição do eu, oposta ao Outro. As posições que ocupamos são sempre situadas, relacionais e atravessadas pela coletividade afetiva que nos constitui. Assim, percebemos que a categorização

> de uma pesquisa como “militante” - sempre em tom acusatório - perde o sentido. Se toda pesquisa é corporificada, afetada e influenciada pelo contexto sociopolítico de sua produção, então toda pesquisa corresponde a uma defesa do entendimento de mundo (Caetano; Ferreira; Seemann, 2023, p. 42-43).

Voltando aos debates propostos no texto “Claiming veganism and vegan geographies”, os autores afirmam que o surgimento das geografias veganas pode, por outro lado, potencialmente marginalizar as raízes pré-existentes do veganismo. Dessa forma, propõe que essa subdisciplina, ao invés de sua reivindicação para uma agenda particular, pode abordar política, economia, ativismo, ambientalismo, oferecendo uma oportunidade rica para prioridades colaborativas no estabelecimento entre campos e conceitos - algo que a Geografia e os geógrafos já defendem. “Isso requer que os geógrafos aproveitem o interesse pelo veganismo para ocupar espaços mainstream da Geografia, além de manter conversas em espaços alternativos e radicais.”[2] (Oliver; Turnbull; Richardson, 2024, p. 5, tradução nossa)

Em outro texto, (Oliver, 2023), argumenta que

> as geografias veganas emergentes criticam tanto as relações como as geografias humanas e não humanas, problematizando as raízes antropocêntricas e humanistas do “animal.” [...] Fundamentais para essas geografias veganas são questões do corpo - de que corpo importa, onde, quando e quanto -, que há muito tempo preocupam os geógrafos, mas isso tem sido limitado à primazia dos corpos humanos[3] (p. 832, tradução nossa)

A autora defende que as geografias veganas possuem similaridades com as novas temáticas culturais da geografia, que têm chamado a atenção para a geografia mais próxima - o corpo, e portanto, têm profunda relação com as questões que afloram das experiências cotidianas. Além da geografia feminista, e das geografias do cuidado, a autora também cita as geografias alimentares que seguem linhagens da teoria (in)corporada para entender a comida e a alimentação como um lugar estratégico e como ponto de partida para começar a analisar identidade, diferença e poder. As geografias incorporadas, portanto, vão além de uma política individualista rumo a uma visão radicalmente relacional do mundo, nos quais as intensidades corporais se desdobram na produção da vida cotidiana. (Oliver, 2023).

---

[2] This requires geographers to make use of interest in veganism to occupy mainstream spaces of Geography, as well as maintaining conversations in alternative and radical venues.

[3] Emerging vegan geographies critique human and nonhuman animal relations and geographies by problematizing the anthropocentric and humanist roots of ‘the animal’. [..] Fundamental to these vegan geographies are questions of the body – whose body matters, where, when, and how much – which has
long been of concern to geographers, but this has been limited to the primacy of human bodies.

Toda pesquisa carrega um pouco da pesquisadora e do pesquisador, assim como a pesquisadora e o pesquisador carregam e são influenciados pela sua pesquisa. Porém, acredito que há uma especificidade em pesquisar o veganismo - uma vez que seu corpo parece também ser transformado. Estudar o veganismo sob essa perspectiva é como se a transformação começasse na cabeça, fosse para o corpo e depois de transformar o primeiro território (corpo) é possível transformar outros territórios externos.

Com o entendimento de que o veganismo é, em parte, um controle e uma prática do corpo através da alimentação, ele se alinha com literaturas sobre incorporação, alimentação e política alimentar. Além disso, este corpo, está em constante reconfiguração cultural e como um campo de batalha, é disputado repetidamente.

> No entanto, as encarnações veganas não estão apenas preocupadas com a alimentação, nem estão confinadas à comida. Pelo contrário, o veganismo é uma prática encarnada de ética, relacionamentos e criação de mundo. [...] A encarnação do veganismo depende, em diferentes graus, de se sentir errado em práticas encarnadas de comer animais, seja por motivos de saúde, ambientais ou animais. Está envolvido com imperativos políticos, culturais e sociais.[4] (Oliver, 2023, p. 834, tradução nossa)

Dessa forma, a autora alega que o veganismo faz perguntas notoriamente geográficas: “de quem o meu corpo consome para me sustentar? Em quais processos e espaços estou implicado ao comer esses corpos? Como nossos corpos podem ser diferentemente implicados uns nos outros?”[5] (Oliver, 2023, p. 834, tradução nossa)

As autoras Sexton e Garnett e o autor Lorimer, no texto “ Vegan food geographies and the rise of Big Veganism” (2022) alegam que a geografia deveria estar bem posicionada para explorar tais desenvolvimentos, visto que há uma trajetória no campo sobre redes alternativas de alimentação e sua popularização, mas que o veganismo está ausente das investigações geográficas.

---

[4] However, vegan embodiments are not only concerned with eating, nor are they confined to food. Rather, veganism is an embodied practice of ethics, relationships, and world-making. [...] The embodiment of veganism relies, to varying extents, on feeling wrong in embodied practices of eating animals, whether for health, environmental, or animal causes. It is entangled with political, cultural, and social imperatives.

[5] whose body does my body consume to sustain me? In what processes and spaces am I implicated by eating these bodies? How might our bodies be differently implicated in one another?

Além disso, informam que as pesquisas neste âmbito muitas vezes tratam do aspecto do consumo ligado ao veganismo, e, portanto, entendemos que ao analisar os veganismos a partir do metabolismo entre seres humanos e natureza, envolvendo sistemas alimentares e produção do espaço, temos uma oportunidade de avançar essa discussão , corroborando com os autores que buscaram "recorrer às tradições conceituais na geografia alimentar que veem produção e consumo como mutuamente co-constitutivos"[6] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 607, tradução nossa)

Os autores também abordam essa lacuna nos estudos veganos ao afirmarem que

> A maioria dos estudos concentra-se principalmente na prática vegana no nível individual, em vez do nível sistêmico, e daqueles que examinam as práticas alimentares veganas, poucos consideram os debates agroalimentares mais amplos sobre as políticas espaciais, político-econômicas e materiais associadas à alimentação e redes de produção livres de animais. [7] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 610, tradução nossa)

Apesar da conexão entre veganismo e geografia, Oliver mostra como este tema, mesmo ganhando espaço na academia, não têm evidenciado que adotar o veganismo implica um processo contínuo de renegociação do corpo e do espaço - produzido por uma sociedade centrada na carne. Essas renegociações fazem parte de "uma prática coletiva de (des)fazer o mundo", mas não é homogeneamente experimentado, uma vez que também reproduz as violências e opressões da sociedade.

> Polish (2016), Harper (2011) e Ko and Ko (2017) oferecem comentários especialmente pertinentes sobre como o veganismo como um projeto de construção de mundo é cooptado não apenas pelo capitalismo de green-washing, mas também pela supremacia branca."[8] (Oliver, 2023, p. 844, tradução nossa)

Dessa forma, a busca por diálogos contra coloniais se faz necessária dentro dos estudos sobre veganismo e isso justifica tanto a nossa tentativa de buscar referências em Ailton Krenak e Nego Bispo, quanto a opção por acompanhar um coletivo rastafari territorializado em uma periferia de Belo Horizonte. Entendemos a alimentação I-tal, praticada pelo coletivo, como como a alimentação de uma cultura não ocidental que se abdica do consumo de carne e

---

[6] drawing on conceptual traditions in food geography that view production and consumption as mutually co-constitutive

[7] The majority of studies focus primarily on vegan praxis at the individual rather than system level, and of those examining vegan food practices few consider broader agri-food debates on the spatial, political economic and material politics associated with animal-free eating and production networks.

[8] Polish (2016), Harper (2011), and Ko and Ko (2017) offer particularly salient commentary on how veganism as a world-making project is co-opted not only by green-washing capitalism, but also by white supremacy.

derivados de animais e ainda demarca sua posição contra a colonização da alimentação no espaço urbano.

Este trabalho procurou avançar o entendimento da geografia a respeito de alguns temas que envolvem a ruptura metabólica e os veganismos, através de uma exploração conceitual e empírica. Percebemos ainda a incipiência de geógrafos dispostos a traçar essas correlações e, por outro lado, as potencialidades em trazer essas discussões para o campo da geografia.

Para isso, nos dedicamos a analisar: o que é veganismo, principais motivações para a escolha deste modo de vida e quais as diferenças entre suas vertentes; sendo um movimento que discute a produção de alimentos de origem animal e o consumo desses, entender em qual atual sistema alimentar a sociedade está organizada e em qual sistema alimentar o veganismo almeja estar ancorado; o que é metabolismo, o que é ruptura metabólica e quais práticas ligadas a agricultura e alimentação reforçam a ruptura; se há práticas ligadas a alimentação que dialeticamente buscaram resgatar o metabolismo e o que seria necessário para que isso acontecesse; quais dinâmicas espaciais diferentes veganismos produzem, a partir dos sistemas alimentares em que se encontram; e por fim analisar um caso concreto que se pretende outra relação com o território e a natureza e entender potenciais para resgate.

As referências utilizadas vão de de Marx a Nego Bispo, passando pelos anarquistas antiespecistas subversivos. Analisamos também três artigos que debatem a relação entre geografia e veganismo. Em relação aos sistemas alimentares, buscamos a categorização da FAO e procuramos debates e críticas a respeito do atual sistema, assim como potenciais alternativas em teóricos referências sobre o assunto. Para as análises espaciais nos referenciamos em Lefebvre (2006 e 2008).

Além dos livros clássicos já consolidados, buscamos outros livros, artigos, teses e dissertações contemporâneas que julgamos importantes para as análises que nos propomos a construir, uma vez que há debates sobre veganismo muito recentes. Por fim, utilizamos reportagens de mídias alternativas e sites de notícias, perfis de redes sociais e letra de música para compor nossa análise.

Souza (2021), em sua tese de doutorado sobre o Núcleo Lixo Zero (em que o Coletivo Roots Ativa é um dos organizadores) apresenta a metodologia de sua pesquisa que se baseia em uma

perspectiva extramuros, que além da pesquisa, as intervenções se baseiam na pesquisa-ação (mais especificamente a Pesquisa-Ação Participante) e que a metodologia utilizada se ancora na ação ergonômica.

> De alguma maneira, toda forma de pesquisa se insere em um meio que é social; a diferença é que, com a ergonomia e com a pesquisa-ação, essa inserção é mais entranhada e tem, em maior ou menor medida, a depender do tipo da ação ergonômica ou da pesquisa-ação, uma intencionalidade mais forte e mais explícita de transformação social (Souza, 2021, p.96).

Porém, o que chamo de pesquisa-ação não é o tipo de pesquisa associada à resolução de um problema, em que a pesquisadora faz um levantamento diagnóstico, identifica problemas e constrói uma proposta de intervenção para buscar soluções. A intenção ao usar essa expressão é pontuar o envolvimento da pesquisadora com os membros da organização pesquisada em torno de um interesse comum. Além de realizar as entrevistas, participei de diversos mutirões de poda, plantio, preparação do solo, manejo da agrofloresta e manejo da compostagem no espaço que o Coletivo Roots Ativa possui no Aglomerado da Serra, além de ser consumidora dos produtos que vendem nas feiras que participam e no Núcleo Lixo Zero, espaço que gerenciam em parceria com uma cooperativa de material reciclado, no Bairro Santa Tereza.

Dessa forma, para além da busca pelas referências, a metodologia deste trabalho se baseia em seis entrevistas semi estruturadas com pessoas ligadas de alguma forma ao Coletivo Roots Ativa e recrutadas através dos encontros possibilitados por meio da pesquisa-ação que atravessou também o meu corpo enquanto pesquisadora vegana. As entrevistas não contemplam todo o coletivo, que conta com mais participantes. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento, disponível no anexo deste trabalho.

Abaixo destaco um trecho do texto “Vegan world-making in meat-centric society: the embodied geographies of veganism” visto que as entrevistas realizadas nesta dissertação possuem muita similaridade com o que a autora vivenciou e analisou em suas entrevistas:

> No recrutamento, fui aberto sobre meu próprio veganismo, centrando as experiências subjetivas do veganismo e as experiências cotidianas e conhecimentos como uma fonte importante de conhecimento. As entrevistas tiveram um tom aberto e conversacional. (England, 2006). [...] Minhas entrevistas foram processos e espaços recíprocos. (Dowling, 2005) [...] É importante destacar que esses encontros com o veganismo foram experimentados no e do corpo - no estômago como o local da libertação (Veggies Nottingham, 1986) - mas esse encontro se desloca além do corpo

> à medida que os veganos, ao longo do tempo, entram em atrito com culturas e mundos sociais centrados na carne.[9] (Oliver, 2023, p. 834-835, tradução nossa)

Dessa forma, o capítulo 1 se dedica a analisar os veganismos e está dividido em seções que abordam: que é veganismo; alguns motivos utilizados para redução e/ou abstenção do consumo de animais e derivados; a origem do termo e as práticas anteriores a criação do termo; as disputas e vertentes principais dentro do movimento vegano; e por fim alguns debates recentes sobre antiespecismos subversivos.

No capítulo 2 escolhemos tratar brevemente de sistemas alimentares e dividimos em duas seções. Na primeira seção analisamos algumas características do sistema hegemônico no qual a sociedade ocidental capitalista está organizada, assim como sua relação com o veganismo de mercado e quais espaços são produzidos a partir disso. Na segunda, tentamos caracterizar como poderia ser um sistema alimentar alternativo ao agroindustrial, a partir das considerações e proposições das vertentes populares do veganismo.

O capítulo 3 aborda as elaborações teóricas sobre metabolismo entre homem e natureza. Inicialmente tratamos de algumas descobertas a respeito do Marx tardio, principalmente em relação a sociedades não ocidentais e preocupações ambientais. Após analisar o conceito de metabolismo, buscamos entender como se deu sua ruptura e traçar paralelos com algumas práticas do veganismo de mercado. Por fim, propomos o conceito de resgate metabólico a partir da concepção de “metabolic repair”, assim como possibilidades deste resgate.

O capítulo 4 foi uma tentativa de, após organizar o pessimismo (inspirada em Michael Lowy e Walter Benjamin), propor formas de resgate metabólico através de utopias concretas que produzam espaços diferenciais. Para isso, analisamos as entrevistas de pessoas ligadas ao Coletivo Roots Ativa.

> Entender o veganismo como um conjunto crescente e coerente de princípios e práticas socio-culturais com transformações materiais do espaço é cada vez mais importante para compreender o movimento vegano difuso (Cherry, 2006), e as perspectivas

[9] In recruitment, I was open about my own veganism, centring subjective experiences of veganism and everyday experiences and knowledges as an important source of knowledge (England, 2006). [...] My interviews were reciprocal processes and spaces (Dowling, 2005). [...] Importantly, these encounters with veganism were experienced in and of the body – in the stomach as the site for liberation (Veggies Nottingham, 1986) – but this encounter shifts beyond the body as vegans over time come into friction with meat-eating cultures and social worlds.

> geográficas são essenciais para compreender completamente os potenciais sócio-espaciais do veganismo.[10] (Oliver, 2023, p. 854, tradução nossa)

[10]Understanding veganism as a growing and coherent set of socio-cultural principles and practices with material transformations of space is increasingly important to understand the diffuse vegan movement (Cherry, 2006), and geographical perspectives are essential to fully comprehending the socio-spatial potentials of veganism.

2 PERCORRENDO OS VEGANISMOS: ORIGENS, MOTIVAÇÕES, DISPUTAS E PROPOSIÇÕES

Este capítulo traz veganismos, no plural, por entendermos que a heterogeneidade do movimento que vai desde as motivações que levaram as pessoas veganas a optar por este modo de vida até percepções de mundo e possibilidade de alianças com outros movimentos. Outros autores como Giraud (2021) também tratam o movimento no plural por entender que há múltiplos veganismos.

Inicialmente buscamos entender quais as justificativas para restrições ao consumo de animais não humanos e/ou outros produtos derivados deles. Agrupamos as justificativas em 3 grandes grupos de motivos: I) motivos ambientais, II) motivos ligados à saúde e III) motivos culturais, filosóficos e religiosos. Buscamos entender brevemente o sentido de especismo, conceito muito utilizado no movimento vegano e considerado também um dos motivos geralmente utilizados para a abstenção do consumo de animais.

Em seguida, analisamos a origem do termo veganismo e os debates em torno do termo, das organizações que o pautam e algumas práticas ‘veganas’ que ocorriam antes mesmo da construção do conceito veganismo. A partir disso, examinamos algumas vertentes dentro do movimento vegano e suas principais diferenças. Por fim, concluímos este capítulo apresentando o debate recente acerca dos antiespecismos subversivos.

2.1 Restrições ao consumo de animais não humanos

Há diferentes formas de se alimentar excluindo produtos de origem animal e as razões para tais escolhas são diversas. Alguns optam por essa exclusão a partir da religião, outros por razões ambientais, alguns por se entenderem anti especistas ou por motivos de saúde, e há também possibilidade da aliança entre alguns motivos para tomar essa decisão. Essa retirada pode ser parcial ou total e assim surgiram termos para denominar grupos que optam por cada estilo de alimentação.

O termo especismo é um conceito criado pelo psicólogo inglês Richard Ryder para designar a crença de que os seres humanos são superiores a outros animais não humanos e, portanto, têm o direito de explorá-los e considerá-los como propriedade, objeto e/ou recurso. Dessa forma, o

antiespecismo é um movimento que busca a superação dessa crença. Tanto o especismo quanto o antiespecismo são conceitos que serão melhor analisados nos próximos subcapítulos.

O ovolactovegetarianismo diz respeito a uma dieta alimentar cujos praticantes não consomem carne, mas consomem ovos, leites e seus derivados (provavelmente também consomem mel). Usualmente é chamado de vegetarianismo, porém diferentemente do primeiro conceito, esta é uma dieta em que seus adeptos não consomem nenhum alimento de origem animal - ou seja, não consomem nem o animal em si, nem produtos derivados deles. Como o senso comum costuma intitular ovolactovegetarianos de vegetarianos, criou-se o termo “vegetariano estrito” para nomear pessoas que seguem a dieta vegetariana, para reforçar que não há qualquer subproduto animal em sua alimentação.

Nesta pesquisa, há momentos em que os entrevistados utilizam o termo “vegetariano” para descrever de práticas ovolactovegetarianas, porém na maioria das vezes não há implicação para esta pesquisa a diferenciação destes termos. Quando essa diferenciação for necessária, uma nota de rodapé será inserida para informar sobre qual prática está sendo mencionada.

Já o termo “veganismo” é utilizado para nomear uma prática que vai além de uma dieta, visto que além de não consumir nenhum alimento de origem animal, seus adeptos também não consomem nenhum produto (de limpeza, higiene pessoal, vestuário, etc.) que foi testado em animais, que tenha em sua fórmula algum componente de origem animal e também não frequentam lugares que explorem os animais ou de alguma forma os utilizem para recreação ou entretenimento. Isso posto, pode-se perceber que o veganismo, para além da alimentação, é um modo de vida. Por esse motivo, muitos adeptos explicam que não há “comida vegana”, reforçando que “vegana/vegano” é o indivíduo.

Organizações de referência para muitas pessoas veganas, como a Vegan Society e a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), enfatizam que o veganismo se deve principalmente à ética antiespecista, porém também utilizam outros argumentos para defender esta visão. Alguns destes argumentos são: o alto consumo de água necessário para a produção da carne, estima-se de para 1 kg de carne são necessários 15,5 mil litros de água (EMBRAPA, 2020); a poluição causada pela pecuária uma vez que para a produção de 1 kg de carne são emitidos 44 kg de CO2 (Carvalho, 2013) e que o setor pecuário é responsável por 14,5% das emissões de gases do efeito estufa globais oriundas de atividades humanas (FAO, 2013); o desmatamento

diretamente relacionado a esta indústria para a produção de milho, soja, etc, que é a base da ração dada aos animais visto a necessidade de grande área para a pecuária extensiva (Our World In Data, 2023); e, por fim, a própria saúde humana entendendo que vegetarianos têm menor incidência de todas as doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs), como dislipidemias (alteração dos lipídios no sangue), hipertensão, cardiopatia isquêmica (infarto agudo do miocárdio), diabete e diversos tipos de câncer e obesidade (American Dietetic Association, 2009).

A seguir analisaremos melhor alguns destes motivos mencionados por aqueles que optam por se abster ou pelo menos reduzir o consumo de animais e seus derivados.

2.1.1 Motivos ambientais

Como visto, tanto organizações quanto sujeitos mencionam motivos ambientais para a restrição ao consumo de animais e isso se deve ao atual modo de produção de alimentos consolidado através do agronegócio.

O Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (SEEG) é uma iniciativa do Observatório do Clima e em conjunto, criaram um alerta para mapeamento do desmatamento nos diferentes biomas brasileiros, o MAPBIOMAS ALERTA. Os dados utilizados são baseados em dados coletados de outras instituições, como o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). De acordo com o SEEG (2015), o Brasil é um dos países que lidera as emissões destes gases e, se o agronegócio brasileiro fosse um país, já seria o 8º maior poluidor do mundo. Porém, o agronegócio brasileiro não é voltado para alimentar a população e sim, servir para exportação, principalmente da soja, para, posteriormente, se transformar em ração animal. (EMBRAPA, 2021). Dessa forma, a literatura enfatiza a necessidade de chamar este tipo de produto de commodity e não de alimento propriamente dito visto o seu direcionamento.

A relevância econômica do agronegócio para o Brasil e a consequente dependência do país a essa atividade pode ser utilizada para a defesa de sua manutenção, porém formular questionamentos a ela e a como é desenvolvida, pensando principalmente em seus efeitos ambientais e sociais, é fundamental para a proposição de transições a este modelo agro exportador. Entender o papel que o agronegócio ocupa na economia é também entender o quão

prejudicial essa dependência se torna, além do fato que sua riqueza gerada é desigualmente concentrada. O Censo Agropecuário de 2017 apresentou que 77% dos estabelecimentos agropecuários são de agricultura familiar, mas representam apenas 23% da área total dos estabelecimentos agropecuários brasileiros. Por outro lado, estabelecimentos com mais de 1000 hectares (latifúndios) representam 47,6% da área total e representam menos de 1% do número de estabelecimentos. (Censo Agropecuário, 2019). Dessa forma, avaliar alternativas de sistemas alimentares que tenham como foco alimentar a população de forma segura e saudável, ao mesmo tempo em que se preserva o meio ambiente com toda sua biodiversidade e gera mais empregos no campo, se faz cada vez mais urgente. No próximo capítulo abordaremos com maior profundidade os diferentes sistemas alimentares.

O relatório do IPCC lançou os resultados de seu Grupo de Trabalho 1 - Bases Científicas Físicas em 09 de agosto de 2021 e apresenta dados impressionantes, mas nem tão novos, para quem estuda com profundida as questões ambientais. Foram selecionados alguns destes resultados que dialogam melhor com o presente trabalho, expostos a seguir: a concentração de gases de efeito estufa em 2019 foi de 410 ppm de dióxido de carbono (CO_2), 1866 ppb de metano (CH_4) e 332 ppb de óxido nitroso (N_2O) - houve um aumento percentual dessas concentrações em relação ao período pré-industrial: 47% CO_2, 23% N_20, 156% CH_4. O valor de 2,72 W/m^2 é o desequilíbrio energético no topo da atmosfera produzido pelo aumento na concentração desses gases, que é equivalente a acumular, a cada segundo, na forma de calor, a energia proveniente da explosão de 21 bombas de Hiroshima. Como resultado desse desequilíbrio nos fluxos de energia, o planeta já aqueceu 1,09ºC desde o período pré-industrial e desse valor estima-se que 1,07ºC tenham sido causados pelas atividades humanas. Analisar estes números, comparados a anos anteriores, é chegar a conclusão lógica de que o modo de produção atual é, no mínimo, causador de grandes mudanças no planeta. (IPCC, 2021)

Seguindo para dados sobre estimativas futuras: entre 1,0-1,8ºC é o intervalo de aquecimento projetado para o cenário de mitigação mais forte de emissões, 2,1-3,5ºC é o intervalo de aquecimento projetado para o cenário intermediário de emissões, 3,3-5,7ºC é o intervalo de aquecimento projetado para o pior cenário, de emissões crescentes (que não parece estar tão longe das aspirações dos governos e corporações que são os responsáveis pela maior partes das emissões). 1,5ºC é o limite de aquecimento do planeta para evitar alterações catastróficas, ou seja, zero é o valor ao qual as emissões de gases de efeito estufa têm de chegar até 2050 e é também o máximo valor de desmatamento que podemos admitir. Deste modo, analisar estes

números pensando nos anos seguintes é chegar a conclusão lógica de que o modo de produção atual é insustentável e que zero é o tempo que resta para esperar para agir e transformar o mundo. (IPCC, 2021). Sobre algumas possíveis formas de agir e potenciais transformações é o interesse desta pesquisa-ação.

Um aumento de 1,5ºC é a meta do acordo de Paris (UNIC Rio, 2015) e o IPCC coloca que o esforço para atingir isso está ficando cada vez mais difícil. Infelizmente muitos danos já feitos são irreversíveis, porém esta não pode ser uma justificativa para que não se faça mais nada a respeito. A pesquisadora brasileira Thelma Krug, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e vice-presidente do IPCC também reforçou estes pontos. (FAPESP, 2021)

Outro ponto importante sobre as questões ambientais é evidenciar que a distribuição geográfica do aumento da temperatura acontece de forma desigual no mundo e que há consequências muito negativas principalmente para o Brasil central, como alterações também nos padrões de chuva e consequentemente na umidade do solo. Além disso, a forma como as consequências da degradação ambiental afeta cada população ocorre de uma maneira, principalmente a depender de sua vulnerabilidade socioeconômica e neste sentido, recai o tema do racismo ambiental.

Analisando então as informações mencionadas nos parágrafos anteriores, recorre-se aos dados extraídos do site Our World in Data que relaciona não somente a emissão de gases de efeito estufa com a produção de alimentos como também o consumo de água e o uso de terras com esta produção. O objetivo ao recorrer a estes dados é entender quais atividades antrópicas são as maiores responsáveis pela emissão dos gases. Para facilitar a compreensão, primeiramente seguem alguns gráficos relativos a emissão de gases de efeito estufa por cada tipo de alimento:

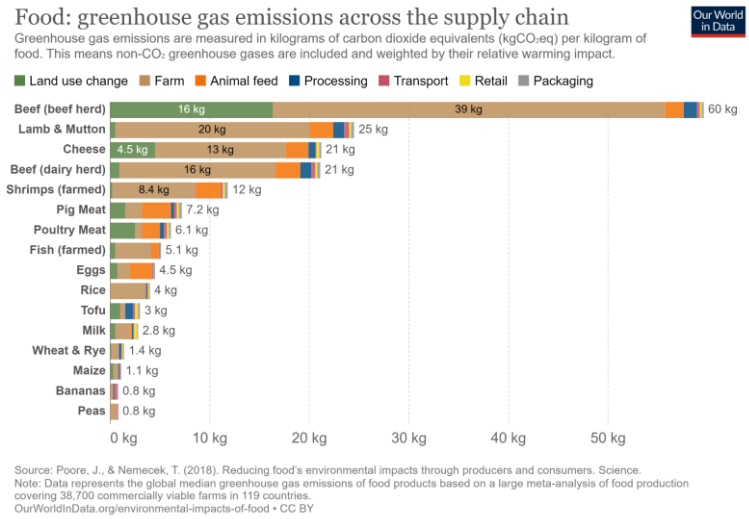

Figura 1: Alimentação: emissão de gases de efeito estufa por toda a cadeia de abastecimento
Fonte: https://ourworldindata.org/environmental-impacts-of-food

De acordo com estes dados, os nove alimentos que mais emitem gases de efeito estufa ao longo de seu circuito produtivo incluindo a produção, uso da terra, processamento e transporte são de origem animal, sendo que o primeiro colocado, a carne bovina, apresenta mais que o dobro de emissões do segundo colocado, a carne de carneiro e cordeiro. Pensando especificamente sobre o uso da terra, temos os seguintes dados:

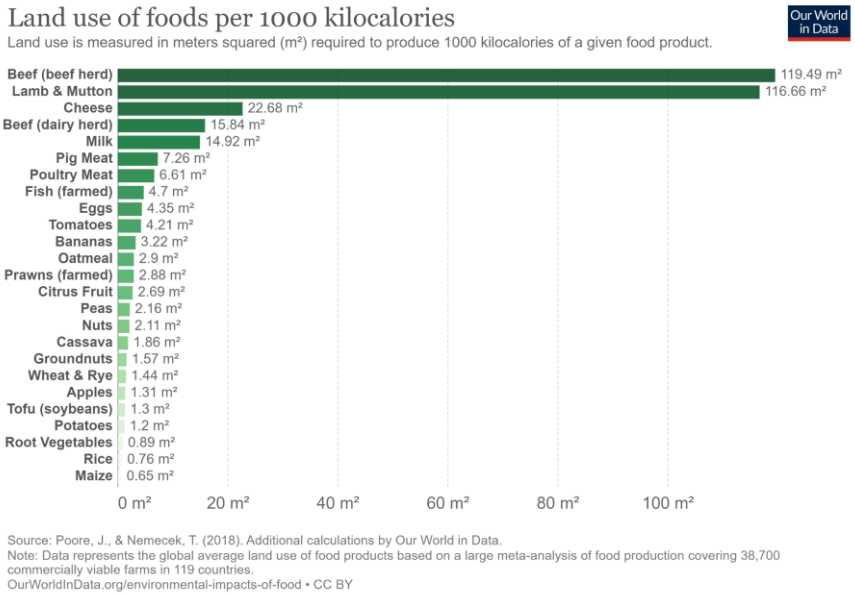

Figura 2: Uso de terras para alimentos por cada 1000 kcal
Fonte: https://ourworldindata.org/environmental-impacts-of-food

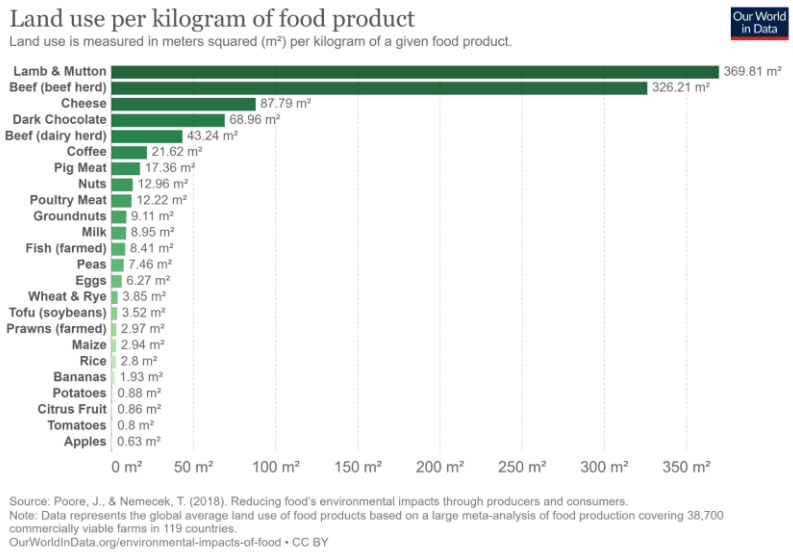

Figura 3: Uso de terras para cada quilograma de alimento produzido
Fonte: https://ourworldindata.org/environmental-impacts-of-food

Nos gráficos 2 e 3 podemos observar que mais uma vez os alimentos de origem animal aparecem liderando a quantidade de terra que utilizam e especificamente estes gráficos são interessantes para mostrar como os derivados de animais como leite e queijo também contribuem para o alto uso de terras, visto que a indústria da carne e a indústria dos derivados ao final representam a mesma indústria. Sobre esta consideração vale ressaltar que muitos veganos argumentam que não basta apenas parar de consumir a carne dos animais e que para um boicote efetivo à pecuária seria necessário também evitar os produtos alimentícios derivados destes animais.

> Em relação às dietas exclusivamente à base de plantas (vegana), dietas compostas de alimentos vegetais com quantidades modestas de animais de cadeia alimentar baixa (isto é, peixes forrageiros, moluscos bivalves, insetos) tiveram pegadas de GEE e água comparavelmente pequenas. Em 95% dos países, dietas que incluíam produtos de origem animal apenas em uma refeição por dia eram menos intensivas em GEE do que dietas lacto-ovo vegetarianas (nas quais as carnes terrestres e aquáticas eram completamente eliminadas) em parte devido à intensidade de GEE dos produtos lácteos.[11] (Kim, *et al*, 2020, p.1, tradução nossa)

Por fim, apresentamos alguns mapas e gráficos que comparam alguns países para evidenciar o papel do Brasil neste processo produtivo:

[11]Relative to exclusively plant-based (vegan) diets, diets comprised of plant foods with modest amounts of low-food chain animals (i.e., forage fish, bivalve mollusks, insects) had comparably small GHG and water footprints. In 95 percent of countries, diets that only included animal products for one meal per day were less GHG-intensive than lacto-ovo vegetarian diets (in which terrestrial and aquatic meats were eliminated entirely) in part due to the GHG-intensity of dairy foods.

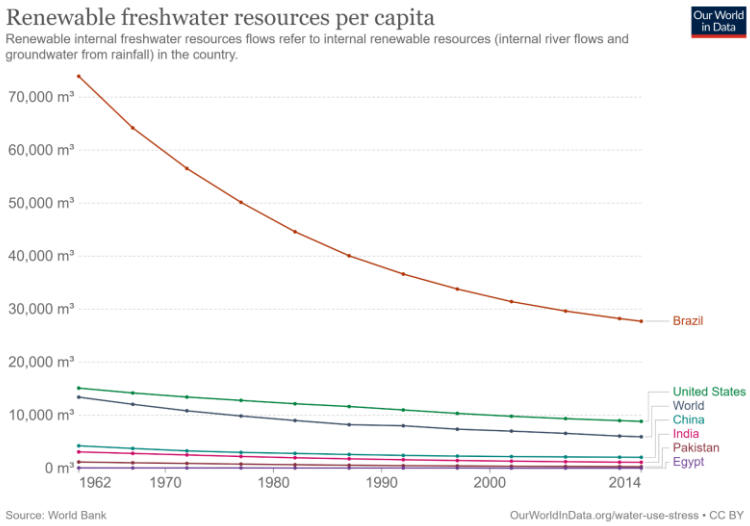

Figura 4: Recursos de água doce renovável per capita
Fonte: https://ourworldindata.org/water-use-stress

Apesar de liderar os países com maior recursos de água doce renovável per capita, é possível identificar na figura 4 uma grande queda deste recurso no Brasil após 1962, o que pode ter relação com a consolidação da Revolução Verde no país na década seguinte.

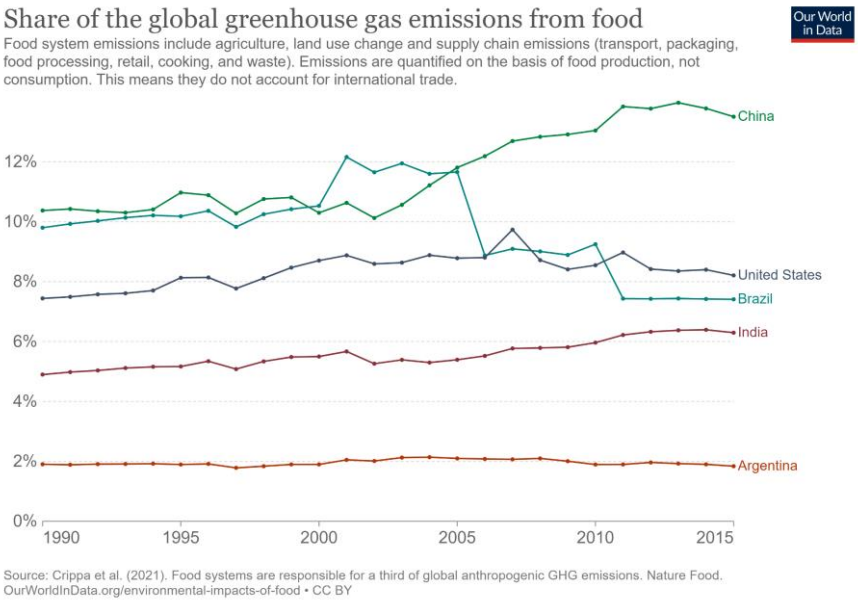

Figura 5: Parcela de emissão de gases de efeito estufa provenientes da alimentação
Fonte: https://ourworldindata.org/environmental-impacts-of-food

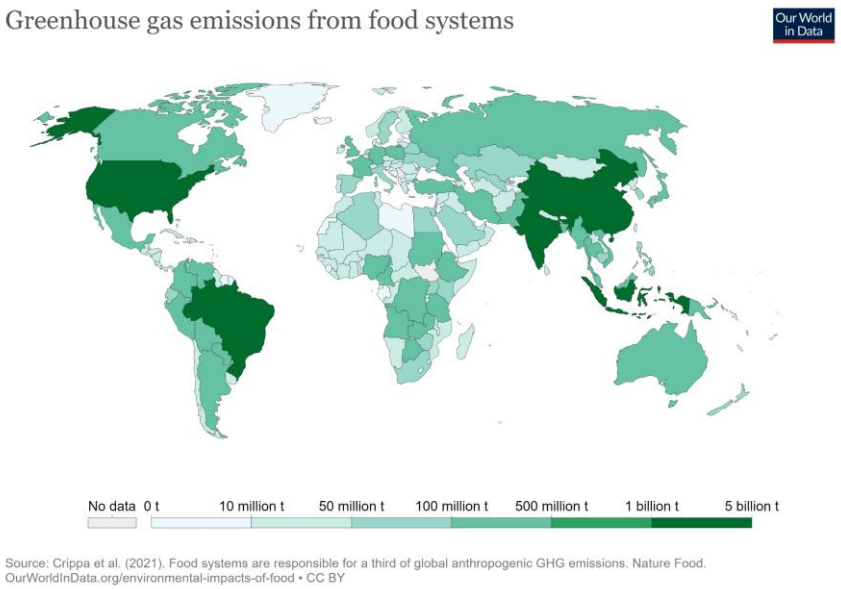

Figura 6: Emissão de gases de efeito estufa provenientes de sistemas alimentares
Fonte: https://ourworldindata.org/environmental-impacts-of-food

Como percebido através da leitura das figuras 5 e 6, os sistemas alimentares possuem papel fundamental na emissão de gases de efeito estufa e o Brasil está no centro dessa responsabilidade, assim como Estados Unidos, China, Índia, entre outros. Portanto, buscar alternativas ao sistema alimentar atual parece tarefa urgente.

> Diversos governos nacionais, incluindo o Brasil (Ministério da Saúde do Brasil, 2014) e, mais recentemente, o Canadá (Health Canada, 2019), apresentaram diretrizes alimentares que enfatizam predominantemente alimentos à base de plantas. Embora isso seja um passo crítico para alinhar os padrões de consumo doméstico com objetivos de saúde pública e ecológicos, os padrões de produção e exportação dos países merecem atenção adicional. O Brasil, por exemplo, foi o maior exportador de carne bovina (com base na média dos dados de 2011-2013) e estava no quartil superior em intensidade de GEE na produção de carne bovina. (Kim, et al, p. 10, tradução nossa)[12]

A seguir, apresenta-se alguns outros mapas e gráficos destinados a avaliar a produção de soja no Brasil e no mundo, commodity com grande responsabilidade nessas emissões:

[12]A number of country governments, including Brazil (Ministry of Health of Brazil, 2014) and more recently Canada (Health Canada, 2019), have put forth dietary guidelines emphasizing predominantly plant-based foods. While this is a critical step toward aligning domestic consumption patterns with public health and ecological goals, countries' production and export patterns merit additional attention. Brazil, for example, was the top exporter of bovine meat (based on an average of 2011–2013 data) and was in the top quartile for GHG-intensity of bovine meat production.

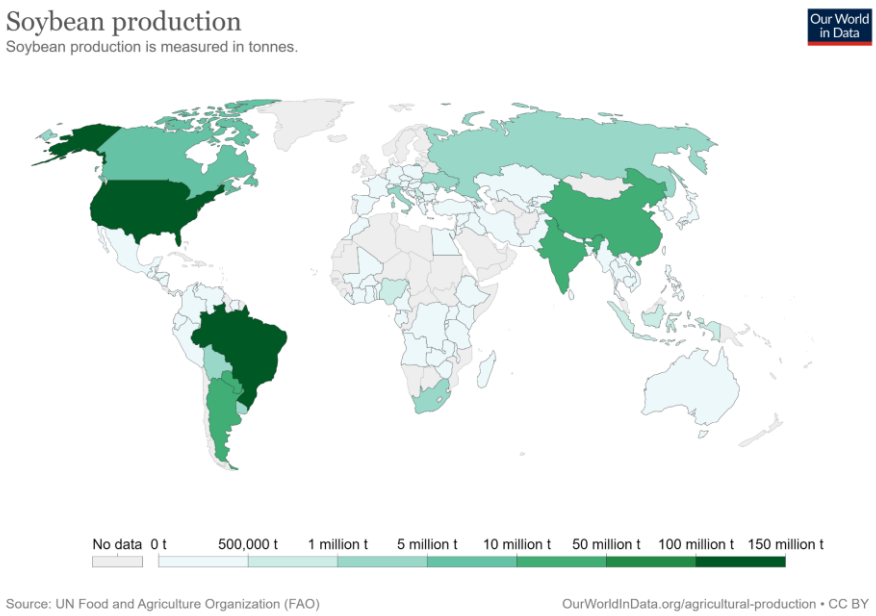

Figura 7: Produção de soja do mundo em 2018
Fonte: https://ourworldindata.org/soy

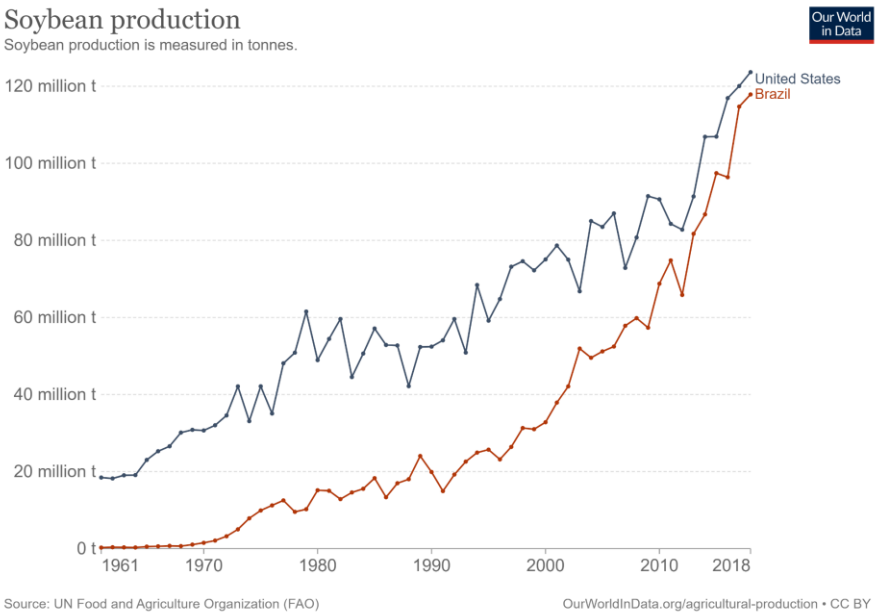

Figura 8: Produção de soja do Brasil e EUA (1961-2018)
Fonte:https://ourworldindata.org/agricultural-production

Nas figuras 7 e 8 pode-se observar que o Brasil e os Estados Unidos são países que lideram a produção de soja no mundo. E a seguir, a figura 9 demonstra a destinação da soja no mundo, exemplificando que a maior parte dessa commodity é utilizada para alimentação animal, representando 77% do total produzido.

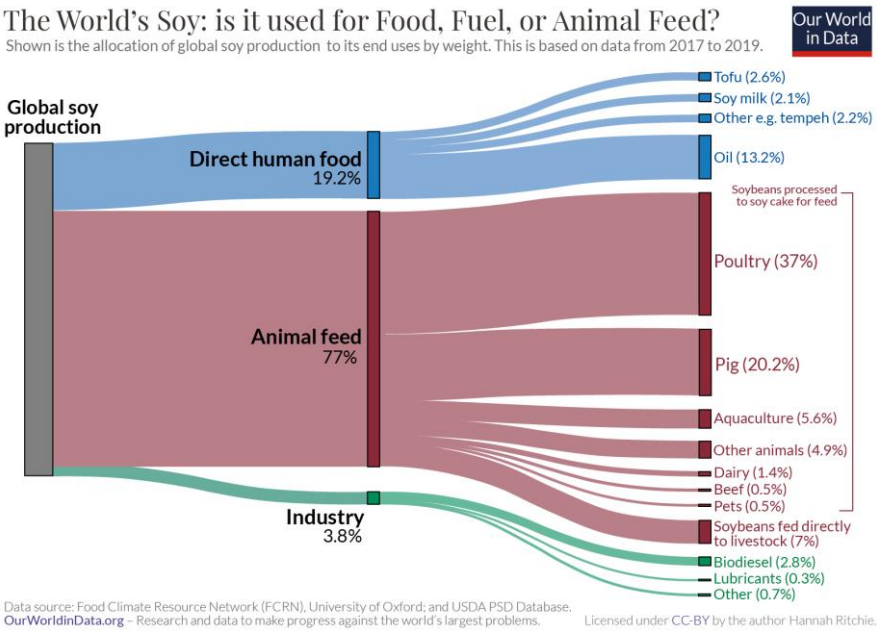

Figura 9: A soja do mundo é utilizada para alimentação, combustível ou ração animal?
Fonte: https://ourworldindata.org/soy

A análise destes gráficos e mapas em conjunto é importante para perceber que a importação da soja pelos demais países é também uma forma de importar terra, água e sol, fundamentais para a produção agrícola. Além disso, é interessante notar também que um dos nossos principais produtos de exportação é um insumo que serve para alimentar animais de outros lugares, sendo a ponta inicial de uma cadeia de baixo valor agregado, o que representa enorme retrocesso. De acordo com a EMBRAPA,

> embora seja o quarto maior produtor de grãos, o Brasil é o segundo maior exportador do mundo, com 19% do mercado internacional. Nos últimos 20 anos, a exportação atingiu mais de 1,1 bilhão de toneladas, o que representou 12,6% do total exportado mundialmente. De 2000 a 2020, o país foi o segundo maior produtor e exportador de soja. A partir do ano passado, alcançou o primeiro lugar, com 126 milhões de toneladas produzidas e 84 milhões exportadas. O Brasil responde hoje por 50% do comércio mundial de soja. As exportações brasileiras do grão somaram US$ 30 bilhões, em 2020, e US$ 346 bilhões nas duas últimas décadas. (EMBRAPA, 2021))

Além de constatar realmente que a maior parte da soja produzida não é para alimentar o ser humano, também é interessante observar na figura 10 como ela também é processada antes de virar ração para alimentar os animais não humanos. No Brasil, mais de 35 milhões de toneladas de soja tem como destinação o processamento para se tornar principalmente ração animal, mas também biocombustíveis e óleo vegetal. Uma pequena parte apenas é destinada à alimentação humana (como tofu, leite de soja, tempeh, muito utilizados por pessoas que não consomem

carne e derivados) e outra pequena parte é destinada à alimentação animal sem processamento. (Figura 10).

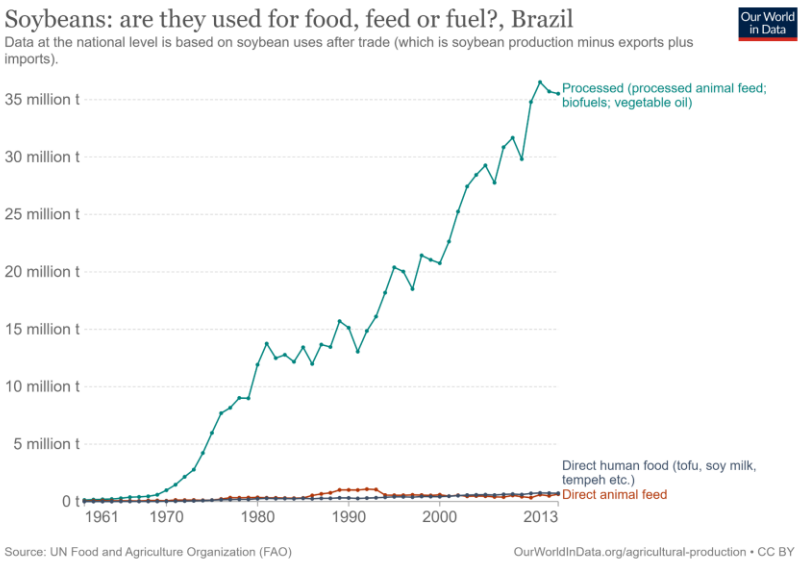

Figura 10: Soja: usada para alimentação, ração ou combustível? Brasil
Fonte: https://ourworldindata.org/soy

Neste momento, é inevitável que surja o pensamento de que o agronegócio é um dos pilares da economia brasileira e que, portanto, o país é totalmente dependente do setor. Porém, formular questionamentos a esta atividade, da forma como é feita hoje em dia, não significa querer sua extinção repentina. Entender o papel que ela ocupa na sociedade é também entender o quão prejudicial essa dependência se torna e que, além do mais, tal riqueza gerada se concentra na mão de pouquíssimos (que não volta como geração de emprego para a população uma vez que a agricultura em larga escala dispensou inúmeros trabalhadores do campo). No período das capitanias hereditárias, 12 pessoas eram detentoras de todo o território do Brasil. Atualmente, 1% da população detém quase 48% das terras do país (para produção de commodity) e então 2% das terras são o que produzem 50% da comida de verdade dos brasileiros.

Garantir que o Brasil seja um país ainda muito agrário, barrando seu desenvolvimento industrial e o mantendo como um dos principais exportadores de carne e soja não é apenas reafirmar seu papel na divisão internacional do trabalho (DIT), como também manter o controle sobre a colonização da cultura alimentar da população.

Sobre a DIT, o economista Celso Furtado (1974) apresenta a ideia de que 90% da literatura sobre desenvolvimento econômico, até então, baseava-se no princípio de que este conceito seria universalizado, o que, segundo ele, é um mito. A concepção de que países

“subdesenvolvidos” alcançarão o desenvolvimento, que foi atingido por principalmente países que tiveram sua economia baseada no imperialismo e depois passaram pela revolução industrial antes dos demais, é apresentada como uma falácia pelo autor através de diversos argumentos econômicos, sociais, políticos e ambientais. Para este estudo serão analisados em especial os argumentos ambientais e sociais.

> [...] que acontecerá se o *desenvolvimento econômico*, para o qual estão sendo mobilizados todos os povos da terra, chegar efetivamente a concretizar-se, isto é, se as atuais formas de vida dos povos ricos chegarem efetivamente a universalizar-se? A resposta a essa pergunta é clara, sem ambiguidades: se tal acontecesse, a pressão sobre os recursos não renováveis e a poluição do meio ambiente seriam de tal ordem (ou, alternativamente, o custo do controle da poluição seria tão elevado) que o sistema econômico mundial entraria necessariamente em colapso.” (FURTADO, 1974, p. 11)

Furtado cita alguns estudos que evidenciam que o crescimento econômico norte-americano está intrinsecamente pautado em sua dependência aos recursos não renováveis explorados em outros países (principalmente os periféricos) e afirma, ainda, que tal prática pode ser vista ao analisar o crescimento de demais países centrais (altamente industrializados). Além da exploração ambiental, é vital abordar a questão relativa à mão-de-obra, também altamente explorada nos países periféricos. Sobre essa divisão, o autor cita os financiamentos a investimentos de infraestruturas em todo o mundo por parte da Grã-Bretanha para promover e consolidar este sistema que marcou, de forma decisiva, o capitalismo industrial. Sistema este que “favoreceu a concentração geográfica do processo de acumulação de capital” (FURTADO, 1974, p.18).

Utilizando essa DIT para benefício próprio, grandes empresas internacionais utilizam de tecnologias de ponta produzidas por países centrais e os recursos (matéria-prima e mão-de-obra baratas) de países periféricos. Cartéis de corporações são as grandes responsáveis por acentuar essa concentração geográfica no processo de acumulação de capital na medida em que homogeniza e integra cada vez mais o centro e cria disparidades nas periferias, onde a desigualdade social cresce e a minoria que acumula capital ainda assim não consegue competir no mercado internacional.

O autor reforça que políticas de controle dos recursos naturais não renováveis dos países periféricos são mecanismos imprescindíveis para maior exercício de sua autonomia. Entende-se que resistir às hegemônicas internacionais não é tarefa fácil, porém altamente necessária; e

que pode ser alcançada através da articulação e da solidariedade destes Estados periféricos. Acerca da valorização da mão-de-obra nacional, Furtado afirma que ela é necessária para diminuir a desigualdade interna dos países e aumentar o padrão de consumo da população (objetivando se equiparar às formas de consumo modernas de outros países) todavia, o problema do subdesenvolvimento não se modificaria, visto que, como este trabalho têm reforçado, não é sobre consumo e sim sobre o modo de produção vigente e intrínseco ao sistema capitalista global.

Deste modo, está colocado que a dependência político-econômico-social[13] criada pelo capitalismo não só coloca que "o d*esenvolvimento econômico* - a ideia de que os *povos pobres* podem algum dia desfrutar das formas de vida dos atuais *povos ricos* - é simplesmente irrealizável" (FURTADO, 1974, p. 88)", como também que é intrínseco ao capitalismo que países periféricos sejam totalmente subalternizados a países centrais, onde há nítida transferência de riqueza, superexploração do trabalho e degradação ambiental promovidas por incentivos diretos ou indiretos desses últimos.

Observando mais especialmente o setor da pecuária, é interessante analisar o número de animais não humanos existentes atualmente no mundo, comparado há alguns anos:

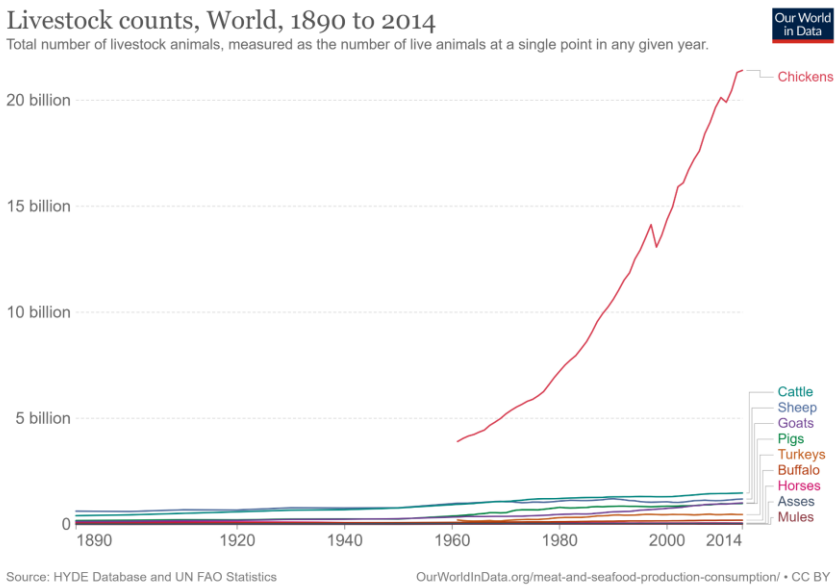

Figura 11: Contagem de gado no mundo por animais, 1890-2014
Fonte: https://ourworldindata.org/meat-production

[13]A teoria marxista da dependência tem como principais autores: Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra e Theotonio Santos

A figura 11 demonstra o aumento exponencial de gado no mundo principalmente a partir de 1960, período da Revolução Verde, o que refuta o argumento de que tal criação principalmente em larga escala é algo natural. Além disso, pode ajudar a entender como a cultura é viva e está em constante transformação, neste caso a cultura de criar galinhas e se alimentar delas e de seus derivados com altíssima frequência.

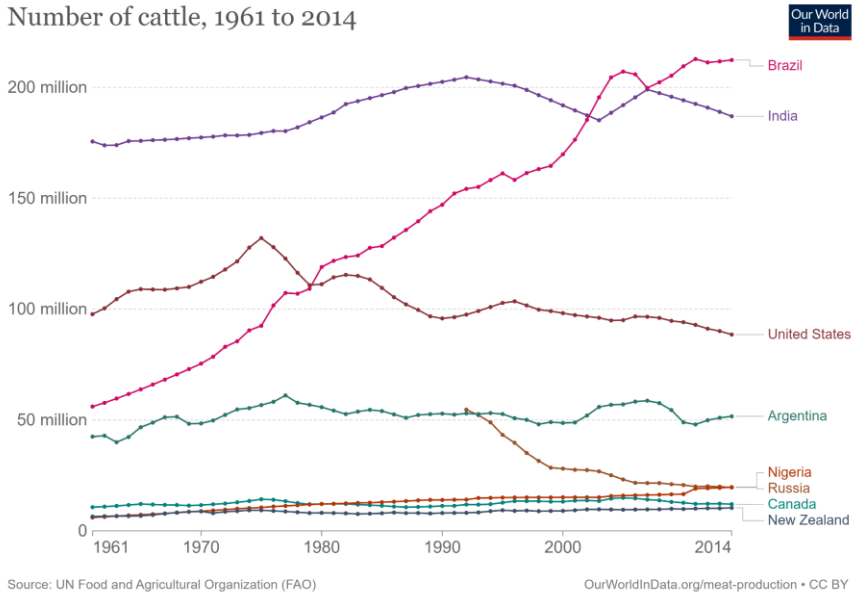

Figura 12: Número de gado por países, 1961-2014
Fonte: https://ourworldindata.org/meat-production

Analisando a figura 12 percebe-se que o Brasil ultrapassou a Índia após os anos 2000 em número de gado sendo que na Índia, as vacas são sagradas, ou seja, não são consideradas alimento e, portanto, provavelmente se reproduzem livremente, ao contrário do Brasil em que são inseminadas artificialmente para aumentar tal produção. Porém, no documentário "Muco: Contradição na Tradição", de 2022, é possível perceber que o consumo de derivados como leite e queijo na população indiana é alto, apesar de parecer uma contradição dentro da religião hindu (melhor abordada no subcapítulo 1.13).

Apesar dos gráficos contabilizarem o número de animais apenas a partir de 1890 (figura 11) e 1961 (figura 12) é importante mencionar que no Brasil não havia galinha nem vaca antes da colonização, ou seja, são animais que não eram nativos no país o que possibilitou que crescessem em um número exponencial e depois, com o desenvolvimento da pecuária intensiva, possibilitou o aumento ainda maior dessas populações. É indispensável relembrar disso, uma vez que o argumento da cultura e da história são frequentemente utilizados para

afirmar que é intrínseco ao brasileiro (ou o latino americano) se alimentar destes animais e de suas excreções e secreções. A seção 1.4 abordará melhor a questão colonial e práticas alimentares culturais.

Há, portanto, um esforço em perpetuar o discurso de que o churrasco é o alimento tradicional do brasileiro - inclusive muito questionado por nortistas (que tem o peixe como uma das bases da sua alimentação, e não a vaca, o boi e o porco) - e que o "agro é pop". A produção de animais aquáticos é menos mencionada que a produção de gado, mas é igualmente interessante analisar seus efeitos ambientais.

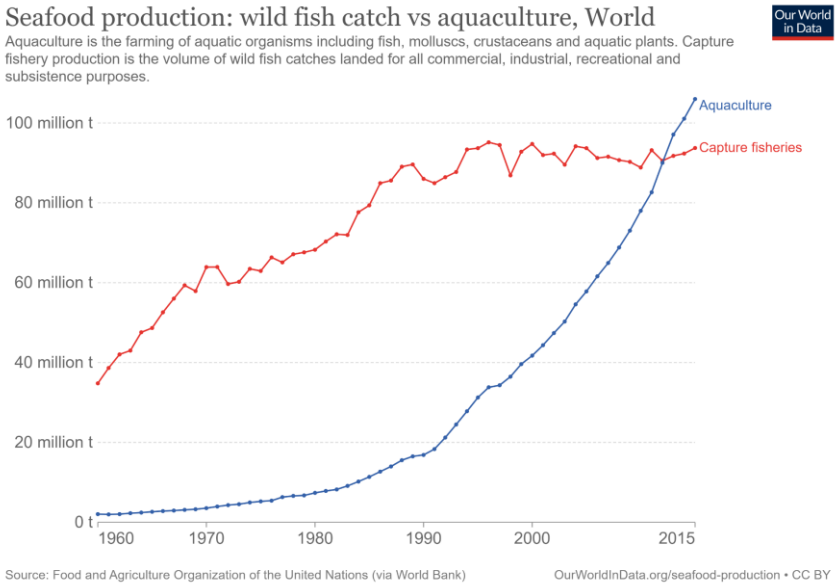

Figura 13: Produção de frutos do mar: captura de peixes selvagens vs. aquacultura
Fonte: https://ourworldindata.org/seafood-production

Na figura 13, é interessante analisar como a produção de frutos do mar através da aquacultura ultrapassou a captura de animais livres, o que traz impactos também para o meio ambiente, alterando os ecossistemas marinhos. A aquacultura é altamente concentrada no território, uma vez que mais de 85 milhões de toneladas da produção estão no leste da Ásia, das 106 milhões de toneladas no mundo.

Wallace (2020) afirma que o ecocídio nos ecossistemas de água doce é "talvez o mais fulminante, por causa sobretudo do represamento e da poluição de rios e lagos" (2020, p. 365). Outras ações antrópicas como sobrepesca, fazendas aquáticas, redes de arrasto, aquecimento, destruição de corais e eutrofização, ameaçam e colocam em risco de extinção dezenas de espécies marítimas. O risco dessa extinção não recai apenas diretamente no ecossistema

marítimo, mas também na fonte de alimentação e renda de povos originários e outras populações ribeirinhas. O autor menciona os baijis na Ásia, uma espécie de golfinho declarado oficialmente extinto e considerado uma divindade pelos povos ribeirinhos e o boto-cor-de-rosa na Amazônia, ameaçado de extinção por servir de isca para o bagre. O autor menciona também diversas atividades antrópicas que ameaçam a vida aquática, como a poluição sonora causada por hidrofones instalados em plataformas marítimas para a extração de petróleo, evidenciando outras consequências negativas do modelo energético atual, que são poucos mencionadas, mas que, neste trabalho, focaremos em atividades antrópicas ligadas ao sistema alimentar, como a sobrepesca e as fazendas marítimas.

Em 63 anos (de 1950 a 2012) o consumo de peixes passou de 19 milhões de toneladas para 158 milhões de toneladas, sendo que um quarto dos peixes são pescados no mundo de forma ilegal.

> Em 2020, o relatório da FAO *The State of World Fisheries and Aquaculture*, mostrava 32% dos estoques globais de peixes excessivamente explorados ou em colapso e 52% desses estoques no limite máximo de sua exploração sustentável. Ao todo, portanto, 85% dos estoques de peixe dos oceanos estavam comprometidos. Apenas 1% deles encontrava-se em recuperação e tão somente 3% apresentavam potencial para mais intenso consumo. (Wallace, 2020, p.368)

O autor menciona espécies de bacalhau e atum, comuns da alimentação, que se encontram em declínios irreparáveis e muitos precisam ser importados por não serem mais encontrados nas latitudes brasileiras. Entende-se que muito dessa pesca ocorre de forma ilegal, mas mesmo as feitas de forma legal são predatórias, não respeitando por exemplos ciclos reprodutivos dos animais e tendo outros cuidados para a manutenção das espécies como é feito em pescas de povos originários. A argumentação de que se alimentar de animais é algo natural, cultural e, portanto, se abster deste hábito ou pelo menos diminuir sua intensidade evidencia a ignorância frente a regularidade com que os animais são consumidos por povos originários, que os consomem de forma não predatória para garantir a manutenção de suas espécies. Essas diferenças serão melhor analisadas no item 1.4

Sobre a técnica da rede de arrasto amplamente praticada na pesca industrial, Wallace critica a forma como o capitalismo global opera visto que “à medida que os recursos naturais escasseiam, o capitalismo aciona meios mais radicais de sua exploração, de modo que a devastação aumenta.” (p.370) Diferentemente das pescas costeiras, as pescas industriais adentram os oceanos e acabam capturando, através das redes de arrasto, outras espécies que

não seriam visadas para alimentação como tubarões ou outros invertebrados como corais. O autor ainda denuncia que este tipo de pesca industrial, além de ter um regime regulatório muito fraco, pode, com frequência, receber subsídios governamentais.

Por último, as fazendas aquáticas que criam espécies confinadas, mais do que dobraram sua produção nos últimos 15 anos. E Wallace refuta a ideia de que com mais fazendas aquáticas a pressão sobre peixes pescados diminuiria, uma vez que "fazendas de espécies carnívoras requerem grandes insumos de peixes pescados para a alimentação." (p. 371)

Mesmo com taxas menores, tais fazendas continuam a crescer e fenômeno parecido ocorre com os números de gado no Brasil. Apesar de algumas quedas, os números crescentes da produção de suínos de ovos de galinhas dos últimos anos, por exemplo, vão contra a ideia de alguns veganos de que com o crescimento deste movimento, o consumo de produtos de origem animal diminuiria.

> Foram produzidas 936,32 milhões de dúzias de ovos de galinha no 4º trimestre de 2018, um aumento de 1,6% em relação à produção do 3º trimestre e 9,1% acima do 4º trimestre de 2017. A produção de ovos do 4º trimestre de 2018 foi um recorde da série histórica, iniciada em 1987. [...] Em 2018, a produção de ovos de galinha foi de 3,60 bilhões de dúzias, representando aumento de 8,6% em relação ao ano anterior, um recorde da série histórica, iniciada em 1987. [...] Em 2018, foram abatidas 44,20 milhões de cabeças de suínos, um aumento de 2,4% (+1,02 milhões de cabeças) em relação ao ano de 2017. A série anual mostra que houve crescimentos ininterruptos dessa atividade, culminando em novo patamar recorde em 2018. [...] Em 2018, foram abatidas 5,70 bilhões de cabeças de frango, queda de 2,5% (-144,23 milhões de cabeças) em relação a 2017. Essa foi a segunda queda consecutiva, após o recorde anual alcançado em 2016. [...] Em 2018, foram abatidas 31,90 milhões de cabeças de bovinos, um aumento de 3,4% (1,03 milhões de cabeças) em relação a 2017. Essa foi a segunda alta consecutiva na série histórica anual. (IBGE, 2019)

Em conclusão, percebe-se que os motivos ambientais para o não consumo de animais e derivados são válidos e possuem fundamentos sólidos. Todas essas formas de produção de animais, sejam terrestres ou aquáticos de modo altamente intensivo, trazem graves consequências para o ambiente tanto através do alto consumo de água como da alta emissão de gases de efeito estufa, passando pela extinção de inúmeras espécies (o que também compromete a sobrevivência de populações ribeirinhas e originárias).

Além das consequências ambientais - consequências para a saúde não só dos animais não humanos, mas também para os animais humanos - são utilizados por pessoas que decidem se abster do consumo dos animais, como veremos no próximo subcapítulo.

2.1.2 Motivos de saúde

Existe a ideia no senso comum de que vegetarianos e/ou veganos são mais saudáveis que as outras pessoas e como exemplo disso diversos produtos destinados a este público estão nas gôndolas de produtos saudáveis nos supermercados juntamente com orgânicos, *lights*, *diets*, etc. Outro exemplo interessante é no cardápio de diversos restaurantes em aplicativos de entrega de comida, uma vez que em alguns casos o prato vegetariano é acompanhado de arroz integral, enquanto o prato com carne é acompanhado de arroz branco.

Tal ideia não é totalmente equivocada, uma vez que há estudos que demonstram que dietas vegetarianas e/ou veganas diminuem os riscos de diabete tipo 2, obesidade e doenças cardiovasculares comparado a pessoas que comem carne, principalmente boi, porco e cordeiro, como mostra estudo recente da *BMC Medicine*, no Reino Unido (2021). Ademais, no pós segunda guerra, o médico Denis Burkitt (famoso por descrever o tipo de câncer hoje conhecido como linfoma de Burkitt) observou que as pessoas que consumiam muita carne - dietas ocidentais - apresentam 20% mais chance de desenvolver câncer de cólon e reto e risco aumentado de câncer de esôfago, fígado e pulmão (NESTLÉ, 2019). Atualmente a própria OMS através da Agência Internacional para a Investigação do Câncer (IARC) caracterizou carnes processadas como cancerígenas (no grupo 1, mesma classificação estão tabaco, amianto e fumaça de óleo diesel) e carnes vermelhas - de boi, porco, carneiro, bode e cavalo - classificada como um carcinógeno (produto capaz de provocar câncer) e entrou na lista do grupo 2A. (INCA, 2018) O Guia Alimentar Para a População Brasileira (2006) também recomenda a redução no consumo da carne vermelha, acompanhado de aumento da ingestão de verduras e legumes, assim como o guia estadunidense que promove dietas à base de plantas, segundo Nestlé (2019). Ainda de acordo com a autora,

> [...] as indústrias de carnes e laticínios são tão poderosas que o Guia Alimentar [estadunidense] não pode recomendar aos norte-americanos comer menos destes produtos. O documento oficial se vale de eufemismos: ‘prefira carnes magras’. Ou, para laticínios: ‘escolha produtos sem gordura ou com baixo teor de gordura’. [...] Para as indústrias de carnes e laticínios, pagar por pesquisas para combater tais pontos de vista é uma estratégia fundamental de marketing, que o

> Departamento de Agricultura ajuda e estimula por meio de programas genéricos de divulgação, promoção e pesquisa - os *checkoffs*. (p. 94)

A seguir, analisaremos alguns dos motivos que relacionam a saúde individual e coletiva dos animais humanos e não humanos com a indústria pecuária e o consumo de animais e de seus derivados.

Na pecuária, ao ficarem confinados e muitas vezes em situação de superlotação, os animais acabam desenvolvendo uma série de doenças que fez com que muitos pecuaristas já adicionassem antibióticos na ração destes animais para minimizar tais complicações. Porém, infelizmente, muitas destas doenças não conseguem ser sanadas, prejudicando não apenas a qualidade da breve vida destes animais, como também podendo trazer consequências para a saúde da população que os consome. Como exemplo, ressalta-se a mastite e a laminite nas vacas. A mastite é uma inflamação aguda que ocorre nos tecidos da mama e que pode vir ou não acompanhada de uma infecção bacteriana, que pode ser contagiosa à medida que pode passar de uma vaca doente para outra saudável. Como as vacas precisam estar prenhas o todo tempo para haver produção de leite, o ordenamento industrial constante pode facilitar o surgimento de machucados e inflamações. Já a laminite é uma inflamação que ocorre no casco do animal (principalmente das vacas-leiteiras, mas que também pode ocorrer com certa frequência em cavalos) causada em decorrência da má alimentação do animal e do fato de possuírem pouca ou nenhuma mobilidade no confinamento. Essas inflamações, mas principalmente a mastite, podem acabar indo para o leite produzido pela vaca e muitas vezes não se consegue retirar todas as impurezas nas técnicas de processamento do leite - a lei brasileira permitia até 1.000.000 células somáticas (pus) por mL de leite até em 2005 para as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste e até em 2007 para as regiões Norte e Nordeste; enquanto na Comunidade Europeia e Nova Zelândia, por exemplo, o limite já era de 400.000 células somáticas por mL de leite. (EMBRAPA, 2021)

Apenas para mencionar uma realidade das aves, na década de 40 foi desenvolvida a primeira espécie de frango híbrida, que crescia a uma velocidade três vezes maior, com menos da metade da alimentação, chamada de Hy-line:

> O crescimento, causado em parte por uma seleção que preteria a regulação do apetite pela pituitária, custaria o tipo de morbidade esquelética e mortalidade por estresse - incluindo a discondroplasia tibial - associada ao cultivo de tanta carne em aves apinhadas sustentadas sobre pernas são finas. Enquanto isso, poedeiras

> Hy-line foram selecionadas para produzir um ovo por dia, superando a média então prevalente de 250 ovos por ano. (Wallace, 2020. p.277)

A necessidade da produção cada vez maior de ovos e a busca por aperfeiçoar tecnologias ao ponto de desenvolver novas espécies de forma artificial parece distanciar cada vez mais o metabolismo natural e equilibrado dos seres vivos com o restante da natureza, o que será melhor discutido no capítulo 3.

Voltando ao leite de vaca, outro dado a respeito da saúde das pessoas é que 65% da população mundial apresenta algum nível de intolerância à lactose (açúcar do leite formado pelos carboidratos glicose e galactose), o que parece fazer sentido ao analisar mais profundamente que nenhum outro mamífero continua se alimentando de leite após o desmame. Há diferenças neste dado dependendo do grupo populacional estudado, podendo acometer de 80% a 100% dos indígenas americanos e asiáticos. Além deste grupo, Llaila Afrika, que cunhou o termo "nutricídio" para nomear o genocídio da população negra através da alimentação, também menciona o leite de outros animais como prejudicial ao organismo desta população. (Afrika, 2009).

> Os estudos de Afrika revelam que a população negra, dentro e fora da África, sofre historicamente males físicos, mentais e espirituais por conta da dieta compulsória trazida pela colonização europeia. Em resumo, o termo anuncia a destruição nutricional da raça negra', afirma Márcia Cris, ativista do Movimento Afro Vegano, que passou a pesquisar o trabalho do médico nascido em Baltimore e a relacioná-lo com a realidade brasileira. 'Através do resgate da história dos povos africanos, ele nos dá uma visão do quanto fomos e ainda somos agredidos pelo sistema alimentar 'branco', e do quanto é importante voltarmos a nossa atenção para as nossas origens'. [...] (O Joio e o Trigo, 2020)

Para além do leite, Afrika menciona o açúcar, farinha branca e sal refinado, e analisa como o hábito de se alimentar de animais não somente é prejudicial, mas é fruto de um processo colonizador - debate que será melhor apresentado nos próximos capítulos.

A intolerância à lactose muitas vezes pode ser confundida com a alergia ao leite, porém são questões diferentes. A alergia tem relação a efeitos adversos do organismo à proteína do leite, especialmente a beta-caseína A1. (BATISTA, 2018)

A intolerância à lactose na população merece maiores explicações: após o desmame do leite materno, o corpo humano decresce a produção de lactase (enzima que "quebra" a lactose para

facilitar a digestão) naturalmente - visto ser desnecessário a continuação de sua ingestão - o que não ocorre se a criança começar a tomar leite sem ser materno logo em seguida deste desmame. Campanhas massivas para crianças tomarem leite a partir de 2 anos de idade parecem possuir este objetivo claro. Em fevereiro de 2017, a Anvisa aprovou uma regra, que obriga as indústrias a informarem na embalagem a quantidade de lactose contida em seus produtos, porém apenas se o produto for destinado a dietas que possuem alguma restrição a este açúcar. No caso de alimentos com quantidade de lactose abaixo de 100 mg/100g, deve vir escrito no rótulo "Zero Lactose", "Isento de Lactose", "0% Lactose", "Sem Lactose" ou "Não Contém Lactose". No caso de alimentos com 100 mg até 1g/100g ou ml, deve vir escrito "Baixo Teor de Lactose" ou "Baixo em Lactose". Nos alimentos com lactose em quantidade igual ou acima de 100mg/100g ou ml, deve vir no rótulo apenas "Contém Lactose"." (ANVISA, 2017)

A caseína é uma proteína do leite que possui certo grau de vício para que os filhotes não rejeitem o leite materno, seja de qual espécie de mamífero for, incluindo os seres humanos. Um site de notícias sobre o agronegócio entrevistou uma pesquisadora que defende consumo de leite e que afirma que: "Os animais que dão leites com mais caseína (80% de caseína e 20% de albumina) são vacas, cabras, ovelhas e búfalas. Já os leites com mais proteínas do soro (80% de albumina e globulinas, e 20% de caseína) são de origem humana (leite materno), e também são produzidos pela égua, camela e burra." (AgroSaber, 2020). Ou seja, o leite humano possui muito menos caseína que o leite de vaca, o que no mínimo ajuda a fomentar o pensamento de que o maior investimento para produção de leite e derivados de vaca não foi à toa. Ainda assim, a muçarela de cabra ou búfala tem menos caseína do que um copo de leite ou iogurte, e porque será que a maior produção é da vaca?

Saindo de uma escala de doenças individuais para uma coletiva, o debate sobre a íntima relação do agronegócio com as pandemias - como facilitador ou fábrica delas - fez-se ainda mais atual devido à pandemia da COVID-19.

Wallace (2020) traça um paralelo das últimas maiores pandemias com o modelo do agronegócio ao demonstrar como o sistema industrial de produção de alimentos (intimamente ligado ao nosso modo de vida) se faz catastrófico em termos epidemiológicos ao mesmo tempo em que é incapaz de alimentar a população mundial justamente ao fazer do alimento uma mercadoria. Ao mencionar as transformações no modo de criação de animais para abate como

> aumento do tamanho das populações, aumento da densidade, declínio da diversidade genética, aumento da velocidade de produção, abate de animais cada vez mais jovens, aumento de concentrações geográficas, sobreposição geográfica de diferentes espécies animais, transporte mais extensivo e invasão crescente de áreas florestais e áreas úmidas expandindo a interface entre animais de criação e animais silvestres (p.263),

o autor demonstra o cenário perfeito para disseminação de vírus cada vez mais evoluídos, como demonstra todas as variações de *influenza*, por exemplo.

A pandemia do vírus H_5N_1, conhecida também como gripe aviária, tornou-se objeto de diversos estudos por ter sido uma das primeiras estudadas que foi transmitida diretamente da ave para o ser humano e também por ter se mostrado mortal tanto para aves quanto para humanos. Por volta de 2010, no Egito, após a consolidação da horticultura e da pecuária de forma maciça, milhões de pequenos agricultores se tornaram ainda mais vulneráveis com o aumento da desigualdade social e consequente desapropriação de terras trazidas pelo agronegócio. Neste mesmo contexto, surtos de *influenza* de H_5N_1 (gripe aviária) e H_1N_1 (gripe suína) se disseminaram e "as autoridades sacrificaram quarenta milhões de aves e toda a população de suínos. O maior impacto incidiu sobre os quintais e sobre os pequenos agricultores, apesar das frágeis evidências de que aves de quintal ou aves selvagens tivessem originado o surto." (p.343) Uma vez que o agronegócio serve à exportação, não só as commodities são levadas a outros países facilmente, mas também possíveis doenças vindas desta atividade - alcance geográfico que nenhum pequeno produtor consegue chegar.

Outros estudos de surtos de *influenzas* mostraram que diversos subtipos de baixa patogenicidade dessas populações desenvolveram maior virulência apenas quando se infiltraram em populações de aves domésticas. Como exemplo, o autor cita os surtos de H_9N_2 ao longo da cadeia aviária da China que se mostrou disseminado especialmente entre varejistas e atacadistas de aves e trabalhadores das empresas de criação de aves em larga escala - mais um exemplo da precariedade deste tipo de trabalho. "Os vírus de todos os surtos da granja se mostraram relacionados àquele do primeiro surto, apesar de repetidas vacinações e outros esforços de biossegurança." (p.263) Ou seja, enquanto este modelo de criação de animais permanecer, outros surtos virais se disseminarão independente dos esforços humanos para barrá-los.

As maiores cepas de vírus, que apresentam alta seleção de patogenicidade, se proliferam na agropecuária intensiva, dentro de um modelo de criação altamente industrializado (com abates descontínuos e a curto prazo), ao contrário de populações de animais mantidas por pequenos produtores (que realizam o abate contínuo de maior duração), e apresentam cepas de baixas patogenicidades. Porém, se indústrias deste formato são introduzidas em "paisagens de pequenos produtores" (p.273), tais cepas altamente patogênicas que desenvolveram maior virulência invadam populações (de animais) com cepas de baixa patogênese. Neste processo o autor cita o exemplo de "fazendas industriais menos regulamentadas que são incorporadas a paisagens periurbanas das economias emergentes", o que retoma a discussão de Furtado (1974) sobre a DIT no subcapítulo 1.1.1

Wallace também critica a forma com que muitas ONGs ambientais - e cita exaustivamente diversas ações da World Wildlife Found (WWF) - atuam e propagam seus discursos, baseados em uma modernização ecológica que trata o capitalismo neoliberal "como uma das forças da natureza, tal como a rotação do planeta e a gravidade". Neste momento o autor menciona a prática de *greenwashing* que é exercida por tais ONGs mas também por diversas empresas de qualquer ramo que pretende passar uma imagem de uma empresa ecologicamente correta ou sustentável apenas para efeitos de marketing, sem minimizar de fato qualquer impacto ao meio ambiente que produzam. A partir do momento que as premissas destas corporações já são falsas, se faz mais ainda necessário refutar o próprio modelo do agronegócio - o que não é feito por veganos não interseccionais, vertente do veganismo abordada no subcapítulo 1.3.

Ao expor a necessidade de pensar outras formas de produção de alimentos, Wallace também cita o conceito de *One Health* (saúde única), que entende que "a saúde de seres humanos e a de rebanhos, culturas agrícolas, fauna e flora selvagens são elementos indissociáveis e integrados ao mesmo ecossistema." (p.353)

Wallace vai além e também menciona outras doenças que passam por animais não humanos antes de atingir nossa espécie, como: difteria, sarampo, caxumba, peste, coqueluche, rotavírus A, tuberculose e doença do sono, além da cólera a partir das algas, da malária a partir das aves e do HIV/aids, dengue, febre-amarela e malária a partir de primatas selvagens.

Porém, o autor também afirma que não basta uma concepção de *One Health,* uma vez que muitas vezes este conceito não leva em consideração as relações socioespaciais entre os atores

econômicos globais envolvidos na cadeia da doença. Como exemplo, a invasão de atores externos a um território que provocam o desmatamento de suas florestas e, em decorrência disso, novas doenças passam a existir neste território. Uma vez adotado o conceito mencionado sem um olhar crítico e estrutural sobre todo o sistema, há possibilidade de culpabilizar as ações dos moradores locais pelo surgimento de doenças, e não as práticas invasoras dos agentes externos.

Entendendo que os abates industriais em larga escala geram necessariamente consequências graves para a saúde dos animais humanos e não humanos, surge então o argumento de compras apenas de produtos que contenham os selos de "garantia de bem-estar animal" (muitas vezes acompanhado de imagens de animais "felizes"), como criação de galinhas livres de gaiolas. Produtos com estes selos e embalagens têm ganhado cada vez mais o mercado, uma vez que os consumidores parecem ter ficado mais críticos à forma predatória que atuam as indústrias animais. Porém, mesmo em empresas que vendem produtos com estas promessas, há diversos relatos de maus tratos animais, além de sérias violações de direitos humanos contra os trabalhadores dessas atividades.

> A funcionária da granja sabe que ali as galinhas não são exatamente felizes. São submetidas a choques elétricos, só têm acesso à área externa do galpão muito esporadicamente, e passam por debicagem, ou seja, pela amputação de uma parte dos bicos. Fernanda recebe pouco mais que um salário mínimo e sofre com uma série de violações trabalhistas: acúmulo de funções, assédio moral e corte ilegal de benefícios, para citar alguns. O dono da granja onde ela trabalha mantém milhões de galinhas presas em gaiolas, mas destina uma fração de sua produção à criação 'consciente', já que esse é um nicho de mercado que vem crescendo nos últimos anos. (O Joio e o Trigo, 2020)

A reportagem citada ainda menciona jornadas imensas de trabalho que pagam menos de R$3,50 por hora trabalhada, além de explorações dos caminhoneiros e de outros atores que participam de toda a (extensa) cadeia produtiva. Importante ressaltar também o frequente adoecimento mental destes trabalhadores. (Machado, 2016)

Há, porém, pequenos produtores que vendem para seu entorno e não contam com todos estes atravessadores, participando então de um circuito curto de consumo que aproxima consumidores de produtores. Neste sentido entra a maior crítica que os veganos abolicionistas fazem aos bem-estaristas (diferença melhor apresentada no subcapítulo 1.3) uma vez que o conceito de bem-estar pode ser totalmente relativo. Em galpões de granjas que apresentam selos de bem-estar animal, cada galinha fica em um espaço menor que uma folha A4, impedidas

de desenvolver comportamentos naturais básicos de sua espécie, chegando a desenvolver níveis de estresse que as fazem apresentar comportamento canibal. Além disso, argumentam que, no fim, o animal será morto da mesma maneira e, tal fim, não justificaria nenhum meio - mesmo se realmente tivessem bem-estar total ao longo da vida.

Em síntese, neste subcapítulo, dividimos os argumentos em dois grupos: alguns ligados à saúde dos animais humanos e outros ligados à saúde dos animais não humanos. O primeiro grupo de argumentos vão desde a qualidade com que estes produtos alimentícios são vendidos (mencionamos o caso das células somáticas no leite e a diferença de tolerância do número dessas células em países centrais da economia comparado ao Brasil) até a produção de epidemias que atingem os humanos e são inevitáveis ao modo de produção industrial com que os animais são criados. Importante também relembrar a situação adoecedora de trabalhadores dessa cadeia produtiva. E o segundo grupo de argumentos, ligados à saúde dos animais não humanos vão desde as doenças provocadas pelo confinamento como inflamações e epidemias mas também à própria forma como os animais são mantidos, sendo incapazes de se desenvolverem como espécie sem estar a serviço de necessidades humanas.

Dessa forma, entendemos que os argumentos ligados à saúde que são utilizados para o não consumo de animais e seus derivados - ou pelo menos à redução considerável deste consumo - parecem estar bem embasados.

2.1.3 Motivos ligados a crenças e culturas

Para além dos argumentos ambientais e de saúde utilizados para restrições ao consumo de carne e/ou derivados, há também argumentos ligados a crenças, culturas e até religiões que não apresentam necessariamente dados da ciência positivista para corroborar suas motivações, sendo considerados mais subjetivos. Porém, acreditamos que são igualmente válidos e dessa forma apresentamos alguns deles a seguir.

Sahlins (2003) argumenta que o fato da sociedade norte-americana comer alguns animais como porcos e bois e não comer outros como cavalos e cachorros possui uma explicação cultural, que dá significado social a um objeto (neste caso a um produto alimentício derivado de um animal não humano). A partir das reflexões marxistas entende-se que o valor de troca das mercadorias é algo simbólico ou arbitrário no momento em que o lucro inserido neste valor de

troca é igualmente arbitrário. Porém, Sahlins argumenta que não somente este valor-mercadoria, mas "o valor de uso não é menos simbólico ou menos arbitrário porque a utilidade não é uma qualidade do objeto, mas uma significação das qualidades objetivas." (p.238) Ou seja, a ideia de que a carne de um boi possui a utilidade de suprir a fome de um ser humano, de satisfazer essa necessidade fisiológica e, portanto, ser identificado como um alimento é uma construção simbólica e subjetiva. No item 1.1.4 relacionaremos a ideia deste autor com as concepções de especismo, mas por ora é interessante observar como a dimensão cultural que atribui valor ao consumo da carne de alguns animais é posteriormente utilizada pela indústria que atua nesse sentido de todas as formas que puder para maximizar seus lucros. O consumo de algumas carnes, portanto, possui uma razão cultural, assim como a escolha pelo não consumo de outras carnes (ou nenhuma carne) e dessa forma destacamos que os hábitos alimentares não são exclusivamente naturais e nem justificáveis por razões biológicas, ecológicas ou puramente econômicas. Para exemplificar esta tese, o autor demonstra como em períodos de crise, o significado social de um objeto pode se alterar, revelando as contradições do sistema.

> Durante a meteórica inflação nos custos da alimentação durante a primavera de 1973, o capitalismo não se destruiu — exatamente o contrário; mas as rachaduras no sistema da alimentação vieram à tona. Autoridades governamentais responsáveis sugeriram que as pessoas poderiam comprar os pesos de carne mais baratos, como rins, coração e vísceras — afinal de contas, são tão nutritivos quanto um hambúrguer. Para os americanos, essa sugestão específica faz Maria Antonieta parecer um exemplo de compaixão. A razão para a repulsa parece pertencer à mesma lógica que recebeu com desagrado algumas tentativas de se substituir a carne bovina por carne de cavalo durante o mesmo período." (Sahlins, 2003, p. 240)

Ou seja, em uma crise, essa "racionalidade" desaparece e o que antes era considerado óbvio - que comer carne de outro animal é errado ou antinatural -, na crise aparece como possibilidade. Sexton; Garnett; Lorimer (2022) também demonstram como a comestibilidade é modificável e produzida em conjunto de diversos atores.

Além disso, a naturalização do alto consumo de carne e da normalização de consumir carne todos os dias também possui caráter cultural. Miranda (2013) avalia como era a alimentação feudal e demonstra como cada classe social, utilizando diferentes recursos naturais, os conferiram diferentes valores de uso, constituindo diferentes sistemas alimentares a partir das combinações destes recursos. "A escolha dos alimentos era um forte elemento da identidade coletiva." (Miranda, 2013, p. 15). A autora também destaca algumas alimentações que não tinham a carne como centralidade

> A alimentação dos mediterrâneos caracterizava-se pela forte conotação vegetal: farináceos, pão, óleo e verduras. Pouca carne e muito queijo. Ovelhas e cabras eram prioritariamente fontes de leite e de lã. Da carne era possível prescindir. O luxo, por excelência, era a fruta. Os escritores gregos e latinos imaginavam uma Idade de Ouro vegetariana, similar ao Éden bíblico. (Miranda, 2013, p. 36)

Em seguida, a autora demonstra como a carne foi sendo inserida em algumas dietas da sociedade ocidental, como na alimentação do clero a partir do século XIII e também demonstra a diferença de consumo de carne no campo e na cidade na segunda metade da Idade Média - na cidade mesmo as classes mais pobres consumiam mais carne que os camponeses, mas, por outro lado, em momentos de crise a cidade sofria não só com a alta dos preços mas também com a falta de oferta.

> As classes dominantes afirmavam constantemente o valor da carne, associada ao poder, à energia, ao vigor e ao combate. A abstinência de carne adquiria sentido de humilhação e marginalização. [...] O comportamento alimentar era o primeiro modo de diferenciação social. (Miranda, 2013, p. 40)

Em relação a alimentação dos povos não ocidentais, trazemos Carneiro (2003), importante teórico sobre a história da alimentação, para caracterizar suas alimentações:

> As civilizações orientais são pouquíssimo carnívoras. Os japoneses são ictiófagos (comedores de peixe), mas não têm por hábito comer ovos nem laticínios, e consomem pouca carne, praticamente não havendo criação de gado de corte. Os indianos são totalmente vegetarianos, o gado só serve como tração e fornecedor de leite, cujos derivados são muito importantes como alimentos. Os chineses comem todas as carnes, mesmo as que poucos povos aceitam, como a de cães, por exemplo, mas quase não praticam a criação extensiva, a não ser a do porco e a do búfalo para tração, e repelem o consumo alimentar do leite e dos laticínios. [...] Os insetos, que compõem o cardápio de muitas sociedades coletoras indígenas, onde representam iguarias, foram abandonados na maior parte das culturas agrícolas. No Brasil, os cronistas viajantes registraram muitos destes usos. (p. 53)

Dessa forma, percebe-se a diversidade de culturas alimentares que foram sendo homogeneizadas ao longo do tempo, principalmente com a hegemonia ocidental, e nesse caso, a disseminação do alto consumo de carne.

Miranda também descreve a alimentação dos povos celtas e germânicos com alto consumo de carne e a valorização dos guerreiros viris, com alta capacidade de ingestão de álcool - o que era o oposto de gregos que entendiam que a sobriedade em relação à comida e bebida era ponto-chave da educação. Porém, posteriormente, “a carne passou a ser valorizada como alimento

típico da elite e seu consumo perdeu o caráter de selvageria. [...] A partir das conquistas germânicas, a carne tornou-se apanágio da elite guerreira, da conquista do poder através das armas.” (p. 38). Dessa forma, com o contato dessas culturas, não só a carne mas também o pão se tornaram alimentos imprescindíveis do ponto de vista ideológico.

A partir de processos como a colonização e a mundialização, a ideologia dominante da necessidade do alto consumo de carne pôde alcançar ainda mais territórios e povos e impactar outras culturas. O alto valor simbólico da carne está presente até os dias de hoje, como demonstra uma matéria do jornalismo investigativo alimentar O Joio e o Trigo ao pesquisar o meio “*fitness*” que ganhou centralidade nas últimas décadas. (Prato Cheio, 2024)

Além disso, diversas crenças, filosofias e religiões utilizam de outros argumentos para restringir de alguma forma o consumo de carne aos seus adeptos como o Cristianismo Adventista, o Hinduísmo, Hare Krishna, Judaísmo, Rastafári, entre outros. Foram encontrados textos que abordam a influência da religião na alimentação (Carneiro, 2003; Flandrin e Montanari, 1998; Leitão, 2016; Souza, 2014; RACA - Revista de Alimentação e Cultura das Américas, 2022; Miranda, 2013) mostrando como a cultura molda hábitos alimentares, apresentando comparações entre seus adeptos e suas dietas, além das intenções de cada religião em guiar o consumo alimentar. A organização International Vegetarian Union (IVU, 2013) também cita algumas filosofias que de certa forma promovem a dieta vegetariana e apresentaremos algumas delas a seguir.

Nenhuma das filosofias e religiões encontradas têm uma orientação clara aos seus adeptos para não consumirem nenhuma forma de carne, e muitos líderes e pessoas influentes dentre das filosofias possuem o hábito alimentar de consumir animais. Porém, como mencionado, encontramos estudos que conectam essas crenças com a restrição de carne ou orientam a sua diminuição em momentos específicos - não necessariamente proibindo seu consumo, mas orientando à prática contrária e a decisão final, portanto caberia ao indivíduo.

Mariana Ueta, em sua tese de doutorado, avaliou a história do consumo de carne no Brasil e na China, assim como seu impacto ambiental. Sobre a história do consumo de carne na China e sua relação com o budismo, a autora avalia que

> As práticas vegetarianas no contexto chinês datam do período imperial e tem suas raízes em questões religiosas e espirituais. Em relação à questão religiosa, o budismo não implicava em uma dieta vegetariana originalmente (KIESCHNICK, 2005), mas vários grupos de discípulos começaram a adotar esta dieta, e uma das primeiras menções à dieta vegetariana apareceu na Mahayana Sutra no século II e argumentava pela compaixão aos seres incluindo os animais. Na China no século VI, o Imperador Wu da Dinastia Liang adotou o budismo como sua religião e reuniu milhares de monges e monjas para discutir sobre a questão do consumo de carne nesta tradição. Apesar de discordância e controvérsias, o Imperador Wu definiu que os monastérios da tradição budista na China adotariam a partir daquele momento uma dieta vegetariana. (Ueta, 2021, p. 146)

Filosofias como o budismo e o hinduísmo, conhecidas como religiões Dhármicas, possuem como um dos principais valores a não violência (ahimsa) e este preceito é utilizado pelos adeptos dessas filosofias que não consomem carne para justificar este hábito alimentar. Como o consumo de carne requer necessariamente a morte de um animal, há o entendimento de que isso seria uma violência e, portanto, seu consumo iria ferir um de seus principais dogmas. Outros filósofos que não seguiam exatamente essas religiões tinham a mesma perspectiva, como demonstra Carneiro (2003):

> Essa mentalidade é bem expressa por Rousseau, ao afirmar no Emílio: "é certo que os grandes comedores de carne são em geral mais cruéis e ferozes do que os outros homens", e ao apoiar-se numa citação de Plutarco (de inspiração pitagórica) para comparar os comedores de carne com os esquartejadores de cadáveres. (p. 54)

Apesar deste preceito ser entendido por alguns como um argumento claro para evitar o consumo de carne, diversos adeptos do budismo possuem este hábito alimentar, inclusive o próprio Buda. (Sujato, 2018) Porém, apesar deste consumo e a afirmação que os monásticos teriam uma permissão para comer carne, isso só poderia acontecer se o animal não tivesse sido morto para eles de forma intencional. Dessa forma, parece haver uma abertura para interpretações entre as vertentes do Budismo - o Budismo Theravada entende que não há problema ético em comer carne assim como os monásticos tibetanos, enquanto dentro do Budismo Mahayana, os mahayanistas adotam uma dieta vegetariana em alguns momentos e monásticos são tradicionalmente vegetarianos o tempo todo. Além disso, há um entendimento por parte de alguns que a crença precisa estar atualizada com as demandas e o contexto da sociedade atual.

A seguir, apresentamos trecho de um texto que argumenta a favor do vegetarianismo no budismo, assim como aborda as diferenças entre algumas vertentes.

> A motivação é, pelo menos em parte, uma expressão da maior ênfase na compaixão na mahayana. Na prática, entretanto, os mahayanistas frequentemente adotam o vegetarianismo (como os hindus) como um rito de purificação. A despeito de textos como o Amagandha Sutta do Sutta Nipata, onde o Buda insiste que comer carne não é uma fonte de impureza espiritual. Os monásticos tibetanos, por outro lado, costumam comer carne. Apesar da situação aparentemente clara no Theravada, o problema não desaparece. Por razões óbvias: comer carne requer a matança de animais, e isso viola o primeiro preceito. Comer carne é a causa direta de uma imensa quantidade de sofrimento para os seres sencientes. (Sujato, 2018)

Porém, como visto, as interpretações a respeito do consumo de carne são muito distintas e não há um consenso em relação a este aspecto.

Neste trecho pode-se observar também o paralelo que o autor faz com o hinduísmo, filosofia que acredita na interconexão entre todos os seres. O mantra "Lokah samastah sukhino-bhavantu", que significa "que todos os seres sejam livres e felizes" é utilizado para argumentar a favor da abstinência de carne animal, por entender que os animais não humanos devem fazer parte deste desejo de liberdade e felicidade.

Além disso, essa crença se estende à doutrina do karma, que dita que as ações de um indivíduo nesta vida afetarão suas vidas futuras. Dessa forma, por entenderem que consumir carne é considerado negativo, pois envolve tirar uma vida e contribuir para o ciclo de sofrimento, se abstém deste consumo para evitar ter consequências cármicas negativas. (IVU, 2013)

Para a filosofia Hare Krishna, a ideia da abstinência da carne também está relacionada com praticar atos de bondade além da ingestão apenas de alimentos considerados saudáveis. (Santos, 2016)

No Cristianismo Adventista, a restrição ao consumo de carnes não ocorre necessariamente ao preceito da não violência, mas sim como uma orientação para seus adeptos de se alimentarem de forma saudável. Dessa forma, a orientação para seguir uma dieta baseada em vegetais ocorre juntamente com orientações para evitar frituras, ultraprocessados e outros produtos entendidos como danosos ao corpo humano. A promoção de hábitos saudáveis, segundo essa crença, tem como objetivo

> [...] criar condições para um melhor desenvolvimento do potencial humano e é fundamental para facilitar o contato do homem com as realidades espirituais. [...] Esta atitude é condizente à de Jesus que, ao vir a esta terra, disse: "Eu vim para que todos

> tenham vida, e vida em abundância". Desse modo, todos os alimentos servidos devem atender a três requisitos básicos. Devem ser: Saudáveis (boa qualidade, boa combinação, nutritivos e boa higienização). Saborosos (apetitosos).
> Atraentes (boa aparência, coloridos, apresentados com criatividade). Atendendo ao primeiro item (saudáveis), sugere-se que sejam apresentados apenas alimentos vegetarianos ou ovo-lacto-vegetarianos*, reconhecidamente mais saudáveis.
> [...] * Utiliza-se leite e ovos com moderação, mas evita-se carnes, aves, peixes ou frutos-do-mar. (Bomfim, 2013)

Outras recomendações encontradas foram evitar frituras, ultraprocessados, aditivos e conservantes, procurar substituir queijo por tofu (se for possível), evitar abundância de sal e açúcar, mas recomendam utilizar mel para adoçar. Por recomendar mel e recomendar o uso de leite e ovos, mesmo que "com moderação", concluímos, portanto, que não se trata de seguir uma dieta vegana e que a recomendação não tem relação com o antiespecismo.

Na Europa católica do século XVIII, Carneiro (2003) avalia que eram praticados "166 dias de jejum religioso de abstenção de carne e ovos, entre os quais 40 dias extremamente rigorosos durante a Quaresma" (p. 56), e que por isso a pesca era tão importante neste período.

Já o Espiritismo não proíbe consumo de carne, mas para algumas práticas mediúnicas recomenda-se a abstenção da carne vermelha no dia (assim como outros alimentos como café, chocolate, frituras, entre outros). No livro "O Consolador", de Chico Xavier, destacamos a pergunta 129 "É um erro alimentar-se o homem com a carne dos irracionais?" e abaixo a resposta a essa pergunta:

> A ingestão das *vísceras dos animais* é um *erro de enormes consequências*, do qual derivaram numerosos vícios da nutrição humana. É de lastimar semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a cooperação de determinadas vitaminas, esses valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem vegetal, sem a necessidade absoluta dos matadouros e frigoríficos.
> Temos de considerar, porém, a máquina econômica do interesse e da harmonia coletiva, na qual tantos operários fabricam o seu pão cotidiano. Suas peças não podem ser destruídas de um dia para o outro, sem perigos graves. Consolemo-nos com a visão do porvir, sendo justo trabalharmos, dedicadamente, pelo advento dos tempos novos em que os homens terrestres poderão dispensar da alimentação os *despojos sangrentos* de seus irmãos inferiores. (Xavier, 2006, grifos nossos)

Neste trecho é interessante notar algumas expressões como "erro de enormes consequências", "vísceras dos animais" e "despojos sangrentos" para argumentar contra o consumo de carne. Porém, apesar de não recomendarem o consumo neste trecho, há trechos de outros livros espíritas que afirmam que "a carne nutre a carne", dessa forma não há um direcionamento explícito e unânime quanto a este hábito alimentar. Além disso, mesmo tratando os animais

não humanos como “irmãos”, destacamos certo especismo ao se referir a eles como “inferiores”.

Em relação ao Candomblé, sacrifícios com animais costumam acontecer em momentos como parte importante da prática espiritual. Por meio de conversa com uma das pessoas entrevistadas, foi mencionado o termo “Candomblé verde” para falar da relação da religião com a questão vegetariana. Ao pesquisar sobre o termo, encontramos o texto “Candomblé em rosa, verde e preto: recriando a herança religiosa afro-brasileira na esfera pública de Salvador, na Bahia” publicado originalmente em inglês pelo Mattijs van der Port, professor e pesquisador do departamento de Antropologia da Universidade de Amsterdam, Holanda. Porém, o “verde” a que o texto se refere são as preocupações ambientais e a relação com a natureza de forma ampla e não há nenhuma menção à questão animal. A relação entre o Candomblé e a pauta animal foi encontrada também em duas redes sociais: um perfil no Facebook que não é atualizado desde 2014 e um vídeo no YouTube que mostra uma entrevista com Ekedi Anna de Anabiocô.

De qualquer forma, o perfil do Facebook tinha como apresentação: “Candomblé Verde ou Vegetariano é uma nova modalidade de rito já discutido por grupos religiosos em São Paulo e também por alguns seguidores de estudos.” (Candomblé Verde, 2014) Já no vídeo, a entrevistada, que possui uma posição importante dentro da casa de Candomblé que frequenta, afirma que não fazem nenhum sacrifício animal por entenderem que

> é contra Axé você tirar a vida de um animal para poder agradar o santo, pois não se agrada uma divindade, não se agrada o divino com a morte de nenhum animal. Quando se quebra o galho de uma planta ou se arranca uma raiz, você não mata, você faz prosperar porque do galho que você arrancou se você puser na água ele vai brotar, ele vai fazer o Axé de transformar e fazer uma nova vida. E na planta que ficou onde você quebrou o galho, ela também vai brotar um novo galho. Isso é Axé, isso é o Candomblé Verde. (Candomblé Verde [...], 2021)

Não é incomum o questionamento das pessoas sobre a possível contradição dos vegetarianos e veganos evitarem o consumo de carne por serem contra a morte de animais, mas, ao mesmo tempo, matarem plantas para se alimentar. Dessa forma, a fala da Ekedi Anna de Anabiocô sobre o uso de plantas não necessariamente provocar a morte dos vegetais parece responder este questionamento. Ao ser perguntada diretamente sobre as oferendas de carne e de sangue, práticas comuns em outras casas de candomblé, ela responde

> Tudo isso para a gente simboliza contra Axé. Ora, vamos dar um exemplo: se eu cultuo Logun-Edé que é uma entidade cujo animal de poder dele é o faisão, como posso eu assassinar um faisão e oferecer para o santo? Então eu to fazendo um ato de desgosto para o santo: "olha esse é meu filho favorito" que bom, então mata o filho e dá para o pai, não procede. (Candomblé Verde [...], 2021)

Porém, como encontramos poucas referências sobre o Candomblé Verde, parece ser uma vertente ainda pouco difundida e praticada.

Por fim, no site Filhos do Candomblé há um texto que entrevista pessoas veganas que seguem a religião e tem um posicionamento diferente do apresentado acima. Nas entrevistas é apresentado como as pessoas, apesar de serem veganas, participam dos rituais que envolvem animais por entenderem que são feitos de maneira respeitosa aos animais.

> Ele [um dos entrevistados] ainda diz que no começo teve dificuldades em conciliar a sua filosofia de vida com a religião: "Cogitei escolher entre o veganismo e o candomblé porque pra mim não fazia sentido ser vegano e do candomblé. Então me culpava por ser vegano e ser de uma religião onde tem o sacrifício animal e do outro lado me culpava por ser do candomblé e pensar em sair por não concordar com os fundamentos na época". Depois de muito pensar o que fazer, Matheus resolveu que conseguiria conciliar suas duas paixões. Dentro da sua casa de santo ele participa de todas as funções e procura sempre respeitar os animais assim como na sua vida pessoal. (Filhos do Candomblé, 2019)

No Rastafari parece haver um direcionamento alimentar mais específico, denominado alimentação I-tal. A alimentação, que busca por elementos originais da população afrodiapórica antes da colonização, é acompanhada de outras práticas que tem como intenção o distanciamento físico e espiritual da Babilônia - entendido pelos rastas como o sistema que provoca dominação e opressões principalmente através da colonização.

Sobre a origem do nome e do movimento Rastafari,

> Uma palavra que deriva do título nobiliárquico – Ras – e do nome – Tafari Makonen – do imperador etíope Hailie Selassie I antes de sua coroação, ocorrida no ano de 1930: Ras Tafari Makonnen. Os Rastas reconhecem o monarca africano como uma reencarnação de Jesus Cristo, vindo na forma do Leão Conquistador da Tribo de Judá; o Deus Vivo que voltou para guiar o *povo escolhido*, o *povo original*, a *raiz* e a *descendência* do Rei Davi à terra prometida de Sião – localizada na África, na Etiópia, terra onde foram gerados os primeiros homens. (Araújo, 2014, p. 21, grifo deles)

A dissertação em que se encontra o trecho citado acima é inteiramente dedicada ao estudo do Rastafari e como não é objetivo deste trabalho o aprofundamento no movimento Rastafari com um todo, sugerimos a leitura de Araújo (2014) a quem se interessar.

Especificamente sobre a alimentação I-tal, que significa *vital*, representa não apenas que a alimentação é vital para o ser, mas "que mas também porque é constituída especialmente de coisas vivas, que vêm da terra, da Criação de JAH. Segundo o irmão Prof I o homem não pode ingerir qualquer espécie de alimento produzido *pelos homens*." (Araújo, 2014, p.84). Ou seja, por buscar as práticas do homem original em vários aspectos, na alimentação isso se concretiza com a busca por alimentos mais naturais possíveis.

Pesquisando sobre o Rastafari e alimentação, foi encontrada a música "I-tal" da banda de reggae GrooVI que demonstra a relação da alimentação com a cultura.

> Seu corpo é seu templo / I-tal, original comida africana / *Ocidente chamou de vegana* / I-tal, original comida africana / Eles chamam vegetariana / Seu corpo é seu templo // E como tem se alimentado? / Vive pra comer ou come pra viver? // I-tal significa vital / É a comida do rastaman / É tudo que é natural / Direto na raiz / A forma de vida ancestral / Sankofa volta às origens / É a africana medicina herbal // *Esse modo de vida imposto pelo ocidente* / Pra que se alimente mal a vida inteira até ficar doente / O que eles chamaram holístico / Nós praticávamos naturalmente / Maat-icamente alinhados / Física-mental e espiritualmente // A vivência em maat é fundamentada no equilíbrio / A limpeza e o bem-estar do seu corpo da mente e do espírito (GrooVI, 2021, grifos nossos)

O trecho pontua que a forma de se alimentar excluindo produtos de origem animal não foi criação do ocidente e é anterior a criação do termo "veganismo" e mesmo "vegetarianismo". Ao sinalizar isso, entendemos que os adeptos da alimentação I-tal não querem ser relacionados com o veganismo ou vegetarianismo, visto que o conceito foi criado pelo ocidente, o qual também foi responsável por impor um modo de vida adoecedor. Neste caso, a escolha pela exclusão destes produtos se dá por um motivo espiritual de reconexão com uma "vida ancestral", por buscar uma alimentação mais saudável para "o corpo, mente e espírito" e busca pela aproximação com a natureza, que parece ter muita conexão com o resgate metabólico - conceito proposto por este trabalho que será melhor apresentado no capítulo 3.

Em outro trecho da música, a banda menciona o nutricídio, termo criado pelo médico norte-americano Llaila Afrika, para denominar um "genocídio alimentar" direcionado à população negra.

> O *nutricídio* também tem aniquilado nosso povo / Olhemos para trás e honremos nosso passado glorioso / A *colonização* alterou sua dieta propositalmente / Desate suas amarras e se veja precioso novamente / Porque alimentar-se bem é amar a si

> mesmo / Amar a criação e reconhecer sua perfeição / O legado de baba sebi nos trouxe a alimentação alcalina / O dr. *Llaila afrika* ensina a nutrir sua melanina / Os escritos de imhotep são os mais antigos documentos médicos / Seu remédio é seu alimento e seu alimento é o seu remédio (GrooVI, 2021. grifo nosso)

De acordo com o médico citado, a população negra dentro e fora da África têm sofrido historicamente de forma física, mental e espiritual devido a uma imposição alimentar através da colonização. Afrika se refere especialmente ao açúcar, à farinha branca e ao sal refinado como os ingredientes nocivos da dieta moderna e que fazem parte de uma agressão e destruição nutricional da raça negra pelo sistema alimentar branco e, dessa forma, se coloca a importância do resgate histórico das populações afrodiaspóricas. A colonização do paladar, assim como a relação do veganismo com outros movimentos sociais como a luta antirracista, também será tratada nos próximos capítulos.

Aris Latham, chef culinário panamenho, que é uma referência para alguns entrevistados desta pesquisa, corrobora com a tese de Llaila Afrika propagando a "alimentação solarizada" e sendo considerado o "pai da alimentação crua". Essa alimentação não é necessariamente rastafari, mas segue princípios de uma vida o mais próximo possível da que o "homem original" tinha no continente africano antes das colonizações. Ele defende que antes da descoberta do fogo, originalmente o ser humano não comia nenhum alimento cozido e, portanto, defende a alimentação "viva", entendendo que os seres humanos estão todos doentes comendo muito mais carboidratos e proteínas que realmente necessitam e fazendo o corpo trabalhar excessivamente, sobrecarregando o sistema digestivo. Inclusive defende que a soja, amplamente encontrada em dietas veganas, não é alimento para o ser humano. No Brasil há apenas duas pessoas que fizeram o curso no Panamá com Aris Latham e em maio de 2024 eles ofereceram uma oficina sobre alimentação solarizada em parceria com o coletivo Roots Ativa.

Dessa forma, percebemos que a alimentação I-tal procura se abster de tudo aquilo que não é natural, como os ultraprocessados, e reforça o caráter contracolonial do movimento Rastafari ao se abster da alimentação que foi imposta às pessoas negras através da colonização.

> Nesse sentido, a geografia alimentar, caracterizada pela relação entre "Caucasianos" e "Africanos" e marcada pela constituição do sistema-mundo moderno europeu (hierarquia de raças, divisão racial do trabalho e acúmulo de capital em escala global), resultou em dietas com base em consumo de alimentos marcados pela imposição da cultura branca europeia/estadunidense, como se universal fosse, e pela distribuição de terras colonial para privilegiar o acúmulo de capital da indústria alimentícia. (Almeida, 2023)

Apesar das crenças e filosofias apresentadas serem consideradas como subjetividades, consideramos importante mencionar algumas relações entre elas e a restrição ao consumo de animais, pois seus argumentos são muito diversos e envolvem desde não querer apoiar a violência e morte de outros seres até promover a saúde humana.

O objetivo deste subcapítulo não é aprofundar o debate que relaciona as religiões e outras filosofias que possuem alguma orientação em relação ao consumo de carne, mas sim apresentar e analisar alguns argumentos utilizados por essas crenças que de alguma forma promovem dietas vegetarianas, e, para além disso, "a história dos alimentos, portanto, também se imbrica com a história das religiões." (Carneiro, 2003, p. 86)

2.1.4 Especismo

Como já introduzido anteriormente, Richard Ryder cunhou o termo especismo para denominar a ideia de que há uma hierarquia entre as espécies, sendo algumas mais importantes que outras, e a espécie humana acima das demais. A partir dessa concepção, os seres humanos, como sendo superiores, justificam assim a exploração e tratamento das demais espécies como objetos, propriedades e/ou recursos. Ryder então se colocou como antiespecista, por ser contrário a essa crença. Essa ideia da excepcionalidade humana está profundamente enraizada em vários aspectos culturais que influenciam nossa sociedade, incluindo o cristianismo. Até o início do século XX, era amplamente aceito que os humanos eram superiores à natureza e tinham o direito de dominá-la para o avanço da civilização. Essa noção ainda é mantida em muitos círculos conservadores, onde se defende a ideia de que a humanidade deve continuar exercendo seu domínio sobre a natureza.

Dessa forma, muitas pessoas veganas escolhem não se alimentar de animais por acreditarem ser antiética a crença de que animais não humanos são inferiores aos animais humanos e isso justificaria sua exploração e morte.

Oliver (2023) avalia que os veganos que optam por este estilo de vida devido à crença antiespecista são menos aceitos socialmente do que os que expõe outros motivos para tal escolha. "As escolhas alimentares feitas para a saúde pessoal são mais facilmente absorvidas

pelas normas sociais centradas na carne, pois não desafiam a supremacia humana e são entendidas como potencialmente reversíveis.”[14] (p. 840, tradução nossa)

Organizações como a SVB e a Vegan Society, entre outras, defendem que o antiespecismo deve ser o argumento principal para o veganismo, corroborando com a ideia de que veganos que optaram por este modo de vida devido a outras razões preocupações com a saúde e meio ambiente podem voltar atrás na decisão mais facilmente.

No texto “Vegan world-making in meat-centric society: the embodied geographies of veganism”, a autora faz entrevistas e revela como várias pessoas afirmam que o veganismo trouxe a “verdade” sobre as violências contra os animais não humanos em uma sociedade centrada na carne. “Uma reação visceral à verdade sobre a agropecuária animal levando a uma transição para o veganismo foi um refrão comum nas entrevistas.”[15] (Oliver, 2023, p. 838, tradução nossa).

Ao longo das entrevistas percebe-se como essa descoberta da “verdade” revela de forma explícita a alienação frente a produção realizada pela indústria alimentícia, descrita por Costa (2020) como a “forma-animal da mercadoria”, melhor analisada no subcapítulo 1.3.

Ao mesmo tempo, a partir do contato com essa “verdade” e a tomada de decisão de se comprometer com a causa animal, alguns entrevistados relataram que qualquer hesitação no sentido contrário é vista como uma falha grave e parece que o primeiro julgamento e sentimento de culpa vem do próprio indivíduo que havia se comprometido com a causa. Um dos entrevistados da autora afirmou que “Uma vez que você fez esse compromisso, estará traindo a si mesmo se vacilar.”[16] (p. 838). Em outro trecho, outro entrevistado comenta que “Em ambientes centrados na carne, um compromisso público com o veganismo não permite ‘vacilações’.”[17] (p. 839) Dessa forma percebe-se que há parte do movimento vegano pouco flexível em relação a mudanças graduais para o veganismo e também críticos a pessoas que

[14] Food choices made for personal health are more easily absorbed into meat-centric social norms because they do not challenge human supremacy and are understood as potentially reversible
[15] A visceral reaction to the truth about animal agriculture leading to a vegan transition was a common refrain across the interviews.
[16] Once you have made that commitment, you are betraying yourself if you have a wobble.
[17] In meat-centric spaces, a public commitment to veganism does not allow for ‘wobbles.

mesmo após se tornarem veganas consumiram um produto não vegano por algum motivo. As vertentes mais inflexíveis são objeto de crítica principalmente dos antiespecistas subversivos.

Apesar de muito veganos afirmarem benefícios na saúde após adotarem dietas veganas, grande parte dos veganos liberais restringem a adoção do veganismo como podendo ter causa apenas motivos ligados ao animais não humanos - e qualquer argumento que uma pessoa possa utilizar para justificar sua escolha pelo veganismo para além dos animais não humanos faz com que ela seja vista como “menos vegana”. A autora afirma que

> Greenebaum (2012a, p. 143) escreve que "veganos éticos desvalorizam veganos de saúde. Ao fazer isso, estão avaliando a pureza do hipotético 'outro'." Enquanto o primeiro grupo é vegano principalmente por razões animais e ambientais, o último prioriza a alimentação à base de plantas por sua saúde mental e física.[18] (Olive, 2023, p. 839, tradução nossa)

Inclusive, muitas organizações veganas utilizam o “choque” ao apresentar imagens de animais sendo tratados de forma violenta em abatedouros para tentar sensibilizar e convencer as pessoas a parar de consumirem carne e derivados.

Além da crença do ser humano como superior aos demais animais não humanos, o especismo também classifica de certa forma quais animais devem ser consumidos, domesticados, explorados e quais devem ser “humanizados”. A própria SVB lançou a campanha “Se você ama um, porque come o outro?” (SVB, 2022) comparando um cachorro com um porco, para evidenciar a diferença de tratamento entre os animais não humanos.

> Na cidade litorânea de Paranaguá (PR), a mensagem foi pintada em um muro. Além da frase, o espaço recebeu a imagem de um cachorro e uma galinha. Boa parte da população não faz a conexão e reflexão sobre as semelhanças entre os animais tidos como domésticos e os usados em um sistema de produção que tira bilhões de vidas todos os anos. Sensíveis como cães e gatos, as galinhas, os porcos, os bois e as vacas são condenados ao confinamento durante toda a vida. Ainda jovens, são mortos e viram mais um produto nas prateleiras. A campanha da SVB serve de alerta e mostra que as pessoas podem escolher retirar todos os animais do prato. (SVB, 2022)

Sahlins (2023) analisa a diferença de comestibilidade entre os animais. O autor argumenta que a diferença da comestibilidade não possui justificativa econômica, biológica ou ecológica, como poderia ser cogitado:

---

[18] Greenebaum (2012a, p. 143) writes that ‘ethical vegans devalue health vegans. In doing so, they are evaluating the purity of the hypothetical “other”.’ Where the former group are vegan for primarily animal and environmental reasons, the latter prioritise eating plant-based diets for their mental and physical health.

> A razão pela qual os americanos determinam que a carne de cachorro não é comestível e a de boi o é, não é mais perceptível aos sentidos do que o preço da carne. Da mesma forma, o que determina que as calças são de uso masculino e as saias de uso feminino não tem necessariamente conexão com as características físicas ou com as relações que advêm dessas características. (Sahlins, 2003, p. 238)

Ao analisar os hábitos alimentares de diferentes povos, o autor pontua então que a razão da diferença de comestibilidade entre os animais é da ordem cultural, como já exposto no subcapítulo 1.1.3. E consentimos com a afirmação dele de que "a exploração do meio ambiente e a forma de relação com a terra dependem do modelo de uma refeição que inclui a carne como elemento central com o apoio periférico de carboidratos e legumes" (Sahlins, 2003, p. 239) como pretendemos mostrar com este trabalho.

O autor propõe também a relação entre o consumo de carne com a masculinidade ao afirmar que essa centralidade da carne

> é também a indicação de sua "força", evoca o polo masculino de um código sexual da comida o qual deve originar-se na identificação indo-europeia do boi ou da riqueza crescente com a virilidade. A indispensabilidade da carne como "força", e do filé como a síntese das carnes viris, permanece condição básica da dieta americana. (Sahlins, 2003, p. 239)

Essa relação será melhor discutida no subcapítulo 1.3, a partir de Carol Adams.

Sahlins demonstra ainda que não há racionalidade econômica e biológica na diferença de comestibilidade entre os animais, visto que a produção de cavalos e cachorros, por exemplo, é "praticamente possível e que nutricionalmente não devem ser desprezados." Ele avalia que há um tabu sobre o possível consumo destes animais, caracterizando como "inimaginável" na América, visto que essa "é a terra do cão sagrado."

Ainda sobre os cachorros, é interessante analisar como a comestibilidade, por ter razões culturais, é diferente a depender da sociedade:

> Um índio tradicional das planícies ou um havaiano (sem mencionar um hindu) ficaria desconcertado em ver como nós permitimos que os cachorros se reproduzam com tão severas restrições ao seu consumo. Eles vagam pelas ruas das maiores cidades americanas levando seus donos pela guia e depositando excrementos nas calçadas a seu bel-prazer. Todo um sistema de métodos de limpeza teve que ser utilizado para se desfazer da sujeira — a qual, no pensamento nativo, apesar do respeito que os cachorros merecem, é considerada "poluição". (Sahlins, 2003, p. 239-240)

A relação das sociedades ocidentais com os cachorros especificamente é quase humana, uma vez que eles se acomodam nas cadeiras feitas para os humanos dentro das casas e apartamentos, dormem nas camas de seus “donos” e, junto deles, se sentam à mesa, como se aguardassem sua porção da refeição da família. “Tudo isso com a calma certeza de que nunca serão sacrificados por necessidade ou como oferta às divindades, nem mesmo comidos em caso de morte acidental.” (Sahlins, 2003, p. 240)

Utilizamos a expressão “dono” entre aspas, pois há um debate atualmente sobre a utilização do termo “tutor” para se referir às pessoas que *possuem* animais de estimação. (G1 CE, 2022) Porém, optamos por escrever “donos” para afirmar a relação de propriedade que ainda se tem com os animais não humanos. Interessante observar que a reivindicação pelo uso de “tutor” se dá apenas para os animais não humanos de estimação - os donos de fazendas com criação de galinhas, porcos e bois continuam sendo donos.

Essa diferença de tratamento entre os animais também é observada na legislação, visto que os maus tratos a cães e gatos podem gerar a proibição da guarda do animal, multa e até mesmo prisão de 2 a 5 anos. (G1 CE, 2022) Por outro lado, todos os dias milhares de galinhas, vacas e porcos são mal tratados legalmente pela indústria alimentícia.

Sahlins analisa a série dos animais domésticos “bois-porcos-cavalos-cachorros” em uma sequência de graus de comestibilidade, na qual os dois primeiros são os comestíveis e os dois últimos os não comestíveis, integrando a sociedade na condição de sujeitos, algumas vezes com nomes próprios e sendo interlocutores de conversas dos humanos - por outro lado, não conversamos com porcos e bois.

> Portanto, cachorros e cavalos são julgados não comestíveis porque, como disse a Rainha de Copas, “Não é fino mandar cortar alguém a quem você foi apresentado”. Como co-habitantes domésticos, os cachorros são mais próximos do homem do que os cavalos, e seu consumo, portanto, é mais inimaginável: eles são “um membro da família”. (Sahlins, 2003, p. 241)

Mesmo dentro dos grupos há uns animais que estão mais integrados do que outros, assim como há preferências no consumo destes. A carne de boi é mais valorizada que a de porco, assim como o cachorro é mais sujeito de direitos que o cavalo. “A comestibilidade está inversamente relacionada com a humanidade” (Sahlins, 2003, p. 242).

Por fim, o autor analisa como que mesmo dentro do mesmo animal algumas partes do seu corpo são mais valorizadas que outras e que a justificativa para essa diferenciação é social, não tendo a ver com a demanda. O autor exemplifica como o valor social do filé ou alcatra é maior que o valor social da tripa ou da língua, mesmo a oferta dos primeiros sendo muito maior que os últimos - "há muito mais filé em uma vaca do que língua" (Sahlins, 2003, p. 243). Além disso, Sahlins avalia que este "esquema simbólico de comestibilidade" se alia com o esquema que organiza as relações de produção e diferencia, portanto, o status das pessoas pelo que elas comem. "As pessoas mais pobres compram os pesos mais baratos, mais baratos porque socialmente são pesos de carne de qualidade inferior. Mas a pobreza é, antes de tudo, codificada étnica e racialmente" (Sahlins, 2003, p. 243).

Dessa forma percebe-se como o especismo que afeta os animais não humanos afeta também os animais humanos, e mais especificamente os humanos racializados, como será discutido no subcapítulo 1.4.

Em relação à necessidade que foi criada para se consumir carne todos os dias e apenas carnes de alguns animais específicos, Nego Bispo, líder quilombola, afirma que o racismo existe também contra os outros animais não-humanos:

> As pessoas falam de racismo, mas discutem o racismo apenas dentro da espécie humana. Entretanto, a questão é muito mais ampla. Basta pensar nas variedades de peixes que tínhamos naquele tempo e em quantas temos hoje. Hoje, quando falamos em peixe, falamos em tambaqui e tilápia. Os outros peixes, que não são criados em cativeiro, não são mais considerados peixes em alguns lugares. Quando você oferece um peixe de água doce, pescado artesanalmente, as pessoas não querem. Só querem tambaqui ou tilápia, peixes que foram sintetizados. Se oferecer banana-roxa ou banana-da-terra, as pessoas não querem, só querem pacovan ou prata. As frutas vão se reduzindo a um ou dois tipos. O racismo acontece contra todas as vidas. Contra as raças de fruta, de peixes e também contra os animais silvestres, que foram diminuindo. [...] O Ibama deveria nos perguntar como fazemos para nos alimentar. Porque não comemos só carne de veado. Um dia seria veado, outro dia seria outra caça. E outro dia não haveria carne, porque não comemos carne todos os dias. Fui criado comendo carne nos finais de semana, porque tínhamos peixes, ovos e frutos. (Santos, 2023, p. 81-82)

Essa redução na diversidade alimentar mencionada por Bispo pode também ser relacionada, além do especismo, a um colonialismo do paladar. Bispo menciona ainda os animais silvestres, que por não possuírem valor para os seres humanos, muitas vezes são invisibilizados:

> Nunca vi uma campanha de captação de água para os animais silvestres na Caatinga. As ONGs não fazem campanha para arrecadar alimentos para os animais silvestres

> nos períodos de estiagem no Nordeste. Só se lembram dos seres humanos, do gado e dos animais domésticos. (Santos, 2023, p. 83)

A captação de água e arrecadação de comida, portanto, é feita para os animais domésticos devido ao valor sentimental e a quase humanidade atribuída a eles e é feita para o gado por terem maior comestibilidade - seja para alimento direto, seja para a venda para outro humano que irá comê-lo.

O antiespecismo, portanto, se coloca como um ponto-chave na escolha pela abstenção de consumo de animais por integrar uma percepção mais complexa de como a sociedade especista enxerga os animais e se organiza a partir disso. É entendido não apenas como uma compaixão ou empatia pelos outros animais não humanos, mas sim uma compreensão de que não há hierarquia entre as espécies de animais e, portanto, não compactuam com a discriminação, inferiorização e exploração destes.

Apesar disso, elencamos também outros motivos utilizados por aqueles que se abstém do consumo de animais, ou optam por sua redução. Identificamos que há certa variedade de argumentos ambientais e de saúde com algum respaldo científico e também motivações ligadas a crenças, filosofias, religiões e culturas, tanto de aspecto mais subjetivo do indivíduo, quanto sociais do contexto e do território que se está inserido.

2.2 A origem do termo x as práticas

Antes mesmo o termo veganismo existir, como já mostramos anteriormente, filosofias como o Hinduísmo e o Budismo já praticavam a abstinência de animais e Giraud (2021) também cita o Jainismo, “com escrituras datando a abstinência ética de carne e produtos animais por volta dos anos de 450.”[19] (p. 2, tradução nossa). Os autores Sexton; Garnett; Lorimer (2022) mencionam que há conexões bem documentadas do veganismo e vegetarianismo - como algumas das práticas alimentares alternativas mais antigas em um mundo centrado na carne - com programas vitorianos de reforma religiosa e o sufrágio feminino. Também conectam essas práticas com movimentos mais recentes contraculturais, anarquistas, rastafáris e também de extrema-direita.

[19] With scripture dating ethical abstinence from meat and animal products to approximately 450CE

Porém, o termo “veganismo” foi utilizado e sistematizado pela primeira vez em 1944 pela The Vegan Society, com Donald Watson, na Inglaterra. Em 2023 o conceito foi alterado, mas até então a definição da organização era:

> O veganismo é uma forma de viver que busca excluir, na medida do possível e do praticável, todas as formas de exploração e de crueldade com animais, seja para alimentação, vestuário ou qualquer outra finalidade. Dos veganos junk food aos veganos crudívoros - e todos mais entre eles - há uma versão do veganismo para todos os gostos. No entanto, uma coisa que todos nós temos em comum é uma dieta baseada em vegetais, livre de todos os alimentos de origem animal, como: carne, laticínios, ovos e mel, bem como produtos como o couro e qualquer produto testado em animais. (Vegano Periférico, 2023)

A definição do termo já é uma primeira disputa interna ao movimento visto que, para alguns, a Vegan Society foi a precursora do movimento e ao nomeá-lo, detém os direitos de defini-lo e estabelecer as condutas dos praticantes.

Mas como mencionado, há registros de pessoas que seguiam este estilo de vida sem nomeá-lo desta forma, ou chamando apenas de ‘vegetarianismo’ o que hoje se entende por ‘veganismo’. Os veganos que não reivindicam a organização inglesa como pioneira do veganismo utilizam o exemplo de diversas personalidades históricas como forma de provar que este estilo de vida é muito anterior a 1944. Alguns nomes citados para tal argumentação são os de Pitágoras (570a.C-400a.C), filósofo e matemático grego que seguia a religião orfismo e sua forma de alimentação que envolvia abstenção do consume de carne ficou inclusive conhecida como “dieta pitagórica”; Rousseau (1712-1778), importante filósofo iluminista; Kropotkin (1842-1921), geógrafo russo considerado fundador da vertente anarco-comunista; Louise Michel (1830-1905), importante anarquista francesa; José Oiticica (1882-1957), professor, filósofo e anarquista brasileiro; Maria Lacerda de Moura (1887-1945), professora, anarquista e importante feminista brasileira; e a família de Mary Shelley (1797-1851), escritora britânica autora do livro “Frankenstein” (1818), composta por: seu pai William Godwin (1756-1836), teórico inglês conhecido como representante do pensamento utilitarista e do abolicionismo penal, sua mãe Mary Wollstonecraft (1759-1797), escritora, filósofa, considerada como uma das precursoras do pensamento feminista e autora do livro “Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher” (1792) e seu esposo Percy Shelley (1792-1822), poeta inglês conhecido por disseminar o ateísmo. (IVU, 2012; Barros, 2020; ANTAR & UVF, 2021)

Além dos nomes já citados, ressalta-se também o do escritor anarquista russo Leo Tolstoy (1828–1910) que escreveu: “O homem pode viver e ser saudável sem matar animais para se alimentar; portanto, se ele come carne, ele participa do processo de tirar a vida animal apenas por causa de seu apetite. E agir assim é imoral. - Sobre a desobediência civil.” (IVU, 2023, tradução nossa)[20] E finalmente do geógrafo e anarquista francês Élisée Reclus (1830-1905) que escreveu “A propósito do vegetarianismo" publicado em “A reforma alimentar”, em 1901, não tratando apenas do consumo de alimentos de origem animal mas também analisando elementos para além da alimentação como a domesticação de animais e a caça a elefantes para obtenção de marfim. (Reclus, 2010). O autor menciona que o modo como populações tradicionais se relacionam/relacionavam com os animais se baseia mais em associações, em que estes animais são vistos não como servos, mas como companheiros, de forma fraternal. E mesmo um pastor quíchua, no planalto dos Andes que tem uma lhama de carga “nunca tentou ganhar a assistência do animal amado de outro modo além de por carinho e encorajamento [...]. Ela caminha no seu passo, nunca se deixa carregar um fardo pesado demais…” (p. 2)

Dessa forma, algumas vertentes do veganismo não têm a Vegan Society como organização referência para suas práticas e várias críticas são feitas a ela. Desde sua criação, a definição de veganismo já foi alterada algumas vezes e as disputas dentro da organização são inúmeras. A última atualização da definição do termo aconteceu em 2023:

> Veganismo é uma filosofia e modo de vida que procura excluir - tanto quanto possível e praticável - todas as formas de exploração e crueldade contra animais para alimentação, vestuário ou qualquer outro propósito; e, por extensão, promove o desenvolvimento e uso de alternativas sem origem animal em benefício dos animais, dos seres humanos e do meio ambiente. Em termos dietéticos, denota a prática de dispensar todos os produtos derivados total ou parcialmente de animais. (The Vegan Society, 2023)[21]

A definição foi sintetizada e, ao mesmo tempo ampliada, visto que inicialmente se limitava a questões animais e atualmente incluiu o meio ambiente e os seres humanos, trazendo novos debates ao movimento e principalmente retomando as críticas às vertentes que limitam seus

[20] A man can live and be healthy without killing animals for food; therefore, if he eats meat, he participates in taking animal life merely for the sake of his appetite. And to act so is immoral. - On Civil Disobedience

[21] Veganism is a philosophy and way of living which seeks to exclude—as far as is possible and practicable—all forms of exploitation of, and cruelty to, animals for food, clothing or any other purpose; and by extension, promotes the development and use of animal-free alternatives for the benefit of animals, humans and the environment. In dietary terms it denotes the practice of dispensing with all products derived wholly or partly from animals."

discursos e práticas à causa animal e negam possíveis interseções com outros movimentos - como abordaremos no próximo capítulo.

Ainda sobre a origem do veganismo, Giraud comenta

> O veganismo tem sido acusado, por exemplo, de se posicionar como o primeiro tipo de movimento cultural que buscou eliminar produtos de origem animal. Essa narrativa foi criticada por contribuir para o apagamento de outras tradições alimentares que há muito incentivam a abstenção de produtos de origem animal. Diversos comentários populares argumentam que o posicionamento de Donald Watson como "fundador" do veganismo, por exemplo, corre o risco de apagar outros contextos onde produtos de origem animal foram eliminados por razões religiosas e culturais: como o Rastafarianismo, Hinduísmo, Jainismo e Budismo,[22] (Giraud, 2021, p. 120, tradução nossa)

Este movimento de disputa pelo nome e pela fundação de um movimento parece evidenciar que muitas vezes a necessidade de dar nome a todas as coisas parece uma prática ocidental de talvez patentear para deter os direitos sobre ela. “O mundo real está repleto de contingências e particularidades, e nem sempre podem ser analisadas adequadamente usando categorias europeias.”[23] (Saito, 2022, p. 192, tradução nossa) Talvez a categoria “veganismo” seja uma delas.

2.3 Disputas e vertentes

Como percebemos, a própria história do veganismo é motivo de disputa, desde a origem do termo e a “patente” por sua definição, até as motivações para adotar este estilo de vida.

Apesar da rápida corporativização do veganismo, com um número cada vez mais alto de empresas apostando em produtos sem ingredientes de origem animais e um aumento do número de veganos, a popularização do movimento é recente, assim como os estudos nesta temática - não há dados sobre a quantidade de veganos no Brasil. Apesar disso, observamos que as tentativas de diferenciar as visões de mundo dos veganos gerou a necessidade de categorização de vertentes do movimento.

---

[22]Veganism has been accused, for instance, of positioning itself as the first type of cultural movement that has sought to eliminate animal products. This narrative has been criticized for contributing to the erasure of other food traditions that have long encouraged abstention from animal products. A number of popular commentaries argue that the positioning of Donald Watson as “founder” of veganism, for instance, runs the risk of erasing other contexts where animal products have been eliminated for religious and cultural reasons: such as Rastafarianism, Hinduism, Jainism, and Buddhism.

[23] The real world is full of contingencies and particularities, and they cannot necessarily be analysed adequately using European categories.

Rocha *et al* (2014) sistematizou algumas vertentes do veganismo relacionando importantes teóricos de cada vertente assim como suas principais características:

	Veganismo		
	Abolicionista	Pragmático/Estratégico	Interseccional/político
Principais autores	Gary Francione; Tom Regan;	David Sztybel; Henry Salt; Tobias Leenaert; Melanie Joy;	Carol Adams; Lisa Kemmerer;
Objetivo geral	Abolição de toda e qualquer forma de exploração animal		
Estratégia principal	Mais indivíduos veganos	Redução do consumo de carne e produtos de origem animal por meio de abordagens ligadas a mercado e novos produtos	União do veganismo a outras lutas sociais e abolicionistas
Principais características	1.Defesa da abolição do uso de animais como propriedade de humanos; 2. Oposição às reformas bem-estaristas por estas amenizarem e/ou justificarem as críticas à violação dos direitos mais básicos dos animais não humanos, ocasionando a regulamentação do uso de animais. 3. Defesa da concessão de direitos fundamentais de primeira ordem aos animais.	1. Ativismo vegano de mercado, conjunto de estratégias e ações de ativistas e organizações vegetarianas/veganas que se propõem a difundir o veganismo e avançar na causa dos direitos dos animais utilizando abordagens ligadas a mercado e acesso; 2. Aceitação de reformas bem-estaristas como medidas mais eficazes no curto prazo; 3. Consumidores devem boicotar produtos, e não empresas;	1. Luta pelos direitos dos animais não humanos e pela libertação dos seres humanos, em especial das minorias políticas; 2. Defesa da democratização do acesso a alimentos saudáveis, sustentáveis e socialmente justos (Soberania alimentar e Direito Humano à Alimentação Adequada); 3. Abandono do veganismo consumista, cujo foco está no mercado e em grandes corporações; 4. Veganismo popular, disseminando a alimentação, informações nutricionais e demais práticas alternativas à exploração de animais de forma mais acessível economicamente e disponível para todas as classes sociais.
Posicionamento em relação à prática de boicotes	Defesa do boicote a produtos, e não a marcas, que sejam produzidos com insumos de origem animal e testados em animais.	Defesa do boicote a produtos, e não a marcas, que sejam produzidos com insumos de origem animal e testados em animais.	Defesa do boicote a produtos, marcas e empresas que utilizem insumos de origem animal, realizem ou financiem testes em animais e que estejam envolvidas em práticas antiéticas e imorais (questões sociais, econômicas e ambientais).

Figura 1: Perspectivas ideológicas do veganismo e a prática de boicotes

Fonte: Rocha *et al.*, 2019, p.7

Os abolicionistas vêem os animais como prisioneiros de um campo de concentração e extermínio e utilizam essa nomenclatura para se diferenciar dos “bem-estaristas” que admitem a criação de animais, desde que feitas sem o sofrimento animal, tolerando produções de animais identificadas com os selos de “garantia de bem-estar animal”. Os abolicionistas foram os primeiros a denunciar que os bem-estaristas não podem ser conectados com o veganismo, uma vez que mesmo os animais tendo sido “bem tratados” durante sua vida, eles seriam mortos do mesmo jeito para satisfação das vontades humanas. Além disso, os abolicionistas se diferenciam dos demais ao não receberem com entusiasmo quaisquer reduções no consumo de

produtos de origem animal, defendendo, portanto, a libertação total dos animais de forma urgente.

> Para o escritor vegano Gary Francione (2016, np), o veganismo é "primeiramente e principalmente sobre a não violência aos outros seres sencientes". Como defensor de uma abordagem abolicionista universal, ele vê o veganismo como uma escolha que todas as pessoas "podem fazer hoje - agora mesmo - se acreditarmos que os animais importam moralmente" (ibid). Ele expressa a preocupação compartilhada dos abolicionistas veganos de que a mainstreamização do veganismo está levando à diluição e fragmentação da praxis vegana autêntica.[24] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 608, tradução nossa)

Já o veganismo de mercado, nomeado na figura 1 como "pragmático/estratégico" aposta na inserção de produtos alimentícios ultraprocessados sem ingredientes de origem animal para a difusão do veganismo. Dessa forma, entendemos que essa vertente não critica o modo de produção capitalista de alimentos, uma vez que apoia grandes corporações de alimentos em sua maioria não veganas. Um exemplo da sua estratégia são os selos veganos dados a estes produtos pertencentes a empresas como Unilever que também fabricam produtos de origem animal - e que são a maioria em seu catálogo. De acordo com essa vertente, o aumento de produtos à base de plantas nas prateleiras dos supermercados é uma estratégia para a diminuição de produtos de origem animal e aumento de adeptos ao veganismo. Além disso, defende o não alinhamento com outros movimentos sociais como o movimento feminista e o movimento antirracista, por acreditar que isso enfraqueceria a causa pela libertação animal, mesmo alguns veganos alegando que defendem as pautas dos demais movimentos. Por outro lado, veganos que buscam um maior diálogo com demais setores da sociedade também podem ser chamados de veganos interseccionais. Analisaremos melhor essa vertente no subcapítulo 3.1.3.

Percebe-se que tanto o veganismo abolicionista quanto o veganismo de mercado incentivam boicotes a produtos e não a empresas ao entender que a maior disponibilidade de produtos a base de plantas no mercado contribui para a disseminação do movimento. Dessa forma, empresas não veganas que também produzem produtos a base de plantas são vistas como aliadas mesmo que continuem produzindo alimentos de origem animal. Além disso, tais vertentes possuem um caráter mais moralista e individual ao culpabilizar os sujeitos pelas suas

[24]For vegan writer Gary Francione (2016, np), veganism is 'first and foremost about nonviolence to other sentient beings'. As an advocate for a universal abolitionist approach, he sees veganism as a choice that all persons'can make today – right now – if we believe that animals matter morally' (ibid). He expresses the shared concern of vegan abolitionists that the mainstreaming of veganism is leading to the dilution and splintering of authentic vegan praxis.

escolhas alimentares em detrimento de criticar o modo de produção de alimentos e as grandes corporações que fomentam sistemas agroalimentares insustentáveis do ponto de vista ambiental e social. Por serem moralistas, seus argumentos para o fim do especismo se tornam frágeis, visto que a moral, como uma construção cultural, pode variar no tempo e na sociedade em que foi constituída.

Por outro lado, o veganismo interseccional/político, ao se associar com outras lutas sociais, não promove somente o boicote a produtos de origem animal, mas também a empresas que sejam ambientalmente insustentáveis e socialmente injustas. Sua luta está pautada na libertação de todos os animais, humanos e não humanos, e sendo assim, seu método se baseia na democratização de alimentação adequada e saudável, assim como na soberania alimentar.

Ao compreender que a causa das explorações de todos os animais é estrutural, as críticas recaem menos nas escolhas alimentares individuais, sendo, portanto, menos moralista que as demais vertentes. A prescrição generalizada de uma prática vegana "pura" é criticada ao defender uma visão mais democrática, ao contrário de um posicionamento rigoroso. Os autores Sexton, Garnett, Lorimer (2022) retomam pesquisas que mostram a diversidade dentro do movimento vegano assim como as diferentes motivações para a adoção deste modo de vida, desde preocupações ambientais até "outros que destacam as relações de poder dentro da práxis vegana mainstream que intersectam classe, raça e gênero"[25] (p. 608, tradução nossa)

Dessa forma, há a defesa de populações tradicionais vulneráveis que ainda consomem produtos de origem animal (e que talvez nem tenham interesse em parar com este consumo) como ribeirinhos, indígenas, adeptos de religiões de matriz africana, entre outros.

O Movimento Afro Vegano (MAV), por exemplo, se posicionou frente à decisão do Recurso Extraordinário do STF (RE) 494601, sobre pleito do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, que considera legal o sacrifício de animais. O órgão recorreu contra a decisão legislativa do Estado que criou uma lei que evita a condenação de praticantes dos cultos por maus tratos. Essa lei surgiu por entender-se que, apesar de a morte de animais ser usada em vários contextos religiosos, apenas a religião de matriz afro-brasileira costuma ser condenada moralmente por fazê-lo. Como veganos, o MAV se coloca como contrário a qualquer forma de

[25] others who spotlight the power relations within mainstreamed vegan praxis that intersect class, race and gender

exploração animal, porém como também ativistas do movimento negro compreendem que as religiões de matriz afro-brasileira sempre foram alvo de violência e perseguição. Dessa forma, entendem como racistas e elitistas as vertentes do veganismo que baseiam apenas no especismo para criticar e condenar apenas as formas de exploração animal de religiões de matriz africana.

> Por isso, não é difícil entender que qualquer movimentação contra os sacrifícios somente para essas religiões tem, sim, um intuito racista e elitista. No que o sacrifício em um terreiro de candomblé é diferente do abate de milhões de animais para uma celebração do Natal, por exemplo? Porque não há a condenação pública de ativistas veganos contra o abate kosher, que mata "segundo os preceitos" da religião judaica, mas mata da mesma forma? Há quem diga que o sacrifício "segundo os preceitos" afro-brasileiros é violento. Trata-se de um grande engano; o sacrifício segue ritos determinados, não é perversão ou maldade para quem o pratica, como em qualquer outra religião. Acredita-se nessa violência de forma cega porque tudo que vem do negro é violência, irracionalidade. Mais uma prova do racismo que enfrentamos até hoje. (Movimento Afro Vegano, 2020, p. 110)

O veganismo interseccional/político brasileiro faz algumas críticas aos autores estrangeiros citados na Figura 1 como "veganos interseccionais" principalmente por entender a necessidade de um veganismo também decolonial e que necessita compreender as particularidades de cada território para formular suas teses, o que não ocorre necessariamente com todos os veganos interseccionais.

De toda forma, as críticas dos veganos interseccionais à limitação das outras vertentes ao pensar apenas o consumo e no especismo contra animais não humanos se baseiam em diferentes fontes e correntes de pensamento. "Baseando-se em teorias ecofeministas e anarquistas, acadêmicos veganos críticos têm desafiado o privilégio ligado às perspectivas abolicionistas universais."[26](Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 608, tradução nossa)

O ecofeminismo é uma teoria crítica, uma filosofia e uma interpretação de mundo para sua transformação, a qual pretende combater o patriarcado e a exploração da natureza, entendendo que ambas as opressões possuem raiz comum. Salleh (1992) afirma que algumas ecofeministas chegam a essa tese "partindo do anarco-comunismo ou do feminismo socialista, por exemplo, mas a maioria das mulheres ativistas, mães ou avós, chegam a essa conclusão sem ajuda de nenhuma teoria." (p. 90) Ou seja, o cotidiano e a reprodução social da vida já escancaram para as mulheres a necessidade de repensar a relação de dominação que se exerce sobre a natureza

[26]Yet the quest for an authentic vegan ethics based on the single issue of animal rights or animal welfare has been questioned in recent work in vegan studies. Drawing on ecofeminist and anarchist theories, critical vegan scholars have challenged the privilege bound up in universal abolitionist perspectives.

da mesma forma que desejam romper com a dominação dos homens sobre elas. Neste momento, pode-se afirmar também que as ecofeministas tendem a enxergar melhor o ser humano como parte da natureza. A autora diz ainda que: "as ecofeministas estão principalmente interessadas em mostrar o resultado estrutural da valorização social assimétrica do gênero: «masculino-razão-luz-ordem-cultura» versus «feminino-emoção-escuridão-caos-natureza»."

Adicionando o olhar sobre a exploração animal,

> A sufragista e depois socialista francesa Charlotte Despard, nascida em 1844, já defendia o vegetarianismo como parte de seu pacifismo diante de guerras nacionais e imperialismo, conectando a dominação animal com a humana. Ou seja, o vegetarianismo não era apenas um tipo de alimentação e estilo de vida, mas já fazia parte de uma discussão de análise de mudança estrutural, mesmo que não sistematizada. Pelo o que tudo indica, a mesma não tinha hábitos de usar nada animal – mesmo antes do termo vegano. O que fez, para autora Carol Adams, ser o feminismo a linha de frente do vegetarianismo e do veganismo, já que em sua análise, e que essa tradição já apontava, a cultura patriarcal foi construída em relação com o ato de consumir animais diariamente, como também mostram como nos escritos de Françoise d'Eaubonne, Vandana Shiva, Susan Mann e outras. (Antar, 2021, p.6)

O livro Política Sexual da Carne, escrito por Carol J. Adams (2012), é considerado um dos livros básicos para entender o veganismo feminista. Adams se torna vegetariana ainda quando criança/adolescente e, quando adulta, já feminista, ao trabalhar com mulheres que sofreram violência doméstica, começa a fazer conexões sobre os temas, sendo a principal delas o "referente ausente" - que será melhor explicado a seguir. Na obra, Adams retoma diversos hábitos alimentares ao longo da história que relacionavam a carne aos homens e os vegetais às mulheres, sendo os dois últimos grupos de forma totalmente depreciativa. "O consumo de carne constituiu no Ocidente um modelo de virilidade, associado não só à caça como atributo tipicamente masculino, mas também a uma noção de que o homem necessita alimentos adequados a sua função guerreira e belicosa." (Carneiro, 2003, p. 57)

Até hoje o consumo de carne é visto como um indicador da virilidade na sociedade o que reflete inclusive em livros de culinária que frequentemente indicam "chá para o dia das mães" e "churrasco para o dia dos pais" (ou demais presentes indicados pelas marcas de dia das mães em comparação com os presentes indicados para o dia dos pais). A autora menciona o primeiro levantamento nacional de alimentação inglês, de 1863, que conclui que "nas famílias mais pobres, a esposa é provavelmente a pessoa mais mal alimentada de todo o grupo [...] e que a principal diferença entre a dieta masculina e feminina é a quantidade de carne consumida."

(p.62) É perceptível a enorme diferença entre a quantidade de mulheres e homens dentro do movimento vegano, sendo o primeiro grupo a maioria absoluta. Em sua tese, Ueta (2021) entrevistou jovens do Brasil e da China para compreender quais grupos estariam mais dispostos a mudanças no consumo e a mudanças de comportamento. Em relação ao gênero, a pesquisadora chegou à conclusão que em ambos os países as jovens do gênero feminino estariam mais dispostas, o que corrobora com outras pesquisas que relacionam gênero com preocupações ambientais e a própria presença majoritária de mulheres no movimento vegano.

Além disso, muitos veganos homens mencionam que, de alguma forma, sua sexualidade já foi questionada por essa escolha de vida. A carne está tão relacionada ao papel do homem, que o churrasco é o único alimento socialmente aceito que o homem pode cozinhar - o preparo das outras refeições é visto como papel da mulher. Porém, ainda assim, há maior visibilidade a comunicadores veganos homens do que mulheres, o que demonstra que o movimento não está alheio ao machismo da sociedade.

Carol Adams também se baseia no estudo da linguagem para debater sobre o tema:

> As palavras em inglês ‘men’ [homens] e ‘meat’ [carne] sofreram uma redução lexicográfica. Sendo a princípio termos genéricos, hoje elas se associam intimamente aos seus referentes específicos. ‘Meat’ já não significa todos os alimentos; a palavra ‘man’ [homem] já não inclui ‘women’ [mulheres]. ‘Meat’ representa ‘a essência ou a parte principal de algo’, de acordo com o American Heritage Dictionary. Assim, temos the ‘meat of the matter’ [a essência da coisa], ‘a meaty question’ [uma questão substancial]. ‘Vegetable’ [vegetal], por outro lado, representa as características menos desejáveis: que parece um vegetal, que leva uma existência pacífica ou apática, monótona, inativa. (Adams, 2012, p.72)

Assim como na língua inglesa, “vegetar é ter uma existência passiva; do mesmo modo que ser feminino é ter uma existência passiva”, ou pelo menos espera-se que seja assim. Hegel, em “A Filosofia do Direito” (1820), também faz esta comparação machista ao dizer que “a diferença entre homens e as mulheres é como a que existe entre os animais e as plantas. Os homens correspondem aos animais, ao passo que as mulheres correspondem às plantas porque seu desenvolvimento é mais plácido.” (p.73) Adams, dessa forma mostra como a carne é um símbolo do patriarcado e segundo ela, “retirar a carne da refeição é ameaçar a estrutura da cultura patriarcal mais ampla".

O conceito de referente ausente, central na obra da autora, diz respeito à essência do animal - ou da mulher - que é retirada para que a violência aconteça. “Os animais tornam-se ausentes

por meio da linguagem que renomeia corpos mortos antes de os consumidores finais os comerem". Ou seja, segundo Adams, a própria palavra "carne" tem um referente ausente: os animais mortos. E para além disso, chamar filhotes de "bezerro", "novilho", "baby beef" reforça seu referente ausente.

Para dialogar com este conceito, trazemos mais uma vez Carneiro (2003) que demonstra como o referente nos animais foi se tornando ausente ao longo dos séculos

> A forma de apresentação dos animais para serem comidos, até o século XVI, era inteiriça, mas disfarçou-se, entretanto, na época moderna, quando o aspecto corpóreo da comida passou a ser escondido, picado em meio a molhos espessos. Da omofagia (comer carne crua) até a preparação cuidadosa no fogo definiu-se um trajeto que foi o mesmo da fundação da cultura. A subsistência nos rituais de sacrifício da omofagia expressaria a recorrência de um modo arcaico de consumo da carne. (Carneiro, 2003, p. 54)

Destacamos que neste trecho, o termo "arcaico" foi utilizado de forma pejorativa - sinalização necessária, pois ao longo do trabalho esboçamos uma visão diferente sob este aspecto.

Também vemos semelhança na conceituação do referente ausente com o que relata Nego Bispo quando compara o processo de adestramento dos corpos dos animais não humanos com o adestramento dos humanos realizado pela colonização.

> Quando completei dez anos, comecei a adestrar bois. Foi assim que aprendi que adestrar e colonizar são a mesma coisa. Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por *desterritorializar* o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e *colocando-lhe outro nome*. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta." (Santos, 2023, p. 11-12, grifo nosso)

Já em relação às mulheres, desde a objetificação de seus corpos da forma mais sutil até a violência sexual em si, a essência de *ser humano* e de *mulher* é retirada delas e então a coisificação daquele corpo é concretizada, por exemplo, quando mulheres se sentem como um "pedaço de carne" ou são chamadas de "filé" - no livro há uma foto de uma campanha de uma edição da Playboy brasileira a qual está escrito na capa "a saborosa mulher filé" e as revistas foram colocadas à venda juntamente com carnes em um expositor de açougue. No Brasil há ainda os xingamentos "vaca", "piranha" e "galinha", e embora este último também possa ser destinado a homens, é visto de forma pior quando destinado às mulheres. Sobre a violência sexual, Carol teoriza sobre o ciclo de objetualização, fragmentação e consumo:

> Além disso, o próprio equipamento pornográfico usado para a sujeição - correntes, espetos de gado, laço, coleiras de cachorro e corda - evoca o controle sobre os animais. Assim, quando as mulheres são vítimas de violência, o tratamento dado ao gado é lembrado. [...] Embora chegue a acontecer literalmente de um homem comer mulheres, todos consumimos imagens de mulheres o tempo todo. O consumo é a efetivação da opressão, a aniquilação da vontade, da identidade separada. [...] Para justificar o consumo de carne nos referimos ao desejo de morrer sentido pelos animais, que desejam se tornar carne [...] e uma das mitologias de uma cultura estupradora é que as mulheres não só pedem o estupro, como também gostam dele; que elas estão sempre procurando a faca do açougueiro. (Adams, 2012, p. 96)

Os exemplos que comparam o corpo da mulher com animais são inúmeros, incluindo propagandas veiculadas até os dias atuais.

> Quando lhes perguntam sobre suas fantasias sexuais, muitos homens falam em 'cenas pornográficas de partes soltas do corpo, sem rosto, impessoais: seios, pernas, vaginas, bundas'. A carne, para o consumidor típico, foi reduzida a exatamente isto: partes do corpo sem rosto, seios, pernas, úberes e bundas. Frank Perdue brinca com imagens de retalhamento sexual num cartaz que incentiva o consumo de frango: 'Você é tarado por peitos ou por coxas?' (Adams, 2012, p.101)

No final do livro, a autora expõe diferentes fotografias de propagandas, outdoors, folhetos, capas de revista, cartaz, vitrines, etc., que comparam o corpo da mulher com algum produto de origem animal ou de alguma outra forma, que escancaram a política sexual da carne. Dessa forma, percebe-se o quão violenta é a comparação feita entre mulheres e animais não humanos e, portanto, o quão violento é o tratamento a elas na sociedade patriarcal e especista.

Adams também categoriza quatro tipos de grupos: humanos humanizados, humanos animalizados, animais humanizados e animais animalizados, para demonstrar as formas desiguais como os seres são tratados. No primeiro grupo estaria a classe dominante (homens brancos héteros cisgênero europeus), e a medida que o ser se afasta dessas características mais animalizado seria. Os animais humanizados, por outro lado, seriam os animais domésticos e os animalizados, portanto, os que são mais explorados. Essa comparação também será melhor analisada na próxima seção deste trabalho.

Ainda sobre a linguagem, Adams conclui que ela é uma das formas de opressão aos animais à medida que transfere a culpa, distancia e oculta ainda mais o referente ausente, e assim sua estrutura prevalece. O atual estágio de consumo de animais, a pecuária industrial, é quando o referente ausente está ainda mais distante, onde estamos mais afastados do animal vivo. Voltar

esses passos é necessário em todo o processo da alimentação (e não somente, mas todo processo produtivo de qualquer mercadoria), porém a necessidade de resgatar o referente da carne especificamente é diferenciado tendo em vista que eram vidas, que depois foram mortas e depois desmembradas para virar o bife no prato. O consumo hoje só consegue ser tão natural e na intensidade, velocidade e volume que é, pois, a pecuária e o capitalismo conseguiram fazer muito bem essa desconexão.

Os recém-veganos, por outro lado, têm o referente muito presente a todo momento, o que reflete inclusive em alguns tendo dificuldade em se alimentar ao lado de pessoas não veganas, o que pode ser considerado deselegante ou "radical demais" para os não veganos. (Oliver, 2023). No livro de Adams é abordado que é um erro estratégico do movimento apontar o referente para pessoas não vegetarianas/veganas no momento da refeição. Tal apontamento deveria ser feito antes ou depois deste momento, pois, ali o ato já está feito e indicar a violência materializada só traria consequências negativas levando o sujeito não vegano a defensiva e muitas vezes não se vendo responsável por aquilo, visto que o animal já está morto e não tem o que fazer, não há como voltar atrás.

A descoberta do referente ausente também pode ser associada ao que Oliver (2023) demonstra em seu texto "Vegan world-making in meat-centric society: the embodied geographies of veganism" como a descoberta da "verdade".

> Nas entrevistas, as narrativas da "verdade" enquadraram essas discussões sobre se tornar vegano. Por exemplo, os entrevistados contaram com nojo sua reação poderosa e visceral ao aprender sobre a violência (ou o que muitas vezes era referido como 'a verdade') de comer animais e sua cumplicidade nessa violência.[27] (Oliver, 2023, p. 835, tradução nossa)

Sobre os animais não humanos fêmeas, Adams utiliza o termo "proteína feminilizada" para se referir a proteína produzida por um corpo de um animal fêmea, ou seja, leite e ovos. A partir do momento que sua produtividade cessa, ou seja, sua capacidade de reprodução, elas são mortas e se tornam proteínas animalizadas (carne).

> A produção de leite sendo extremamente cruel, é baseada na exploração contínua do sistema reprodutor feminino, ocorrendo através do processo de inseminação artificial,

[27]In the interviews, 'truth' narratives framed these discussions about becoming vegan. For example, interviewees recounted in disgust their powerful and visceral reaction at learning the violence (or what was often referred to as 'the truth') of eating animals, and their complicity in this violence.

> em curto espaço de tempo. No caso da vaca, logo após o nascimento do bezerro, ocorre a separação da mãe, para que não haja amamentação e caso o bezerro seja macho, sua carne pode ser comercializada como 'baby beef' ou carne de vitela como é conhecido no Brasil, mas se for fêmea, o seu destino será semelhante ao da sua mãe, ser inseminada diversas vezes, para que ocorra a reprodução e obtenção de leite, até que a vaca atinja sua exaustão e seja enviada para o abatedouro. (Antar, 2021, p. 44-45)

Em "Mulheres, raça e classe" (2016), Angela Davis também faz a comparação de mulheres e animais não humanos quando diz que

> Uma vez que as escravas eram classificadas como 'reprodutoras', e não como 'mães', suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe, como bezerros separados das vacas. Um ano após a interrupção do tráfico de populações africanas, um tribunal da Carolina do Sul decidiu que as escravas não tinham nenhum direito legal sobre suas filhas e filhos. Assim, de acordo com essa medida, as crianças poderiam ser vendidas e separadas das mães em qualquer idade, porque 'crianças escravas [...] estão no mesmo nível de outros animais' (Davis, 2016, p.26)

Analisando a citação de Davis, se faz necessário entender a diferença entre as opressões sofridas pelas mulheres, uma vez que Adams não havia feito qualquer distinção de classe - e muito menos rompe com o capitalismo - e Davis por sua vez coloca a pauta de classe e raça no centro do debate:

> A exaltação ideológica da maternidade – tão popular no século XIX – não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram 'reprodutoras' – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar. (Davis, 2016, p. 25 -26)

Ao mencionar a situação das mulheres negras escravizadas em comparação com as mulheres brancas e com os homens negros escravizados, Davis pontua:

> Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (Davis, 2016, p. 25)

Na mesma obra, a autora discorre sobre o momento em que movimento feminista foi colocado em oposição ao movimento antirracista norte-americano o que demonstra o esforço para separar os movimentos com a finalidade de também enfraquecê-los, como pode ser visto da

mesma forma com a tentativa de despolitizar o movimento vegano desassociando-o de outros movimentos sociais.

O podcast Outras Mamas é composto por duas mulheres feministas veganas que sentiram a necessidade de falar sobre o tema após ler A Política Sexual da Carne. Atualmente seus episódios extrapolam o livro, o qual já teceram algumas críticas inclusive, mas continuam se baseando nas reflexões acerca das intersecções das lutas. Em entrevista para este trabalho, elas comentaram:

> Sempre via (em grupos de facebook) pessoas indicando A Política Sexual da Carne para quando veganos homens eram machistas ou quando haviam questionamentos de que porque há mais mulheres do que homens veganos. E aí fui ler o livro. Ao mesmo tempo que lia A Política Sexual da Carne, também estava lendo receitas e Peter Singer. E aí o livro juntou várias pontas soltas (mesmo que em pouco tempo de questionamentos), várias angústias e aí até quando alguém a questionava: 'Mas por quê? Precisa de tanto? Não dá só para reduzir? [o consumo animal] Por que não come só peixe? Como isso se conecta com suas outras lutas?' E aí o livro nas primeiras páginas ou até na orelha já responde isso. [...] A realidade da Carol como norte americana e mesmo na época dos anos 70, os conceitos e exemplos estavam muito conectados com nossas vivências. E me mudou tanto, mudou minha vida porque a partir dali eu decidi que queria falar sobre o livro com as pessoas e aí que veio a ideia do podcast. [...] O podcast [nos] proporciona uma formação política constante tanto para o feminismo, quanto para o veganismo e até outros assuntos, pois têm convidados diversos. Inclusive nosso discurso já mudou bastante desde o começo até agora, tanto que nem escutamos os primeiros episódios. [...] Vendo o movimento norte americano e europeu é bem mais liberal mesmo, mais individualista muitas vezes. Tem discussões sobre o machismo e as pessoas que leram a Política Sexual da Carne, mas em termos de política e de associação com outros movimentos sociais a gente tá bem mais na frente do que eles." (Outras Mamas, 2021)

Interessante observar a diferença que elas colocam com o movimento vegano do Norte Global que, mesmo buscando intersecções, ainda parece ser mais individualista. Dessa forma, a interseccionalidade precisa aliar as questões de gênero e raça com as noções de classe.

Os autores Sexton; Garnett; Lorimer (2022) citam uma série de estudos geográficos sobre a política cultural da comida, raça, classe e gênero que fornecem recursos valiosos para aprofundar a análise da autenticidade e interseccionalidade nos estudos veganos já em curso.

> Por exemplo, relatos sugerem um aumento significativo na redução e abstenção de carne entre comunidades não brancas nos EUA nos últimos anos (McCarthy e Dekoster, 2020). Uma gama crescente de empreendimentos sem fins lucrativos e com fins lucrativos, movimentos digitais (#blackvegan) e eventos culturais (por exemplo, Black VegFest) surgiram para apoiar e celebrar o veganismo dentro das comunidades negras tanto no Reino Unido quanto nos EUA, que defende alimentos à base de

> plantas acessíveis, acessíveis e ricos em nutrientes.[28] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 614, tradução nossa)

A necessidade da luta pela soberania alimentar que o veganismo antirracista aponta denuncia que a população racializada é a primeira a sofrer os impactos negativos pelas degradações ambientais por serem historicamente marginalizadas.

A justiça ambiental é um conceito que faz referência a como as consequências da degradação ambiental impactam negativamente os grupos sociais de forma diferente e inclusive a forma como ocorre a transferência das indústrias mais poluentes aos países periféricos. Neste sentido, com o agravamento cada vez maior da crise ambiental, é muito comum perceber discursos neomalthusianos e até mesmo ecofascistas apontando frases como "o maior problema é o ser humano" e que com a pandemia do COVID-19 se transformou em "o homem que é o vírus do mundo".

A partir disso, surgiu também o conceito de racismo ambiental que segundo o militante do movimento negro Benjamim Chavis, é a

> discriminação racial nas políticas ambientais. É discriminação racial na escolha deliberada de comunidades de cor para depositar rejeitos tóxicos e instalar indústrias poluidoras. É discriminação racial no sancionar oficialmente a presença de venenos e poluentes que ameaçam as vidas nas comunidades de cor. E discriminação racial é excluir as pessoas de cor, historicamente, dos principais grupos ambientalistas, dos comitês de decisão, das comissões e das instâncias regulamentadoras. (Racismo ambiental, 2017)

Deste modo, a construção de um veganismo que seja também antirracista é pauta comum do veganismo interseccional e no Brasil se destaca o Movimento Afro Vegano (MAV). O site do MAV possui um texto intitulado "veganismo é coisa de preto?" (2019) que discorre sobre tais questões e em certo momento comenta uma frase frequentemente ouvida por veganos negros: "Que é isso? Negro tem que gostar de churrasco, feijoada. Alface e ativismo animal é coisa de branco." Que pode demonstrar desconhecimento sobre a causa ou a própria influência da mídia ao mostrar um veganismo excludente e racista.

---

[28] For example, reports suggest a notable rise in meat reduction and abstention amongst non-white communities in the US over recent years (McCarthy and Dekoster, 2020). A growing range of non-profit and for-profit ventures, digital movements (#blackvegan) and cultural events (e.g. Black VegFest) have emerged to support and celebrate veganism within black communities in both the UK and US that champions affordable, accessible and nutritionally-rich plant-based foods.

Além disso, um dos maiores embates dentro do veganismo sobre a questão racial se dá em torno principalmente do sacrifício animal em religiões de matriz africana, que foi considerada constitucional em decisão do Supremo Tribunal Federal - STF em março de 2019. (G1, 2019) Os veganos que defendem a criminalização do sacrifício animal muitas vezes argumentam inclusive comparando tal situação com a opressão aos negros durante a escravidão. “Além de desonesto, equiparar situações díspares, em uma tentativa de causar comoção, demonstra o perigo do esvaziamento político no debate sobre a exploração animal, que impossibilita enxergar a estrutura que modela a formação nacional.” (Revista Clio Operária, 2020)

Por outro lado, os veganos que condenam a criminalização não concordam com tal prática por entenderem este julgamento como arbitrário - uma vez que o peru de Natal e o bacalhau da Semana Santa são sacrifícios animais feitos pela religião católica e que abrangem um número infinitamente maior de pessoas, fazendo parte da cultura hegemônica - além de entenderem também que tal argumento é usado como desculpa apenas para reforçar o racismo através do encarceramento de pessoas negras, não há qualquer preocupação real por parte de quem cria a lei para proteger os animais. Ser contra a criminalização do sacrifício de animais e rituais religiosos não significa ser a favor do sacrifício de animais e tal pensamento é fundamental tanto refletir sobre os efeitos práticos em aprovar este tipo de lei quanto refletir sobre a régua utilizada para criminalizar apenas este tipo de crueldade animal.

> Em seu voto, Moraes disse que a questão foi colocada de maneira ‘preconceituosa’ pelo Ministério Público estadual, autor da ação, e pelos amigos da Corte, instituições que participaram das discussões no Supremo [STF]. Moraes afirmou que houve confusão de rituais religiosos de sacrifício com práticas de magia negra, nos quais os animais seriam maltratados. ‘O ritual não pratica crueldade. Não pratica maus tratos. Várias fotos, argumentos citados por alguns *amici curie* (amigos da Corte), com fotos de animais mortos e jogados em estradas e viadutos, não têm nenhuma relação com o Candomblé e demais religiões de matriz africana. Houve uma confusão, comparando eventos que se denomina popularmente de magia negra com religiões tradicionais no Brasil de matriz africana’, afirmou o ministro. De acordo com Moraes, essa interpretação ‘preconceituosa’ da prática estava levando à interdição de terreiros de Candomblé por autoridades administrativas e sanitárias. O ministro afirmou ainda que impedir a prática seria ‘manifestar claramente a interferência na liberdade religiosa’. (G1, 2019)

Portanto, utilizar este discurso e ainda contar com o apoio de ativistas pelo direito dos animais é apenas mais uma forma de criminalizar a religião, legalizar o preconceito, a opressão e a violência. O site Filhos do Candomblé escreveu um texto intitulado “Os veganos no Candomblé” (2019) que reflete sobre o tema e ainda entrevista alguns veganos que seguem a religião, mostrando as conexões possíveis entre as filosofias.

Ainda seguindo a mesma lógica, a Lei Federal nº 14.064/2020, conhecida como Lei Sansão, também dividiu opiniões dentro do movimento, uma vez que prevê reclusão de 2 a 5 anos de pena para crime de maus tratos aos animais quando se tratar de cães e gatos. De um lado, veganos liberais comemoraram a lei, porém de outro lado além de veganos questionarem o especismo dentro da própria lei (ao mencionar maus tratos apenas contra cães e gatos), afirma mais uma vez que tal criminalização teria como objetivo apenas aumentar o encarceramento de pessoas mais pobres e negras - não porque este grupo maltrata os animais, mas porque a lei poderia ser facilmente utilizada de forma arbitrária.

Após o assassinato de George Floyd por um policial nos Estados Unidos, diversos protestos contra o racismo e a brutalidade policial aconteceram no país e o movimento ficou conhecido como "black lives matter" (vidas negras importam). Em um destes protestos um manifestante carregava uma cabeça de porco - é comum que chamem policiais nos Estados Unidos de porcos de forma pejorativa - o que foi bastante simbólico, visto que representa muito para quem sofre abuso policial há décadas. Porém, inúmeros veganos criticaram a atitude, sugerindo inclusive que o militante deveria ter levado um capacete policial, por exemplo, ao invés da cabeça do porco, como demonstra o trecho abaixo:

> O alvo (e vítima) ali, contudo, foi o animal não humano e não o policial ou a polícia. O simbolismo daquela imagem, apesar de forte e mexer com os sentimentos de qualquer um que a veja, não arranhou a imagem das forças do Estado. Não fez nem cócegas nas autoridades que, no máximo, podem ter sentido que se tratava de mais uma provocação apenas, se é que viram algo naquele instante do protesto. [...] Essa reação especista presente no protesto em Minneapolis não muda a condição da polícia e, a certos olhares, pode até atenuá-la… São atos humanos, contra os humanos, que regem as ações violentas da polícia em reação a ação dos manifestantes: seja pelas vias concretas do protesto, seja pela via do discurso. (Saber Animal, 2020)

Usar tal imagem para fazer comentários sobre especismo é apagar e silenciar (novamente) a morte de George Floyd. Da mesma forma que dizer "all lives matter" (todas as vidas importam) para criticar a morte de um porco em oposição ao movimento "black lives matter" para criticar a violência policial e ali especificamente o assassinato de Floyd é apenas racismo em sua forma mais dissimulada.

Em entrevista para este trabalho, uma militante que faz parte do coletivo mineiro Veganismo Político e anteriormente fazia parte de um coletivo de veganismo abolicionista relatou um caso sobre a questão racial:

> Na verdade, eu li um texto pra uma aula na faculdade, aula de relações etnico-raciais e cultura afrobrasileira, chama 'Memórias da plantação' da pensadora Grada Kilomba, e tem um capítulo que fala sobre a máscara que era usada nas torturas com escravizados e tipo assim, o texto é muito forte né. E fala disso, das questões de como você superar o racismo, de como uma pessoa na posição de opressão ouvir e aceitar que ela está sendo responsabilizada e o processo emocional que ela passa e ela vai falando de várias questões que eram feitas com escravizados e eu fui, acho que isso é meio natural pra mim, eu fui traçando interseções das coisas, e pensando: nossa isso é muito parecido com o que rola lá no machismo, no especismo, objetificação de corpo, onde que começa isso, enfim fui fazendo isso com minha cabeça e fui vendo muitas relações com a lógica especista, a visão sobre o corpo do outro, o ser animalizado, seja ele um animal humano ou não humano, estar nessa condição de animalizado. E aí eu fiquei nessa: 'meu deus isso é tão incrível, vou compartilhar o que eu aprendi com a galera, vou compartilhar o texto lá, a gente lê o texto e depois conversa sobre essa relação racismo e especismo'. Só que aí ninguém quis ler e já queriam entrar no debate sem ler e eu fiquei muito, sei lá minhas emoções ficaram muito bagunçadas com isso que rolou e eu tentei depois outras vezes abordar esse assunto, tentei causar mais essa sensação de união entre as partes do grupo, mas como alguém me falou no grupo: 'o grupo já é assim, você não vai conseguir mudar o grupo, só desiste' e aí eu falei: 'então vou ter que desistir'. E aí essa situação de ter falado no grupo sobre racismo e esse veganismo branco acabou ironicamente com minha amiga que é negra sendo linchada pra fora do grupo e depois que ela saiu as pessoas tiveram a cara de pau de falar mal dela comigo ainda no grupo então achei bem representativo das ideias do grupo essa situação." (Julia[29], 2021)

O relato da entrevistada demonstra a despolitização que está presente em diversos setores da sociedade e reflete, portanto, dentro do movimento vegano também. Não é objetivo do trabalho apontar arbitrariamente possíveis defeitos de grupos x ou y, mas analisar as divergências internas do veganismo como recorte de conflitos que se fazem presentes na escala maior da sociedade. Dito isso, segue um trecho de entrevista dada para este trabalho de um ativista que faz parte do mesmo coletivo abolicionista citado pela Júlia:

> Em alguns casos tem muito sentido misturar tipo as experiências de mulheres brancas para mulheres negras é totalmente diferente, tipo mulheres brancas sofrem machismo, já mulheres negras sofrem machismo e racismo, então aí entra a interseccionalidade. Uma mulher negra além de sofrer por ser mulher também sofre por ser negra, agora a mulher branca só sofre por ser mulher, nesse sentido, então a interseccionalidade tem que separar bem a forma como cada indivíduo sofre de maneira sistêmica do outro, então tem sentido misturar a causa negra à causa das mulheres porque existem mulheres negras. Agora quando o povo mistura veganismo com o movimento negro por exemplo, eu já não sou a favor pq uma pessoa jamais poderia sentir o que um animal sente, uma pessoa não sofre especismo. Uma pessoa jamais vai entender o que a vaca sofre, então o veganismo tem que ser pelos animais, apenas por eles." (Marcelo[30], 2021)

[29]Nome fictício para preservar a identidade da entrevistada.
[30] Nome fictício para preservar a identidade do entrevistado.

Importante registrar que o entrevistado é negro e milita também na causa antirracista, apenas não acredita que as pautas devem convergir. Porém, em contraste com este relato, como já demonstrado anteriormente, é possível identificar algumas convergências entre as opressões tendo em vista que dentro da espécie humana grupos sociais são vistos e tratados de formas diferentes assim como os animais, ou seja, o especismo também afeta os animais humanos.

Além disso, algumas autoras ao pontuar sobre a animalização de alguns sujeitos retiram sua humanidade, o que também pode ser identificado como especismo e tal debate não ocorre em espaços do veganismo de mercado, chamado por elas também como veganismo branco.

> Linguagem racista e violência são, como explora Polish (2016, p. 373) no contexto da branquitude vegana, 'desumanizantes' de maneiras que 'posicionam as pessoas racializadas como menos que humanas: como "animais"', o que está especificamente enraizado na anti-negritude (Jackson, 2020). Para Ko e Ko, o '"animal" é uma categoria na qual colocamos certos corpos quando queremos justificar violência contra eles, por isso a libertação animal deve preocupar a todos que são minorizados, porque a qualquer momento você pode se tornar um "animal" e ser considerado descartável' (Ko & Ko, 2017, p. 212). Essa retórica está ligada ao veganismo e à supremacia branca, mas também, para Ko e Ko, a deturpações da intenção radical do veganismo.[31] (Oliver, 2023, p. 843, tradução nossa)

Além disso, há críticas que se referem a quais corpos ocupam os espaços intelectuais e espaços midiáticos do veganismo, que acabam por invisibilizar as questões alimentares dos sujeitos racializados assim como suas elaborações filosóficas.

> Por exemplo, críticos da estética e política brancas do veganismo mainstream advogam pela "consciência racial" (Harper, 2012) e abordagens mais interseccionais para os estudos veganos para corrigir a exclusão das vozes sub-representadas - especialmente pessoas racializadas - das tradições intelectuais do veganismo (Harper, 2010). Eles visam empurrar os limites do que parece ser uma prática vegana autêntica para legitimar modelos mais pluralistas de alimentação vegana.[32] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 609, tradução nossa)

---

[31]Racist language and violence are, as Polish (2016, p. 373) explores in the context of vegan whiteness, 'dehumanizing' in ways that 'position people of color (POC) [sic] as less than human: as "animal",' which is specifically rooted in anti-blackness (Jackson, 2020). For Ko and Ko, the '"animal" is a category that we shove certain bodies into when we want to justify violence against them, which is why animal liberation should concern all who are minoritized, because at any moment you can become an "animal" and be considered disposable' (Ko & Ko, 2017, p. 212). This rhetoric is bound up in veganism and white supremacy, but also for Ko and Ko in mischaracterizations of veganism's radical intent.

[32]For example, critics of the white aesthetics and politics of mainstream veganism advocate for 'race consciousness' (Harper, 2012) and more intersectional approaches to vegan scholarship to redress the erasure of underrepresented voices – particularly people of colour – from the intellectual traditions of veganism (Harper 2010). They aim to push at the boundaries of what authentic vegan practice looks like in order to legitimise more pluralistic models of vegan eating.

Dessa forma, a escolha por entrevistar sujeitos relacionados à alimentação I-tal também se justifica pela necessidade encontrada de visibilizar discursos ligados a uma alimentação não branca que busca um resgate com a forma originária que se vivia em África - ao contrário do que é visto na forma hegemônica do veganismo.

> Diversas pessoas não brancas usam o veganismo como ferramenta de resistência para lutar contra a supremacia branca. Existem pessoas negras que são veganas e acreditam na importância de falar sobre o corpo dos animais quando discutimos opressão. Bryant Terry, um chefe vegan conhecido, ressalta: 'Nós viemos de um legado de pessoas negras que cultivavam suas próprias frutas e vegetais no jardim, pessoas negras que eram fazendeiros e comiam comidas integrais… Infelizmente, quando a mídia fala sobre alimentação saudável e veganismo, ela foca apenas em pessoas brancas privilegiadas. Enquanto as minhas influências vieram de pessoas não-brancas'. Violência policial não é a única forma de injustiça a corpos negros hoje. Veganos não-brancos lutam contra um sistema alimentício que busca eliminar uma pessoa negra a cada refeição. Diversas áreas urbanas de baixa renda, onde pessoas negras vivem, são desertos de comida inundados por redes de fast-food e uma abundância de problemas de saúde relacionados à alimentação. Isso não é acidental. Negros de baixa renda estão morrendo como resultado de um sistema racista e por conta das opções limitadas de comida. O sistema racista de alimentação, que desproporcionalmente discrimina nossos corpos, é algo com o qual nós devemos nos preocupar. (Modefica, 2016)

A intenção, portanto, de entender a alimentação I-tal dentro do veganismo não é enquadrar essa prática de resistência africana dentro de um conceito criado pelo ocidente, mas para tentar romper com as definições rigorosas e aprisionantes do veganismo enquanto movimento amplo e alternativo à indústria agropecuária e a sociedade centrada na carne, que adoece a natureza e os sujeitos - aqui especificamente o nutricídio direcionado à população negra.

Além disso, Giraud (2021) critica dois tipos de apagamentos recorrentes que acontecem em relação ao movimento vegano em que "o primeiro tipo de apagamento está associado ao veganismo em si ou, mais especificamente, ao fenômeno cultural que ficou conhecido como "veganismo branco"[33] (p. 106, tradução nossa), sistematizou a prática vegana como um estilo de vida da classe média privilegiada, restrita apenas para os sujeitos com recursos, tempo e acesso a informações para acessá-la. Ao passo que o segundo apagamento se refere as exclusões vinculadas a associar o veganismo branco com todo o veganismo.

> Recentemente, surgiram preocupações de que, em alguns contextos, as críticas à branquitude do veganismo podem ser performativas: centralizando uma versão da prática vegana que *elimina outras tradições "não ocidentalizadas" de alimentação à base de plantas*. Em outras palavras, a crítica pode, às vezes, exacerbar exatamente

[33] The first type of erasure is associated with veganism itself or, more specifically, the cultural phenomenon that has come to be known as "white veganism."

> os problemas que está criticando. Para entender como o apagamento surge tanto na prática vegana em si quanto nas críticas a ela, é necessário primeiro revisitar os debates que envolvem o veganismo interseccional.[34] (Giraud, 2021, p. 106, tradução nossa, grifo nosso)

Dessa forma entendemos a importância em evidenciar práticas que não se enquadram dentro da caixa de veganismo que a Vegan Society criou, mas que são de alguma forma veganas (ou podemos chamar de antiespecistas). Conforme já trouxemos na seção anterior, Saito (2023) afirma que as contingências e particularidades do mundo real frequentemente escapam de uma análise completa quando vistas apenas através de categorias europeias. E sugerimos que talvez algumas expressões do veganismo sejam algumas dessas especificidades.

Além disso, como mencionado na seção 1.1.2, 65% da população mundial apresenta algum nível de intolerância à lactose sendo que o dado varia dependendo do grupo: a intolerância "acomete em torno de 2 a 15% dos indivíduos descendentes de norte europeus, 60 a 80% dos negros e latinos e 80 a 100% dos índios americanos e asiáticos" (BATISTA, 2018, p. 4120) Ou seja, o esforço de padronizar o hábito alimentar apagando as diferentes culturas através da criação de impérios alimentares, além de buscar o lucro desenfreadamente, também provoca doenças em alguns grupos específicos da população. Os dados brasileiros também demonstram essa diferença:

> No Brasil, um estudo mostrou que a prevalência de intolerância a lactose primária no adulto, em uma amostra de 567 indivíduos, foi de 57% nos brancos e mulatos, 80% nos negros e de 100% nos japoneses. Outros estudos apontam prevalência elevada na população brasileira: 44,1% em 1088 indivíduos do Sul do Brasil e 60,8% em 115 indivíduos do Sudeste do Brasil, sendo 53,2% nos brancos e 91,3% nos não brancos" (BATISTA, 2018, p.4120)

Além de Llaila Afrika, autores como Aph Ko, Syl Ko, Vandana Shiva, entre outros, traçam análises anti-imperialistas e antirracistas para criticar a colonização do paladar e da alimentação que países periféricos sofrem através da

> imposição eurocêntrica baseada em restos de animais, industrializados, excrementos, laticínios, açúcar, farinha e sal. Eles mostram que, apesar de regiões como o continente africano e boa parte do asiático terem consumo de animais, a dieta desses povos era muito mais baseada em vegetais e harmônicos com seus ecossistemas.

[34] Recently concerns have emerged that, in some settings, critiques of veganism's whiteness can be performative: centralizing a version of vegan practice that cuts away other, "non-Westernized" traditions of plant-based food. Put differently, critique can sometimes exacerbate precisely the problems it is critical of. In order to understand how erasure arises in both vegan practice itself and critiques of it, it is necessary to first revisit debates that surround intersectional veganism.

> Portanto, o veganismo é muito mais fácil de ser buscado se tal ‘alimentação ancestral’ e os conhecimentos naturais desses povos forem valorizados e resgatados. (Antar, 2021, p.7-8)

Isso posto, se faz necessário o fortalecimento do movimento pela soberania alimentar, valorizando a alimentação local dos territórios em detrimento de industrializados e ultraprocessados que não se preocupam com a saúde da população e das especificidades de cada grupo social.

Por fim, trazemos a visão de uma vertente anticapitalista do veganismo e seus principais argumentos. O texto “18 teses sobre marxismo e libertação animal” (Bündnis Marxismus und Tierbefreiung, 2019) originalmente publicado em alemão, em 2017, busca sistematizar algumas vertentes do movimento vegano e propor uma elaboração teórica.

> Resumidamente e simplificadamente, o movimento pelos direitos dos animais e pela libertação animal em língua alemã é dominado pela corrente teórico-política que o filósofo marxista Marco Maurizi descreve como “antiespecismo metafísico”. Ela é composta por três principais escolas de pensamento: a) Filosofia moral burguesa, na tradição de Peter Singer, Richard Ryder, Tom Regan, Hilal Sezgin e outros. b) Crítica jurídica liberal, cuja figura principal por muito tempo foi Gary Francione. Autores como Will Kymlicka e Sue Donaldson se juntaram a ele recentemente. c) Antiautoritarismo pós-estruturalista social liberal, que se baseia nas ideias de Carol J. Adams, Donna Haraway, Birgit Mütherich, Jacques Derrida e outros. (Bündnis Marxismus und Tierbefreiung, 2019)

O texto faz uma crítica a vertente de veganos que fazem parte do grupo “Antiautoritarismo pós-estruturalista social liberal” visto que apesar de elucidarem o caráter do dualismo entre animais e humanos e como este dualismo se apresenta como uma ideologia através dos discursos, estes autores não conseguem explicar a origem de tal dualismo. “Por isso, essa abordagem permanece fenomenológica, puramente formal e, acima de tudo, idealista, por considerar o mero pensamento (errado) o motor da história.”

Ao entender que a causa de todas as opressões e explorações se deve ao sistema sociopolítico-econômico do capitalismo, a interseccionalidade nessa vertente não se dá apenas “juntando” as lutas, mas entendendo que elas já estão conectadas pela mesma estrutura de poder. Evidentemente antes do capitalismo se consolidar já havia consumo animal assim como outras opressões, porém o capitalismo se estruturou baseado nelas, em outras palavras, não há possibilidade de existir um capitalismo sem as opressões, explorações e destruição da natureza.

> "Liberalismo (e neoliberalismo) e veganismo são essencialmente opostos e se baseiam em visões de ecologia profundamente distintas e antagônicas. Enquanto o capitalismo tem como premissa a exploração ad infinitum da natureza, dos animais e das pessoas (vale lembrar: todos nós somos tanto animais quanto parte da natureza, todos bestas de carga), o veganismo popular, abolicionista, interseccional e antiespecista, por sua vez, se baseia no equilíbrio ambiental, na não exploração e no biocentrismo (antítese do antropocentrismo)." (Antar, 2021, p.13)

O que para Carol Adams seria o "referente ausente", para essa vertente é interpretado como a forma-animal da mercadoria (Costa, 2020). De acordo com a autora, a indústria animal é uma das mais eficientes na amputação da realidade e alienação da mercadoria uma vez que mesmo que haja reificação em outros processos produtivos, é mais incômodo saber como o nuggets foi produzido do que como o celular foi produzido, por exemplo.

O modelo capitalista-industrial de produção de commodities - agronegócio - e os processos de acumulação por espoliação são criticados por um tipo de veganismo que entende que a causa da exploração animal é a mesma de outras explorações e degradações. (textos "XVIII teses sobre marxismo e libertação animal" e "Antiespecistas: o manual do veganismo popular e revolucionário"). Dessa forma, buscam estreitar alianças com outros movimentos que também se colocam contra latifúndios e monoculturas apoiando práticas de soberania alimentar através de circuitos curtos de comercialização e pequenos produtores.

> O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) desde o fim do século XX é um dos movimentos que mais crescem e que ameaçam essa ordem. A ecologia desse movimento, visando uma soberania alimentar dos trabalhadores diante da alienação da alimentação e da indústria, casa bem com o veganismo e, por isso, há muitos grupos no MST que já produzem e servem comidas vegetarianas e produtos sem nada de origem animal (PASSOS; SILVA, 2019). Outras frentes são as lutas indígenas que se apresentam como uma resposta necessária aos problemas de terras e desmatamento no Brasil. No movimento vegano em si, hoje estão se formando coletivos e grupos animalistas abolicionistas que buscam intersecções, como é o caso do FeminiVegan, o Movimento Afro Vegano, a Ação Antiespecista, a Bancada Animalista (no nível representativo) e outros. (Mota & Santos, 2020, p. 69)

A cultura alimentar de uma sociedade é construída ao longo do tempo por diversos fatores , como já visto neste trabalho, e por isso, entende-se que ela também pode ser modificada. No caso brasileiro é curioso analisar que não havia vacas, galinhas e porcos no território antes da chegada dos colonizadores e tal cultura foi introduzida a tal ponto do país se tornar o maior exportador de gado do mundo. O fato de estes animais não serem nativos no país possibilitou que crescessem em um número exponencial e depois, com o desenvolvimento da pecuária intensiva, possibilitou o aumento ainda maior dessas populações.

Apesar do veganismo crítico ter princípios anticapitalistas, o movimento também encontra resistência dentro de setores da esquerda, principalmente por parte de correntes ortodoxas que minimizam pautas identitárias.

> Os danos ecológicos causados por conta da destruição de florestas tropicais, por monoculturas e pela poluição da água já são parcialmente irreversíveis. Logo, quem quer que acredite que pode ignorar a produção de carne ou até mesmo transpô-la em uma operação socialista, está sendo levado por uma imagem ingênua e romantizada da produção industrial de alimento que os grupos lobistas estão promovendo. A conversão da indústria alimentícia e da carne em uma produção vegana, ecologicamente sustentável e socialmente planejada, em contraste, seria uma demanda socialista oportuna. É sabido que o consumo e a utilização de animais têm um papel importante na história da civilização humana. No entanto, isso não justifica sua continuação nos tempos presentes: as forças produtivas atuais tanto permitem que tenhamos empatia com o sofrimento animal, quanto, consequentemente, tornam possível e necessária uma reestruturação das relações de produção. (Bündnis Marxismus und Tierbefreiung, 2019, p. 17)

Teóricos acadêmicos marxistas que abandonam a prática revolucionária se apoiam em uma falsa tese de que o Marx tardio também abandonou sua prática:

> Por isso, Eric Hobsbawm (2011: 162–3) sentiu-se compelido a destacar o perigo de uma caracterização reacionária do Marx tardio: "A visão de que o Marx mais velho perdeu parte do ardor revolucionário do mais jovem é sempre popular entre os críticos que desejam abandonar a prática revolucionária do marxismo enquanto mantêm um carinho por sua teoria." Confinar Marx à teoria e história do século XIX sem qualquer implicação prática para o mundo atual é uma maneira segura de tratá-lo dentro do discurso acadêmico. [35](Saito, 2022, p. 197, tradução nossa)

Além disso, se mostram resistentes às novas práticas revolucionárias e discussões contemporâneas (como feminismo, antirracismo, e no caso desta pesquisa o antiespecismo), principalmente aquelas que pressupõem mudanças concretas de modos de vida - desde repensar a reprodução social até hábitos alimentares.

Dessa forma, os adeptos dessa corrente do veganismo propõem desde já uma prefiguração de outra sociedade que já esteja baseada em relações justas entre os humanos, entre os animais (humanos e não humanos) e com a natureza. Entendem que as contradições do sistema capitalista não permitem que o anti especismo tenha um fim no atual modo de produção, mas

[35]This is why Eric Hobsbawm (2011: 162–3) felt compelled to highlight the danger of such a reactionary characterization of the late Marx: ‘The view that the older Marx lost some of the revolutionary ardour of the younger, is always popular among critics who wish to abandon the revolutionary practice of Marxism while retaining a fondness for his theory.’ Confining Marx to the theory and history of the 19th century without any practical implication for today’s world is a safe way to treat him within academic discourse.

que também não há possibilidade de construir uma sociedade pós-capitalista, mantendo as atuais formas de exploração animais.

Para as críticas advindas da esquerda de que o veganismo seria um movimento moralista, os antiespecistas políticos se baseiam na distinção de Engels entre moralidade (a moral revolucionária) e moralismo burguês, afirmando que o movimento é sim moralista quando não há uma visão materialista histórica da realidade, mas que quando há esse método de análise, o sofrimento e a exploração socialmente produzidos não fazem parte de uma categoria idealista, como o "sofrimento como dor de amor ou dor de dente, mas um sofrimento baseado necessariamente na organização da sociedade, em suas relações de produção e, logo, pode e deve ser aliviado e potencialmente abolido." (Bündnis Marxismus und Tierbefreiung, 2019, p. 20)

Como mencionado na seção 1.2, diversos foram os anticapitalistas veganos (maioria anarquista) mesmo antes do termo ser sistematizado e dentre eles destaca-se Elisée Reclus, geógrafo, considerado um precursor da ecologia e do anarco-naturismo, o qual seus posicionamentos ambientalistas estenderam-se até a defesa irrestrita dos animais.

> "Nesta perspectiva, Reclus foi também pioneiro em pensar uma geografia que possa defender os animais, sendo assim árduo defensor do vegetarianismo, na qual, no escrito intitulado de À Propos du Végétarisme (RECLUS, 1901) ele vai defender uma profunda reforma alimentar, argumentando que não há sentido as sociedades basearem os regimes alimentares no sacrifício dos animais, modelo esse reprodutor de atitude perversa milenar e que garante uma reprodução arcaica e predatória do espaço. (Pinto, 2015, p. 213)

Exemplificando a conexão que já se fazia entre a questão animal e outras formas de opressão advindo inclusive do Estado, o autor continua:

> Em virtude de se encontrarem noções ainda atuais dentro da geograficidade de Reclus é o que sugestiona denominá-la de libertária, em decorrência de se posicionar amplamente em defesa do eco-anarquismo, dos animais, do vegetarianismo, e de contestar o imperialismo e o colonialismo, dando ênfase nos princípios federativos ácratas em contraposição à autoridade do Estado, e também, por defender as organizações sociais anarquistas do campo e da cidade, a ampla e irrestrita busca pela autonomia e pela autogestão da sociedade no espaço etc. (Pinto, 2015, p.250)

Analisando principalmente os estudos de Reclus e Kropotkin surge o questionamento do porquê as questões animais não continuaram a ser desenvolvidas no campo da Geografia, uma

vez que a produção animal e até mesmo sua relação direta com a pauta ambiental se intensificaram de maneira exponencial desde então.

Sobre a necessidade de relacionar a pauta ambiental no marxismo, é inevitável trazer o questionamento às experiências socialistas que mantiveram o modelo industrial de exploração da natureza. Porém, mesmo o ecossocialismo sendo a vertente que até então estaria mais aberta ao veganismo, seu manifesto não pontua a questão animal em nenhum momento. O site inglês The Alternative menciona os "veganarquistas":

> O termo 'veganarquista' foi cunhado pelo anarquista Brian Dominick, de Nova York, em seu ensaio de 1997, Libertação Animal e Revolução Social. Nele, ele escreve que o veganismo está inerentemente entrelaçado com o antifascismo, ativismo dos direitos humanos e anticapitalismo. [...] Quanto ao anarquismo, os filósofos russos do século 19 Mikhail Bakunin e Peter Kropotkin são considerados dois dos pensadores mais influentes da história anarquista. O texto radical de Kropotkin de 1892, A Conquista do Pão, continua a influenciar anarquistas ao redor do mundo até hoje. Nele, ele diz - entre outras coisas - que um dos primeiros passos em qualquer revolução anarquista seria o povo apreender os alimentos e os meios de produzi-los. (The Alternative UK, 2019, livre tradução)[36]

Por sua vez, o artigo "XVIII teses sobre marxismo e libertação animal" (2019) busca não só demonstrar as conexões já existentes entre as pautas, como criticar marxistas clássicos e veganos liberais de hoje em dia.

> De um lado a exploração dos trabalhadores assalariados, de outro a dos animais: elas têm diferenças qualitativas na forma como foram desenvolvidas historicamente e suas relações com os meios de produção também permanecem diferentes atualmente. Mas apesar de todas as diferenças, no entanto, a classe trabalhadora e os animais têm uma história em comum na qual ambos enfrentaram as classes dominantes de formas antagônicas enquanto seres humilhados, oprimidos, sofredores e abandonados; a primeira como sujeitos, os segundos como objetos de libertação. Consequentemente, nós defendemos que a ideia da libertação animal permanece inconsistente quando repudia a crítica materialista histórica da sociedade. Simultaneamente, o marxismo permanece igualmente inconsistente ao se recusar a reconhecer que hoje a libertação animal deve ser integral à teoria e política marxista contemporânea. (Bündnis Marxismus und Tierbefreiung, 2019, p.181)

---

[36]"The term 'veganarchist' was coined by the New York-based anarchist Brian Dominick in his 1997 essay, Animal Liberation and Social Revolution. In it, he writes that veganism is inherently intertwined with anti-fascism, human rights activism and anti-capitalism. [...] As for anarchism, the 19th Century Russian philosophers Mikhail Bakunin and Peter Kropotkin are considered two of the most influential thinkers in anarchist history. Kropotkin's radical 1892 text, The Conquest of Bread, continues to influence anarchists around the world to this day. In it, he says - among other things - that one of the first steps in any anarchist revolution would be for the people to seize food and the means of producing it."

São doze teses que argumentam do porquê o antiespecismo deve ser marxista e outras seis do porquê o marxismo deve ser antiespecista. Para os veganos anticapitalistas, por exemplo, o conceito de fetichismo da mercadoria pode ser usado para substituir o referente ausente de Adams (2012) visto que o primeiro abrange uma teoria ainda maior,

> O fetichismo da mercadoria é o processo por meio do qual as mercadorias são imbuídas de uma vida própria, com suas origens como o produto do trabalho oculto. É particularmente bem desenvolvido em relação a produtos de origem animal, cujas origens são sistematicamente negadas pelas embalagens de supermercado e pelo distanciamento linguístico. (Bestas de Carga, 2015, p.44)

E é neste sentido que ao ignorar a luta de classes, os veganos liberais nivelam diferentes grupos sociais e colocam a culpa do especismo no ser humano, e não no capitalismo, caindo no erro "de fazer a mesma crítica que fazem aos modelos industriais de dominação animal, aos grupos indígenas que caçam ou aos rituais de religiões perseguidas e minoritárias." (Antar, 2021, p.48) Além disso, sem analisar conceitos valor de troca, não há o entendimento de que para a família que vive de subsistência, em povos tradicionais ou até em rituais em religiões de matriz africana, o animal ali consumido não é uma mercadoria, ele é usado diretamente, sem qualquer terceirização e essa é a grande diferença.

Costa, em seu texto "A Forma Animal da Mercadoria" (2020) demonstra a racionalidade irracional do capitalismo uma vez que a nossa consideração ética em relação aos outros animais é delimitada pelo capitalismo, à medida em que "a indústria define quais espécies são adequadas para a produção em escala e a nossa relação com estes animais passa a ser, na verdade, uma relação apenas com o produto final consumível que é imposto pelos capitalistas à sociedade." Ou seja, quais animais vamos nos relacionar na forma mercadoria, seja como alimento ou qualquer outra coisa, e quais vamos considerar até como parte da família (pets), mesmo havendo diferenças em quais são eles em cada parte do mundo, há essa distinção em todas elas. A autora continua,

> Desta forma, nossos laços emocionais e éticos são estendidos apenas aos animais não comoditizados, como os animais de estimação e os animais silvestres. Os animais de estimação, por exemplo, são considerados propriedade dos seus tutores (vulgo donos), mas a eles os humanos se referem como sujeitos vivos e com direito à vida plena, com quem interagem amplamente, ao contrário dos animais sob a tutela da indústria, com quem os humanos se relacionam somente como objetos de trabalho ou consumo. (Costa, 2020)

Pensando sob este aspecto, quantos animais entram e saem das casas das pessoas diariamente como forma de produtos? Como já exposto, isso ilustra como a indústria animal é uma das mais eficazes em distorcer a realidade e alienar a mercadoria, uma vez que, embora a reificação ocorra em outros processos produtivos, é mais desconfortável saber como a salsicha são produzidos do que como os computadores são fabricados. O processo dentro do veganismo de procurar saber o que tem naquele produto, como foi feito, etc., é um importante passo político que tem muito potencial revolucionário, e buscar entender e combater a alienação é esforço tanto do veganismo quanto do marxismo.

Para este trabalho, vamos utilizar os termos "veganismo liberal", "veganismo de mercado" e "veganismo como consumo" para nomear práticas que não incorporam críticas ao modo de produção e interseções com outros movimentos, mesmo sabendo que essas práticas são diversas e que vão desde as empresas produtoras de carne que utilizam do veganismo para alcançar mais nichos de mercado, até sujeitos cooptados por este discurso, mas que não possuem necessariamente interesse econômico nessas práticas. Optou-se por essa generalização, pois não é objetivo deste trabalho destrinchar as formas que o veganismo liberal opera, basta entender que este modo de produção busca manter o status quo da sociedade, mantendo o lucro em detrimento da vida dos animais (humanos e não humanos). Para as demais - práticas que buscam excluir produtos de origem animal e que compreendem que a exploração animal partilha da mesma causa das demais explorações humanas e degradações ambientais, buscando a libertação animal em conjunto com a libertação humana, soberania alimentar a autonomia dos povos - utilizaremos ora veganismo crítico, veganismo anticapitalista, antiespecismos subversivos e originários a depender do contexto. Optamos por não utilizar "veganismo político" por compreender que todos os atos de escolha pelo consumo são políticas. Em relação ao "veganismo popular", nos diferenciamos da compreensão de Sexton; Garnett; Lorimer (2022) que entendem que este termo pode estar ligado à mainstreamização e, portanto, um distanciamento do radicalismo no movimento.

De acordo com as pesquisas realizadas para este trabalho não há indícios de uso da expressão "veganismo popular" em outros países fora o Brasil, ou pelo menos não com a conotação que ela possui no país, o que é muito simbólico. Apesar de existirem coletivos em outros países como Alemanha e Áustria que são marxistas e lutam por libertação animal, "eles tem uma pegada muito mais acadêmica e aqui estamos construindo movimento popular mesmo, descolado da academia, de pessoas realmente se organizando." (COSTA, 2019)

Portanto, a necessidade de lutar para que as pessoas tenham plena escolha do que se alimentar é parte intrínseca da soberania alimentar e deve também fazer parte do movimento vegano. Há ainda a ideia de que o veganismo popular se restringe a receitas baratas ou insumos baratos, mostrando que tal prática pode ser acessível à maioria da população. Porém, de acordo com a Antar (2021) o veganismo popular vai, além disso, e representa um movimento vegano construído pelo povo e para o povo.

Como mostra a tabela 1, apesar do objetivo geral de qualquer vegano ser a abolição de toda e qualquer forma de exploração animal, os veganismos abolicionistas, pragmáticos e estratégicos (ou liberais de mercado) possuem como estratégia principal a adesão de mais pessoas - e do mercado - ao movimento. Em razão de tal discordância, algumas pessoas que faziam parte da SVB de Recife resolveram se desligar da organização e em outubro de 2018 fundaram a União Vegana de Ativismo (UVA) a "partir da necessidade da afirmação do veganismo como um movimento social, em defesa da consideração moral de todos os animais, humanos e não-humanos." (UVA, 2019). Dessa forma, o coletivo busca por estratégias que visam tensionar a interseccionalidade do movimento, articulando-o a outras lutas por justiça social e disseminando-o de uma forma acessível e popular. Criaram a Carta de Recife para registrar os princípios de sua atuação, que são:

> 1.Antiespecismo, com igual consideração pelos animais humanos e não-humanos, uma vez que nenhum animal ou pessoa deve ser considerado propriedade, objeto ou recurso.
> 2.Justiça social, equidade de gênero, raça, sexualidade e etnia, pautando nossa atuação contra todas as formas de opressão e violação de corpos, lutando pelos direitos animais e direitos humanos.
> 3.Soberania alimentar e Direito Humano à Alimentação Adequada, articulando a luta do veganismo com os mesmos;
> 4.Saúde, sustentabilidade e justiça como norteadores das mudanças necessárias para abolição do uso de animais;
> 5.Veganismo popular, combate a preconceitos, promoção da libertação animal e descolonização de hábitos. Disseminação da alimentação vegetariana, de informações nutricionais e demais práticas alternativas à exploração dos animais não humanos de forma autônoma ou mais acessível economicamente e disponível para todas as classes sociais;
> 6.Autonomia, baseada na criação de espaços para diálogo, troca de conhecimentos e na possibilidade de decisões conscientes;
> 7.Laicismo
> 8.Suprapartidarismo. Defendemos o direito da livre expressão e organização político/ideológica de cada indivíduo desde que isso não fira os demais princípios, bem como a nossa autonomia.) (UVA, 2019)

A partir disso, portanto, é notório perceber a diferença entre o veganismo popular com as outras vertentes, principalmente no que tange os pontos 2, 3 e 5. Tais diferenças muitas vezes provocam embates sérios, como visto em relação à prática de boicote na seção 2.2 e também no momento de decisão de aposentadoria do famoso ativista Gary Yourofsky (também já mencionado neste trabalho).

> Comparando sua decisão à aposentadoria de grandes atletas, Gary afirma que está exausto mentalmente e que não tem mais a paciência necessária para ensinar. [...] O ativista alegou que parte de sua exaustão vem de críticas de pessoas do próprio movimento vegano. Segundo ele, muitos ativistas não admitem que se faça ativismo vegano sem incluir outras lutas e causas. Gary diz em seu texto que os 'veganos que fazem saudação ao sol e trocam abraços de energia' são mil vezes mais desgastantes de lidar do que com carnistas. (Vista-se, 2017)

Sua declaração é muito interessante a partir do momento em que se percebe um ativista vegano afirmando ser mais fácil lidar com pessoas que comem carne do que com outros veganos que buscam convergir outros movimentos sociais. A reflexão que fica é porque a crítica a um veganismo totalmente despolitizado cansa tanto?

Outra crítica frequente direcionada aos veganos que buscam diálogo com outros movimentos sociais é apoio ao MST sendo que a maioria de seus integrantes além de comerem carne, também possuem criações de animais. Sandra Guimarães, uma das precursoras da sistematização do veganismo popular no Brasil possui diversos textos e falas sobre as necessárias aproximações do movimento vegano ao MST entendendo que essa é uma das maiores organizações políticas de resistência ao agronegócio, pela soberania alimentar e está diretamente comprometido com a agroecologia. Porém, o MST não precisa do movimento vegano como ocorre do outro lado e, portanto, portanto, as convergências das pautas precisam ser construídas cotidianamente pelo veganismo, se a estratégia realmente passar pelo poder popular. De acordo com Sandra Guimarães:

> O MST não é um movimento que luta por direitos de animais não-humanos e nunca levantou a bandeira vegana. E apesar da maior parte da produção do MST ser vegetal, animais também são explorados pro consumo e existem cooperativas de laticínios e de carnes em alguns assentamentos. Sem contar que a prática de criar animais pra consumo próprio, como galinhas, está presente em praticamente todos os acampamentos e assentamentos. O que, nesse caso, é uma relação com o animal completamente diferente da exploração animal praticada pela agropecuária, mas que, como militante anti-especista, eu também gostaria que não mais existisse. [...] Sim, pessoas sem terra fazem churrascos em seus assentamentos, mas sabe quem também faz? Os pais, amigos e até companheiras da maioria das pessoas veganas que conheço. Enquanto o especismo for a ideologia dominante, pessoas continuarão comendo corpos de animais e achando isso "normal, natural e necessário". O problema está

> nessa ideologia, não em uma suposta tendência particularmente cruel das militantes do MST. E não posso não chamar a atenção das ativistas veganas que me criticam por apoiar os 'fazedores de churrasco/exploradores de animais do MST', mas que não vêem problemas em incentivar o consumo de produtos 'veganos' produzidos por grandes multinacionais como a Nestlé, que exploram animais não-humanos (e humanos) em uma escala incomparavelmente maior, afirmando que se trata de uma aliança estratégica pra 'tornar o veganismo mais acessível'. Pois a minha aliança é com quem luta pra construir o mundo onde quero viver e onde a emancipação animal tem uma chance de acontecer. Se luto do lado do Movimento é porque os inimigos do MST são os mesmos inimigos da libertação animal: o agronegócio, a pecuária, a bancada ruralista. O MST está comprometido com a construção de um mundo mais justo e, por produzir comida vegetal sem veneno, muitas vezes em lugares onde antes só tinha capim e gado, agricultoras sem terra fazem com que comida vegetal se torne acessível pra população. E, consequentemente, excluir a exploração animal no prato passa a ser algo possível nessas comunidades. A luta do MST é por soberania alimentar e somente com soberania alimentar poderemos tornar o veganismo verdadeiramente acessível. O MST não integrou a noção de direitos animais na sua cartilha (ainda), mas estou convencida que o mundo que o Movimento está atualmente lutando pra construir trás nele o embrião da libertação animal. (Papacapim, 2018)

A partir da UVA diversas regionais do coletivo foram fundadas e em Minas Gerais se encontra o Veganismo Político, e, ainda sobre tais divergências, uma integrante da UVA fez um relato de experiências que passou no coletivo abolicionista que fazia parte anteriormente:

> Eu propunha debates, mandava textos e ninguém queria, então eu comecei a perceber que pra mim não é um lugar de transformação social, um lugar que não se propõe a aprofundar em questões sociais. Acho que eles se espelham muito no que eles veem nos vídeos de outros países, só que os outros países é outra realidade e cada pessoa é uma pessoa, não existe um padrão pra você conversar com todas as pessoas do mundo, [neste coletivo havia um manual detalhando como deveria ser a conversa em abordagens a pessoas não veganas] e esperar delas a mesma reação, e ela não entender e você ficar com raiva dela. [...] Mas assim, entendo as contribuições que o coletivo tem e o ato de rua tem, eu até gostava muito de participar, mas se ele fosse mais aberto a outras questões, seria muito mais efetivo no meu ponto de vista. [...] Eu comecei esse debate sabendo que nenhum movimento é perfeito, nenhum mesmo nem o feminismo, nem o antirracismo, não existe uma unanimidade entre todas as pessoas, mas eu não esperava realmente o nível que chegou e questões de pessoas específicas também, acho que nem posso dizer que isso é do grupo porque o grupo nem tinha essa coisa de união entre as partes, de ser ativo, de ser engajado. Porque como aquilo era só para o ato e o ato não estava acontecendo [no momento de conversas no whatsapp] era como se não importasse, só o ato importa. Eu tentava até muito estimular as pessoas que não falavam muito a se posicionar, a refletir sobre os lados que estavam sendo apresentados e se posicionar pra gente tentar criar essa, essa coisa de grupo mesmo. (Júlia, 2021)

Quando ela menciona o fato de praticamente não existir um senso de grupo fora dos momentos pontuais dos atos de rua, é necessário mencionar o debate sobre a diferença de ativista e militante e talvez esta seja uma das maiores diferenças entre as vertentes. Segundo a Antar, ativismo seria algo pontual, sem disciplina revolucionária, algo que mesmo em coletivo é feito de maneira desarticulada e não perene. O ativista apresenta certa consciência da estrutura, vai

nos atos de rua, de vez em quando vai em manifestação, entrega panfletos, mas não está comprometido em transformar sua agenda em torno da luta, diferentemente do militante. O Coletivo Vozes em Luto assim como outros, afirma que há sim conexões entre o especismo e as formas de opressões sociais existentes no mundo, porém segundo eles, “o especismo é a raiz de todas as opressões, como o racismo e o sexismo, por exemplo” (Vozes em Luto, 2021) e, portanto, o foco deve estar no combate ao especismo. A notícia em que este trecho se encontra faz referência a um ato realizado pelo coletivo em frente ao McDonald 's.

Deste modo, coletivos como a Antar possuem como estratégia principal a inserção do debate antiespecista na construção de um poder popular, entendendo que é apenas ao lado do povo que se alcançará uma transformação da realidade. Ou seja, apenas a atuação por meio da militância, construindo cotidianamente sua luta, o veganismo poderá se tornar uma realidade para todos. Tal estratégia se dá em discordância aos ativismos pontuais, considerados “pouco eficientes quando se trata da derrubada de sistemas tão bem consolidados como o Capitalismo e o Especismo” (Antar, 2021, p.23). Além de pouco eficientes, alguns ativismos pontuais ocorrem por meio de ativismo performático, mais frequentes em outros países, como, por exemplo, quando ativistas entram em redes de *fast food* e jogam sangue falso no chão ou neles mesmos para evidenciar o sofrimento animal. (Vozes em Luto, 2019); ou quando ativistas realizaram uma intervenção em uma churrascaria de elite em um shopping de São Paulo (Vozes em Luto, 2020); ou quando ativistas se deitaram na Avenida Paulista, em São Paulo, apenas com roupas íntimas e sangue falso pelo corpo, fazendo uma alusão direta ao sofrimento dos bois nos chamados “navios da morte”, em apoio ao Projeto de Lei 31/2018, que definia que o embarque de animais vivos para abate em outros países fosse proibido em todo o estado de São Paulo. (Vista-se, 2018)

Em vista disso, tal concepção é totalmente contrária ao pensamento de coletivos veganos populares. “Sem a inserção nos movimentos sociais e na educação pública, o veganismo estará fadado (para o sucesso do capitalismo) a conscientizar apenas uma parte ínfima da classe média e das elites com seus apelos emocionalistas e moralistas.” (Antar, 2021, p.24), o que parece estar ocorrendo visto que a maior parte dos ativismos performáticos acontecem em restaurantes caros ou em pontos específicos da cidade.

Dessa forma, o objetivo por utilizar essas denominações para pontuar as vertentes do movimento vegano é tanto dar visibilidade às práticas contra-hegemônicas quanto entender suas diferenças, seus potenciais e seus limites de atuação e transformação da realidade.

> Embora múltiplos veganismos possam coexistir ao mesmo tempo, como em qualquer instância da cultura popular, é provável que haja uma luta sobre qual entendimento do veganismo ganha predominância como o significado comumente compreendido. No contexto do veganismo, as apostas dessa luta são altas.[37] (Giraud, 2021, p. 152, tradução nossa)

2.4 O debate em torno dos antiespecismos subversivos

Como já mostrado, algumas vertentes interseccionais do veganismo se opõem à crítica do veganismo de mercado direcionada ao consumo animal de povos originários. Existe uma diversidade de povos muito grande e cada grupo possui hábitos e culturas próprias, mas como é feita certa generalização quando se critica ou defende o consumo de animais em sua alimentação, tal generalização será feita aqui, porém ressaltando a diversidade de povos e consequentemente de visões de mundo e culturas incluindo a cultura alimentar. Em todo caso, as formas com as quais os povos tradicionais se relacionam com o mundo e consequentemente com outros animais é diferente da forma como a sociedade capitalista ocidental se relaciona e, portanto, acreditamos que nem caberia utilizar o termo “especista” a estes povos, visto que

> O especismo é resultado da prática socioeconômica da nossa sociedade desde a sistematização da exploração animal e não da nossa insuficiência moral em relação aos mesmos, sendo esta uma consequência da reificação da sociedade, sustentada ideologicamente de maneira tão eficiente que afeta nosso entendimento sobre ética em relação à totalidade da nossa forma de sociabilidade. (Costa, 2020)

Além disso, em muitos casos há a real necessidade da caça para se alimentar - não é algo supérfluo e apenas por prazer ao paladar, além de normalmente não haver excessos e desperdícios na alimentação. Cabe aqui ressaltar também que há populações tradicionais que vivem perto ou dentro de centros urbanos e isso não faz deles menos indígenas e talvez neste caso eles não tenham a necessidade fisiológica de comer animais, mas mesmo assim a cultura é completamente diferente da ocidental - há de se ter conhecimento aprofundado como nossa sociedade como um todo se organiza e funciona e esse debate não pode ser simplista, pois sua complexidade demanda muito mais do que este trabalho pode discutir.

---

[37]While multiple veganisms might exist at the same time, as with any instance of popular culture, there is likely to be a struggle over which understanding of veganism gains dominance as the commonly understood meaning. In the context of veganism, the stakes of this struggle are high.

Como já afirmado, a crítica a populações indígenas vem de pessoas do veganismo de mercado e que muito provavelmente consomem ultraprocessados “veganos” de grandes corporações não veganas. Ou seja, se fosse analisado todo o processo que envolve a cadeia produtiva dos alimentos consumidos pelas duas partes, é muito provável que o vegano cause mais danos ao meio ambiente ao consumir estes produtos ultraprocessados do que os sujeitos criticada por ela, visto que essas mercadorias normalmente envolvem alto consumo de plásticos, de agrotóxicos nas matérias primas utilizadas para sua composição, relação indireta com desmatamento causado por essas corporações, entre diversas outras consequências negativas que são diretamente relacionadas com a questão animal. Outra ressalva importante é que as populações tradicionais são as maiores responsáveis pela conservação dos biomas (e consequentemente o habitat de animais não humanos) e muitas vezes pagando com a própria vida nessa luta pela defesa dos territórios. (Conexão Planeta, 2019).

Por outro lado, os antiespecistas acreditam que utilizar a causa indígena para justificar o consumo de carne de pessoas não indígenas é não apenas especista, mas também é desrespeitar essas pessoas, sua história e sua cultura, além de contribuir indiretamente para o genocídio dessa população ao financiar uma indústria que invade suas terras. (Racismo Ambiental, 2020).

Parece haver no Brasil uma diferença regional marcante do movimento vegano, uma vez que ele se difundiu no país a partir dos anos 80 por iniciativas de contra cultura como punks e anarquistas a partir da crítica da objetificação, industrialização e domesticação dos animais, mas foi cooptado pelo mercado ao ponto de na última década do século 21 sua crítica ter sido obscurecida pela abordagem colonialista, liberal e comercial principalmente no sul e sudeste, onde instituições e empresas lideram o protagonismo através de publicidade e tecnologia, promovendo uma versão elitista, urbanizada e racista desse estilo de vida. (Antiespecista, 2023)

> Já no nordeste brasileiro, atualmente, as agitações em torno desta temática têm buscado articular a luta por libertação animal a partir da experiência dos movimentos sociais, assumindo postura crítica ao capitalismo e localizando o especismo enquanto opressão estrutural, sem reduzir sua abrangência puramente a um ingrediente ou produto, mas sim compreendo-o na relação total não só de produção, como também de interação, cuidado e respeito com os não humanos. (Antiespecista, 2023, p. 10)

Os debates acerca recentes dentro do veganismo, portanto, buscam retomar essa visão estrutural do especismo e avançar nessas discussões. Uma das discussões se refere ao termo veganismo e sua origem. Algumas das pessoas dentro desde debate não reivindicam mais o

veganismo (apesar de ainda se absterem do consumo animal) por entenderem que o termo e sua sistematização se originaram na Europa sem críticas ao modo de produção e sem observar diferentes contextos dos sujeitos, com preocupação simplistas pelos ingredientes das mercadorias.

> De origem inglesa, profundamente marcado pelo consumo e consequentemente fundado em preocupações elitistas sobre estilo de vida, concluímos que localizar branquitude no veganismo é redundante, já que ele nasce como produto de uma população que se beneficiou com o julgamento de experiências de outros povos sobre os animais não humanos. Classificando práticas nativas como irracionais, selvagens, primitivas e até demoníacas, a dominação colonial e sua verdade urbanística, cristã, mercantilista e globalista instituiu o apocalipse de vários mundos e suas cosmovisões. (Antiespecista, 2023, p. 15)

Ao rejeitar o termo veganismo, algumas pessoas começaram a reivindicar o termo "antiespecistas subversivos", título do livro que compreende diversos textos utilizados de referência para este subcapítulo. O termo, portanto, foi encontrado pela primeira vez a partir deste grupo mas entendemos que podem ser entendidos também como antiespecistas críticos.

Este movimento pretende abarcar um antiespecismo inspirado em concepções de povos originários indígenas assim como debates dentro do movimento antirracista. Uma das críticas feitas ao veganismo que não coloca o debate contra colonial no centro é que ao fazer isso, há o reforço das estruturas racistas em que a sociedade está organizada.

> No entanto, o projeto de construção de mundo vegano não é uma experiência homogeneamente vivenciada; ele também reproduz e aumenta as exclusões e violências da sociedade mainstream. Polish (2016), Harper (2011) e Ko e Ko (2017) oferecem comentários particularmente relevantes sobre como o veganismo como projeto de construção de mundo é cooptado não apenas pelo capitalismo que utiliza práticas ecológicas para lavar sua imagem, mas também pelo supremacismo branco.[38] (Oliver, 2023, p. 843, tradução nossa)

Outra discussão sobre os debates em torno dos antiespecismos subversivos diz respeito à percepção do termo "humanidade" visto que grupos humanos historicamente foram marginalizados, oprimidos, negados de direitos e até mesmo escravizados por um entendimento de que eles não seriam "humanos" e, portanto, foram "animalizados".

---

[38] However, the vegan world-making project is not one that is homogenously experienced; it also reproduces and heightens the exclusions and violences of mainstream society. Polish (2016), Harper (2011), and Ko and Ko (2017) offer particularly salient commen-tary on how veganism as a world-making project is co-opted not only by green-washing capitalism, but also by white supremacy.

Nego Bispo, líder quilombola, parece ir ao encontro dessa percepção quando recusa a ideia de humanidade:

> Nós somos os diversais, os cosmológicos, os naturais, os orgânicos. Não somos humanistas, os humanistas são as pessoas que transformam a natureza em dinheiro, em carro do ano. Todos somos cosmos, menos os humanos. Eu não sou humano, sou quilombola. Sou lavrador, pescador, sou um ente do cosmos. Os humanos são os eurocristãos monoteístas. Eles têm medo do cosmos. A cosmofobia é a grande doença da humanidade. (Santos, 2023, p. 16)

O autor também afirma que percebeu a similaridade do adestramento dos animais não humanos com a colonização dos humanos - que já abordamos no item 1.3 -, que justificou de uma visão de que alguns grupos humanos são 'selvagens' e 'animalizados'. O autor pontua que "Há adestradores que batem e há adestradores que fazem carinho; há adestradores que castigam e adestradores que dão comida para viciar, mas todos são adestradores. E todo adestramento tem a mesma finalidade: fazer trabalhar ou produzir objetos de estimação." (Santos, 2023, p. 12)

Este trecho de sua obra é muito rico para analisar vários aspectos. Um deles é quando afirma que mesmo os adestradores que fazem carinho continuam sendo adestradores, discurso que possui similaridade com os veganos que rejeitam a ideia de "abate humanizado" dos animais não humanos ou a "criação de quintal" , utilizada para justificar o consumo de animais que não passaram pela pecuária industrial e, portanto, tiveram uma vida "mais feliz", argumentando que no fim das contas o animal está sendo adestrado da mesma forma e vai ser morto para consumo humano da mesma forma.

Outro ponto interessante deste trecho se refere a ação dos adestradores darem "comida para viciar", que remete ao conceito de colonialismo do paladar e as críticas em relação ao nutricídio também já abordadas neste trabalho.

Por fim, quando Bispo pontua que um dos objetivos do adestramento é "produzir objetos de estimação", há evidente convergência do que Costa (2020) afirma ser a forma-animal-da mercadoria, em que os animais não humanos no sistema capitalista especista são vistos de forma fetichizada como objetos mesmo os animais domesticados como cães e gatos.

Além disso, em diversas passagens, o líder quilombola mostra exemplos de como os animais não humanos se relacionam entre eles e com a natureza como uma inspiração, ao contrário da forma como a humanidade se relaciona, como no trecho: "Nas outras espécies existe a

autogestão.” (Santos, 2023, p. 47) É interessante analisar o discurso antiespecista do autor, mesmo criando animais.

O líder indígena Ailton Krenak também afirma que alguns grupos sociais não são considerados humanos, sendo negados a eles diversos direitos e afirmando que são os primeiros a sentirem as mazelas da sociedade: “Os quase-humanos são milhares de pessoas que insistem em ficar fora dessa dança civilizada, da técnica, do controle do planeta. E por dançar uma coreografia estranha são tirados de cena, por epidemias, pobreza, fome, violência dirigida.” (Krenak, 2019, p. 33-34)

Ao perceber que na realidade não há vantagens em pertencer ao grupo social composto apenas por pessoas consideradas humanas, ele parece propor, assim como Bispo, a recusa em pertencer à humanidade

> As andanças que fiz por diferentes culturas e lugares do mundo me permitiram avaliar as garantias dadas ao integrar esse clube da humanidade. E fiquei pensando: “Por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube, que na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade?”. Será que não estamos sempre atualizando aquela nossa velha disposição para a servidão voluntária? (Krenak, 2019, p. 8)

Sobre a diferença entre os considerados humanos e os considerados “sub-humanos”, o autor afirma que o primeiro grupo está se desconectando da terra, o que entendemos como o processo provocado pela ruptura metabólica; enquanto o segundo, que são os povos originários, possuem uma relação extremamente íntima com o território, e que justamente por terem essa relação, esse metabolismo natural, são alvo do processo de ruptura.

> Enquanto isso, a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a terra. Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes — a sub-humanidade. Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra. Parece que eles querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra. A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda, tanto que as corporações têm criado cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes da terra de sua mãe. (Krenak, 2019, p. 11-12)

Syl Ko, autora estadunidense feministra negra vegana comenta sobre o processo de animalização de alguns grupos sociais e discorre sobre como o movimento antirracista

reinvindica que pessoas negras também são humanas no sentido de lutar por seus direitos na sociedade. Porém, argumenta como o sentido de humanidade está atrelado a um ideal específico de pessoa - a pessoa branca. E por isso ela não reivindica mais a humanidade.

> Com a animalização, estamos concebendo uma pessoa ou grupo como se fossem animais. Mas com a humanização, não estamos reconhecendo aquele ser enquanto 'humano'. Estamos concebendo uma pessoa ou um grupo *como se fossem* humanos. Assim meu objetivo aqui é lhe persuadir que demandar que sejamos vistas como se fôssemos humanas é carregado racialmente. Se animalizar pessoas é problemático, humanizá-las é ainda pior, na minha opinião."[39] (Ko, pág. 40, tradução nossa)

Dessa forma, os debates sobre a recusa na categoria de humanidade atrelado ao debate antiespecista ainda está incipiente e deixamos em aberto para outros trabalhos confluírem melhor essas conexões.

Por fim, parece objetivo do movimento antiespecista subversivo defender o antiespecismo para fora do movimento vegano, para abarcar pessoas que consomem animais e se aliar a outras pautas e movimentos sociais, e defender o veganismo anticapitalista para dentro do movimento vegano.

> Se por um lado boicotamos o veganismo pela sua historicidade e conjectura liberal, branca e urbana, por outro estamos disputando ele estrategicamente para que esta visão elitista e colonial do mundo seja atacada e não se imprima como marca inquestionável. (Antiespecista, 2023, p. 19)

Ancorados nessa percepção, justificamos a continuação dos termos veganismo político e veganismo anticapitalista ao entender que essas vertentes abarcam concepções e modos de vida originários e tradicionais que consumam carne, mas que estão baseadas em uma percepção e prática antiespecista.

[39]With animalization, we are conceiving of a person or group as if they are animals. But with humanization, we're not acknowledging that one is a "human." We're conceiving a person or group like they are humans. So, my aim here is to persuade you that to demand that we be seen like we are human is racially loaded. If animalizing people is problematic, humanizing them is even worse, or so I suggest.

3 SISTEMAS ALIMENTARES SEM ANIMAIS: E AGORA?

Todo o processo que envolve a alimentação desde a preparação do solo, as relações de trabalho empregadas na agricultura, as técnicas de produção, os insumos utilizados para o plantio e de onde eles vêm, a escolha (ou falta de escolha) de qual alimento plantar, as questões ambientais envolvidas neste processo, o processamento e embalo (quando existentes), as formas de distribuição e transporte (as distâncias percorridas neste processo e a energia gasta), os modos de comercialização (ou troca e doação) até o consumo final incluindo a cultura alimentar, o marketing e o descarte em todas as escalas de produção fazem parte do sistema alimentar. Além disso, os atores que participam de todos os processos direta ou indiretamente, sejam eles organizações públicas e privadas, indústrias, legisladores e governantes que criam e interferem em políticas públicas, entre outros, também fazem parte dos sistemas alimentares.

Neste capítulo identificamos algumas características do sistema alimentar atual sob o qual a sociedade está organizada, assim como identificamos algumas consequências do atual modo de produção de alimentos que é centrado na carne. Além disso, ao verificar os impactos que os ultraprocessados podem ter na saúde humana e no território, associamos alguns alimentos veganos a este modo de produção.

Por outro lado, uma vez que há vertentes do veganismo que boicotam os ultraprocessados e propõe alianças com movimentos pela soberania alimentar buscando, para além de outro consumo, um outro modo de produção de alimentos, analisamos também as possíveis alianças do veganismo com a agroecologia. Entendemos dessa forma que para além da produção e do consumo, isso envolve promover outras práticas também de distribuição, comercialização, debater sobre os atores envolvidos neste processo, influências do mercado, possibilidades de políticas públicas. Dessa forma buscamos analisar quais as características do sistema alimentar que esses movimentos fomentam.

Não é objetivo da pesquisa investigar a fundo os tipos de sistemas e os debates em torno deles que ainda não são unanimidade dentro dos pesquisadores da área. A simplificação que fazemos é apenas para fins didáticos neste trabalho, mas entendemos que as pesquisas sobre sistemas são muito complexas e minha simplificação não tem o sentido de apagar ou reduzir sua complexidade.

3.1 Sistema hegemônico centrado na carne

A alimentação pode ser considerada uma das principais atividades, se não a principal atividade para qualquer sociedade, em qualquer contexto socioeconômico. Sem alimento nenhum animal consegue sobreviver, porém, os animais humanos complexificaram o modus operandi da sua alimentação, em função do sistema social que foi sendo constituído na intermediação da relação com a natureza. Essa complexificação de processos e dinâmicas sociais tem sempre expressões espaciais e além de criarem possibilidades na interação com a natureza, criaram também uma série de problemas - universo este que esta pesquisa se insere.

Tendo em vista a grande diversidade de elementos que envolvem o sistema alimentar, pesquisadores de variadas áreas fazem o esforço de diferenciar os sistemas alimentares que coexistem atualmente para analisá-los.

Um destes esforços foi feito pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), que classifica alguns destes sistemas e descreve suas características principais. De acordo com a FAO (2017), a sociedade atual está organizada sob o “sistema alimentar moderno”, que pode ser entendido como um sistema o qual a maioria das pessoas reside nos centros urbanos, longe da produção dos alimentos, porém com maior acesso a variadas opções destes e durante todo o ano principalmente devido a inovações tecnológicas.

A organização ainda menciona que essa “opção” também está relacionada a grande presença de mercados que estão próximos uns aos outros e que podem oferecer produtos especiais e de alta qualidade, e que normalmente alimentos orgânicos costumam ser mais caros que ultraprocessados, mas que há regulamentações fortes e controles de qualidade para assegurar a segurança alimentar dos consumidores. A FAO até menciona o aumento de certas doenças diretamente relacionadas a hábitos alimentares deste sistema, porém afirma que o acesso a atendimento médico de qualidade e inovações tecnológicas na área da saúde também fazem parte deste sistema e que inclusive resultaram no aumento da expectativa de vida da população. Porém, não, há maiores problematizações sobre o real acesso da população a todos estes bônus do sistema alimentar moderno e qual o custo dele para as populações que não o acessam, além de não mencionar a controvérsia em ter durante todo o ano, alimentos que naturalmente são sazonais.

Segundo Latour (2009), a visão *moderna* do mundo, que separa rigidamente a natureza e a sociedade, leva a uma compreensão simplista e inadequada dos fenômenos complexos que envolvem tanto humanos quanto não humanos.

> Ao tentar desviar a exploração do homem pelo homem para uma exploração da natureza pelo homem, o capitalismo multiplicou indefinidamente as duas. O recalcado retorna e retorna em dobro: as multidões que deveriam ser salvas da morte caem aos milhões na miséria; a natureza que deveriam ser dominadas de forma absoluta nos dominam de forma igualmente global, ameaçando a todos. Estranha dialética esta que faz do escravo dominado mestre e dono do homem, e que subitamente nos informa que inventamos os ecocídio e, ao mesmo tempo, as fomes em larga escala. (Latour, 2009, p. 14)

O autor propõe uma abordagem mais relacional, na qual os fenômenos são entendidos como interações entre diversos atores sociais e não humanos, em vez de serem reduzidos a entidades fixas e separadas. Latour também critica a ideia de que a modernidade é caracterizada pelo progresso linear e pelo controle humano sobre a natureza, argumentando que essa visão negligencia as interconexões e interdependências entre humanos e não humanos. Em resumo, Latour desafia as concepções tradicionais da modernidade, destacando a necessidade de uma abordagem mais complexa e relacional para compreendermos o mundo e nossas interações com ele.

"O dualismo natureza/sociedade é indispensável aos modernos para que possam, justamente, aumentar a escala dos mistos entre objetos e sujeitos." (Latour, 2009, p. 46)

Latour aponta que os modernos se acham invencíveis, e esse pensamento parece confluir com a visão de sistema alimentar moderno pela FAO, visto que apesar da organização apontar algumas características negativas do sistema, afirma também que seu progresso tecnológico resolveria todos estes problemas.

Ailton Krenak também critica a modernidade ao expor que

> A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. (Krenak, 2019, p. 8)

A FAO não parece utilizar o adjetivo moderno da forma como Latour e Krenak entendem a modernidade, visto que não evidencia as problemáticas deste sistema alimentar de forma profunda. Dessa forma, quando caracterizamos o sistema alimentar em que a sociedade atual está organizada de moderno, vamos ao encontro dos entendimentos de Latour e Krenak sobre o termo. Para distanciar da categorização da FAO e demarcar a crítica a este sistema, neste trabalho ele também pode aparecer como sistema agroindustrial e sistema globalizado.

> Por um lado, a indústria e as novas tecnologias da alimentação foram um processo histórico de racionalização, industrialização e funcionalização da alimentação mas, por outro, as conseqüências negativas da industrialização também começaram a ser denunciadas: contaminação ambiental com embalagens e garrafas plásticas, uso de aditivos químicos, padronização dos gostos alimentares, controle oligopólico dos mercados, relações comerciais desvantajosas para os países periféricos. (Carneiro, 2003, p. 79)

Dessa forma, percebe-se que a industrialização dos processos produtivos da agricultura e de toda a cadeia produtiva até o consumo provocou, além de inúmeras degradações ambientais, a concentração de renda das grandes corporações e a dominação de hábitos dos sujeitos. Todas essas relações têm implicações espaciais como visto anteriormente e afetam primeiramente sujeitos já marginalizados do sul global.

O sistema agroindustrial pode ser caracterizado também como sistema alimentar hegemônico considerando a escala de produção que a indústria permitiu alcançar e o poder que as grandes corporações globais detém dentro dos circuitos alimentares como as de insumos e sementes, as indústrias de alimentos e grandes redes de supermercados.

De acordo com Gramsci, hegemonia seria uma forma de dominação que é consentida pelos dominados uma vez que não se trata da dominação pela coerção ou simples manipulação, e sim um sistema de significações experimentado na vida cotidiana, que acaba por constituir um senso de realidade para pessoas comuns. O autor descreve como a hegemonia civil foi estruturada pela burguesia para consolidar sua posição como classe dominante, buscando formas mais estáveis de exercício do poder. Antes disso, quando o poder era estritamente militar, forças opositoras conseguiam com mais rapidez chegar no objetivo final e destituir quem estava no poder. E para manter-se no poder utilizavam-se das revoluções permanentes. A passagem do modelo de revoluções permanentes para a hegemonia civil, significou a modernização da técnica política, visto que as sociedades se tornaram mais complexas e a sociedade civil mais resistente a crises. Dessa forma, as superestruturas ideológicas também se

tornaram mais complexas e estes valores e ideologias da classe dominante formam um conjunto de entidades e instituições que atuam como trincheiras e acautelamento na guerra, uma vez que o poder sem a hegemonia se torna exclusivamente ditatorial.

As formas ampliadas do exercício do poder político, que não se restringem ao poder militar, transbordam do Estado e incorporam aspectos não apenas jurídicos, mas também intelectuais e morais. O consentimento das classes dominadas não é espontâneo, mas precisa ser educado e, portanto, as formas ampliadas do exercício do poder, que também podem ser chamadas de "estado ampliado", utilizam, por exemplo, da cultura para produzir narrativas que beneficiem as classes dominantes.

Discursos como "agro é pop", como sobre a Revolução Verde pode acabar com a fome, sobre a escala da agricultura familiar não permitir alimentar a população, a defesa da necessidade do agronegócio e como ele sustenta o PIB do país e sobre ele ser um "mal necessário", a importância dos supermercados, a necessidade das pessoas consumirem ultraprocessados, e que estes não fazem mal, são exemplos de como a hegemonia opera tornando consenso para os dominados e ideologia dos dominadores. Quando a pauta ambiental se torna incontornável, a responsabilidade recai sobre os indivíduos e então os discursos hegemônicos fazem isso: transferem a culpa do colapso ambiental para os sujeitos que incorporam as narrativas da classe dominante e transformam em consenso.

Sobre as grandes redes de supermercados, Matioli e Peres (2020) analisam como os grandes supermercados no Brasil exploram trabalhadores, fornecedores e a sociedade e a influência que estas empresas exercem sobre os governos no país. Os autores analisam as isenções fiscais destinadas às grandes redes de atacarejo, as concentrações territoriais principalmente no sudeste e nas demais capitais do país e as dinâmicas locais com outros pequenos comércios que são afetadas com a instalação desses atacarejos, em que "basta construir um galpão, espalhar enormes prateleiras, posicionar produtos sobre pallets e começar a vender." (Matioli, Peres, 2020, p. 204). Eles evidenciam como os atacarejos foram concebidos para explorar as principais vulnerabilidades do Brasil: a pobreza, a insegurança alimentar e o isolamento das periferias nas metrópoles.

> Na França, o combate a esse tipo de sistema industrial e comercial toma dimensões sociais, de defesa de uma pequena burguesia produtora rural e também urbana, proprietária dos cafés, dos bistrôs e dos armazéns, contra a concepção de

> abastecimento das "grandes superfícies" (grandes surfaces), como os franceses denominam o sistema dos hipermercados. O processo contra o ativista francês José Bové, por ter liderado um protesto em nome dos produtores rurais contra o McDonald's, é um exemplo expressivo da resistência contra a "mcdonaldização do mundo". (Carneiro, 2003, p. 82)

Conforme já analisado, o sistema alimentar agroindustrial expõe nas prateleiras dos supermercados uma variedade de produtos alimentícios ultraprocessados que possuem basicamente a mesma lista de ingredientes. Apesar das heterogeneidades nas práticas de produzir, comercializar e consumir, “a aparente diversificação de produtos alimentares industrializados vem acompanhada de uma monotonia em sua composição nutricional” (Ipes-Food, 2016).

> A uniformização global da alimentação promovida pela indústria alimentar realizou também um "sincretismo culinário", pois, ao mesmo tempo em que suprime as identidades locais e homogeiniza o gosto mundial, também divulga culinárias regionais espalhando-as pelo mundo, mesmo que sob a forma inautêntica do fastfood étnico. Apesar de o hambúrguer ser o produto mais identificado com o fastfood, o consumo mundial de pizza, prato originalmente napolitano, é também um resultado da "americanização" da alimentação, sem receber, contudo, tantas críticas como o hambúrguer, adverte um autor preocupado em identificar as características híbridas da alimentação contemporâneas. (Carneiro, 2003, p. 82-83)

Dessa forma, um sistema alimentar que se propõe alternativo precisa necessariamente promover a diversidade alimentar, fortalecendo as culturas locais a partir do que aquele bioma consegue proporcionar ao território.

O sistema alimentar hegemônico pode ser considerado insustentável por ser altamente especializado, depender de grande quantidade de energia, de terra, de água, de agrotóxicos e de antibióticos; por gerar desmatamento e desgaste do solo; por comprometer a biodiversidade do planeta; influenciar as mudanças climáticas; serem altamente vulneráveis à contaminação em larga escala e por se estruturarem em relações injustas de trabalho. (Salles-Costa *et al.*, 2022)

Pelo papel da indústria neste sistema alimentar, a epidemia da obesidade devido ao alto consumo de alimentos ultraprocessados se tornou um problema de saúde pública nos últimos anos, aliado ao aumento de outras DCNTs relacionadas a alimentação (principalmente em segmentos mais pobres da população). No mesmo país em que mais de 30 milhões de pessoas estão em insegurança alimentar, a obesidade cresceu nas últimas décadas. Desde os anos 70 até os anos 2000, a porcentagem de baixa estatura para idade (E/I) e o baixo peso para idade (P/I)

referente a crianças menores de 5 anos diminuiu. Por outro lado, o sobrepeso e a obesidade em adultos brasileiros aumentaram, chegando ao índice de 86,8%. Na faixa etária de 5 a 9 anos de idade, os níveis de excesso de peso passaram de aproximadamente 18% em 1974-1975 para 45% em 2008-2009. Dessa forma, 2 em cada 10 brasileiros estão com obesidade e tal doença caminha junto com a desnutrição. (Salles-Costa *et al.*, 2022)

O discurso da Revolução Verde com a industrialização do processo produtivo de alimentos se baseou em acabar com o problema da fome, tendo em vista a alta capacidade de produção de alimentos advinda dos avanços tecnológicos. Porém, este complexo industrial "resolveu" a fome, transferindo este problema para a má nutrição e os demais problemas de saúde que ela cria. Na realidade, a fome continua sendo um problema tendo em vista que sua causa não é a insuficiente quantidade de alimentos, e sim a falta de acesso a estes alimentos, ligada ao preço e à disponibilidade. Dessa forma, além de não acabar com a fome, surgem então os problemas decorrentes da má alimentação.

Josué de Castro (1984) afirma que existem três tipos de fome: endêmica, epidêmica e subnutrição, mas que de toda forma, fome e miséria são construções sociais.

> Há a consciência universal de que atravessamos uma hora decisiva, [p. 32] na qual só reconhecendo os grandes erros de nossa civilização podemos reencontrar o caminho certo e fazê-la sobreviver à catástrofe. Desses erros, um dos mais graves é, sem nenhuma dúvida, este de termos deixado centenas de milhões de indivíduos morrendo à fome num mundo com capacidade quase infinita de aumento de sua produção e que dispõe de recursos técnicos adequados à realização desse aumento. (Castro, 1984, p. 22)

O autor também cita o caso da Índia, onde ao final do século XIX haviam 4 milhões de pessoas passando fome ao mesmo tempo em que seus portos estavam carregados de cereais prestes a serem exportados por negociantes europeus. Isso demonstra a espacialidade dos processos ligados à alimentação com a exploração e exaustão de um território e a exportação deste solo em forma de alimento para suprir a fome em outros lugares enquanto empobrece a população do território saqueado.

Josué de Castro publicou a primeira edição da "Geografia Fome" em 1964 e faleceu em 1973 e apesar da fome ainda ser um problema fundamental, o autor não pôde ver como a industrialização e a urbanização se estenderam virtualmente no território a partir dos anos 70

(Monte-Mor, 2006) provocando a massificação dos produtos alimentícios ultraprocessados e que seguem adoecendo a população.

A edição referenciada é a de 1984, em que há uma tentativa de atualização de alguns dados sobre o país e as mudanças no contexto interno e externo, não sendo mais o Brasil um país simplesmente agrícola onde a industrialização se acelerou em direção ao "progresso".

> É nesta contingência que o nosso método de estudo talvez possa trazer alguma luz a este angustiante problema, mostrando até que ponto o progresso econômico realizado tem sido favorável e até que ponto tem ele fracassado no sentido de melhorar as condições de alimentação do nosso povo — alargando as negras manchas de miséria de nossa geografia da fome. (Castro, 1984, p. 42)

Atualmente, com a industrialização da alimentação, percebemos a alta presença da fome oculta (embora as outras também permaneçam). De acordo com o autor, a fome oculta ocorre pela falta frequente de certos nutrientes em seus regimes habituais e, dessa forma, "grupos inteiros de populações se deixam morrer lentamente de fome, apesar de comerem todos os dias." (Castro, 1984, p. 26)

Os ultraprocessados reforçam a fome oculta, pois a ingestão de grande quantidade de produto alimentício mascara a deficiência nutritiva. Muitas vezes não é consciente a falta de nutriente, pois o marketing que impulsiona o consumo destes produtos através de discursos e práticas hegemônicas cria o consenso de que são nutritivos.

Atualmente, a má alimentação da população, com alto consumo de ultraprocessados não pode ser encarado como uma questão de escolhas ruins por parte da população tendo em vista a dificuldade em acessar alimentos adequados e saudáveis seja pelo preço ou por não estarem tão disponíveis quanto os ultraprocessados - tal problema precisa ser encarado como uma questão de saúde pública. O caso da introdução do leite condensado pela Nestlé nas receitas de doces tradicionais brasileiros é um dos mais emblemáticos (Coelho; Peres, 2021). Evidentemente o leite já era consumido no país antes disso, mas a forma e a intensidade que o ingrediente e seus derivados se tornaram banais na alimentação depois de uma forte publicidade é no mínimo impressionante, levando o Brasil a ser o maior consumidor de leite condensado do mundo. Um produto criado para dar energia a soldados nas trincheiras passou a ser incentivado para o consumo de bebês, desestimulando o aleitamento materno.

> A Nestlé, pelo menos a Nestlé do Brasil, talvez tenha sido a empresa mais habilidosa na exploração dos medos surgidos da urbanização e do discurso científico. A ideia de que uma alimentação industrial é superior e de que existe um corpo constantemente em risco (especialmente o corpo do bebê) foi nutrida com carinho e dinheiro. (Coelho; Peres, 2021)

Na reportagem de Andrew Jacobs and Matt Richtel para o The New York Times, é descrita a forma como muitos produtos alimentícios ultraprocessados chegam à casa dos brasileiros - vendidos de porta em porta. A reportagem acompanhou uma das milhares de revendedoras da Nestlé que comenta como um de seus clientes, um homem "chefe de família" , havia morrido na semana anterior da reportagem vítima de obesidade grave. A própria revendedora, pesando mais de 100 quilos, havia descoberto que tem hipertensão, "um problema que reconhece estar relacionado ao seu fraco por frango frito e pela Coca-Cola que toma em todas as refeições, incluindo o café da manhã." (The New York Times, 2017).

Um caráter importante dos dados sobre a ocorrência de obesidade em adultos brasileiros é o gênero, classe social e regionalidade. De acordo com Salles-Costa *et al.* (2022) e Ferreira e Magalhães (2011) a obesidade avança na população adulta brasileira e apresenta impacto importante nos segmentos menos favorecidos. Ferreira e Magalhães apontam que o perfil com maior prevalência de sobrepeso são as mulheres, na região nordeste e com menor renda, o que demonstra as desigualdades no acesso a serviços de saúde, tipos de trabalho e condições de vida. Pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde em 2021 comprovou essas informações ao demonstrar que na população em geral a incidência de excesso de peso cresceu com a idade até os 54 anos e diminuiu conforme o nível de escolaridade aumentou. E quando há o recorte de gênero, a prevalência de obesidade decresceu à medida que o nível de escolaridade aumentou, atingindo seu ponto mais baixo entre as pessoas com 12 anos ou mais de estudo. (Brasil, 2021)

Além da obesidade, outras DCNTs como pressão arterial elevada, colesterol elevado, diabete e doenças cardiovasculares também estão presentes em parte da população brasileira, principalmente nas regiões Sul e Sudeste do país, que são as regiões com maior participação no PIB (Produto Interno Bruto) e também maior acesso a serviços de saúde e diagnóstico de morbidades.

Em relação a frequência do consumo de fruta e hortaliças, a pesquisa mencionada avaliou uma diferença considerável em relação ao gênero, visto que 34,2% dos adultos que consomem este conjunto de alimentos de forma regular, sendo que entre as mulheres a porcentagem é de 41%

e entre os homens 26,2%. Estes dados podem ser relacionados com o que abordamos no início deste trabalho sobre os debates em torno da política sexual da carne que criticam a associação do consumo de vegetais ao gênero feminino. (Brasil, 2021)

Além disso, há também desigualdades do consumo de frutas e hortaliças entre localidades do país, como evidencia a pesquisa:

> A frequência de adultos que consomem regularmente frutas e hortaliças variou entre 22,6% em Rio Branco e 44,7% em Belo Horizonte. As maiores frequências, entre homens, foram encontradas em Curitiba (37,1%), Belo Horizonte (36,7%) e Porto Alegre (35,9%) e as menores em São Luís (14,0%), Rio Branco (19,2%) e Salvador (20,2%). Entre mulheres, as maiores frequências foram encontradas em Florianópolis (52,1%), Belo Horizonte (51,4%) e no Distrito Federal (50,3%) e as menores em Rio Branco (25,7%), Porto Velho (28,2%) e Salvador (30,6%).”(Brasil, 2021, p. 42)

Aliado a gênero, classe social e regionalidade, outros grupos populacionais como povos indígenas, ribeirinhos e a população negra também apresentam indicadores específicos acerca das DCNTs. Na população indígena, observa-se o aparecimento e rápido aumento de obesidade, diabete e hipertensão arterial, o que demonstra uma mudança de hábito alimentar, ao mesmo tempo em que há elevados valores de desnutrição infantil. A zona urbana estende-se pelo espaço regional à medida que relações de produção e forças produtivas capitalistas criam condições sócio-espaciais necessárias para a acumulação continuada. Um exemplo deste processo é o “supermercado flutuante” da Nestlé, um barco-supermercado que além de levar ultraprocessados para serem vendidos a populações ribeirinhas na ilha de Marajó, também levou cárie, obesidade e diabete a crianças ribeirinhas. (Contacto, 2021). Já entre crianças pretas e pardas há 90% mais chance de risco de morte por desnutrição em comparação a crianças brancas. Por outro lado, o excesso de peso têm atingido muitas sociedades quilombolas e doenças crônicas como hipertensão ultrapassam os valores nacionais. (Salles-Costa *et al.*, 2022)

A mudança de hábitos alimentares em países emergentes enquanto o consumo de ultraprocessados é reduzido em países centrais é um exemplo visível do mito do desenvolvimento econômico descrito pelo economista Celso Furtado que analisa como a dependência político-econômico-social criada pelo capitalismo não só coloca que “o desenvolvimento econômico - a ideia de que os povos pobres podem algum dia desfrutar das formas de vida dos atuais povos ricos - é simplesmente irrealizável.” (Furtado, 1974, p. 88), como também que é intrínseco ao capitalismo que países periféricos sejam totalmente

subalternizados a países centrais onde há nítida transferência de riqueza, superexploração do trabalho e degradação ambiental promovidas por incentivos diretos ou indiretos desses últimos.

Há diversas tentativas por parte das grandes corporações em desvincular o consumo de ultraprocessados com o aumento de DCNTs como os ataques ao Guia Alimentar Para a População Brasileira, que possui reconhecimento internacional como uma das primeiras orientações dietéticas com recomendações explícitas de sustentabilidade (IDEC, 2019) e por ser uma instrução para a população e não somente para especialistas da área, tendo inspirado guias de diversos outros países. Em setembro de 2020, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) emitiu um ofício direcionado ao Ministério da Saúde (Nota Técnica nº 42/2020) pedindo a urgente revisão do guia para a retirada da recomendação da diminuição de ultraprocessados, entendendo que "evitar ultraprocessados" seria algo muito amplo, que nem todos os AUP são iguais, que "o Guia brasileiro é considerado um dos piores [do planeta]" e outros argumentos omitindo, por exemplo,

> as cinco revisões sistemáticas, além de uma revisão narrativa, que demonstraram a associação inequívoca do consumo desses alimentos com o risco de doenças crônicas de grande importância epidemiológica no Brasil e na maior parte dos países, como obesidade, diabete, doenças cardiovasculares e acidentes vasculares cerebrais, incluindo a mais recente publicada por Pagliai *et al.* na revista British Journal of Nutrition. (NUPENS, 2020)

Tais reivindicações não possuem argumentos de bases sólidas e as intenções da então ministra do MAPA Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias ao enviar o documento ao então ministro da saúde Eduardo Pazuello foram nitidamente favorecer interesses da indústria de ultraprocessados e desinformar a população (NUPENS, 2020). A importância do documento, além de informar a população, é um grande instrumento para a geração de políticas públicas. O guia também menciona a distribuição de tarefas domésticas (questão de gênero, lembrando do trabalho reprodutivo), defende aspectos sociais e culturais do comer, como comer em comunidade, não somente incentiva práticas mais saudáveis no âmbito individual, mas também no âmbito coletivo e ainda comenta sobre a questão ambiental, custo dos alimentos ultraprocessados (água, uso de terras, embalagem) menciona sobre consumir mais vegetais e menos alimentos de origem animal (apesar de não ser uma recomendação vegetariana), orgânicos, agricultura familiar, agroflorestal e tudo isso com embasamento científico (tanto da ciência cartesiana quanto dos saberes tradicionais). Como mencionado, os ataques são

constantes e mesmo antes de ser lançado, já havia sofrido censuras, principalmente por meio de representantes de empresas como Coca-Cola, Unilever, Nestlé e Danone.

> O guia foi publicado após um longo processo, que envolveu consulta pública e muita pressão nos bastidores. A maior preocupação da indústria era tentar derrubar a recomendação de evitar ultraprocessados. Para isso, fez mobilização direta, mas também indireta, com uma enxurrada de manifestações de organizações científicas ligadas às empresas durante a consulta pública. Em especial duas: o International Life Sciences Institute e a Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição, patrocinada por Nestlé, Danone e afins. (The Intercept Brasil, 2019)

Outro exemplo de tentativas por parte das grandes corporações em desvincular o consumo de ultraprocessados com o aumento de DCNTs são estudos que não divulgam seus financiadores como uma pesquisa da FGV que afirma que idade, renda e sedentarismo são principais fatores para obesidade, que vai muito além de hábitos alimentares. Tal estudo foi levado pelo presidente-executivo da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (Abia), João Dornellas, para uma audiência na Câmara dos Deputados sobre reforma tributária, o que evidencia a influência das grandes corporações nas políticas públicas que seguem no caminho contrário da promoção da saúde da população. O intuito foi criticar a tributação de produtos ultraprocessados, que afetaria o lucro das empresas. Além disso, o problema em desassociar a obesidade dos hábitos alimentares, vinculando-a a fatores como idade, renda e sedentarismo é culpabilizar o indivíduo e forçar uma busca por soluções que não resolverão o problema, mantendo o consumo dos ultraprocessados, inclusive de mercadorias que prometem a redução do peso de forma não saudável. (Melito, 2023)

Marion Nestlé (2019) analisa como a iniciativa pública financiada pela contribuição sindical dos produtores rurais tem como objetivo aumentar a demanda por commodities através do fomento de marketing para publicidade e pesquisas enviesadas. Tal prática também seria adotada para a indústria de laticínios, que arrecada cerca de duzentos milhões de dólares por ano com taxas e promove campanhas como “Tomou leite?” nos EUA para incentivar o consumo da bebida em variadas situações. (Nestlé, 2019) Ou seja, o marketing e as pesquisas enviesadas criam o consenso, provocam um aumento intencional da demanda e, portanto, justificam o uso corporativo e degradante do território.

A autora também cita a indústria da carne que, após as conclusões da OMS e de outros pesquisadores independentes que a carne vermelha é “provavelmente carcinogênica para

humanos" e as carnes processadas como inequivocamente "carcinogênica para humanos", como já apresentamos na seção 1.1.1 deste trabalho, a

> Associação Nacional de Pecuaristas de Bovinos diz: "a evidência científica disponível simplesmente não sustenta a relação causal entre carnes vermelhas ou processadas a qualquer tipo de cancer". Como provas, cita estudos financiados pelo Conselho de Pecuaristas Bovinos, que não somente deixaram de verificar a associação de carnes vermelhas e processadas e o câncer de próstata (que não está, geralmente, ligado ao consumo de carne), como também isentaram de culpa os métodos de cozimento de alta temperatura e os vários carcinógenos suspeitos. (Nestle, 2019, p. 96)

No Brasil observam-se campanhas massivas para crianças a partir de 2 anos (ou antes disso) começarem a beber leite diariamente, incluindo ações para desestimular a prática de amamentar. O Joio e o Trigo, projeto de jornalismo investigativo sobre alimentação, saúde e poder (segundo o próprio site), apresenta uma série de reportagens sobre infrações de empresas a respeito deste tema.

> No site do Magalu, por exemplo, há uma ferramenta para interação com o consumidor chamada 'Lu Explica'. Na aba dedicada às fórmulas infantis, os inúmeros benefícios do leite materno são ignorados e, com apenas um clique, no primeiro parágrafo, o consumidor é direcionado à aba de compras, que tem fórmulas para todas as idades e de variados preços, além de compostos lácteos. Nenhum dos anúncios exibe as advertências do Ministério da Saúde que são exigidas pela legislação. (Melo; Iwasawa, 2020)

A própria OMS se mostra preocupada com a forma como tais produtos são comercializados e muitas vezes de difícil fiscalização através de um relatório preliminar, que afirma que

> O uso generalizado de estratégias de marketing digital para a promoção de substitutos do leite materno é uma causa de crescente preocupação. Os métodos de marketing moderno, que ainda eram desconhecidos quando o Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite Materno foi adotado pela primeira vez, atualmente são usados regularmente para alcançar mulheres jovens e suas famílias, com mensagens que normalizam a alimentação artificial e prejudicam a amamentação. Táticas como grupos sociais online patrocinados pelo setor, anúncios direcionados individualmente no Facebook, blogs e vlogs pagos, revistas online e descontos nas vendas pela Internet são cada vez mais utilizadas. (OMS, 2019, p.7, tradução livre)[40]

[40] "The widespread use of digital marketing strategies for the promotion of breastmilk substitutes is a cause of growing concern. Modern marketing methods that were still unknown when the Code was written are now used regularly to reach young women and their families with messages that normalize artificial feeding and undermine breastfeeding. Tactics such as industry-sponsored online social groups, individually targeted Facebook advertisements, paid blogs and vlogs, online magazines, and discounted Internet sales are used increasingly.

Conforme visto anteriormente, a estruturação do agronegócio impulsionou o mercado de ultraprocessados no mundo que foi facilmente disseminado através de alto investimento em marketing, isenções fiscais por parte dos governos e garantia de alta escala de produção. Em Belo Horizonte, em dez anos, os estabelecimentos saudáveis cresceram 32% e os estabelecimentos mistos 51%, enquanto os estabelecimentos não saudáveis cresceram 154% :

> Além de crescer em números, os ultraprocessados estão conquistando novos territórios em BH. Apesar de existir uma concentração maior de estabelecimentos, de todos os tipos, na região centro-sul, os dados mostram que com o passar do tempo os estabelecimentos não saudáveis foram se aglomerando também em bairros fora dessa região, onde não estavam tão presentes antes. (Melo, 2020)

Nos trabalhos de campo para este trabalho observamos a grande quantidade de estabelecimentos que comercializam ultraprocessados no Aglomerado da Serra em comparação com a pequena quantidade de sacolões na mesma região.

Além disso, o atual governador Romeu Zema revogou, dia 8 de outubro de 2020, a proibição de ultraprocessados nas cantinas das escolas mineiras que havia sido publicada em 2018 após mais de dez anos de espera (a lei havia sido aprovada em 2004) e que era exemplo para o restante do país.

> A revogação do decreto 47.557 garante a manutenção de alimentos ultraprocessados nas cantinas escolares de todo o estado. Salgadinhos de pacote, biscoitos recheados, balas, refrigerantes e bebidas açucaradas são produtos ultraprocessados e o seu consumo está associado a doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), como obesidade, diabete, hipertensão e câncer. O comércio de tais produtos nas cantinas escolares, seja da rede pública ou privada de Minas Gerais, está em desacordo com a lei em vigor desde 2004 e à espera da regulamentação. (Aliança Pela Alimentação Adequada e Saudável, 2020)

Uma semana depois, dia 15 de outubro de 2020, Zema visitou a fábrica da Ferrero Rocher, em Poços de Caldas, empresa que produz diversos doces e chocolates, alguns deles destinados ao público infantil. (Agência Minas, 2020). E em setembro de 2023 assinou com a mesma empresa protocolo de intenções para a instalação de um parque em Poços de Caldas, similar ao que a empresa possui na Itália, com o objetivo de inspirar “crianças e jovens a se movimentarem, por meio de jogos e brincadeiras”. (Agência Minas, 2023).

O site de jornalismo investigativo sobre alimentação, saúde e poder também já demonstrou o histórico de financiamento da empresa Coca-Cola em pesquisas na área da saúde que

desvinculam o foco no consumo de bebidas adoçadas da obesidade, apontando o sedentarismo como causa dessa doença. Dessa forma, entendemos que retirar a influência do hábito alimentar é retirar o problema da pauta da saúde pública.

O conceito de hegemonia de Gramsci, aliado ao sistema agroalimentar moderno e produção de espaço abstrato de Lefebvre, evidencia o tamanho do poder que as grandes corporações alimentícias têm no território.

Além disso, o relatório da Ipes-Food (2016) demonstra como os subsídios agrícolas destinados às commodities que posteriormente se tornam ração animal interferem nas dinâmicas internas, incentivando a criação de gado, impactando o mercado global.

> Cada vez mais, uma preferência por cadeias globais de commodities tem sido refletida na estrutura dos subsídios agrícolas. A subsidiação da agricultura de culturas de commodities em larga escala agora é comum em países de renda média e alta (Herren et al., 2012). Essa preferência é clara nos programas de apoio do governo nos EUA (Carolan, 2013), onde as políticas mantêm os preços da soja e do milho artificialmente baixos, agindo como um incentivo para sistemas de criação de gado alimentados com grãos e muitas vezes dependentes de importação sobre a criação de gado alimentado com pasto (Schoonover & Muller, 2006). Outro exemplo pode ser encontrado na Índia, onde os programas governamentais exercem uma preferência por culturas básicas como arroz, milho e trigo (Kaushal & Muchomba, 2015). Em muitos casos, as políticas foram moldadas em torno das cadeias globais de suprimento de ração animal, cujos produtos finais (carne e produtos lácteos) frequentemente não alcançam os consumidores nos países que produzem a matéria-prima (Sharma, 2014).[41] (Ipes-Food, 2016, p. 47, tradução nossa)

Ainda sobre este sistema alimentar globalizado, o relatório do Ipes-Food descreve como os consumidores têm se tornado cada vez mais desconectados e desinteressados dos sistemas alimentares.

> Essa desconexão tem sido observada em três níveis: físico (entre as zonas urbanas, onde a maioria das pessoas vive, e as zonas rurais, onde os alimentos são produzidos); econômico (mais intermediários entre os consumidores e os agricultores, com uma parcela maior do valor se movendo ao longo da cadeia de suprimentos às custas dos agricultores); e cognitivo (diminuição do conhecimento sobre como os alimentos são

[41]Increasingly, a preference for global commodity chains has been refected in the structure of agricultural subsidies. Subsidization of large-scale commodity crop agriculture is now common in middle- and high-income countries (Herren et al., 2012). This preference is clear in the government support programmes in the US (Carolan, 2013), where policies keep soy and corn prices artifcially low, acting as an incentive for grainfed and often import-dependent livestock systems over grass-fed livestock (Schoonover & Muller, 2006). Another example can be found in India, where government programmes exercise a preference for staple crops such as rice, maize and wheat (Kaushal & Muchomba, 2015). In many cases, policies have been shaped around global animal feed supply chains, whose fnal outputs (meat and dairy products) often do not reach consumers in the countries producing the feedstock (Sharma, 2014).

> produzidos e processados) (Bricas et al., 2013). Como resultado, o fato de que as escolhas alimentares têm implicações para os sistemas agrícolas tornou-se menos óbvio e menos importante na hierarquia das preocupações diárias.[42] (Ipes-Food, p. 50)

Relacionamos essa desconexão com a ruptura metabólica que provoca o afastamento tanto geográfico do ser humano com a natureza quanto cognitivo dada a alienação da mercadoria.

Dessa forma entendemos que um sistema alimentar alternativo deve se basear na produção perto do consumo e isso diz respeito tanto a reforma agrária permitir que mais agricultores tenham acesso à terra como possibilitar meios de promover a agricultura urbana para que as cidades também possam ser espaços de produção de comida. Esses processos já implicariam a redução de atravessadores, mas, além disso, a maior disponibilidade de feiras e outras formas de comercialização que encurtem os circuitos produtivos também deve ser promovida. Por fim, a alienação frente ao alimento e seu processo produtivo deve fazer parte de uma estratégia de educação crítica formal e não formal, como também já abordamos. Mas além disso, tendo analisado o poder das grandes corporações, entendemos que este também precisa ser regulamentado.

Schuster, Oliveira, Dal Bosco (2015) demonstram como a nutrição possui papel fundamental tanto na prevenção como no tratamento em doenças cardiovasculares conhecidas como síndrome metabólica (SM). De acordo com as autoras, “os componentes individuais que definem a SM incluem pressão arterial elevada, dislipidemia (triglicerídeos e LDLcolesterol elevados), elevada glicemia de jejum e obesidade central.” (Schuster; Oliveira; Dal Bosco, 2015, p. 4) Em relação a qual tipo de alimentação é capaz de evitar e tratar esses sintomas, elas apontam que

> Pesquisas mostram que dietas com redução de carboidratos e aumentadas em gordura ou proteína reduzem os níveis plasmáticos de triglicerídeos e aumentam o HDLcolesterol. No entanto, dietas com maior quantidade de proteína, em especial de origem vegetal, podem ser mais eficazes para melhorar o perfil lipídico e a ação da insulina do que o aumento de gordura [...] A dieta DASH [Dietary Approach to Stop Hypertension], que enfatiza o consumo de frutas, legumes e produtos lácteos com baixo teor de gordura, grãos integrais, aves, frutos do mar e nozes, e é mais baixa em

[42]This disconnection has been observed on three levels: physical (between the urban zones where most people live and the rural zones where food is produced); economic (more intermediaries between consumers and farmers, with a greater share of value moving up the supply chain at the expense of farmers); and cognitive (decreasing knowledge of how food is produced and processed) (Bricas et al., 2013). As a result, the fact that food choices have implications for farming systems has become less obvious and less important in the hierarchy of daily concerns.

> sódio, carne vermelha e carnes processadas, doces e açúcar, pobre em gorduras saturadas, gorduras totais e colesterol e restrita em sódio, é recomendada nas Dietary Guidelines for Americans, 201035 e pela Sociedade Brasileira de Cardiologia. Um ensaio clínico randomizado avaliou os efeitos da dieta DASH em comparação ao aconselhamento dietético habitual da SM em adolescentes com SM. A dieta DASH levou à redução da prevalência de hipertensão arterial e resistência à insulina. (Schuster; Oliveira; Dal Bosco, 2015, p. 4-5, grifos nossos)

Essa recomendação não pode ser considerada vegana ou vegetariana, pois há recomendação de ingestão de aves, frutos-do-mar e produtos lácteos com baixo teor de gordura. Porém, a recomendação de evitar carnes vermelhas e processadas além de sódio, açúcar e gorduras (presentes em excesso nos ultraprocessados), e a recomendação de enfatizar o consumo de frutas, legumes, grãos e outras proteínas de origem vegetal parecem demonstrar uma mudança drástica e necessária da alimentação dos brasileiros.

Dessa forma, indagamos se os hábitos de consumo que podem provocar a Síndrome Metabólica nos sujeitos, podem ter sido causados pelo modo de produção de alimentos que foi um dos responsáveis pela ruptura metabólica com a natureza.

O relatório publicado pela The Lancet (IDEC, 2019) que contou com a autoria do médico epidemiologista neozelandês Swinburn, avalia que a obesidade é apenas uma dentre as três grandes sindemias da atualidade. Ela está ao lado da desnutrição e das mudanças climáticas que, em conjunto, provocam um quadro de sindemia global, provocado pelo sistema agroalimentar moderno.

Relacionando as sindemias, Swinburn menciona que em algumas localidades do país, como nas áreas rurais e entre povos e comunidades tradicionais, as mudanças climáticas tendem a gerar maior dependência do consumo de alimentos adquiridos em centros urbanos, especialmente os alimentos ultraprocessados (IDEC, 2019).

É fundamental que as mudanças climáticas sejam discutidas pelas governanças nas cidades visto que tem um papel fundamental no aprofundamento dessas crises, mas também são de onde saem as inovações para superá-las e isso inclui enclaves que aprofundam desigualdades territoriais. Porém, estratégias para aumentar a “resiliência urbana” frente a mudanças climáticas geralmente são voltadas a governanças orientadas para o mercado. Brenner (2015) menciona que essa sustentabilidade urbana é um dos fluxos incluídos na ideologia abrangente da era urbana. Outros fluxos seriam o triunfalismo urbano (cidades como motor de inovação,

civilização e prosperidade); e o urbanismo tecnocientífico (abordagem neopositivista, smart cities - corporações de tecnologia, despolitizando a vida urbana e assim ajudando na 'boa gestão' do território).

Espíndola (2020) mostra como planos diretores de diferentes cidades brasileiras não abordaram, até então, a temática da mudança climática, tema pouco contemplado em políticas públicas urbanas municipais. Por outro lado, quando alternativas são propostas no ambiente urbano com o objetivo de reduzir os impactos ambientais, são ineficientes e não atingem as verdadeiras causas destes problemas. O planejamento estratégico voltado para questões ambientais pode ser entendido como um greenwashing neste sentido: ferramentas de marketing urbano para atrair investimento e apenas postergar crises. Desde o movimento *city-beautiful* e cidade-jardim (Kaiser; Godschalk, 2016) aos atuais planos locais de ação climática, além de retificar a dicotomia ambiente natural-ambiente construído, não solucionam os problemas derivados da crise climática e ambiental.

"Como a terra de uma cidade é utilizada, define seu caráter, seu potencial de desenvolvimento, o papel que pode desempenhar dentro de uma economia regional e como isso afeta o meio ambiente natural. (Seattle Planning Commission, 1993)."[43] (Kaiser; Godschalk, 2016, p. 447, tradução nossa). Dessa forma, estratégias e ações baseadas em tecnologias que não transformam a realidade material do espaço urbano com justiça social e ambiental, não enfrentam as consequências das crises ambientais de forma a solucionar tal problema.

A urbanização como processo também alterou as dinâmicas dos sistemas alimentares principalmente nas metrópoles, gerando consequências na cadeia de abastecimento de alimentos e alterando todo o ambiente onde as pessoas consomem estes alimentos.

> O ambiente alimentar está integrado às ações de abastecimento, dado que as ações do mercado, ou ainda, a forma como as políticas públicas são construídas vai influenciar o comércio varejista de alimentos, moldando o contexto em que os consumidores tomam decisões de compra. (Salles-Costa *et al*, p.48)

Salles-Costa *et al.* mencionam sistemas alimentares rurais e urbanos, mesmo que haja uma "linha tênue" que separa esses sistemas. Porém, não há maior detalhamento sobre o que seria

[43] How a city's land is used defines its character, its potential for development, the role it can play within a regional economy and how it impacts the natural environment. (Seattle Planning Commission, 1993)

um sistema alimentar rural. Mesmo que ainda existam “ilhas de ruralidade” (Lefebvre, 2001), a urbanização extensiva como um estágio de organização espacial no qual o capitalismo industrial provocou a ruptura da cidade em duas partes relacionadas: o core (centro/núcleo urbano) e o tecido urbano (trama de relações sócio-espaciais que se estende à região resultante da explosão da cidade preexistente) (Monte-Mor, 1994), dificulta cada vez mais uma distinção entre sistemas alimentares destes espaços.

Visto que hoje, o urbano-industrial impõe-se virtualmente a todo o espaço social, na urbanização extensiva, analisar os sistemas alimentares através da produção do espaço urbano é fundamental para entender suas dinâmicas e consequências, assim como para propor soluções alternativas a este sistema.

No contexto brasileiro, problematizar o sistema alimentar hegemônico é ainda mais importante tendo em vista o papel do agronegócio na economia do país e o papel do agronegócio brasileiro para o mundo. A participação do agronegócio no PIB brasileiro varia de acordo com o método utilizado em cada pesquisa, visto que algumas utilizam os números de toda a cadeia produtiva, incluindo insumos, indústria e serviços e outras utilizam apenas os números da produção. De qualquer forma, a dependência do país ao setor primário precisa ser debatida visto a concentração de renda e terra que tais atividades geram além da volatilidade de preços das commodities no mercado externo e as degradações ambientais intrínsecas a este modo de produção.

Através dos dados apresentados no Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (SEEG, 2021), o Brasil é um dos países que lidera as emissões de gases de efeito estufa no mundo ocupando a 5ª posição e, para fins de comparação, se o agronegócio brasileiro fosse um país, já seria o 8º maior poluidor do mundo, à frente inclusive do Japão. De acordo com o relatório 9 do SEEG (2021), em 2020, ano do ápice da pandemia do COVID 19 o Brasil foi na contramão do restante do mundo, tendo aumentado em 9,5% as emissões brutas dos GEEs, “tornando-se possivelmente o único grande emissor do planeta a verificar alta.” (SEEG, 2021, p. 3) O principal fato para este aumento foi a mudança de uso da terra causada pelo desmatamento nos biomas da Amazônia e Cerrado que foi tão alto que compensou a queda das emissões nos setores de transporte e energia que tiveram baixa neste período justamente pelas consequências da pandemia. Atrás da mudança de uso da terra, a agropecuária foi o setor que mais emitiu GEEs que segundo o relatório ocorreu, pois a queda no consumo da carne

manteve mais gado no pasto e, portanto, mais metano sendo emitido pelo rebanho. (SEEG, 2021) Quando somados à mudança de uso da terra com a atividade agropecuária, conclui-se que quase três quartos (73%) das emissões nacionais estão direta ou indiretamente ligadas à produção rural e à especulação com terras. Dentro do setor agropecuário, a fermentação entérica (processo digestivo do gado) foi a atividade que mais contribuiu para a emissão de GEEs, representando 65% das emissões. Problematizar a pecuária no país desde a produção até o consumo de carne e derivados é tarefa fundamental frente a crise ambiental e alimentar, discussão que tem sido pouco feita na literatura e na sociedade.

> No total, a produção de bovinos domina as emissões do agro: a criação de bois e vacas responde por nada menos que 75% das 577 milhões de toneladas emitidas pelo setor, divididas entre gado de corte (65,6%) e de leite (9,3%). Diretamente, sem contar o desmatamento, a pecuária bovina no Brasil emite mais do que países como a Itália e a Argentina. (SEEG, 2021)

Como já debatido aqui, o agronegócio brasileiro é voltado para exportação de commodities para sua posterior transformação em ração animal, ou seja, não serve para alimentar a população. Além dos problemas já apresentados, o sistema industrial de produção de alimentos está diretamente relacionado às últimas grandes epidemias.

Como visto, os sistemas alimentares são muito complexos e envolvem grande variedade de sujeitos, organizações e etapas dos processos produtivos. O sistema agroindustrial é insustentável em praticamente todas estas etapas e, portanto, fomentar sistemas alimentares que sejam saudáveis e sustentáveis não se apresenta como tarefa fácil, porém é também urgente.

Como mencionado, diferentes sistemas alimentares coexistem na atualidade e dessa forma, alternativas sustentáveis ao modo de produzir alimentos também estão presentes na sociedade, mesmo que com menor expressividade - o que não significa que não fazem diferença na qualidade de vida dos sujeitos que a acessam, na geração de renda e nos impactos ambientais mesmo que em escala local.

Os movimentos de resistência em busca da construção de sistemas alimentares sustentáveis, equitativos e saudáveis precisam também ter um olhar decolonial para seus processos, o que demanda um desafio ainda maior visto que em cada território, a população possui meios próprios de vínculo com a terra.

Por fim, apesar de criticar o sistema industrial especializado no que diz respeito à criação industrial de carne, o relatório (Ipes-Food, 2016) propõe uma produção em pequena escala, em pastagens que confluem com a produção de alimentos diversificados e árvores. Porém, não problematiza o consumo de carne e o volume deste consumo. Dessa forma, como exposto até aqui neste trabalho, a centralidade da carne é percebida mesmo nos produtos alimentícios ultraprocessados sem ingredientes de origem animal, visto que tentam imitar sabores e texturas dos alimentos de origem animal. Dessa forma entendemos que o sistema alimentar moderno, além de poder ser caracterizado como sistema agroindustrial e sistema hegemônico, pode também ser analisado como sistema agroindustrial baseado em animais. (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022)

3.2 Sistema arcaico à base de plantas

O relatório Ipes-Food (2016), após mencionar os problemas do sistema alimentar industrial defende a alternativa do que chama "sistemas agroecológicos diversificados", com diversificação de fazendas e paisagens agrícolas. "Há evidências crescentes de que esses sistemas mantêm o carbono no solo, apoiam a biodiversidade, reconstroem a fertilidade do solo e sustentam os rendimentos ao longo do tempo, fornecendo uma base para meios de subsistência agrícolas seguros." (Ipes-Food, p. 3, tradução nossa). O relatório aponta que os sistemas alimentares industriais já estão sendo desafiados em várias frentes, mas que são necessários incentivos políticos para que essas alternativas surjam além das margens.

> Os dados mostram que esses sistemas podem competir com a agricultura industrial em termos de produção total, apresentando um desempenho particularmente forte sob estresse ambiental e proporcionando aumentos na produção nos lugares onde alimentos adicionais são desesperadamente necessários. Os sistemas agroecológicos diversificados também podem pavimentar o caminho para dietas diversas e melhor saúde. (Ipes-Food, p. 3, tradução nossa)

Porém, ancorada no que propõe Sexton; Garnett; Lorimer, (2022), visto que o sistema alimentar atual pode ser caracterizado como "sistema agroindustrial centrado na carne" ou "sistema alimentar global baseado em animais" e pelo exposto até aqui, propomos que os debates sobre as alternativas devam reforçar o decrescimento da produção e do consumo animal e ir em direção a um sistema baseado em plantas.

Porém, como mencionado pelos autores, um "sistema alimentar livre de animais" não garante que as opressões sobre os animais humanos não acontecem. Eles citam estudos veganos que demonstram como "muitas formas de violência e injustiça continuam nas cadeias de abastecimento de alimentos mesmo quando os animais são removidos."[44] (p. 609, tradução nossa), visto a crescente de produtos ultraprocessados veganos.

Por outro lado, "A popularização do veganismo levanta um conjunto oportuno de questões para acadêmicos preocupados com as consequências sociais, animais e ambientais do sistema alimentar."[45] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 617). Dessa forma, os autores propõem que os estudos das geografias veganas tem potencialidade de analisar as relações socio-espaciais provocadas pelo "Big Veganism" (veganismo das grandes corporações industriais) "e examinar as consequências dessas dinâmicas para as geometrias de poder dos alimentos e as possibilidades de um sistema alimentar à base de plantas justo e sustentável."[46] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 618)

Entendemos, portanto, que um "sistema alimentar à base de plantas justo e sustentável" precisa decrescer também o consumo de ultraprocessados e pode ser analisado com a aliança entre o veganismo com a agroecologia.

Niederle *et al.* (2020), relaciona o veganismo com o movimento agroecológico ao analisar o boicote a alimentos ultraprocessados, transgênicos e com alto teor de sódio, açúcar e gordura (o que ajuda a promover a soberania e a SAN). De acordo com os autores, o estereótipo de que "os veganos estariam deixando de comer carne para se tornarem reféns de alimentos ultraprocessados que poderiam, em tese, ser ainda mais danosos à saúde e ao ambiente" é contraposto ao demonstrarem os resultados obtidos em pesquisa com diversos restaurantes veganos em Porto Alegre–RS.

Os autores contrapõem a preocupação de Morris & Kirwan que sugerem que assim como aconteceu com os orgânicos, o veganismo já teria sido apropriado pela indústria alimentícia. Na realidade a pesquisa corroborou com a conclusão de Stănescu, "segundo a qual a maioria

---

[44] many forms of violence and injustice continue in food supply chains even when animals are removed.
[45] Vegan mainstreaming raises a set of timely questions for scholars concerned with the social, animal and environmental consequences of the food system.
[46] examine the consequences of these dynamics for the power geometries of food and the possibilities for a just and sustainable plant-based food system

dos adeptos do veganismo são mais conscientes dos perigos da comida e da agricultura industrializadas do que a população em geral, e isso porque teriam desenvolvido uma autocrítica mais profunda em relação aos impactos de suas práticas de consumo" (Niederle *et al*., 2020, p. 220). Portanto, colocam como irracionais os ataques aos vegetarianos e veganos que originam das críticas ao monocultivo "como se as duas únicas opções possíveis fossem comer carne ou produtos industriais ultraprocessados."

Os resultados da pesquisa de Niederle *et al.* (2020) demonstraram que os restaurantes veganos da capital gaúcha praticavam o mesmo valor ou o valor abaixo do mercado de restaurantes não veganos e que a baixa adesão de classes mais baixas se daria mais a localização dos estabelecimentos e acesso à informação (mesmos desafios da agroecologia) e menos ao preço das mercadorias. Sobre os consumidores, identificaram grande porcentagem de não veganos frequentando os restaurantes; alto nível de instrução (comparado a média brasileira) e prevalência de 70% do gênero feminino. Além disso, observaram elevado consumo de orgânicos em comparação a não veganos, o que os autores colocam como principal expressão das convergências possíveis entre veganismo e agroecologia - convergência que se amplia para outras práticas como compra de agricultura familiar.

Os autores mencionam também os espaços de comercialização como importantes pontos de encontro dos movimentos, que rebatem as críticas de que a exclusão da carne não seria acompanhada de outras preocupações sociais como desigualdades de classe, gênero, raça e nem com preocupações sobre a sustentabilidade de sistemas agrícolas.

> Esses espaços [feiras veganas] têm sido fundamentais para aproximar ambos os movimentos e, ao mesmo tempo, para questionar a ideia bastante disseminada nos movimentos rurais e agrários de que o veganismo é uma dieta da moda, voltada para uma elite urbana, e já apropriada pelos principais atores da indústria alimentar. (Niederle *et al*., 2020, p. 228)

Dessa forma, o veganismo busca apoiar cadeias de produção que não tenham exploração animal em nenhum de seus processos, desde a produção até o consumo final. Visto que "os sistemas alimentares envolvem todos os processos ligados à alimentação humana, desde sua produção até o consumo incluindo o plantio, colheita, o processamento, a embalagem, o transporte, a comercialização/marketing, o consumo e o descarte." (Salles-Costa *et al.*, 2022) Dessa forma quais sistemas alimentares se aproximam de quais veganismos? Buscar relacionar um modo de vida que se baseia nas escolhas de consumo e experiências pessoais com sistemas alimentares,

que envolvem os modos de produção de alimentos e suas dinâmicas territoriais é parte da tarefa deste trabalho.

> Tal abordagem relacional pode, argumentamos, ajudar a superar a dicotomia produção-consumo que o pensamento vegano (como os estudos agroalimentares antes dele) por vezes perpetuou, e em vez disso incentivar uma crítica mais holística das implicações da atual popularização do veganismo. Ao fazê-lo, as geografias alimentares veganas incentivam lições bidirecionais entre esses campos de pesquisa como uma plataforma para considerar como uma gama mais ampla de corpos, lugares, privilégios e identidades estão sendo (re)formados através do Big Veganismo, e examinar as consequências dessas dinâmicas para as geometrias de poder dos alimentos e as possibilidades de um sistema alimentar à base de plantas justo e sustentável.[47] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 618, tradução nossa)

O economista e ambientalista brasileiro Jean Marc von der Weid, no texto "O sistema agroalimentar mundial - em crise terminal" menciona a redução da carne bovina ao propor o sistema agroecológico como alternativa ao sistema atual.

> Estudos encomendados pela FAO mostraram que a agricultura orgânica pode alimentar corretamente uma população de 10 bilhões de pessoas, substituindo totalmente os sistemas convencionais. Haveria mudanças na composição das culturas, com uma *diminuição significativa da produção animal*, sobretudo de gado bovino e aumento na produção de leguminosas e hortaliças. A quantidade de calorias disponível também cairia, mas mantendo-se acima das necessidades vitais de cada um. [...] Por outro lado, os sistemas agroecológicos permitem a fixação de carbono nos solos, além de favorecerem o reflorestamento, o que tem o mesmo efeito. A *redução dos estoques de bovinos* teria impactos na diminuição da emissão de N20, um dos mais poderosos GEE. Alguns estudos indicam que, entre o reflorestamento, a redução das emissões do gado bovino e a fixação de carbono nos solos, retiraria significativamente o CO2 da atmosfera, além de diminuírem exponencialmente as emissões de N2O. (Weid, 2024, grifo nosso)

Dessa forma, vemos a aliança do movimento vegano com a agroecologia, se afastando do veganismo corporativo de mercado que incentiva os ultraprocessados a partir de uma lógica individualista como uma oportunidade de potência para ambos os movimentos. Portanto, o combate aos ultraprocessados veganos precisa ser realizado de forma mais contundente, com a mesma expressividade que os veganos criticam o consumo animal e que o movimento agroecológico crítica a produção convencional.

---

[47] Such a relational approach can, we argue, help to overcome the production-consumption binary that vegan thinking (like agri-food studies before it) has at times perpetuated, and instead encourage a more holistic critique of the implications of veganism's current mainstreaming. In doing so, vegan food geographies encourages bi-directional lessons between these research fields as a platform to consider how a broader range of bodies, places, privileges and identities are being (re)made through Big Veganism, and to examine the consequences of these dynamics for the power geometries of food and the possibilities for a just and sustainable plant-based food system

> Para Maye et al. (2007), o rótulo alternativo tornou-se vazio; um termo genérico para promessas generalizadas de benefícios (não)humanos. Em resposta, foram feitas tentativas para qualificar mais precisamente a alteridade por meio de métricas discerníveis e estruturas analíticas. Por exemplo, Watts et al. (2005) caracterizam AFNs [redes alimentares alternativas] ao longo de um espectro de "mais fraco" a "mais forte", distinguindo entre sistemas que enfatizam a reimaginação do produto alimentício ou as redes de sua produção, distribuição e serviços socioecológicos mais amplos. Tais críticas veem as AFNs baseadas em produtos individuais como o modelo mais fraco para alcançar uma mudança radical devido à sua suscetibilidade à apropriação corporativa. De acordo com essa análise, as tendências recentes na popularização do veganismo têm seguido em grande parte um modelo mais fraco de alteridade, dadas suas características neoliberal e baseadas no mercado. (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 613, tradução nossa)

Este modo de produção de alimentos, baseado em monoculturas e latifúndios, exemplifica importações de modelos fracassados que se colocam como globais para territórios diversos. Para além disso, a agricultura comercial tem o claro objetivo de alienação dos sujeitos diante das mercadorias que produz, afastando o consumo da produção e inserindo diversas indústrias entre a matéria-prima e o produto final com o simples objetivo de geração de lucro e acumulação e concentração de capital.

Uma alternativa lógica a este modelo deve levar em consideração a aproximação dos sujeitos com a matéria-prima (natureza natural daquele território) a partir de circuitos curtos de comercialização para uma maior autonomia e emancipação tanto de quem produz quanto de quem consome. A transformação de alimentos em produtos alimentícios é um exemplo evidente deste processo de afastamento do ser humano com a natureza - da qual ele faz parte e é parte. Diante disso, os ultraprocessados são danosos não somente à saúde do sujeito que os consome, mas, em última escala, à soberania (alimentar, mas não somente) daquele território.

Dessa forma, é necessário pensar em outras formas de produção, distribuição, comercialização, consumo e descarte. Essa alternativa, portanto, deve buscar romper a lógica liberal com foco no valor de uso e bens imateriais, como a agroecologia já propõe, levando em conta questões de gênero e raça, promoção de circuitos curtos com predominância de feiras em detrimento de supermercados, assim como pensar a destinação dos resíduos devolvendo ao solo seus nutrientes extraídos, como exemplo da compostagem.

Visto que a dominação, através da hegemonia não está fora dos indivíduos, mas sim introjetado por meio de valores, normas, orientação intelectual e conduta, para os grupos se emanciparem

Gramsci avalia ser necessário que construam sua própria hegemonia e a educação tem papel fundamental nisso.

Reforçamos também o papel da educação crítica neste processo de mudança do modo de produção. Gramsci, pontuava o papel central da educação e da cultura na superação da hegemonia da classe dominante. O processo de distinção, cisão e construção do novo se realiza como *reforma intelectual e moral*, que se inicia dentro da própria sociedade capitalista, nas "trincheiras modernas da luta" (a sociedade civil), por meio da educação, do debate e da formulação de projetos sociais e políticos. É uma reforma intelectual, porque envolve a dimensão filosófica, teórica, reflexiva; é uma reforma moral, porque envolve a prática, o agir no mundo, ou seja, a práxis. (Martins, 2021)

> Considerando que o ser humano é tensionado a ser formado de acordo com a correlação de forças sociais de cada contexto, a educação adquire evidente dimensão política e a política ganha dimensão educativa. Isso é claríssimo em Gramsci: a educação é política porque interage no processo de produção da humanidade em cada formação econômica e social; produz e difunde concepções de mundo, consolidando, combatendo ou propondo alternativas às hegemônicas; e a política manifesta nas sociedades ocidentais (formações econômicas e sociais onde o capitalismo mais se desenvolveu) tem clara dimensão educativa porque, para reproduzir ou transformar as relações sociais, é necessário educar as massas. (Martins, 2021, p. 10)

Dessa forma, por entender o papel dos sujeitos não apenas como consumidores passivos, mas como potenciais de articulação para construção de outras possibilidade de modos de produção, apostamos nas iniciativas que pensam outros modos de produção de alimentos tanto agroecológicas quanto veganas populares.

> Em consequência disso, vimos emergir, nas últimas duas décadas, em todos os continentes, uma diversidade de iniciativas – produtivas, de consumo, de abastecimento e de beneficiamento (Grisa, 2020; De La Peña Garcia *et al.*, 2020; Renting *et al.*, 2017; Goodman, 2017; Morgan; Sonnino, 2010) – que buscam re-conectar os elos "perdidos" da cadeia alimentar com vistas à construção de um modelo agroalimentar alternativo, mais sustentável e equitativo, no qual a confiança é restabelecida. (Grisa, 2021, p. 161)

Em Manifesto do Partido Comunista, Marx e Engels (2008) pontuam a abolição gradual da distinção entre cidade e campo dentro do capitalismo. Esta análise evidencia o caráter fragmentador do capitalismo ao colocar um espaço como único do consumo (cidade) e outro único da produção (campo) - ainda que permita "possíveis" intermediários dentro deste rompimento. A agricultura urbana pode ser vista como um possível, em que mesmo tendo um

caráter insurgente, algumas vezes pode ser apropriada pelo capitalismo e incorporada com êxito em sua lógica mercadológica e financeira - caso da BeGreen.

> A burguesia submeteu o campo à cidade. Criou grandes centros urbanos; aumentou prodigiosamente a população das cidades em relação às dos campos e, com isso, arrancou uma grande parcela da população do embrutecimento da vida rural. Do mesmo modo que subordinou o campo à cidade, os países bárbaros ou semibárbaros aos países civilizados, subordinou os povos camponeses aos povos burgueses, o Oriente ao Ocidente. (Marx; Engels, 2008, p. 17)

Na mesma obra, Marx e Engels apontam que "Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte" (2008, p. 16). Ao analisar impérios alimentares, este excerto torna-se ainda mais evidente à medida que o colonialismo do paladar impõe não somente hábitos alimentares a diferentes territórios e sujeitos, mas impõe também alimentos e ingredientes estranhos a eles. Mais do que isso, há uma imposição de ingredientes que gera adoecimento desses corpos colonizados, como é o caso do leite de vaca. Uma vez que não havia bois e vacas no Brasil pré-colonial, até que ponto podemos afirmar ser "natural" do brasileiro o hábito de beber leite, comer queijo, etc. Ao analisar os índices de intolerância à lactose no mundo, percebem-se corpos sem a adaptação da lactase em territórios onde não havia gado anteriormente. Dessa forma, impor a corpos que não acompanham o imperialismo alimentar, ingredientes que os adoecem é uma das formas mais perversas da homogeneização da cultura alimentar.

"Em vez das necessidades antigas, satisfeitas por produtos do próprio país, temos novas demandas supridas por produtos dos países mais distantes, de climas os mais diversos." (Marx; Engels, 2008, p. 16) É no mínimo inusitado pensar que o mesmo alimento está sendo consumido em diferentes partes do mundo, locais com solos diferentes, climas diferentes, apenas pela imposição de uma cultura alimentar hegemônica que se coloca como universal, diferente das outras que seriam locais.

O consumo longe da produção é quase uma tentativa explícita de não haver alimentos in natura e forçar os ultraprocessados: que são produzidos por quem? No Brasil, vemos oligopólios de empresas de produtos alimentícios com ataques ao Guia Alimentar Para a População Brasileira visto que o guia é referência internacional de fomento às práticas alimentares saudáveis socialmente e territorialmente.

Percebe-se assim que a globalização, além de levar a desintegração das economias (Bello, 2009), também intensifica os circuitos ultra longos de produção, demandando um altíssimo gasto energético, que é a principal questão ambiental atualmente. Há uma real necessidade de fomentar cada vez mais circuitos curtos dentro e fora da agricultura.

Este movimento de reapropriação da terra, ou resgate metabólico, precisa ser internacionalista e desglobalizante ao mesmo tempo. Neste sentido, internacionalizar a agroecologia é potente visto que ela já pressupõe ser diferente em cada território que se desenvolver, uma vez que o manejo da terra respeitando seu bioma e cultura local é parte intrínseca dela.

Ela deve ser desglobalizante em uma perspectiva decolonial tendo em vista que o desenvolvimento é desigual e combinado pela desigualdade do ritmo. Visto que o capitalismo é desigual no mundo, sua superação também há de ser desigual - e combinado à medida que o sistema mundo é um só. O fato da destruição ambiental na periferia do capitalismo ser muito mais destrutiva, feroz e rápida - saltos na destruição - traz a necessidade dos avanços ocorrerem em saltos também ("privilégio do atraso").

Dessa forma, a ideia da agroecologia em uma perspectiva anticapitalista como potência antiimperialista não se trata de um "socialismo e o comunismo crítico-utópicos", que, segundo Marx e Engels (2008), "rejeitam toda ação política, quer dizer, revolucionária; querem atingir seu objetivo por meios pacíficos e tentam abrir caminho para o novo evangelho social pela força do exemplo, por meio de experimentos inexpressivos que, naturalmente, sempre fracassam" (p. 61). Ou seja, a importância de pensar a agroecologia de forma internacionalista e decolonial se contrapõe com projetos de sociedades alternativas, ecovilas, e outras experiências restritas com uma visão de isolamento das dinâmicas mundiais. Portanto, a partir do momento que a globalização permitiu a atual escala de atuação e de poder das empresas, é interessante pensar o altermundialismo, como movimento amplo, heterogêneo, mas muito potente, pode contemplar a agroecologia neste processo.

Por fim, entende-se que a agroecologia sozinha não é capaz de modificar a lógica imperialista global, mas se apresenta como potência de transformação principalmente, pois propõe não somente um modo de consumo mas também de produção, reprodução e distribuição de alimentos que valoriza todo e qualquer território em que seja desenvolvida. Na medida em que

entende-se que é necessário já prefigurar uma outra sociedade, a agroecologia deve ser colocada como central inclusive por políticas públicas e outros movimentos sociais.

Sexton; Garnett; Lorimer (2022) ao abordarem os novos espaços de produção pós-animais (new spaces of post-animal food) demonstram como eles podem ser tanto liberais quanto críticos e dessa forma, assim como propomos que o atual sistema alimentar pode ser caracterizado como o sistema agroindustrial centrado na carne, visto que o alto consumo de carne e alto consumo de ultraprocessados (com e sem ingredientes de origem animal) são prejudiciais aos animais humanos e não humanos assim como à natureza, propomos que as alternativas busquem um sistema alimentar arcaico a base de plantas - em oposição a um sistema moderno a base de plantas. Levamos em conta, portanto, o conceito de arcaico que Marx utilizou para denominar as comunas “superiores e arcaicas” não ocidentais que o ocidente deveria se inspirar - desvendaremos este conceito no próximo capítulo.

Por fim, gostaríamos de reforçar que não entendemos que o mundo precise se tornar vegano e dessa forma, ao propor um sistema alimentar arcaico a base de plantas enfatizamos que entendemos ser necessária a centralidade das plantas, mas não sua exclusividade - o que vai ao encontro dos debates antiespecistas não necessariamente veganos.

4 METABOLISMO COM A NATUREZA: ENTRE A RUPTURA E O RESGATE

Neste capítulo, iniciamos apresentando a ideia pouco difundida das preocupações ecológicas de Marx e seus estudos ao final de sua vida sobre algumas sociedades pré - capitalistas e não ocidentais. A partir disso, analisamos o conceito de metabolismo entre sociedade e natureza descrito pelo autor e em seguida como se deu a ruptura deste metabolismo a partir da consolidação do capitalismo, principalmente observando a relação da ruptura com a agricultura e a pecuária.

Em seguida, tensionamos conexões entre a vertente hegemônica do veganismo e o deslocamento metabólico, ao analisar algumas práticas de empresas e discursos de sujeitos veganos. Relacionamos também as ideias de Henri Lefebvre sobre espaço abstrato para embasar nossas proposições.

Por fim, propomos a ideia de resgate metabólico baseados no conceito “metabolic repair” (Saito, 2022) e buscamos um diálogo com importantes pensadores, principalmente para o sul global, como o líder quilombola Nego Bispo e o líder indígena Ailton Krenak.

4.1 Descobertas do Marx tardio

Para tratar de ruptura metabólica, utilizamos como referência a obra “Marx in the Anthropocene: Towards the Idea of Degrowth Communism” do filósofo japonês Kohei Saito (Saito, 2022). A obra ainda não possui tradução para o português e a escolha de analisar o conceito de metabolismo por este texto e não pelos textos marxianos se deve ao fato de que este conceito foi tratado n’O Capital de forma pouco aprofundada e só pôde ser compreendido em sua totalidade a partir da publicação de pesquisas que estavam relatadas em alguns cadernos de Marx pelo projeto MEGA (Marx-Engels-Gesamtausgabe). Este projeto tem como objetivo publicar textos até então inéditos escritos por Marx e tem como colaboradores teóricos de diversos países.

Dessa forma, apenas a quarta edição do projeto MEGA publicizou algumas pesquisas de Marx em geologia, botânica e química agrícola que demonstraram o interesse do autor pelo debate ecológico após a publicação do volume 1 de sua maior obra.

> A abrangência das pesquisas de Marx documentadas em seus cadernos é impressionante [...] Esses cadernos documentam que sua crítica ecológica ao capitalismo foi além da crítica de Liebig à agricultura de saque, abrangendo novos tópicos como desmatamento excessivo, *tratamento cruel de animais de criação*, desperdício de combustíveis fósseis e extinção de espécies.[48] (Saito, 2022, 179, grifo nosso)

A conexão mais recorrente que fazem da origem do Marx ecológico é em seu contato com os estudos de Justus von Liebig, mas ao contrário deste autor que focou sua pesquisa na exaustão do solo, Marx procurou analisar mais sobre a produção moderna e industrial de alimentos e seus efeitos desde a poluição das águas, passando pela exaustão do solo até as doenças pandêmicas. (Saito, 2022)

Saito cita outros autores que tratam de questões ambientais e que Marx teve acesso, como Carl Fraas e William Stanley Jevons. O primeiro, defendia que o desmatamento era uma ameaça a civilizações europeias devido à mudança do clima local, além de impactos para plantas indígenas e para a agricultura. Já o segundo elabora pesquisas sobre o uso do carvão e seu provável esgotamento. Por fim e mais importante para este trabalho, Marx teve contato com pesquisas da The Economist e elaborou sobre o crescimento da pecuária industrial e seus diversos malefícios ambientais como disseminação com epidemias, melhorias genéticas que produzem “produtos artificiais” e exaustão do solo pela pecuária extensiva.

> Marx, por exemplo, leu artigos publicados no Economist sobre a epidemia de peste bovina na Grã-Bretanha entre 1865 e 1867. Na época, o consumo de carne estava crescendo, e a engorda de animais domésticos para carne e lucro se intensificou. [...] Marx já estudava Léonce de Lavergne e Wilhelm Hamm em 1864 sobre como a criação moderna de gado aumenta a vulnerabilidade dos animais às doenças, pois esses animais são mantidos inativos em um espaço fechado em prol de uma maturação mais rápida com excesso de gordura. Os comentários de Marx são bastante críticos dessas "melhorias" *e simpáticos ao bem-estar animal*. Em resposta aos relatórios entusiásticos de Léonce de Lavergne sobre o "sistema de seleção" desenvolvido pelo criador inglês Robert Bakewell, Marx escreveu em seu caderno: "Caracterizado pela precocidade, inteiramente doentio, falta de ossos, muito desenvolvimento de gordura e carne etc. *Todos esses são produtos artificiais. Repugnante!*" (MEGA IV/18: 234). Nos cadernos de 1868, a peste bovina proporcionou a Marx outra manifestação ainda mais horrível da *ruptura metabólica criada pela produção industrial de carne*.”[49] (Saito, 2022, p. 179-180, tradução nossa, grifos nossos).

---

[48] The scope of Marx’s research documented in his notebooks is astonishing, and his notebooks cover topics in geology, chemistry, mineralogy, and botany. These notebooks document that his ecological critique of capitalism went beyond Liebig’s critique of robbery agriculture, covering new topics such as excessive deforestation, cruel treatment of livestock, squandering of fossil fuels and species extinction.

[49]Marx, for example, read articles published in the Economist on the rinderpest epidemic in Great Britain between 1865 and 1867. At the time, meat consumption was growing, and the fattening of domestic animals for meat and profit intensified. [...] Marx already studied Léonce de Lavergne and Wilhelm Hamm in 1864 on how modern livestock farming increases the vulnerability of animals to disease because these animals are kept inactive in a

Desde aquela época, a pecuária era sinônimo de preocupação e de lá para cá, a pecuária industrial se intensificou consideravelmente, e dessa forma, as relações entre a criação de animais (principalmente nessa escala) e a ruptura metabólica não pode ser mais evidente.

Evidenciamos também que a exaustão do solo, as crises endêmicas e as demais consequências são provocadas pela criação de gado tanto para consumo de carne como também para produção de leite e derivados, visto que a indústria da carne é a mesma da indústria do leite. Marx menciona brevemente a pecuária leiteira avaliando uma área de pastagem em uma condição muito empobrecida.

> A terra é pastada ano após ano; são criados novilhos e produtos lácteos são vendidos; mas nada é devolvido ao solo. Não vai demorar muito para que o agricultor irlandês perceba que esse sistema resultará na exaustão total da terra. (MEGA IV/19). (Saito, 2022, p. 181, tradução nossa)

Saito sugere que tais pesquisas não apareceram nos volumes 2 e 3 d'O Capital, pois estes foram editados por Engels após a morte de Marx, que tinha concepções diferentes sobre alguns destes assuntos. Dessa forma, teóricos marxistas pressupunham que manuscritos que não entraram nos volumes II e III eram irrelevantes, visto que Engels fez essa escolha editorial. Por outro lado, autores que revisitaram tanto os manuscritos quanto os cadernos perceberam que a mudança de pensamento em Marx foi tão profunda pós 1860 que afirmam que o autor considerou uma reconstrução da estrutura lógica de O Capital quase do zero, reconheceu a contribuição "produtora de valor" da natureza no processo de produção e percebeu que precisava abandonar a teoria do valor-trabalho. (Saito, 2022) Dessa forma, reconhecemos que no Manifesto, Marx e Engels tiveram sim elaborações prometeicas e eurocêntricas, porém Saito (2023) também afirma que o abandono do produtivismo levou também ao abandono do "materialismo histórico" e aproximou Marx ao "ecossocialismo" ao mesmo tempo em que reconsiderou seu eurocentrismo. Portanto, se faz necessário entender O Capital como obra inacabada e que não reflete a totalidade da crítica de Marx à economia política que o autor reformulou na última década de vida.

---

closed space for the sake of speedier maturity with excessive fat. Marx's comments are quite critical of such 'improvements' and sympathetic to animal welfare. Responding to Léonce de Lavergne's enthusiastic reports about the 'system of selection' developed by English breeder Robert Bakewell, Marx wrote in his notebook: 'Characterized by precocity, in entirety sickliness, want of bones, a lot of development of fat and flesh etc. All these are artificial products. Disgusting!' (MEGA IV/18: 234). In the notebooks of 1868, cattle plague provided Marx with another more horrifying manifestation of the metabolic rift created by industrial meat production.

A partir de então, a visão não ecológica de vários autores marxistas ignoraram a teoria de metabolismo em Marx, que ganhou muito mais notoriedade nos últimos anos. Vale ressaltar que alguns autores como István Mészáros e Rosa Luxemburgo discorreram sobre o metabolismo.

> Mészáros concentrou-se no conceito de "metabolismo social" de Marx para analisar o modo de produção capitalista como uma maneira historicamente única de (re)organizar a interação metabólica trans-histórica entre humanos e natureza em uma escala sem precedentes[50]. (Saito, p. 18, tradução nossa)

Porém, a visão de Marx como produtivista e eurocêntrico permaneceu muito forte, visto que o Manifesto do Partido Comunista (2008), seu texto em co-autoria com Friedrich Engels é mais difundido e suas preocupações ecológicas realmente só apareceram nas últimas décadas de sua vida

> Os volumes, reeditados em versão crítica e científica, um depois do outro, se empilham nas salas dos acadêmicos. Mega – "grande" em grego antigo – é o nome do projeto das obras completas de Marx e Engels, revista de modo crítico. Mega, em alemão, é uma sigla: Marx-Engels GesamtAusgabe. Remexendo nas cartas consumidas pelo tempo, *descobrem-se coisas que os contemporâneos de Marx queriam ignorar, e que o marxismo-leninismo oficial preferiu censurar.* [...] "Um livro depois do outro", explica Hubmann, "nós, curadores do Mega, descobrimos um outro Marx. Não um 'cachorro morto', *não um ideólogo do passado, mas sim um politólogo e cientista atual*. Um homem que continuou pesquisando com curiosidade até a velhice e soube ver e prever as raízes da crise de hoje. (Tarquini, 2012, grifo nosso)

Hoje é necessário reafirmar a finitude do planeta e, portanto, os limites biofísicos para a acumulação do capital, que se coloca como ilimitada. Essa característica destrutiva das forças produtivas no sistema capitalista parece ser sua maior contradição, mas insiste em colocar como solução alternativas como o controle social e outras falsas saídas para um problema que é inerente a seu modelo de produção. Porém, a questão ecológica é por muitas vezes ainda deixada de lado - independente do espectro político.

Por um lado, o antagonismo entre socialismo e ambientalismo ainda se faz presente quando marxistas reforçam certa visão pró-tecnológica e anti-ecológica a partir do entendimento que o

[50]Mészáros focused on Marx's concept of 'social metabolism' in order to analyse the capitalist mode of production as a historically unique way of (re)organizing the transhistorical metabolic interaction between humans and nature on an unprecedented scale.

movimento ambientalista é inerentemente contrário à classe trabalhadora, uma vez que funciona apenas como ideologia da classe média alta (Saito, 2022).

Por outro lado, as experiências de socialismo real reforçaram a convicção entre ambientalistas de que o socialismo é incapaz de construir uma sociedade sustentável. Tal convicção se deu, pois "o mal-entendido do método de Marx gera consequências problemáticas que têm relevância prática."[51] (Saito, 2022, p. 7, tradução nossa). Na prática, levou a experiências socialistas produtivistas ou, pelo menos, não decrescentes. Exemplos comumente usados são desastres ambientais da União Soviética como o Mar de Aral e Chernobyl. As águas do Mar de Aral foram desviadas para servir de irrigação na agricultura (que contava com alto uso de agrotóxicos) e essa ação antrópica foi capaz de reduzir seu volume hídrico consideravelmente, prejudicando também diversas espécies da fauna local. Já o desastre de Chernobyl, considerado o pior acidente nuclear, teve como consequências a emissão de grande quantidade de material radioativo, contaminando florestas e áreas agricultáveis. "Como consequência, surgiu um antagonismo de longa data entre os Vermelhos e os Verdes na segunda metade do século XX[52]." (Saito, 2022, p. 13, tradução nossa)

O agravamento da devastação ambiental das últimas décadas causado pelo neoliberalismo e a falha das "soluções" tecnológicas para as crises ambientais, que atinge primeiramente a sujeitos mais vulneráveis da sociedade, parece ter sido motivador de uma "redescoberta" da ecologia de Marx nas últimas duas décadas (Saito, 2022).

4.2 Metabolismo entre animais humanos e natureza

Autores como István Mészáros e Rosa Luxemburgo discutiram o metabolismo a partir de Marx, sob diferentes perspectivas que não cabe diferenciar neste trabalho. Ressalta-se apenas que os entendimentos sobre metabolismo foram construídos de formas tão divergentes desde aquela época, que parece ter sido a causa de sua desconsideração, visto que muitos autores defendiam a visão prometeica de Marx, exaltando a dominação do ser humano sobre a natureza - o que é totalmente dissonante da crítica a ruptura metabólica. Muitos destes, inclusive, criticavam Marx por ter uma visão romântica da tecnologia, exaltando o produtivismo e ignorando os

[51] misunderstanding Marx's method generates problematic consequences that have practical relevancy.
[52] As a consequence, there emerged a long-standing antagonism between the Red and the Green in the second half of the 20th century.

limites naturais do globo e tais ideias sobre o autor foram reforçadas após a experiência da URSS.

Porém, autores como John Bellamy Foster e Paul Burkett foram alguns dos responsáveis por retomar o debate sobre metabolismo nas obras marxianas, utilizando este conceito para formular suas críticas ao entender a crise ecológica como manifestação das contradições do sistema capitalista. Indo ao extremo oposto dos teóricos que apontavam Marx como produtivista e anti-ecológico, estes autores mostram como Marx era "pessoa ecologicamente consciente no sentido moderno".

Movendo-se em torno da discussão sobre metabolismo, percebemos que Marx definiu o “trabalho” como categoria fundamental em sua obra. E segundo ele, “O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza.” (Marx, 2017, p. 255). Dessa forma, entende-se que este processo metabólico é em primeiro lugar um processo natural, comum em qualquer momento histórico. “Alimentos, roupas, casas e até mesmo os bens mais tecnológicos que ‘desmaterializam’ a economia, usam energia e recursos naturais sem exceção. Nesse sentido, o metabolismo humano com a natureza é uma ‘necessidade natural’ que nunca pode ser suspensa.”[53] (Saito, 2022, p. 19, tradução nossa)

Qualquer atividade humana, portanto, através do trabalho, é responsável por mediar o metabolismo entre sociedade e natureza. Isso acontece tanto porque o trabalho utiliza recursos da natureza quanto porque o trabalho ocorre sempre em algum território.

> Não há produção que não seja produção do espaço, não há produção do espaço que se dê sem trabalho. Viver, para o homem, é produzir espaço. Como o homem não vive sem trabalho, o processo de vida é um processo de criação do espaço geográfico. A forma de vida do homem é o processo de criação do espaço. (SANTOS, 1996, p.163)

A partir da centralidade que Marx colocou no trabalho, a regulação do metabolismo provocada por ele deve também ser foco de análise em qualquer sistema econômico.

[53]Food, clothes, houses and even the most high-tech goods that ‘dematerialize’ the economy use energy and natural resources without exception. In this sense, human metabolism with nature is a ‘natural necessity’ that can never be suspended.

> Portanto, o trabalho não é a única fonte dos valores de uso que ele produz, a única fonte da riqueza material. O trabalho é o pai da riqueza material, como diz William Petty, e a terra é a mãe. (Marx, 2017, p. 167)

Ou seja, se o trabalho é o "pai" da riqueza material e a terra é a "mãe" da riqueza material, parece inclusive fazer sentido que a maior parte das obras marxistas tenham ignorado a centralidade da terra. Reafirmar a centralidade da terra no metabolismo é fundamental para entender como diferentes agrupamentos humanos, contextos históricos e territórios regulam este metabolismo entre sociedade e natureza.

"O metabolismo entre humanos e natureza é, visto desta perspectiva, simultaneamente um processo sócio-histórico cujas formas concretas variam significativamente de acordo com as relações estruturais que existem em diferentes épocas e lugares."[54] (Saito, 2022, p. 20, tradução nossa) Ou seja, o metabolismo entre humanos e o restante da natureza é diferente a depender dos modos de vida de determinados grupos, no contexto histórico e territorial analisado. Dessa forma, os espaços produzidos a partir dessa relação metabólica entre humanos e natureza também podem ser diferentes a depender de como essa relação se materializa.

> Espaço e natureza estão relacionados e associados pela mediação do trabalho e da produção social, compreendida, portanto, em sentido largo, não apenas econômico estrito. Lefebvre se apoia amplamente na "fórmula trinitária" de Marx: terra, capital e trabalho. É por meio das relações contraditórias entre esses três termos que se pode explicar a produção do espaço: a terra seria o elemento referente à "Mãe Natureza"; o capital, o "Senhor, o Capital"; e o trabalho, "Os trabalhadores". (Pereira, 2023, p. 14)

Dessa forma, entendemos que há modos de vida em que o metabolismo é mais harmônico que outros e assumimos que se há um desequilíbrio, pode haver um movimento para tentar re-equilibrar esta mediação - assim como se há um equilíbrio, forças podem se mover na direção de um desequilíbrio.

4.3 Ruptura do metabolismo

Ao comparar a produção capitalista moderna com a produção da sociedade antiga, Marx analisa que a primeira possui a riqueza como objetivo da produção, ao contrário da segunda, em que o ser humano aparece como objetivo da produção. Tal discrepância altera todo o modo do ser

[54]Metabolism between humans and nature is, seen from this perspective, simultaneously a socio-historical process whose concrete forms significantly vary according to the structural relationships that exist in different times and places.

humano se relacionar com a finitude da natureza, visto que as sociedades pré-capitalistas analisadas tinham como "objetivo da produção os valores de uso ligados ao entendimento de desejos finitos"[55] (Saito, 2022, p. 21, tradução nossa).

Mészáros, ao analisar a expansão do capital através do desenvolvimento do mercado mundial, que ele caracteriza como uma "mediação de segundo grau", mostra que essa mediação se consolida como uma "mediação alienada" tanto porque afasta o trabalho do sujeito como porque provoca a "alienação da natureza". (Saito, 2022) Os sujeitos então se tornam alienados tanto do trabalho quanto do território, há um afastamento nestes aspectos - mesmo que seja um trabalhador do campo, por exemplo, a relação com o território e com a natureza já foi alienada.

O autor também afirma que os limites do capital não são apenas um obstáculo material para a acumulação de capital, mas uma barreira frente à própria sobrevivência da humanidade. Dessa forma, o capitalismo se encontra em sua fase minguante de desenvolvimento histórico, pois uma vez que é a mais destrutiva, é também a mais autodestrutiva. Isso não significa necessariamente que o próximo passo da história seja a consolidação do modo de produção socialista, a outra alternativa é a extinção da espécie que provocou tais desequilíbrios. Adaptando a frase "socialismo ou barbárie" de Luxemburgo, autores marxistas e movimentos sociais que pensam a ecologia formularam "ecossocialismo ou extinção" para sintetizar tais ideias, e que foi usada, por exemplo, no "Ato Pelo Clima", em São Paulo, para protestar contra os ataques promovidos pelo Congresso Nacional às políticas ambientais. (TV Comunitária DF, 2023)

> Nosso meio ambiente vem dando sinais claros de colapso iminente, e estamos vivendo as décadas finais para que algo verdadeiramente transformador seja feito. 'Ecossocialismo ou extinção' deixou, há muito, de ser uma palavra de ordem, e passou a ser um diagnóstico do nosso tempo. (Hunty, 2022)

> Existe na militância ecossocialista uma frase muito usada, que é "ecossocialismo ou extinção". Esse grito passou de agitação para dura realidade muito rapidamente. Temos em nossas mãos, em um momento chave, a oportunidade de iniciarmos essa construção no âmbito que mais nos afeta: as nossas cidades. Onde criamos vínculos com comunidades e territórios, onde nos organizamos com os nossos, onde sentimos a temperatura aumentar e a água faltar. (Sena, 2020)

István Mészáros diferenciou-se dos marxistas ortodoxos ao reconhecer explicitamente que o roubo inerente ao desenvolvimento capitalista das forças produtivas não conduz ao progresso

[55] [...] the aim of production was use-values tied to the fulfilment of finite wants.

rumo ao socialismo. E, mesmo admitindo que não pode haver a sociedade sem a natureza, mas que, por outro lado, é possível ter a natureza sem a sociedade, Mészáros afirma que a sociedade traz consigo novas propriedades emergentes sócio-históricas e leis que não existem sem os seres humanos. Dessa forma, a relação dialética entre o social e o natural constitui a dinâmica complexa dos processos metabólicos sociais e naturais. (Saito, 2022)

Sobre o conceito de ruptura metabólica, Saito sintetiza de forma simples:

> [...] a interação metabólica dos humanos com o resto da natureza constitui a base da vida, mas a maneira capitalista de organizar as interações humanas com seus ecossistemas inevitavelmente cria um grande abismo nesses processos e ameaça tanto os seres humanos quanto os não humanos."[56] Saito, 2022, p. 23, tradução nossa)

O autor lamenta que Marx tenha advertido em apenas uma passagem contra um "abismo irreparável" no metabolismo social e natural, mas afirma que mesmo que o conceito da ruptura metabólica tenha aparecido em sua obra de forma "esporádica", sua teoria é realmente profunda e sólida. E afirma acreditar que essa teoria teria sido melhor elaborada se Marx tivesse tido a oportunidade de concluir O Capital.

Saito (2023) responde de maneira contundente às críticas de que seria um exagero pontuar a preocupação ecológica como fundamental no pensamento marxiano, e dessa forma não é objetivo deste trabalho responder a esses questionamentos. Partimos do ponto de que a ruptura metabólica é conceito chave para a crítica ao capitalismo contemporâneo, alicerçado no materialismo histórico dialético.

Com o objetivo da valorização do capital, os processos de metabolismo entre ser humano e o restante da natureza são completamente transformados e reorganizados. Saito afirma que essa profunda transformação gira em torno de um aspecto do trabalho, particularmente o "trabalho abstrato", visto que possui uma função estritamente capitalista como única fonte de mais-valia, ignorando o trabalho concreto ou o utilizando, juntamente com o ambiente natural, como manifestações para extrair mais-valor.

---

[56] Its basic thesis is relatively simple: the metabolic interaction of humans with the rest of nature constitutes the basis of living, but the capitalist way of organizing human interactions with their ecosystems inevitably creates a great chasm in these processes and threatens both human and non-human beings.

Seguindo com o argumento da necessidade de centralidade do território com a mesma importância da centralidade do trabalho, relacionamos o conceito de “trabalho abstrato” com o “espaço abstrato”, de Lefebvre - um espaço dominado pelas representações isoladamente, abstrações que promovem a equivalência, o valor de troca, permitindo que tudo vire mercadoria (a força de trabalho, a natureza e até as células-tronco dos animais não humanos). Promove uma cisão entre a prática social e a representação dessa prática.

Para além de permitir que tudo vira mercadoria - ou talvez exatamente por isso - há um caráter de violência e agressão permanente contra a vida (de todos aqueles que tem vida).

> O Ocidente arrogou a si, como e porque seria interessante saber, mas secundário, a transgressão da natureza. Ele a excedeu. A felix culpa! Diria a teologia. Sim, ele arrogou a si o que Hegel denomina a potência do negativo, a violência, o terror, a agressão permanente contra a vida. Generalizou-a, mundializou a violência e por ela engendrou o mundial. (Lefebvre, 2006, p. 160)

Ainda sobre essa violência, Lefebvre (2006) comenta que “O espaço agrário, que o viajante contempla descobrindo o natural, resulta de uma primeira violação da natureza.” (p. 395). Dessa forma, fazemos uma relação direta *deste* espaço agrário produzido através da violência contra a natureza, com a ruptura metabólica.

Ao definir o espaço abstrato como um espaço de aparência e de poder, Lefebvre (2006) assume que tanto pode conter ações práticas, quanto reservar-se ao campo das imagens e dos símbolos, o que tentaremos associar no próximo subcapítulo com as imagens e símbolos produzidas por este sistema agroalimentar moderno que produz alimentos vegetais a base de desigualdades, concentrações de terra, renda e poder através de um discurso de sustentabilidade - uma vez que uma das principais problemáticas do espaço abstrato é a apropriação e a alienação entre as pessoas e o espaço.

> O espaço abstrato compreende a supremacia do valor de troca em relação ao valor de uso; da supressão da natureza em relação à mercadoria. Trata-se do que Marx definiu no Capital como “fetichismo do consumo”, quando tudo passa a ser objeto de valor e quando a mercadoria se apresenta como superior à força de trabalho daqueles que a idealizaram. Trata-se de um espaço que tenta, sobretudo, controlar tudo e todos na medida em que é repressivo, reducionista, hierarquizante e segregacionista. (Matias, 2021, p. 97)

O “controle de tudo e todos” demonstra a dominação e a domesticação exercida contra a natureza e principalmente contra tudo que é “não homem” - retornando à discussão dos antiespecismos subversivos.

A alienação das classes sociais é gerida por meio da estética, da propaganda e da mídia pelas forças de dominação que atuam neste espaço abstrato. Relacionamos, pois estes conceitos com a proposição de Gramsci sobre hegemonia, entendendo, portanto este espaço como produto e produtor das forças do Estado e do capital, se apoiando em grandes redes de bancos, de centros de compras e de grandes unidades de produção - todos estes hegemônicos. “Neste espaço, a cidade, berço da acumulação, lugar da riqueza, sujeito da história, centro do espaço histórico explodiu.” (Lefebvre, 2006, p. 86) Dessa forma, assim como a hegemonia é realizada através do consenso pelos símbolos, cultura e discursos, “o espaço abstrato não é apenas abstraído por pensamento, ele engendra uma prática concreta que num certo sentido parece empurrar para o mundo sua representação do espaço” (Lopes, 2013, p.4).

Dessa forma, entendendo o papel do espaço no processo de metabolismo,

> A alienação do trabalho e da natureza são mutuamente constitutivas uma da outra. Em outras palavras, o capital não apenas explora a força de trabalho, mas também subsume o mundo inteiro, afetando significativamente o 'espaço (escala)' e o 'tempo (taxa)'. Com sua escala de economia em expansão contínua e aceleração, o capital traz transformações espaço-temporais em um nível sem precedentes.[57] (Saito, 2022, p. 24, tradução nossa)

E tais transformações espaciais merecem singular atenção quando analisamos a alienação da natureza, principalmente a partir da alimentação, visto ser a atividade mais básica e essencial para qualquer espécie animal e a que gera mais dependência da natureza.

A ruptura metabólica aparece em três dimensões diferentes:

> Primeiro e mais fundamentalmente, a ruptura metabólica é a interrupção material dos processos cíclicos no metabolismo natural sob o regime do capital. O exemplo favorito de Marx é a *exaustão do solo pela agricultura moderna*. A agricultura moderna em grande escala e industrial faz com que as plantas absorvam a nutrição do solo o máximo e o mais rápido possível, para que possam ser vendidas aos

[57] The alienation of labour and of nature are mutually constitutive of each other. In other words, capital not only exploits labour power but also subsumes the entire world, significantly affecting ‘space (scale)’ and ‘time (rate)’. With its ever-expanding and accelerating scale of economy, capital brings about spatiotemporal transformations on an unprecedented level.

> consumidores em grandes cidades, até mesmo além das fronteiras nacionais.[58] (Saito, 2022, p. 24, tradução nossa, grifo nosso)

Esta interrupção dos processos cíclicos que acelera o crescimento e o metabolismo das plantas com o único objetivo de aumentar a produção e gerar mais lucro também pode ser vista com os animais não humanos, como a espécie de frango híbrida, mencionada no subcapítulo 1.1.2 deste trabalho, que crescia a uma velocidade três vezes maior, com menos da metade da alimentação, chamada de Hy-line.

A exaustão do solo não acontece apenas em consequência da agricultura industrial em espaços rurais, uma vez que os espaços urbanos produzidos pelos modos capitalistas, "por um lado acumulam a força motriz histórica da sociedade e, por outro, desvirtua o metabolismo entre o homem e a terra" (Marx, 2013, p. 464-465). Neste momento, o autor menciona o fato dos resíduos daquilo que é consumido no urbano em forma de alimentos e vestimenta, por exemplo, não retornarem ao solo em forma de nutrientes - que é a eterna condição natural da fertilidade permanente do solo.

Dessa forma, Marx pontua que "todo progresso da agricultura capitalista é um progresso na arte de saquear não só o trabalhador, mas também o solo" (Marx, p. 573), ou seja, o desenvolvimento da força produtiva na agricultura moderna gera necessariamente maior devastação e esgotamento ao ser humano e a natureza.

A segunda dimensão da ruptura metabólica seria justamente essa "ruptura espacial", que envolve a contradição entre cidade e campo, uma vez que os nutrientes retirados do campo de forma exaustiva não voltam para estes espaços após serem vendidas e consumidas nas cidades. Ao invés disso, os resíduos dos consumos vão para os rios em formato de esgoto, exaurindo ainda mais os solos.

Sobre os resíduos, Marx também comenta da sua concentração nas grandes cidades, degradando ainda mais suas condições de vida. Os resíduos industriais necessitam de

---

[58] First and most fundamentally, metabolic rift is the material disruption of cyclical processes in natural metabolism under the regime of capital. Marx's favourite example is the exhaustion of the soil by modern agriculture. Modern large-scale, industrial agriculture makes plants absorb soil nutrition as much as and as fast as possible so that they can be sold to customers in large cities even beyond national borders.

destinação própria, porém os resíduos da agricultura e os resíduos gerados pelo próprio consumo podem, após um tratamento relativamente simples, voltar ao solo em forma de adubo.

Além disso, o fato da produção estar fisicamente longe do consumo neste modelo de sistema agroalimentar moderno, favorece a dicotomia entre cidade e campo, alicerçada em um processo violento da acumulação primitiva. A distância exige o transporte de produtos a longa distância, que promove tanto o desperdício de alimentos quanto o gasto energético pelo combustível dos veículos. E o processo de acumulação aumenta a demanda cada vez mais pela produção, exaurindo o solo com cultivos contínuos, que é ainda mais intensificado pela competição do mercado. (Saito, 2022)

Neste ponto a agroecologia para uma estratégia interessante para minimizar alguns destes problemas, uma vez que ao defender a reforma agrária, propõe uma distribuição de terras mais justa em um movimento de reocupação do campo, ajudando a romper a lógica do esvaziamento, aumentando a quantidade de pequenos agricultores - ao contrário da agricultura moderna que concentra a terra em poucos latifúndios. Além disso, ao fomentar técnicas de manejo mais sustentáveis promovem a regeneração dos solos, ao invés de sua exaustão.

A terceira dimensão da ruptura é a ruptura temporal, uma vez que o tempo da natureza não acompanha o tempo do capital. Mesmo que a tecnologia encurte o tempo dos processos, a natureza não vai encurtar seu tempo de regeneração. Os combustíveis fósseis são o exemplo mais dramático deste processo, uma vez que o tempo de formação desses combustíveis pela natureza é infinitamente maior que o tempo utilizado para seu consumo. O reflorestamento também leva mais tempo que a demanda atual de desmatamento, entre outros.

Neste ponto há a crítica a novas tecnologias que são utilizadas como tentativas de reparar a ruptura, que, de acordo com os autores, permanece “irreparável” no capitalismo (Saito, 2022). Conectamos essa ideia com as novas tecnologias de produtos alimentícios sem origem animal vendidos como “veganos” que passam a ideia de algo sustentável por não contribuírem diretamente com a pecuária e que vão desde salsichas e hambúrgueres “do futuro” como carnes de laboratório, que utilizam células de animais.

4.4 Veganismo de mercado e os deslocamentos metabólicos

Na tentativa de superar os limites naturais, Saito (2023) afirma que o capital constantemente inventa novas tecnologias e descobre novos valores de uso, expandindo seus mercados. Dessa forma, o autor propõe que um deslocamento metabólico (fazendo um jogo de palavras com "metabolic *rift*" e "metabolic *shift*"), é uma reação característica do capital em resposta à crise econômica e climática que ele mesmo causa. Dessa forma, esses deslocamentos como falsas respostas à crise ecológica responsabilizam o indivíduo tanto culpando os que não adotam hábitos "sustentáveis" quanto promovendo e colocando como exemplos aqueles que conseguem adotar esses hábitos, muitas vezes por terem acesso à informação e a dinheiro.

O autor explica que há três maneiras do deslocamento da ruptura operar: tecnológico, espacial e temporal e a seguir analisaremos cada uma delas costurando relações com o veganismo.

4.4.1 Deslocamento tecnológico

Acreditava-se que a produção em larga escala da agricultura colapsaria o ambiente, o que não aconteceu num primeiro momento devido ao avanço da tecnologia no setor primário que, utilizando fertilizantes químicos, manteve em certa medida a fertilidade do solo. Porém, a destruição do meio ambiente pela agricultura em larga escala não foi suprimida, foi apenas adiada ou deslocada. Novos problemas foram gerados com a superdependência de fertilizantes químicos, e um deles é a necessidade de maior irrigação.

> Esse tipo de agricultura industrial consome não apenas água, mas também grandes quantidades de óleo, o que torna a agricultura um sério fator de mudança climática. Como Vandana Shiva aponta, o caráter de roubo da agricultura não mudou desde a época de Liebig.[59]

O autor cita Vandana Shiva, que é uma ecofeminista, pesquisadora anti-imperialista, ativista ambiental com ações diretas na Índia e possui uma alimentação à base de plantas e que denuncia que o colapso das sociedades contemporâneas à medida que os solos são erodidos, degradados, envenenados, enterrados sob concreto e privados de vida.

---

[59] This kind of industrial agriculture consumes not just water but large quantities of oil also, which makes agriculture a serious driver of climate change. As Vandana Shiva points out, the robbery character of agriculture has not changed since Liebig's time.

Saito (2023) apresenta a ideia de que o deslocamento metabólico cria novas externalidades com a ajuda de novas tecnologias, e essas externalidades são uma maneira muito eficaz de encobrir a responsabilidade das grandes empresas por problemas ambientais. Por outro lado, os próprios problemas ambientais se apresentam como oportunidades de expansão do capital que passa a vender falsas soluções e aumentar suas fontes de lucro.

O exemplo das "carnes de laboratório" representam este deslocamento tecnológico (mas também o temporal e espacial) uma vez que através da extração das células-tronco de um animal e sua multiplicação acelerada em biorreatores, uma carne fica pronta para consumo em 2 semanas e após isso é enviada para uma impressora 3D, onde ganha mais textura. Uma reportagem do G1 sobre essas carnes afirma que a produção pecuária atual é responsável pelo desmatamento e grandes emissões de GEEs, além de mencionar o sofrimento animal no abate. Ou seja, a partir do momento que esse tipo de informação fica acessível e é cada vez mais difícil negar essas "verdades", há a incorporação destes recursos como oportunidade para vender outros produtos.

> A chamada carne de laboratório (ou carne cultivada) é um produto no qual o agronegócio mundial já investiu US$ 1,9 bilhão desde 2016, segundo estimativa da ONG The Good Food Institute (GFI), que apoia o desenvolvimento do mercado de proteínas alternativas. [...] É uma estimativa parecida com a de outros grandes mercados, como Europa e Estados Unidos. Atualmente, só Singapura comercializa o produto, em quantidade bem pequena. A carne também pode ser provada em um restaurante em Israel. Quem aposta tanto nessa tecnologia, como a gigante JBS, afirma que é uma questão de sobrevivência. A expectativa da indústria é de uma produção mais sustentável e com menos sofrimento animal. (Croquer, 2023)

Interessante observar que exceto o Brasil, só foram citados países centrais da economia. E no Brasil, a principal empresa que está investindo neste produto é a JBS, que opera no processamento das mais variadas carnes e também no couro - e que estampa na página inicial de seu site a notícia "JBS terá maior unidade de bovinos da América Latina no Mato Grosso do Sul" (JBS, 2024), demonstrando uma contradição nos objetivos dos dois investimentos. O anúncio é que essa unidade terá seu processamento diário duplicado de 2.200 para 4.400 animais, e ocorreu em uma cerimônia que marcou a exportação das carnes para a China e contou com a participação do presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva e outros ministros de seu governo. (JBS, 2024) Dessa forma, é importante analisar também o papel do Estado nesses processos, tanto pela presença física do chefe de estado e seus ministros em eventos como o mencionado acima, mas também na forma de apoio técnico e pesquisas científicas. A reportagem cita um projeto da Embrapa, empresa pública brasileira, ao criar um

filé de frango cultivado que é apoiado pelo The Good Food Institute. Além disso, também menciona financiamento de ONGS em universidades públicas como USP e UFMG. (Croquer, 2023)

A reportagem do G1 também cita outra empresa, que é dona de marcas que comercializam produtos de origem animal como Sadia, Perdigão, Qualy, entre outras. “Outra gigante brasileira do agro que está investindo na carne cultivada é a BRF. A empresa não revela o quanto, mas em 2021 se tornou sócia da startup israelense Aleph Farms, uma das principais especialistas da área no mundo” (Croquer, 2023). Ou seja, são empresas que continuam expandindo seus mercados de produtos de origem animal ao mesmo tempo que investem em “proteínas alternativas” utilizando discursos de sustentabilidade.

Sobre ser ou não saudável, “A pesquisadora Josefa Garzillo alerta que as carnes cultivadas que precisarem de corantes, aromatizantes e outros aditivos trazem consigo os prejuízos dos alimentos ultraprocessados” (Croquer, 2023). Dessa forma entende-se que as carnes cultivadas podem levar às mesmas DCNTs que outros produtos alimentícios ultraprocessados com demais ingredientes de origem animal.

Sobre ser ou não sustentável, “O agrônomo Sérgio Raposo pontua que a produção em larga escala vai exigir alta demanda de energia e de insumos de origem animal, o que poderia colocar em xeque a expectativa de produção mais ‘verde’.” (Croquer, 2023) Dessa forma, mesmo que a produção de carnes de laboratório não necessite de grandes hectares de terra para a criação animal ou plantação que vire a ser ração animal, este cultivo exige outros recursos naturais que degradam o ambiente da mesma forma.

Sobre ser ou não *o futuro*, “Para Luismar Porto, presidente do setor de inovação da JBS, uma das empresas que mais apostam nesse segmento, investir em proteínas alternativas ‘é um caminho sem volta’, necessário para sustentar uma população crescente.” (Croquer, 2023) Demonstrando que há a culpabilização no tamanho da população mundial e não o modo de vida insustentável, principalmente das classes altas dos países centrais. Ou seja, o discurso é de que há a necessidade de produzir mais proteínas para alimentar a população com duas falsas premissas: uma é que o problema é a quantidade de alimento e não o acesso a ele; e outra é a centralidade que a proteína ganhou na alimentação de forma excessiva.

Em 1º de maio deste ano, o estado da Flórida, nos Estados Unidos, aprovou uma lei que proíbe a produção e a venda de carne cultivada em laboratório. “O Projeto de Lei do Senado 1084 foi promulgado durante um evento de imprensa realizado na Arena dos Pecuaristas do Condado de Hardee, em Wauchula” (Pressinott, 2024) e teve como intenção a proteção dos pecuaristas locais. No evento, o governador afirmou estar “lutando contra uma ideologia que quer eliminar a produção de carne nos EUA e ao redor do mundo” e concluiu “Levem sua carne falsa de laboratório para outro lugar.”

> Enquanto os gigantes globais do processamento de alimentos e produção de ingredientes (como Tyson Foods e Cargill) têm apostado nas tendências à base de plantas (Piper, 2019a), a resistência tem sido expressa tanto por agricultores de pequena escala quanto pelos poderosos grupos de pressão que falam pela pecuária de ruminantes e laticínios tanto no Reino Unido quanto nos EUA. [...] Trabalhos em geografias rurais e alimentares documentaram a diversidade de motivações pessoais por trás da agricultura no Reino Unido, especialmente diante das perdas econômicas sustentadas experimentadas por muitos no setor nas últimas décadas (Food Ethics Council, 2017). Por exemplo, Garforth et al. (2006) descobriram que, embora os impulsionadores econômicos fossem classificados como importantes entre os agricultores do Reino Unido pesquisados, um forte senso de administração, conexão com o lugar e herança familiar eram igualmente, se não mais importantes.[60] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 611-612, tradução nossa)

Os autores abordam como a relação entre lugar e comida se tornou um campo de batalha chave e enfatizam a centralidade do lugar nesses debates, assim como as diferenças de uso da terra que estes movimentos podem provocar.

É interessante analisar as disputas de forças de grupos dominantes, de um lado mais conservadores objetivando manter a pecuária tradicional e de outro lado setores progressistas que apostam nas inovações tecnológica e, que neste caso, ambos promovem a ruptura do metabolismo com a natureza. Os debates sobre este tema ainda estão incipientes e será necessário verificar se as forças políticas locais, a depender do território, do hemisfério e de sua posição na economia mundial, vão conseguir resistir às pressões das grandes empresas.

---

[60]While the giants of global food processing and ingredient production (like Tyson Foods and Cargill) have hedged their bets on plant-based trends (Piper, 2019a), resistance has been voiced by both small-scale farmers and the powerful lobby groups that speak for ruminant meat and dairy farming in both the UK and US. [...] Work across rural and food geographies has documented the diverse range of personal motivations behind UK farming, especially in the face of the sustained economic losses experienced by many in the sector over recent decades (Food Ethics Council, 2017). For example, Garforth et al. (2006) found that while economic drivers were ranked as important amongst the UK farmers surveyed, a strong sense of stewardship, connection to place and familial heritage were equally, if not more important.

Dessa forma, é possível afirmar que essas empresas promovem o deslocamento metabólico uma vez que vendem carne através da produção em larga escala promovendo desmatamentos, utilizando grande volume de água, compactando o solo, pressionando o congresso contra a demarcação de terras indígenas e ao mesmo tempo que investem em “carne vegetal” com marketing de sustentabilidade.

Com o crescimento do veganismo, as grandes corporações viram neste movimento (mais) uma oportunidade de ganho de lucro através da criação de novos mercados, uma vez que a demanda por diminuir o consumo de produtos de origem animal foi impulsionada mais ainda por conta da pandemia do COVID 19 - consumidores que desejam reduzir o consumo de produtos de origem animal representaram 40% do mercado global em 2020. (Almeida, 2021). Giraud (2021) ilustra as consequências da popularização do veganismo se tornarem o que ela chamou de “capitalismo à base de plantas”, que têm o potencial de reduzir um movimento que tem uma longa história de ser "mais do que uma dieta" a "apenas" uma dieta.

> Esse processo de mercantilização não só marca uma desconexão das questões mais amplas sobre as relações entre humanos e animais, como também rompe as conexões entre o veganismo e outras questões de justiça social, reduzindo a questão a comer animais em vez de à antroparquia em grande escala.[61] (Giraud, 2021, p. 10, tradução nossa)

Por mais contraditório que possa parecer, diversas empresas que comercializam carne investiram nessa ideia e lançaram produtos e linhas “veganas” ou vegetarianas, como a “Veg&Tal” da Sadia, a “Incrível” da JBS-Friboi por meio da Seara, o “McPlant” do McDonalds, o “Veggie Burguer” do Burguer King, a “Silk” da Danone, a “NoMoo” da Nestlé, entre outros. Como exemplo, o “nuggets legumes” da Sadia, apresenta os dizeres “carbono neutro” e tem como ingredientes:

> Ingredientes: farinha de trigo enriquecida com ferro e ácido fólico, cenoura, água, couve-flor, brócolis, milho**, óleo de algodão, óleo de soja**, amido de mandioca, sal, amido de milho, batata, amido modificado de mandioca, cebola, farinha de milho enriquecida com ferro e ácido fólico**, glúten de trigo, dextrose, alho, pimenta vermelha, pimenta branca, estabilizante: metilcelulose, aromatizantes: aromas naturais e aroma idêntico ao natural, realçador de sabor: glutamato monossódico. alérgicos: contém derivados de soja e derivados de trigo. pode conter aveia, cevada e centeio. contém glúten. **bacillus thurigiensis, streptomyces viridochromogenes, agrobacterium tumefaciens e zea mays. (Sadia, 2024)

[61]This process of commodification not only marks a disconnection from broader questions about human-animal relationships also but severs connections between veganism and other social justice issues: reducing the issue to eating animals rather than anthroparchy writ-large.

Os asteriscos se referem a bactérias que são utilizadas para o controle de pragas através de modificação genética em que as plantas recebem o gene da bactéria que age no metabolismo do inseto que possivelmente come a planta ocasionando sua morte. Já a empresa Seara possui uma “linha vegana” denominada “Incrível” com produtos alimentícios como “isca de peixe”, “hambúrguer de frango”, “hambúrguer de carne” e “empanado de frango” - este último que contém como ingredientes:

> Água, Farinha de Rosca, Proteína de Soja, Gordura Vegetal, Óleo Vegetal, Farinha de Arroz, Cebola, Glúten de Trigo, Amido, Proteína de Ervilha, Farinha de Milho Enriquecida Com Ferro e Ácido Fólico, Sal, Farinha de Trigo Enriquecida Com Ferro e Ácido Fólico, Alho, Ferro, Vitamina B12, Pimenta-preta, Pimenta-branca, Espessantes: Metilcelulose e Carragena, Aromatizantes. Alérgicos: Contém Derivados de Soja e Trigo. Pode conter Centeio, Cevada e Aveia. Contém Glúten. (Seara, 2024)

Chamamos a atenção que em ambos os exemplos a farinha está entre os dois ingredientes mais utilizados naquele produto, além da quantidade de outras farinhas e amidos adicionadas. As listas dos produtos das duas empresas evidenciam o caráter não saudável dos produtos tanto para quem consome quanto para o ambiente, visto que são produzidos a partir da monocultura com alto uso de agrotóxicos e transgênicos, além da tentativa em imitar produtos de origem animal.

Percebemos que há um reforço da alienação da comida, uma vez que não é mais possível identificar quais matérias-primas foram utilizadas para fabricar este produto. Essa tentativa de imitar produtos de origem animal tornando os ultraprocessados veganos hiper palatáveis “envolve transformar as plantas para que simulem as propriedades materiais de carne e laticínios: fazendo ‘leite’ que escorre, cremes e espumas, e hambúrgueres que sangram, crepitam e proporcionam uma ‘sensação na boca’ mastigável.”[62] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 615-616, tradução nossa)

As autoras Sexton e Garnett e o autor Lorimer (2022) denominam esse movimento de corporativização do veganismo como “Big Veganism”, seguindo o exemplo da “Big Agriculture” (grandes corporações agroindustriais que exercem poder desproporcional no

[62] involves transforming plants so that they simulate the material properties of meat and dairy: making mylk that pours, creams and froths, and burgers that bleed, sizzle and deliver a chewable ‘mouth feel’.

sistema alimentar) e “Big Food” (grandes corporações que produzem alimentos ultraprocessados).

> Esse modelo está fundamentado na prevalente política neoliberal de escolha alimentar individual (White, 2018) e nas culturas alimentares carnistas (Joy, 2011), nas quais produtos fetichizados, muitas vezes caros, são comercializados principalmente para audiências privilegiadas que celebram corpos brancos 'definidos' e o bem-estar de animais carismáticos (Harper, 2012; Wright, 2015; Doyle, 2016). Versões alternativas de alimentos veganos de baixa tecnologia, minimamente processados e socialmente integrados estão notavelmente ausentes do modelo do Grande Veganismo[63] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 606).

Além disso, os autores afirmam que estes ultraprocessados revelam a “ausência de lugar” de alguns dos ingredientes mais onipresentes do mundo, como conservantes, gomas e amidos que estão aparecendo cada vez mais nos produtos alimentícios veganos.

Outro exemplo recente, a franquia de fast food KFC anunciou que está desenvolvendo pesquisas para produção de “nugget impresso” através de impressora 3D e a partir disso iniciou-se uma discussão de veganos que comemoraram a notícia e outros veganos que a criticaram. Os veganos que comemoraram a notícia alegam que o fato do produto não envolver sacrifício animal e (segundo eles) ser benéfico ao meio ambiente, é um passo importante de uma empresa não vegana dando a entender que está aberta e considera este tipo de modo de vida.

> Na própria revista oficial ‘THE VEGAN’ existe propagandas de produtos veganos de empresas não veganas como por exemplo a Nestlé. [...] Entende-se que apoiar novos produtos veganos (livres de testes e ingredientes de origem animal), mesmo que sejam de empresas que não são totalmente veganas é uma forma extremamente eficaz de difundir o veganismo gerando maior alcance, distribuição, preços acessíveis e diminuição do abuso contra os animais. [...] Nós acreditamos que uma forma eficaz de mudar essas empresas gigantescas não veganas é mostrando que os produtos veganos são lucrativos e tem mercado. Quanto mais vegans, mais produtos vegans e menos produtos não vegans, é simples de entender. É a regra milenar: Sem demanda, não há oferta! Ninguém em sã consciência vai produzir produtos que as pessoas não querem comprar. (Veganizadores, 2020)

O discurso de que o alto consumo de produtos alimentícios sem ingredientes de origem animal faria as “empresas gigantescas” mudarem suas produções para o veganismo através da

[63] This model is grounded in the prevalent neoliberal politics of individual food choice (White, 2018) and carnist food cultures (Joy, 2011), in which fetishized, often expensive products are marketed primarily to privileged audiences that celebrate white ‘shredded’ bodies and the welfare of charismatic animals (Harper, 2012; Wright, 2015; Doyle, 2016). Alternative versions of lower-tech, minimally-processed and socially embedded vegan foodways are noticeably absent from the Big Vegan model

premissa de que “sem demanda, não há oferta” demonstra o quão raso é o argumento e o desconhecimento de como a economia e a cultura funcionam no modo de produção capitalista.

O investimento em propaganda também é alto, com o objetivo de disseminar os discursos e as percepções de que esses ultraprocessados são “melhores”. As feiras e exposições veganas geralmente são palco para propagar, através do consenso, a percepção de mundo da classe dominante, além de serem espaços de criação de desejos e demandas que anteriormente não existiam.

> Além disso, uma característica proeminente do Big Veganismo tem sido a performance da comestibilidade por meio de eventos de degustação de alto perfil e materiais de marketing propositadamente públicos (Stephens e Ruivenkamp, 2016). Coletivamente, esses eventos trabalharam para posicionar uma nova geração de alimentos veganos não apenas como comestíveis, mas também como agradáveis (Sexton, 2018), especificamente usando a apresentação pública de celebridades, magnatas empresariais e figuras da indústria alimentícia experimentando esses novos alimentos em nosso nome (Stephens, 2021). Podemos pensar nesses eventos altamente mediados como uma espécie de testemunho visceral que trabalha para incentivar os sujeitos, por meio de canais notáveis, a aceitar e desejar esses alimentos veganos. (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 616, tradução nossa).

No Brasil também vemos celebridades principalmente em redes sociais produzindo marketing para empresas veganas para criar o que parece ser uma credibilidade daquele produto. Como visto anteriormente, as forças de dominação que atuam sobre os espaços abstratos utilizam da mídia, propaganda e da estética para alienar as classes, reforçando os ideais da hegemonia dominante, visto que este consentimento precisa sempre ser educado por não ser espontâneo.

Por outro lado, os veganos que criticaram a notícia do “nugget impresso” alegam que o tipo de processo que envolve produtos ultraprocessados como estes, não considera as culturas locais; degrada o meio ambiente (por utilizar soja e milho que são produzidos da mesma forma para a criação das rações que os animais comem) desconsiderando a importância da preservação dos diferentes biomas; é extremamente pobre do ponto de vista nutricional; incentiva hábitos individuais que apagam a importância da cultura alimentar, por exemplo, de preparar o alimento e sentar a mesa compartilhando tempo com outras pessoas, e principalmente que estas indústrias têm comprado este discurso apenas para ampliar seus mercados com o propósito único de geração de (mais) lucro. Este aumento na geração de lucro de empresas frigoríficas investindo em um mercado de produtos a base de plantas foi descrito em uma reportagem como “veganismo sem veganos”.

> Dados de um estudo lançado recentemente pelo The Business Research Company estimavam que o mercado vegano global cresceria de 14,80 bilhões de dólares, em 2019, para 15,12 bilhões em 2020 – 2,3%. A aposta é que esses números atinjam a marca de 20 bilhões de dólares em 2023. Grande parte ligada ao mercado de carnes criadas por meio da tecnologia baseada em células.
> A Memphis Meats, empresa de tecnologia de alimentos com sede nos Estados Unidos, recebeu um financiamento de 161 milhões de dólares por meio de alguns investidores, como a Cargill - uma multinacional dos setores alimentício, agrícola e farmacêutico - e a Tyson - uma das maiores produtoras de carne do mundo. Outra gigante internacional, a Unilever, comprou a The Vegetarian Butcher, uma empresa de produtos à base de soja que foi criada no início dos anos 2000, na Holanda, em dezembro de 2018. Segundo o site da empresa, os produtos da Butcher são vendidos em mais de 4.000 lojas em 17 países e chegaram ao mercado brasileiro em outubro de 2020. (Almeida, 2021)

Estes dados demonstram como a estratégia, portanto, de "veganizar o mercado" apenas fortaleceria grandes empresas da agroindústria e deste modo, o embate sobre boicotar ou não uma grande empresa não vegana é uma das maiores disputas internas ao movimento. Flávio Giusti, que possui um canal no YouTube chamado "VegetariRango", conhecido no meio vegano e famoso por declarações polêmicas, afirmou em um de seus vídeos: "Eu boicoto produtos e não empresas" (Unilever [...], 2018). Após mencionar a Vegan Society e ler a sua definição de veganismo, continua:

> O que este bando de 'caga regra' quer inventar uma nova definição de veganismo? [...] Veganismo é algo prático, não teórico. Para os animais não adianta nada este discurso teórico perfeito e sim, na prática, o que você faz por eles. Outra coisa que vou deixar claro é que nenhuma empresa tem ideologia, nem as veganas. A ideologia de uma empresa é o lucro, se não seria ONG. (Unilever [...], 2018)

No vídeo ele comeu um biscoito de uma linha vegana da Nestlé, bebeu uma Coca-Cola e comeu um salgadinho da empresa Elma Chips - todas empresas multinacionais que não são veganas, mas produzem alguns produtos alimentícios sem ingredientes de origem animal. Ele também comenta sobre a questão da degradação ambiental, porém colocando todas as empresas no mesmo patamar:

> O que eu acho engraçado é que esses veganos chatos que boicotam a Unilever mas todo final de semana eu cruzo eles lá no Bar [menciona o nome do estabelecimento] que para quem não sabe é uma lanchonete de São Paulo que tem muitos lanches veganos só que também servem carne. Se você for boicotar tudo que não é vegano, você vai ter que boicotar sua mãe, seu pai, sua vó, etc e aí que nascem aqueles veganos chatos, radicais e antissociais. Tinha um único chocolate branco vegano no mercado brasileiro e parou de fabricar, pois ninguém estava comprando. O mesmo aconteceu com aquela gelatina vegana da Dr Oetker, que parou de fabricar. [...] Só que eles não pensam que se compararem e depois todo mundo comprar, acaba barateando. (Unilever [...], 2018)

Além de comparar a Unilever, empresa multinacional britânica, com uma lanchonete de São Paulo, mais uma vez é possível analisar a simplificação do debate econômico sobre oferta e demanda, culpabilizando as pessoas veganas que não compraram produtos ultraprocessados sem animais de grandes empresas. No mesmo vídeo ele também assume que a maioria dos consumidores de produtos veganos ultraprocessados são pessoas não veganas, porém dizendo que os “simpatizantes” ao movimento ajudam mais que os próprios “veganos chatos” que “não ajudam em nada” por boicotarem grandes empresas.

> O Grande Veganismo até agora tem sido caracterizado por alianças explícitas com a indústria agroalimentar "convencional", mas, ao mesmo tempo afirma ser alternativo ou pelo menos disruptivo. As recentes aquisições de startups veganas por empresas multinacionais de criação de gado, como a Tyson Foods, são um exemplo disso. A maioria dessas aquisições tem sido ativamente buscada por empresas de alimentos veganos em nome da criação de um sistema alimentar "alternativo" que possa rapidamente alcançar escalas e espaços convencionais. As empresas incumbentes de criação de gado têm recebido elogios generalizados de muitos (embora não todos) estudiosos e ativistas veganos que há muito tempo se opõem à agropecuária animal convencional.[64] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 613, tradução nossa))

Exemplificamos alguns desses elogios acima com a fala do Flávio Giusti, porém são inúmeros os veganos que compactuam com essa aliança. E exatamente por essa aliança explícita com a indústria agroalimentar não promover um sistema alimentar diferente do hegemônico e aumentar a concentração de renda, que entendemos que este veganismo corporativo também promove o deslocamento metabólico.

> Leites vegetais mainstream, como tal, se encaixam no molde de "disrupções não-disruptivas" (Goldstein, 2018) - isto é, reivindicar soluções para problemas sistêmicos que apenas servem para reparar e manter o status quo capitalista. Essa análise levanta questões importantes sobre quem se beneficia dos alimentos veganos produzidos em massa, imitações de commodities.[65] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 616, tradução nossa)

Diferentemente dele, Vitor Ávila, que também possui um canal no YouTube chamado “Vegano Vitor” sobre veganismo, possui uma visão diametralmente oposta a este tópico. Para sustentar

---

[64]Veganism has to date been characterised by explicit alliances with ‘conventional’ agri-food industry, yet it simultaneously claims to be alternative or at least disruptive. The recent acquisitions of vegan start-ups by multinational livestock companies such as Tyson Foods are a case in point. Most of these takeovers have been actively sought by vegan food companies in the name of creating an ‘alternative’ food system that can quickly reach mainstream scales and spaces. Incumbent livestock companies have received widespread praise from many (though not all) vegan scholars and activists who have long opposed conventional animal agri-business.

[65]Mainstream plant milks as such fit the mould of ‘non-disruptive disruptions’ (Goldstein, 2018) – that is, claiming solutions to systemic problems that merely serve to repair and maintain the capitalist status quo. This analysis raises important questions about who stands to benefit from mass-produced, ersatz commodity vegan foodstuffs.

a crítica ao boicote, muitos veganos comparam os produtos plant-based de grandes empresas com produtos sem ingredientes de origem animal de pequenos estabelecimentos - deste modo, vertentes do veganismo liberal são consideradas ainda muito moralistas e dietéticas. E a respeito disso, Vitor comenta:

> A gente tem que ser mais crítico e aprofundar mais nossos argumentos na hora de escolher boicotar um não uma empresa ou produto. Boicotar uma empresa por causa de testes e ignorar as denúncias de trabalho infantil, trabalho escravo e de descaso ambiental dessas empresas tira completamente a seriedade do movimento vegano. [...] Comprar um cachorro-quente de um tio da esquina onde você pede para retirar a salsicha não é a mesma coisa de comprar um hambúrguer vegano do McDonalds. Em termos de número de animais explorados pode ser que dê na mesma, a diferença aqui é o que cada uma das empresas ou pessoas representa. Outra comparação: comprar de uma feira de orgânicos que também vende peixe não é a mesma coisa que comprar em uma rede multimilionária de supermercados. (Finalmente [...], 2019)

As duas falas, portanto, foram trazidas para evidenciar as diferenças de perspectivas dentro do movimento vegano sobre boicote a grandes empresas e o não entendimento por parte de alguns veganos de que ser contra a exploração animal deveria englobar também os animais humanos, visto que a violência e a injustiça persistem em muitas etapas do circuito de produção de alimentos, mesmo quando os animais são retirados.

> Como Greenebaum (2017, p. 355) argumenta, 'alegações de "privilégio vegano" escondem e reforçam a invisibilidade cultural do especismo e carnismo... os veganos devem entender que os animais não são os únicos que sofrem. O processo estrutural e interacional de "comer sem pensar" explora tanto os consumidores quanto os trabalhadores,' e isso tem consequências materiais de gênero e raça na sociedade. Por exemplo, o matadouro está geograficamente localizado em áreas mais pobres (Morin, 2018) e atrai sua mão de obra de comunidades marginalizadas, muitas vezes migrantes (Blanchette, 2020), mas esses entrelaçamentos geográficos semelhantes muitas vezes estão ocultos das narrativas mainstream.[66] (Oliver, 2023, p. 844, tradução nossa)

É interessante observar que por um lado um movimento que teoricamente está “pensando para comer”, ao se preocupar em ler rótulos de embalagens para verificar se há ingredientes de origem animal, ir atrás de outras informações para saber se no processo de produção daquele produto houve utilização de animais não humanos, se forem feitos testes nestes animais, etc, por outro lado, está “comendo sem pensar” nos outros processos de exploração e

[66] As Greenebaum (2017, p. 355) argues, ‘allegations of “vegan privilege” conceal and reinforce the cultural invisibility of speciesism and carnism… vegans must understand the animals are not the only ones that suffer. The structural and interactional process of “mindless eating” exploits both consumers and workers,’ and this has material gendered and raced consequences in society. For example, the slaughterhouse is geographically located in poorer areas (Morin, 2018) and draws its workforce from marginalised, often migrant, communities (Blanchette, 2020), but these similar geographical entanglements are often hidden from mainstream narratives.

vulnerabilização dos animais humanos. Isso demonstra como a fetichização da mercadoria permanece se não há uma crítica estrutural do modo de produção dos alimentos. Sexton; Garnett; Lorimer (2022) denomina este grupo como “vegan-as-comsuption” (podendo ser entendido como vegano, como consumo, ou como consumidor).

A Sociedade Vegetariana Brasileira surge em 2003 e tem o propósito de fazer reconhecer o vegetarianismo e o veganismo como “estilos de vida éticos, saudáveis e sustentáveis". Uma das ações da SVB o programa de certificação vegana, criado em 2013, que

> “concede a produtos de diversas categorias (alimentos, cosméticos, higiene, limpeza e calçados) um selo vegano confiável e reconhecido nacionalmente. O selo é dado não à empresa ou marca, e sim a cada produto – portanto, qualquer indústria pode solicitá-lo. (SVB, 2024)

Porém, como já mencionado, há um boicote por parte de veganos interseccionais a este tipo de produto. Segundo este grupo, tal prática seria um dos pilares do movimento e que apoiar mais opções ‘plant-based’ no mercado não poderia nem ser considerado como uma luta antiespecista. “Nesse sentido, configura-se como algo profundamente contraditório financiar o poder sádico de grandes empresas que enxergam no veganismo apenas um nicho lucrativo de mercado enquanto perpetuam a exploração da classe trabalhadora.” (Antar, 2021, p.12)

Giraud (2021) corrobora com esses argumentos mencionando também os selos “cruelty free” impressos em produtos que prometem que não há crueldade animal dentro daquela embalagem. Porém, esse selo leva em conta apenas a crueldade aos animais não humanos, desconsiderando as relações com os animais humanos. “Um produto rotulado como ‘livre de crueldade’ não cumpre sua denominação se esse rótulo suavizar as desigualdades associadas aos próprios sistemas alimentares, incluindo quem tem acesso a escolhas específicas e quem é explorado na produção de recursos.”[67] (Giraud, 2021, p. 155, tradução nossa).

Práticas de boicotes não se limitam ao movimento vegano - nem apenas a militantes organizados em coletivos, no geral - e inclusive muitas vezes é feito pela sociedade, ou pelo menos simpatizado por ela. Um exemplo recente brasileiro foi o movimento de boicote ao supermercado Carrefour após a empresa protagonizar diversos episódios de racismo, que

[67]A product that is labeled “cruelty free” does not live up to its name if this label smooths over inequalities associated with food systems themselves, including who is able to access particular choices and who is exploited in the production of resources.

resultaram inclusive em quedas na Bolsa de Valores de São Paulo da empresa. (Correio Braziliense, 2020). Veganos interseccionais, portanto, afirmam que a prática de apoiar grandes empresas, como conceder selos veganos a produtos da Unilever que possui laboratório próprio de testes em animais, se faz totalmente contraditória. "Dessa maneira, o capital cria oportunidades para a abertura de novos mercados em meio à ruptura metabólica."[68] (Saito, 2022, p. 31, tradução nossa)

Outra ação da SVB muito conhecida é a "Campanha Segunda Sem Carne" que, de acordo com a SVB,

> se propõe a conscientizar as pessoas sobre os impactos que o uso de produtos de origem animal para alimentação tem sobre os animais, a sociedade, a saúde humana e o planeta, convidando-as a descobrir novos sabores ao substituir a proteína animal pela vegetal pelo menos uma vez por semana. Existente em mais de 40 países, como nos Estados Unidos e no Reino Unido (onde é encabeçada pelo ex-Beatle Paul McCartney) e apoiada por inúmeros líderes internacionais, a campanha foi lançada no Brasil em outubro de 2009 e hoje conta com o apoio de governos, personalidades e empresas. (Segunda Sem Carne, 2021)

A campanha, criada nos Estados Unidos como uma medida de economia de recursos durante a Primeira Guerra Mundial, foi implementada como um programa em alguns municípios brasileiros como São Paulo, impactando por volta de um milhão de alunos da rede municipal, e também em unidades prisionais do estado.

Entendida por setores mais críticos dentro do veganismo como apenas um lobby do agronegócio para promover as linhas vegetais de grandes corporações e criar a ilusão no consumidor de que este fez um movimento importante na questão ambiental por deixar de comer carne um dia da semana. A campanha, portanto, é considerada como "erro estratégico" e de acordo com a Antar (2021), apesar dos dilemas e paradoxos que envolvem a luta pela libertação animal e humana, é importante que "ética" e "estratégia política" estejam em sintonia. Além disso, apoiar um dia da semana sem carne sem a promoção de consumo de vegetais, investimento público em sacolões e feiras com maior diversidade de alimentos e outras estratégias que promovem soberania alimentar pode resultar em (mais) insegurança alimentar.

[68] In this manner, capital creates opportunities for opening new markets in the midst of metabolic rift

Percebe-se que a diferença entre veganismo de consumo e veganismo crítico tem implicações práticas nas formas com que as vertentes adotam práticas em favor dos animais e do meio ambiente, quais empresas boicotam e quais práticas apoiam. Podemos distinguir as vertentes incorporando os conceitos de "consumo verde" em distinção com a "prática verde" neste contexto.

> Kennedy e Horne (2018), partindo da premissa de que consumidores de alto status estariam mais dispostos a incorporar a questão ecológica na sua decisão de consumo, investigam a tensão entre consumo verde e práticas verdes do ponto de vista do status. Elas entendem o consumo verde (green consumption) como a compra e o investimento em produtos ecologicamente corretos, como carros híbridos e comida orgânica. Por outro lado, o comportamento verde (green behavior) se refere à mudança de comportamento tendo como objetivo contribuir para o meio ambiente, como diminuir o consumo individual usando o transporte público e cultivando os seus próprios alimentos. (Ueta, 2021, p. 128)

Apesar do consumo verde ter algum impacto sobre o meio ambiente, entende-se que ele ainda estaria ligado a práticas neoliberais, favorecendo o lucro de grandes empresas e apenas ajudando a deslocar o metabolismo. Por outro lado, o comportamento verde está ligado à disposição em reduzir o consumo e a disposição em participar de ações diretas na natureza como turismo ecológico, mutirões, etc. Transpondo para o veganismo, entendemos que o consumo vegano se refere a simples substituição de alguns produtos sem matéria-prima de origem animal (seja um alimento, roupa ou produto de higiene) e sugerimos que a práxis vegana estaria ligada a mudanças de comportamento relacionadas ao fim da exploração e opressão de todos os animais incluindo os humanos, que necessariamente deveria incluir a pauta da segurança alimentar e nutricional (combatendo os ultraprocessados), soberania alimentar e mobilizações de ações nos territórios. Dessa forma, corroboramos com Oliver (2023), que aponta que a crescente disponibilidade de produtos alimentícios ultraprocessados a base de plantas torna as relações espaciais e sociais suaves, uma vez que incorpora o veganismo em espaços centrados na carne (através da inclusão destes em cardápios e supermercados) produz o veganismo como algo não disruptivo, retirando a radicalidade do movimento vegano. O resultado deste processo, da perda da radicalidade e dos atritos provenientes do veganismo, "depende em grande parte de investimentos corporativos significativos em tecnologia de alimentos [...] e os efeitos desse investimento verde podem ter impactos significativos na forma como os veganos desafiam e produzem espaço em um mundo não vegano." (Oliver, 2023, p. 843, tradução nossa).

De forma prática, a perda da radicalidade ao apoiar ultraprocessados veganos pode implicar em não pautar a necessidade de alimentos frescos, sazonais e típicos daquele bioma, sacolões e feiras em todo o território, principalmente nos mais vulneráveis, levar a produção para perto do consumo, entre outros. Ao contrário disso, o apoio a ultraprocessados, que podem ser vendidos no mundo todo com a mesma fórmula, também acentua a produção de espaços abstratos, uma vez que aparenta uma uniformização da vida social, busca um esvaziamento da criatividade tendo a homogeneidade como meta, apesar de, na prática, ser plural. (Lefebvre, 2006). Tal homogeneidade pode ser associada a imposição da cultura alimentar e o apagamento de práticas locais - ou quando não é possível a sua cooptação.

Além disso, o consumo vegano, ao contrário da práxis vegana, reforça um ativismo individualista com noções de culpabilização do sujeito e que neste contexto "as opressões sistêmicas permanecerem desafiadas se a ação do consumidor não for complementada por outras formas de defesa, como mudanças políticas e educação pública."[69] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 610) Neste sentido, parece haver uma convergência entre essa concepção e a aposta de Gramsci na educação (tanto formal como não formal) como motor contra a hegemonia dominante atual.

Sobre o conceito de "formal and real subsumption under capital to nature" de Marx, que traduzimos como a incorporação ou inclusão do capital sobre a natureza, Saito (2023) demonstra que ela pode acontecer de duas formas: a incorporação formal e a incorporação real. A primeira simplesmente submete os trabalhadores ao comando do capital sem mudar a forma como trabalham (produção de mais-valia absoluta), ou seja, o uso da natureza ocorre apenas para a produção de mercadorias em indústrias baseadas na natureza. Enquanto a segunda reorganiza todo o processo de produção em favor da acumulação de capital por meio da cooperação, divisão do trabalho e mecanização (produção de "mais-valia relativa"). Ou seja, na incorporação formal do capital sobre a natureza não há uma intervenção tecnológica nos ciclos e processos naturais. Já a incorporação real do capital sobre a natureza altera toda a lógica da natureza, alterando assim o ciclo metabólico natural, como, por exemplo, a utilização de hormônios do crescimento, fertilizantes sintéticos, pesticidas, bem como novas biotecnologias, organismos geneticamente modificados (OGMs) e implantes biomédicos. Saito

[69] systemic oppressions to remain unchallenged if consumer action is not complemented by other forms of advocacy, such as policy change and public education

demonstra, portanto, como os agricultores, neste sistema, se tornam cada vez mais dependentes das grandes empresas agroindustriais, diminuindo ou acabando drasticamente com sua autonomia - conceito este muito utilizado por um dos entrevistados.

A forma real de incorporação da natureza, que é a que acontece nas sociedades ocidentais capitalistas, como evidenciado, altera toda a lógica da natureza, interferindo em seus ciclos e processos a partir do entendimento de que o ser humano tanto não faz parte da natureza como pode dominá-la. Nego Bispo propõe que o *humanismo*, como uma palavra "companheira" da palavra *desenvolvimento*, sintetiza esse conceito "cuja ideia é tratar os seres humanos como seres que querem ser criadores e não criaturas da natureza, que querem superar a natureza." (Santos, 2023, p. 30).

4.4.2 Deslocamento espacial

A segunda maneira do deslocamento do metabolismo operar é pelo deslocamento espacial, uma vez que aumenta o antagonismo entre campo e cidade, e atua favorecendo o norte global ao deslocar as consequências da ruptura para o sul, gerando deslocamento de cargas ecológicas para grupos sociais marginalizados.

Essa discussão está atrelada ao conceito de modo de vida imperial existente em países centrais, e que não é apenas um modo de vida capitalista visto que ele é baseado na exclusão do outro (sujeito e/ou território) que é marginalizado, tratado de forma descartável ou transformado em "zonas de sacrifício". Nos países centrais há maior possibilidade de acessar bens, serviços e infraestrutura que em comparação aos países periféricos. Essa diferença não é ao acaso e uma das causas se refere ao peso do extrativismo, de retirar recursos de um território para enriquecer, industrializar e favorecer a vida em outro local. Dessa forma, alguns locais podem ser vistos como luxuosos e promover qualidade de vida, enquanto outros viram "zonas de sacrifício" ou são esforços para um tipo de ecocídio. O modo de vida imperial, portanto, não se restringe ao consumo, mas é um tipo de organização e dinâmica de vida em um lugar *em relação a outro*. A ideia central do conceito é de que

> a vida cotidiana nos centros capitalistas só é possível, essencialmente, a partir da constituição de relações sociais entre humanos e relações entre sociedade e natureza *em outro lugar*, isto é, por meio do acesso ilimitado a mão de obra, recursos naturais e sumidouros (*sinks*) — ecossistemas que absorvem determinadas substâncias em

> maior quantidade do que as emitem no ambiente, em escala global, como as florestas tropicais e os oceanos, no caso das emissões de carbono. Para que os centros capitalistas sobrevivam, é crucial que as relações com a natureza em outras sociedades do Sul global sejam organizadas estrategicamente, de modo a garantir a transferência de elementos naturais e produtos originados de mão de obra (quase sempre barata) para as economias do Norte. (Brand; Wissen, 2021, p. 87, grifo deles)

Ou seja, o modo de vida imperial só existe em alguns lugares porque em outros lugares não é possível promover este mesmo modo de vida - e este modo só existe porque ele está demandando recursos dos outros lugares. Este conceito é importante, pois demonstra a geopolítica nas relações de dependências entre países. Porém, elucidamos que isso não significa que todos os sujeitos que habitam os países centrais tem a possibilidade de ter um modo de vida imperial, há uma grande desigualdade também interna nestes países, e por isso também que este conceito não deve ser visto de uma forma individualista - há também uma desigualdade interna que se refere a gênero, raça, classe e nacionalidade. Ao contrário disso, o modo de vida imperial organiza um padrão visto que os países que constroem este modo de vida concentram muito poder e conseguem fornecer maior acesso a bens e serviços que os locais periféricos.

> A crise ambiental, a crise econômica e a deterioração das condições de trabalho, até mesmo em setores-chave do Norte global, como a indústria automotiva, podem indicar que as promessas do modo de vida imperial se tornam cada vez menos realizáveis, não apenas para a maioria da população do Sul global, mas também para um número crescente de trabalhadores do próprio Norte (Brand; Wissen, 2021, p. 33)

Os autores abordam ainda que a crise ambiental e a busca por alternativas “verdes” tornam as mercadorias vendidas no norte “mais sustentáveis” enquanto continuam extraindo recursos do sul da mesma forma. Eles exemplificam com os debates acerca do carros movidos a motor elétrico que são motivados pelo medo da perda da competitividade e que neste caso apenas altera qual o recurso extraído dos países do sul, visto que antes era o petróleo para se tornar combustível e agora é o lítio para fabricar as baterias dos carros.

> A economia no uso de energia fóssil por meio da mobilidade elétrica é vista principalmente em termos de menor importação de petróleo e menor emissão de CO2. Porém, como já vimos, o intenso consumo de recursos para a produção de carros movidos a eletricidade quase nunca é discutido, nem as matérias-primas necessárias para suas baterias, que podem nem mesmo estar disponíveis em quantidades suficientes. (Brand; Wissen, 2021, p. 258)

Quando abordamos as carnes de laboratório, observamos que as mesmas empresas que utilizam grande quantidade de terras e recursos naturais no Brasil investem em tecnologias de ponta em

países do norte global. Ou seja, parece que o objetivo não é a sustentabilidade e a utilização de pouca terra no globo, mas apenas em algumas partes dele enquanto outros territórios periféricos continuam a ser explorados.

> A aprovação mudará fundamentalmente a forma como a carne chega às nossas mesas. É um passo gigantesco em direção a um *futuro mais sustentável*, que preserva a escolha e a vida", declarou a Uma Valeti, diretora-executiva e fundadora da Upside Foods, em comunicado. Essa decisão tornará os *Estados Unidos o segundo país, depois de Cingapura*, a autorizar a produção e comercialização de carne cultivada em laboratório. (Canal Rural, 2023, grifo nosso)

Além disso, o discurso de sustentabilidade construído com a promoção das carnes de laboratório é a "superação" do uso de terras e, portanto, uma suposta desterritorialização. Sexton *et al.*, (2022) pontuam a necessidade das(os) geógrafas(os) se perguntarem o que essa libertação de alimentos de origem animal da terra por meio de tecnologias significa para o futuro dos espaços rurais, assim como dos sujeitos e ecologias que eles sustentam. "Por outro lado, devemos pensar o Veganismo Corporativo não exatamente como uma visão de desterritorialização, mas sim como uma construída em torno de *diferentes* lugares, como o laboratório de biologia sintética, a fazenda urbana e a startup do Vale do Silício?"[70] (Sexton, et al., 2022, p. 671, grifo delas, tradução nossa).

Fica evidente, portanto, a criação de espaços abstratos, corporativos, que se pautam também na alienação realizada por meio da estética, da propaganda e da mídia pelas forças de dominação que atuam nestes espaços, com discursos de progresso e sustentabilidade.

A transferência de recursos e de prejuízos nesta escala só foi possível com a consolidação do mercado mundial que também promove a transformação do que era supérfluo em necessário. Este movimento cria demandas que não existiam, e na alimentação isso é muito nítido através dos ultraprocessados. Conceitos como "imperialismo alimentar" e "colonialismo do paladar" exemplificam a atuação hegemônica de grandes empresas em alterar hábitos alimentares.

> Ao deslocar constantemente as rupturas ecológicas e torná-las invisíveis ao centro capitalista, a ordem social capitalista atual parece atrativa e confortável para uma ampla gama de grupos sociais no Norte Global. Isso facilita assim um consenso social

[70]Conversely, should we think of Big Veganism as not entirely a vision of placelessness but rather one built around different places, such as the synthetic biology lab, the urban farm and the Silicon Valley start-up?

> geral, enquanto seus custos reais são impostos a outros grupos sociais no Sul Global.[71] (Saito, 2022, p. 32-33, tradução nossa)

O autor exemplifica este argumento com o surgimento da necessidade de grande extração de guano no Peru para servir de fertilizante na agricultura do norte global. Essa necessidade não existia anteriormente. Além do esgotamento do solo peruano, a extração provocou perdas para a população indígena que vivia no local, resultando inclusive em guerras. Exemplo claro do "roubo de solos estrangeiros": deslocamentos em longas distâncias e perturbação do ciclo de nutrientes. Por outro lado, os manejos agroflorestais abordam muito este aspecto, uma vez que defendem que tudo que a terra precisa vai estar ali naquele sistema, e que qualquer inclusão de fertilizantes e adubos que não foram gerados ali, por mais orgânicos que sejam, vão causar uma perturbação - abordaremos melhor este tópico no subcapítulo 3.6.

> O imperialismo ecológico é acompanhado pela "troca ecologicamente desigual" de energia e materiais gratuitos (Hornborg 2012). Seus impactos não são totalmente representados na troca desigual de valor, mas são essenciais para o processo de acumulação de capital. O centro acumula mais riqueza e se torna mais próspero, enquanto a periferia permanece subdesenvolvida ou se empobrece ainda mais. As consequências negativas da ruptura, como esgotamento de recursos, ruptura corporal de escravos e poluição ambiental, emergem de forma desproporcional nessas periferias de onde os recursos são constantemente extraídos e transportados para o centro (Martinez-Alier 2002: 213). Isso é *representativo do deslocamento espacial como uma forma de organizar todo o mundo* que pode ser adequadamente chamado de sistema capitalista.[72] (Saito, 2022, p. 33, tradução nossa, grifo nosso)

A partir do imperialismo ecológico, o Sul Global sofre as consequências negativas duas vezes, pois após sofrer tanto com o roubo da natureza quanto da força de trabalho, ele também é o que enfrenta o impacto real da crise ecológica. "Esta é a essência da 'sociedade de externalização' que prevalece no próspero Norte Global." (Saito, 2022, p. 35)

Brand e Wissen (2021) demonstram essa questão quando, na década de 1960, surgiu uma tendência de deslocar para o sul global diversas indústrias consideradas "sujas" como as de

---

[71]By constantly shifting the ecological rifts and making them invisible to the capitalist centre, the current capitalist order of society appears attractive and comfortable for a wide range of social groups in the Global North. It thus facilitates a general social consensus, while its real costs are imposed upon other social groups in the Global South.

[72]Ecological imperialism is accompanied by 'ecologically unequal exchange' of free energy and materials (Hornborg 2012). Its impacts are not fully represented in the unequal exchange of value, but it is essential to the process of capital accumulation. The centre accumulates more wealth and becomes more affluent, while the periphery remains underdeveloped or becomes even more impoverished. The negative consequences of the rift, such as exhaustion of resources, corporeal rift of slaves and environmental pollution, disproportionally emerge in those peripheries from which resources are constantly extracted and transported to the centre (Martinez-Alier 2002: 213). This is representative of the spatial shift as a way of organizing the entire world that can be aptly called capitalist system.

aço, têxteis, de produtos químicos e eletrodomésticos, além de materiais específicos utilizados nas cadeias desses produtos. A intenção de retirá-las do norte se deve ao fato de essas indústrias demandarem trabalho intensivo e/ou causarem danos ambientais.

> Quanto mais essas práticas de uso intensivo de recursos e emissões se tornavam universais nas sociedades do Norte global, maior era a demanda por *outros lugares*: locais que servissem como origem e destino dos recursos, ou como espaço de armazenamento para seus custos sociais e ecológicos. A chamada atitude "no meu quintal, não" (ou NIMBY, de *not-in-my-backyard*) prevaleceu como um elemento crucial de externalização, ou seja, "eu" não deveria sofrer, no meu próprio quintal, as consequências negativas das minhas ações. (Brand; Wissen, 2021, p. 154, grifo deles)

Rosa Luxemburgo (1970), referência nos debates sobre imperialismo, aprofunda nessa temática argumentando que há três fases do imperialismo, sendo a primeira a destruição de traços da economia natural - marcada não pela superprodução, mas pela existência harmônica entre homem e natureza, ou seja, o metabolismo. À medida que o imperialismo se desenvolve, outras relações com a terra se desenvolvem, como a proibição de caça, coleta, frutos, obtenção de água dos rios, ou seja, tudo que era reconhecido como comum vira objeto de apropriação. (Luxemburgo, 1970).

A autora também aborda as diferentes formas de imperialismo, algumas mais violentas e outras menos - o que tem relação com o fato de serem imperialismos capitalistas ou não. A terra seria um exemplo de meio de produção que teve sua apropriação feita de forma violenta (principalmente nos países coloniais) visto que não se encontrava inclinada ao comércio de mercadorias ou sua própria estrutura social se colocava de fato como um obstáculo a esse comércio. A concorrência pacífica, isto é, o comércio regular de mercadorias, se faz apenas entre os países capitalistas. Mas as expansões coloniais são acompanhadas, naturalmente, de apropriações violentas (seja dos meios de produção, seja da força de trabalho). "O método violento é nesse caso o resultado direto do choque do capitalismo com as estruturas da economia natural que entravam sua acumulação." (Luxemburgo, 1970, p. 320)

Povos que dominaram sem aniquilar ou privar os dominados de suas forças produtivas e organização social, "permitiram" a sobrevivência destes. Luxemburgo demonstra com diversos exemplos a diferença entre essa dominação capitalista e dominações não capitalistas.

Dessa forma, a autora demonstra como o imperialismo capitalista destrói os modos de vida. Os imperialismos não capitalistas de certa forma "deixaram" os modos de vida dos locais

colonizados. Por outro lado, o imperialismo capitalista estadunidense se coloca como contraditório a essa perspectiva, uma vez que convence sem destruir os modos de vida, mas se apropriando deles e os inserindo na lógica mercadológica e financeira. Enfatizamos neste trabalho os imperialismos que mudam e impõem modos de vida no âmbito alimentar e que promovem este convencimento através da hegemonia.

Outros autores que também debatem o tema, Foster e Clark (2004) demonstram como o imperialismo foi importante para a ruptura metabólica e como ocorre o imperialismo ecológico, o qual de um lado a dívida financeira dos países do sul é cobrada e penalizada e a dívida ecológica dos países do norte é esquecida ou "perdoada". Para além disso, a exportação de um produto agrícola do sul para o norte é em essência a exportação de terra e de água deste, evidenciando outros roubos e rupturas provocados pelo imperialismo e intrínseco a ele, que é anti ecológico por natureza. A agricultura comercial, modo de produção de alimentos hegemônico dentro deste sistema, traduz estes roubos e rupturas à medida que países do sul mantém sua posição agrária exportadora de commodities, empobrecendo e adoecendo seus solos e seus trabalhadores simultaneamente.

Luxemburgo, ao tratar sobre a economia natural que foi destruída na primeira fase do imperialismo, caracteriza essa economia como uma forma contrária à superprodução. Engels e Marx (2005) pontuam o problema da superprodução gerado pelas forças produtivas capitalistas e intrínseco a ela: "meios de subsistência em excesso, indústria em excesso, comércio em excesso." (Engels; Marx, 2005, p. 33)

Sobre o consumo em excesso, Lichotti e Buono (2022), ao analisarem a perda e o desperdício de comida no mundo, avaliaram que anualmente, 931 milhões de toneladas de alimento vão para o lixo, segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. A perda está relacionada a problemas na cadeia produtiva dos alimentos, já o desperdício acontece após a venda, pelos consumidores. Porém, observa-se uma diferença das motivações que levam ao desperdício:

> Em países mais pobres, o desperdício normalmente está relacionado às más condições de armazenamento ou falta de refrigeração. Mas, no mundo abastado, o problema está na ponta da cadeia produtiva: os consumidores. Nesses países, a principal causa do descarte é a diferença entre produção excessiva e consumo real. Nos Estados Unidos, o fornecimento diário médio de alimentos chega a 3.600 calorias por pessoa. Mas a população norte-americana só ingere de fato 2.100 calorias. Isso significa que 40%

> da comida norte-americana vai para o lixo todo dia – o suficiente para alimentar toda a população brasileira. (Lichotti e Buono, 2022)

No Brasil, o alimento mais desperdiçado é o arroz, e em segundo lugar a carne bovina. 25 gramas de arroz por pessoa diariamente são desperdiçados, quantidade suficiente para alimentar 40 milhões de pessoas, ou seja, mais do que a população que passa fome no país. Ademais, 50,2 gramas de carne por pessoa diariamente são desperdiçados, e nesse caso, "a quantidade desperdiçada alimentaria 97 milhões de pessoas – 84% de toda a população que vive em insegurança alimentar, 116 milhões de brasileiros." Esse desperdício está relacionado à "administração inadequada do alimento – ou seja, preparo excessivo e inapropriado, em quantidades não planejadas, com armazenamento inadequado." (Lichotti e Buono, 2022).

Já sobre a produção em excesso, a Revolução Verde, como uma nova etapa da atuação do capitalismo no campo, provocou não uma solução à fome, mas uma superprodução de alimentos que não permite o acesso democrático a ela e, portanto, se vê sem escoamento de alimentos (que viraram mercadorias).

Dessa forma, os transforma em produtos alimentícios ultraprocessados para escoar essas commodities em excesso - produtos esses que terão maior durabilidade devido aos processos industriais e aditivos e conservantes e, portanto, chegam a territórios mais distantes de seu local de produção. Há portanto uma complexificação da alimentação ao mesmo tempo que cria produtos alimentícios extremamente pobres nutricionalmente, ajudando ainda a destruir soberanias alimentares, aumentar as DCNTs e diminuir a biodiversidade. A quantidade de soja, milho e trigo é tanta que precisam criar cada vez mais produtos alimentícios ultraprocessados para destinar esses ingredientes. Em uma pesquisa rápida no supermercado é possível notar a quantidade de produtos alimentícios ultraprocessados que possuem soja, milho e trigo como principais ingredientes.

Miranda (2013) ao descrever sobre a afirmação do cristianismo no século IV como a religião oficial no império, demonstra como "a nova fé promoveu o prestígio do pão, do vinho e do óleo por toda a Europa", alargando "progressivamente o cultivo de vinho e cereais até latitudes antes impensáveis" (p.65). O que muitos séculos depois foi escalonado devido à industrialização e a própria urbanização expandida.

Nego Bispo também levanta alguns questionamentos sobre a monotonia e o colonialismo do paladar:

> Gafavera, aroeira e juá são folhas secas mais ricas em proteínas do que soja ou milho. Para que comemos pão de trigo se a Caatinga dá milho? Temos que comer pão de milho. Quando der mandioca, temos que comer beiju ou mingau de farinha. Não precisamos substituir a alimentação daqui por produtos do Sudeste, por conta do colonialismo de submissão. (Santos, 2023, p. 78-79)

Além disso, o capitalismo visa ser um sistema universal, mas se o for, se esgotaria, ou seja, vista ser um sistema universal, mas depende necessariamente do sistema não capitalista para sobreviver. Vende-se um modo de vida totalmente insustentável para a população e atualmente não é só mais o modo de vida do estadunidense (como geralmente é utilizado para demonstrar a insustentabilidade), mas o modo de vida da média do brasileiro também já é insustentável. Se todas as pessoas vivessem como a média dos estadunidenses vivem, precisaríamos do recurso de 5,1 planetas para suprir essas "necessidades", o que é um número altíssimo. Por outro lado, se todos vivessem como vive a média dos brasileiros precisaríamos de 1,6 planetas, o que representa uma diferença significativa do modo de vida dos estadunidenses, mas ainda assim se mostra insustentável, pois os recursos da Terra já não são suficientes para suprir este modo de vida. (Earth Overshoot Day, 2024). Porém, o número é apenas uma média e sabe-se que a depender da região, da classe e da renda, o cálculo para avaliar a quantidade de recursos despendida para manter o padrão de consumo chega a números diferentes dentro do mesmo país.

4.4.3 Deslocamento temporal

Por fim, a terceira dimensão do deslocamento metabólico é o deslocamento temporal, entendida de modo que a característica "elástica" da natureza permite que, mesmo que o tempo da tecnologia seja muito discrepante do tempo da natureza, os efeitos desse avanço da tecnologia não causam uma ruptura imediata. Dessa forma, o capital vai criando condições de se perpetuar no tempo, jogando as consequências das degradações ambientais para as gerações futuras, ao mesmo tempo em que lucra com isso - lembramos aqui do exemplo do crédito de carbono.

O deslocamento temporal também é eficiente na alienação a partir do momento em que cria falsas esperanças que a tecnologia é capaz de mitigar os problemas ambientais, otimismo

tecnológico também criticado por diversos autores. (Saito, 2022) Argumenta-se que na concepção capitalista não é concebível barrar o crescimento econômico, que promove o desenvolvimento tecnológico - o decrescimento econômico não é visto nem como possibilidade.

Chamamos a atenção para uma característica do deslocamento temporal que é a comodidade que a tecnologia provoca ao permitir que o estilo de vida altamente insustentável seja mantido. “Além disso, as soluções tecnológicas soam atraentes porque não exigem que mudemos nosso estilo de vida atual.” (Saito, p. 34, tradução nossa). A nível individual, ninguém quer abrir mão do conforto, de ter um carro, abrir mão da carne todo dia, objetos pessoais, imóveis e outras “conquistas” que foram alcançadas “graças ao avanço tecnológico”. Não é sobre responsabilizar o indivíduo, mas é necessário entender que seu modo de vida e algumas escolhas que são feitas podem contribuir mais ou menos para a sustentabilidade e para o deslocamento metabólico.

Em relação a isso, trazemos algumas conclusões que Garzillo (2019) constatou em sua tese de doutorado no Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde (Nupens) da USP. Como mencionamos que mesmo o modo de vida dos brasileiros já apresenta insustentabilidade, visto que precisaríamos de 1,6 planetas para suprir nossas necessidades, a escolha de trazer essa pesquisa se deve ao fato de ter sido a primeira “a estimar a pegada de carbono [...] e a pegada hídrica [...] do consumo médio de alimentos per capita no Brasil.” (p. 205). A tese foi organizada em três partes e na primeira, ela analisou os guias alimentares de diversos países e descobriu que 26 deles incluíam recomendações sobre a relação entre alimentação e meio ambiente. Na segunda parte, a pesquisadora desenvolveu uma metodologia para avaliar o impacto ambiental da dieta da população brasileira. Para isso, comparou o consumo médio de alimentos, conforme a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com as recomendações do Guia Alimentar para a População Brasileira. Na terceira e última parte, aplicou a metodologia desenvolvida para medir a pegada de carbono e a intensidade do uso da água nessas dietas. Entre suas conclusões, destacou que a simples adoção das recomendações oficiais orientadas no Guia já significa um potencial relevante para a redução imediata das pegadas ambientais, ou seja, quanto menos carnes e alimentos ultraprocessados, melhor para o meio ambiente.

> As dietas monótonas, com elevado consumo de carnes e alimentos ultraprocessados, pioram o quadro de segurança alimentar porque aceleram registros epidemiológicos de doenças crônicas enquanto degradam os ecossistemas. [...] O maior consumo de carnes apresentou as pegadas mais altas (6,4kgCO2eq e 6293 litros de água). O maior consumo de ultraprocessados (4,2kgCO2eq e 3789 litros de água) apresentou pegadas comparáveis ao consumo médio. Se 200 milhões de brasileiros adotassem a dieta saudável, eles reduziriam as emissões em 45 milhões de toneladas de carbono ao ano. (Garzillo, 2019, p. 7)

Dessa forma, ao entender que o modo de vida imperial não pode ser universalizado, visto que isso seria fatal para o próprio capitalismo, por que continuar almejando isso? Entre algumas razões, a ideologia hegemônica é insistente ao fazer propaganda para este modo de vida e precisa do esforço dos trabalhadores para tentar sempre "melhorar de vida" e alcançar este modo de vida imperial para extrair cada vez mais mais-valia na sua exploração. O consenso criado a partir disso é de que é possível alcançar o modo de vida imperial através do esforço, uma visão individualista do conceito que, como já demonstrado, só existe porque necessariamente outros modos de vida precisam ser marginalizados e privados de acesso.

Ao tratar sobre o crescimento do veganismo corporativo no norte global, os autores instigam a novos trabalhos geográficos sobre este assunto no sul global, relacionando as tendências de consumo dos atuais modos de vida.

> As táticas sugeridas para mais trabalho geográfico incluem a descoberta das geografias do Big Veganismo além do nosso foco neste artigo sobre tendências no Norte Global. Por exemplo, por quem e onde estão sendo mobilizadas cadeias de suprimentos e forças de trabalho ocultas para sustentar e expandir o Big Veganismo no Norte Global? Que impactos essas redes novas e/ou existentes estão tendo nas ecologias e comunidades locais? Até que ponto as tendências de consumo no Sul Global estão seguindo uma trajetória semelhante àquelas no Norte?[73] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 611, tradução nossa)

Pelo exposto até aqui, com a popularização do veganismo no Brasil, o aumento do número de ultraprocessados de diferentes empresas produtoras de carne e uma alienação de parte significativa do movimento, parece que o sul global têm seguido as tendências de consumo do norte - por outro lado, como demonstrado no subcapítulo 1.3, as vertentes interseccionais do veganismo no Brasil parecem ser mais coletivas e menos individualistas que as do norte global .

[73] Suggested avenues for further geographic work include uncovering the geographies of Big Veganism beyond our focus in this paper on trends in the Global North. For example, by whom and where are supply chains and out-of-sight labour forces being mobilised in order to sustain and grow Big Veganism in the Global North? What impacts are these new and/or existing networks having on local ecologies and communities? To what extent are consumption trends in the Global South pursuing a similar trajectory to those in the North?

Por outro lado, é compreensível que os sujeitos os quais sempre foram negados os benefícios da comodidade trazida pelo modo de vida imperial não queiram abrir mão de alcançar tais bens e serviços. Ueta (2021), ao tratar do “nó geracional”, analisa como a geração chinesa que experienciou a grande fome da China tinha o consumo de carne muito racionado durante a juventude e sonhava com o dia que tivesse dinheiro e pudesse consumir carne. E quando finalmente chega este momento, se depara com seus netos, jovens vegetarianos ou veganos que não consomem carne por uma escolha, não por falta dela. O consumo de carne como justiça social também é experienciado no Brasil e exemplificado na promessa de campanha do atual presidente de que o povo voltaria a comer picanha e fazer churrasco caso fosse eleito, o que a pesquisadora define como o “sabor da prosperidade”. Sendo assim, é necessário reafirmar as diferenças dos modos de vida no Norte e no Sul global, assim como a importância de não culpabilizar os indivíduos - principalmente os que sempre estiveram na periferia do sistema - pelas questões ambientais.

> Embora não descartem a influência coletiva e o empoderamento pessoal que a escolha alimentar individual pode alcançar, muitos geógrafos alimentares destacaram como pessoas racializadas, mulheres e grupos de baixa renda carregam desproporcionalmente a responsabilidade e a culpa por fazer escolhas "boas" ou "ruins" (Slocum, 2011; Mansfield, 2012). Como tal, a atenção é desviada de questões de nível sistêmico e o ônus da responsabilidade é deslocado de atores estatais e corporativos (Welch et al., 2018). As governamentalidades associadas a esse modelo de "responsabilização" do cidadão-consumidor (Johnston, 2008) têm sido mostradas em múltiplos casos para cultivar imaginários problemáticos e desempoderadores de "bons" comedores e "boa" alimentação.[74] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 614, tradução nossa)

Dessa forma, questionar o modo de vida imperial e considerar o decrescimento principalmente no Norte Global parece papel fundamental na busca pela sustentabilidade e manutenção da espécie no planeta. Brand e Wissen (2021) mencionam várias ações que precisam ser feitas para “interromper os desenvolvimentos problemáticos”, sendo alguns desses desenvolvimentos a “expansão da conquista e a apropriação capitalistas”, a “mercantilização da força de trabalho e da natureza” e a “externalização das consequências negativas do modo de vida imperial”. Os autores defendem que as mudanças reais devem transcender a simples contenção ou repressão de práticas imperiais, baseando-se em uma transformação social fundamental. Isso contrasta com as suposições amplamente aceitas nos debates sobre a economia verde.

[74] While not dismissing the collective influence and personal empowerment individual food choice can achieve, many food geographers have highlighted how particularly people of colour, women and lower-income groups disproportionately bear the responsibility and blame for making ‘good’ or ‘bad’ choices.

> Muitas pessoas perderão, em várias escalas — e isso é necessário, porque o que fazem não é generalizável e é realizado à custa de ainda mais pessoas. Bernd Sommer e Harald Welzer falam sobre essa necessidade de "desprivilegiar os grupos e indivíduos que atualmente se beneficiam de estratégias econômicas que afetam de forma massiva as chances de vida das pessoas hoje e no futuro" (Sommer & Welzer, 2014, p. 221). Isso abre espaço, porém, para outros elementos da boa vida, como, por exemplo, segurança material, certa estabilidade de trajetória ou um trabalho menos alienado. (Brand; Wissen, 2021, p. 262)

O decrescimento e as questões ambientais precisam necessariamente ser pautadas quando se imagina outro modelo de sociedade pós-capitalista uma vez que "uma sociedade mais igualitária não é automaticamente mais sustentável."[75] (Saito, 2022, p. 237, tradução nossa) Por outro lado, o autor afirma que existem pelo menos cinco razões pelas quais o comunismo aumenta a chance de reparar a ruptura metabólica com a produção capitalista. Ele argumenta a favor de um comunismo decrescente e afirma que não é mais suficiente formular uma crítica eco-socialista ao capitalismo contemporâneo - porém não cabe a este trabalho aprofundar nessas críticas.

Saito (2024), no livro "Slow Down: the degrowth manifesto", demonstra exaustivamente como não é possível ter um real decrescimento que priorize as necessidades tanto da humanidade quanto da natureza dentro do próprio sistema capitalista. Ele argumenta que há alguns pilares para o comunismo do decrescimento, sendo eles: a transição para uma economia baseada no valor de uso; a redução da jornada de trabalho; a abolição da divisão uniforme do trabalho; a democratização do processo de produção; e priorização do trabalho essencial. Apesar de acreditar que a mudança deve ser estrutural, o autor também demonstra otimismo ao mencionar movimentos de resistência nas cidades que, apesar de não abordarem nominalmente o decrescimento, reivindicam suas pautas e que, apesar de isoladas, "têm o poder de se espalhar até se tornarem uma onda coordenada" (Saito, 2024).

> É claro que isso deve ser um projeto abrangente, incluindo a gestão pública da água e da energia, a expansão da propriedade social, a priorização do trabalho essencial, a reorganização da agricultura e assim por diante. Diante disso, instâncias de resistência como o surgimento de cooperativas de trabalhadores ou a revolta das classes cuidadoras podem parecer bastante pequenas. E de fato, elas podem ser. Mas existem muitas instâncias semelhantes de resistência ao capitalismo ocorrendo em todo o mundo. [...] Em cidades de todo o mundo que foram empobrecidas pelo capitalismo global, uma onda está surgindo — pessoas comuns estão buscando um novo tipo de economia que abordará seu sofrimento. Esses movimentos estão ocorrendo em

[75] A more equal society is not automatically more sustainable.

> cidades em todas as regiões do planeta, reunindo o poder para mudar a política mesmo em nível nacional.[76] (Saito, 2024, p. 215, tradução nossa)

Além disso, o autor aponta que exatamente por terem os territórios e os trabalhadores mais saqueados, os movimentos de resistência do Sul Global em direção ao decrescimento tem muito a ensinar ao norte global.

> A atual crise climática está fornecendo o ímpeto para o desenvolvimento de novos movimentos para descartar o eurocentrismo em favor de aprender com o Sul Global. Este é o tipo de desenvolvimento que o próprio Marx desejava. Essas sementes do comunismo têm o potencial, impulsionadas pelo aprofundamento da crise climática, de se tornarem mais audaciosas e vibrantes até florescerem em uma revolução ambientalista para o século XXI.[77] (Saito, 2024, p. 216, tradução nossa)

Consideramos fundamental destacar o caráter decrescente *deste* comunismo: pois autores como o próprio Engels não tinham essa visão não produtivista da sociedade pós-capitalista.

> Engels acreditava que, uma vez que o capitalismo fosse transcendido, o ecossocialismo emanciparia plenamente as forças produtivas em prol da classe trabalhadora: o socialismo realiza o 'desenvolvimento constantemente acelerado das forças produtivas e ... um *aumento praticamente ilimitado* da própria produção' (MECW 25: 269; ênfase adicionada). Em contraste, em 1881, Marx se distanciou da aprovação do crescimento infinito e apontou para a necessidade de igualdade social e sustentabilidade com base no princípio do 'comunismo na vida'. [78](Saito, 2022, p. 209, tradução nossa)

Sobre a necessidade da ativação do “freio de emergência”, apontado por Walter Benjamin, Saito (2023) afirma que a metáfora, hoje, é mais importante do que nunca e que esse freio implica um chamado ao decrescimento. Além disso, o autor pontua e necessidade de mudanças sistêmicas radicais e nessa perspectiva, esta pesquisa, portanto, entende a abstenção do

---

[76] Of course, this must be a comprehensive project, including the public management of water and power, the expansion of social ownership, the prioritization of essential work, the reorganization of agriculture, and so on. In the face of this, instances of resistance like the rise of workers’ coops or the revolt of the caring classes may seem quite small. And indeed, they might be. But there are many similar small instances of resistance to capitalism occurring all over the world. [...] In cities all over the world that have been impoverished by global capitalism, a groundswell is rising—everyday people are searching for a new kind of economy that will address their suffering. These movements are occurring in cities in every region of the planet, gathering the power to change politics even at the national level.

[77] The current climate crisis is providing the impetus for the development of new movements to discard Eurocentrism in favor of learning from the Global South. This is the kind of development the late Marx himself wished for. These seeds of communism have the potential, spurred by the deepening of the climate crisis, to become bolder and more vibrant until they bloom into an environmentalist revolution for the twenty-first century.

[78] Engels believed that once capitalism was transcended, ecosocialism would fully emancipate productive forces for the sake of the working class: socialism realizes ‘constantly accelerated development of the productive forces, and … a practically *unlimited increase* of production itself ’ (MECW 25: 269; emphasis added). By contrast, in 1881 Marx distanced himself from the endorsement of endless growth, and pointed to the need for social equality and sustainability based on the principle of ‘communism in living’.

consumo de carne e derivados (ou pelo menos sua diminuição, mas não bastando apenas a "segunda sem carne") em escala individual e a abolição da pecuária industrial na escala global como uma das mudanças sistêmicas radicais em direção a um decrescimento. E parece que estes debates sobre decrescimento individual e sistêmico ainda encontrarão muita resistência. "Muitos camaradas começam a suar frio ao ponderar uma sociedade em que ambos, humanos e animais, estejam libertos da exploração e da opressão, já que isso significaria abrir mão de sua carne e de seu queijo." (Bündnis Marxismus und Tierbefreiung, 2019, p.180)

A necessidade da ativação do freio de emergência muitas vezes parece utópica, principalmente quando o discurso hegemônico se baseia no realismo capitalista, no sentido de que "é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo". Tal ideia foi descrita por Mark Fisher (2020) e demonstra a concepção de que não haveria outra alternativa, o que "constrange severamente nossa imaginação política, nos subjugando a serviço do capital."[79] (Saito, 2022, p. 3). E, em relação à questão ambiental, é mais fácil imaginar a catástrofe do que mudanças radicais das relações capitalistas, evidenciado através de diversos filmes sobre apocalipses acontecendo das mais variadas formas nas últimas décadas. Caracterizamos, pois, essas concepções como rupturas no imaginário, que Krenak (2019) descreve como nossa incapacidade de sonhar e de "imaginar outro mundo possível." (p. 32) O filósofo, que também é líder indígena, apresenta a ideia de que sonhar pode ser aprendido assim como quem vai para a escola e aprende um conteúdo e que, enquanto isso não ocorre, estamos todos em um processo de dormência. Ele também menciona uma ruptura que atualmente impacta todos os povos da terra, não apenas aqueles que estavam em maior vulnerabilidade.

> O que aprendi ao longo dessas décadas é que todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda. (Krenak, 2019, p. 23)

A necessidade urgente de despertar e imaginar outros mundos possíveis para o autor é "no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, como se a gente não fosse natureza." (Krenak, 2019, p. 32) O que evidencia a ruptura no imaginário que concebeu a ideia de que os seres humanos estão fora da natureza. Também destacamos a preocupação de Krenak

[79] severely constrains our political imagination, subjugating us to the regime of capital.

sobre a necessidade desses reordenamentos dos espaços, e dialogando com Lefebvre, da produção de espaços que não sejam mais abstratos.

> Assim como o espaço deixou de ser visto como neutro e não político, a natureza precisa, também, ser pensada nesses termos, já que não se trata de uma natureza abstrata e separada do ser humano, simples objeto de dominação. Esse legado é profícuo porque estimula maior engajamento político e a busca de uma práxis que leve em consideração a crítica tanto do Estado como do capital, e isso precisa ser evidenciado. O debate sobre a crise ambiental e ecológica que exclui o Estado e o capital como agentes preponderantes dos processos é um debate sem saída e sem rumo. (Pereira, 2019, p. 24)

Krenak também utiliza da ruptura em outro trecho para tratar da dificuldade em imaginar modos de habitar a Terra diferentes da concepção hegemônica atual e da idealização deste modo de vida imperial tratado por nós anteriormente. “Talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo.” (Krenak, 2019, p. 29)

Dessa forma, vamos ao encontro do líder indígena e entendemos ser o objetivo dessa pesquisa a desestabilização de um padrão de existência que, através do consumo alimentar seja alto em carnes, ou seja, alto em ultraprocessados sem origem animal, reforça e/ou desloca o metabolismo com a natureza que não só explora e degrada os elementos inorgânicos da natureza mas também os orgânicos, e isso inclui todos os animais humanos.

> o Grande Veganismo emergiu como uma força significativa do atual mainstreaming da identidade, prática e produtos veganos na Europa e América do Norte. O poder cultural e financeiro considerável que ele continua a acumular rapidamente está definindo as políticas de possibilidade (Guthman, 2008) do que o veganismo contemporâneo é, para quem é, as geografias e escalas que abrange[80] (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022)

Portanto, concluímos que o veganismo de mercado desloca o metabolismo com a natureza nas três dimensões: tecnológico, espacial e temporal, visto que não questiona o atual modo de produção de alimentos assim como não questiona os atores como Estado e capital, nem como os circuitos longos de comercialização, não apoia práticas que levam em conta os sujeitos que

[80] Big Veganism has arguably emerged as the significant driving force of the current mainstreaming of vegan identity, practice and products in Europe and North America. The considerable cultural and financial power it continues to amass at pace is defining the politics of possibility (Guthman, 2008) of what contemporary veganism is, who it is for, the geographies and scales it encompasses,

plantam (como agricultura familiar, agroecologia), aposta no otimismo tecnológico e no consumo de ultraprocessados, além de ser considerado elitista e racista.

4.5 Resgate metabólico

Além da visão ecológica e não produtivista que Marx desenvolveu nas últimas décadas de vida, as publicações do projeto MEGA também revelaram o outro campo de estudo que o autor se debruçou após a publicação d'O Capital, as sociedades pré-capitalistas ou não-ocidentais, o que demonstrou a tentativa de superar a visão eurocêntrica percebida em seus primeiros textos.

Dessa forma, a crítica de Edward Said que caracterizou Marx como um "típico orientalista" poderia ser válida a partir do momento que ele teve sim elaborações racistas e orientalistas como quando elaborou o imperialismo na Índia como quase um mau necessário para o progresso da humanidade rumo ao socialismo e que, além disso, suas futuras tentativas de superação de sua visão eurocêntrica não estavam publicizadas de forma tão consolidada. Porém, Saito responde à crítica de Said expondo outros excertos, da mesma época, em que Marx demonstrou de forma mais enfática suas concepções anticolonialistas e abolicionistas ao reconhecer a agência do povo indiano ainda na década de 1850. (Saito, 2022)

> Ao contrário dos anos 1850, quando ainda elogiava a 'missão dupla', Marx no Terceiro Rascunho denunciou muito mais explicitamente o 'vandalismo' britânico na Índia (Shanin 1983: 118) e sua destruição da agricultura indígena: 'Os próprios ingleses fizeram tais tentativas nas Índias Orientais; eles apenas conseguiram arruinar a agricultura indígena e aumentar o número e a intensidade das fomes' (Shanin 1983: 121). Isso tem a ver com seu reconhecimento do '*elemento de superioridade*' que estava sendo destruído sob o domínio colonial. Várias *comunas arcaicas*, que permaneceram em todo o mundo, tinham, o mesmo poder potencial, embora é claro, em diferentes graus.[81] (Saito, 2022, p. 196, tradução nossa, grifo nosso)

Este trecho evidencia como a colonização degradou severamente as agriculturas originárias, aumentando a fome nestes territórios. Além disso, ele menciona o "elemento de superioridade" que os territórios que sofreram os processos de colonização possuem sobre os imperialistas, principalmente no que diz respeito às relações sociais e à sustentabilidade. Além disso, Marx

[81]Unlike the 1850s when he still praised the 'double mission', Marx in the Third Draft much more explicitly denounced British 'vandalism' in India (Shanin 1983: 118) and its destruction of indigenous agriculture: 'The English themselves made such attempts in the East Indies; they only managed to spoil indigenous agriculture and to swell the number and intensity of famines' (Shanin 1983: 121). This has to do with his recognition with the 'element of superiority' that was being destroyed under colonial rule. Various archaic communes that remained all over the world had the same potential power, though of course to different degrees.

utilizada o adjetivo “arcaico” para as comunas evidenciando a conotação positiva do termo - aqui podemos relacionar com a conotação negativa de “moderno” que Bruno Latour (2009) constrói.

Em relação ao elemento de superioridade encontrado nas relações sociais destacamos que nas “Teutonic tribes” as terras não pertenciam a nenhum indivíduo, as tratando como propriedade comunal, assim como a distribuição de seus frutos igualmente. Além disso, buscavam apenas cultivar na parte da terra já arada e tão somente a quantidade necessária para alimentar o coletivo. Cada pessoa recebia sua parte da terra e poderia utilizar para cultivo e uso por um determinado tempo. Após encerrado esse tempo, a terra era remensurada e redistribuída novamente entre os membros do coletivo. Tal prática, de acordo com Saito, foi uma maneira eficaz de evitar relações de dominação, subjugação e consequentemente acumulação e concentração de riqueza, o que é diametralmente oposto do sistema de Latifunidum - grandes propriedades que usavam mão de obra escrava na Roma Antiga. O autor afirma ainda que Marx encontrou certa “tendência socialista” nas formas coletivas de cooperação e metabolicamente sustentáveis das sociedades pré-capitalistas e não ocidentais.

Outro ponto que gostaríamos de destacar deste sistema era a proibição de vendas ou exportações dos produtos e recursos daquele território, fazendo com que todo nutriente fabricado ali permanecesse, como madeiras, estercos, etc. Para além desses produtos, os alimentos como frutas, peixes e outros animais, além de serem consumidos alí deveriam também ser processados ali - caso seja necessário o processamento. “Ao estar familiarizado com Justus von Liebig, percebe-se imediatamente que um sistema tão forte de regulação comunitária sobre as terras garantia a circulação dos nutrientes do solo, o que realizava a agricultura sustentável ao assegurar a ‘lei do reabastecimento’.” (Saito, 2022, p. 202, tradução nossa). Este é um exemplo de contraponto muito interessante ao imperialismo alimentar e ao colonialismo do paladar, uma vez que há valorização dos recursos que aquele território oferece. Além disso, podemos observar grande familiaridade com os princípios da técnica de agroflorestas, que também defende a ciclagem de nutrientes sem a importação de fertilizantes ou adubos, mesmo que estes sejam orgânicos. Nego Bispo também trata deste ponto, ao afirmar que “Todo bioma, todo ambiente, todo lugar nos oferta as condições para viver ali.” (Santos, 2023, p. 60), reforçando a contra colonização da alimentação.

Estes dois pontos, os elementos de superioridade das comunas arcaicas, revelam que

> A regulação comunitária era de fato fundamentada tanto na sustentabilidade quanto na equidade social. Esses dois aspectos estavam intimamente ligados nos cadernos de Marx em março de 1868. Por trás deles estava a relação metabólica radicalmente diferente entre humanos e natureza dentro da comuna teutônica em comparação com o modo de produção capitalista. [82](Saito, 2022, p. 202, tradução nossa)

Ou seja, consideramos que há formas de organização da sociedade (ou de um coletivo) em um território que diferem da forma capitalista de metabolismo entre humanos e não humanos. Basta entender se esse outro metabolismo ainda existe e se ele é capaz de se expandir ao ponto de se tornar universal - não as práticas dos coletivos se generalizarem, mas o modo sustentável de se fazer presente na terra se difundir, o modo *biointerativo* (Santos, 2023).

Além disso, "a rejeição de Marx ao produtivismo não é idêntica à defesa romântica de um 'retorno ao campo'."[83] (p. 208) E dessa forma, nos perguntamos como fazer esse resgate metabólico no urbano. Seria esse metabolismo sustentável capaz de se desenvolver nas cidades através de um projeto de urbano não industrial? Nego Bispo, ao responder à pergunta do porquê os povos da cidade não se relacionarem com a natureza responde "porque têm medo. Porque são cosmofóbicos." (p. 26). Dessa forma, seria um primeiro passo em busca do metabolismo no urbano fazer os povos da cidade perderem esse medo? Caso positivo, como fazer isso? Apesar de Marx ter estudado comunas agrárias, seriam as hortas comunitárias, quilombos urbanos, entre outros, possibilidades da busca por um metabolismo no urbano?

Nego Bispo subverte a lógica como pensamos o espaço urbano ao pontuar que "as cidades estão nos quilombos. Belo Horizonte é que está no Quilombo Souza, no Quilombo Manzo ou no Quilombo de Luízes, por exemplo. Não são os quilombos que estão em Belo Horizonte." (Santos, 2023, p. 43). Dessa forma, ele expõe como a produção dos espaços urbanos ocorreu de forma colonizadora e, por outro lado, como os quilombos são territórios de resistência contra a colonização, de rejeição ao adestramento, que também não adestra a terra, onde há um modo de vida "integrado cosmologicamente". O autor sinaliza que os quilombos foram construídos a partir das confluências dos povos africanos com os indígenas e que para a superação dos espaços colonizadores das cidades é necessária também a confluência com os povos das

[82]Communal regulation was indeed founded upon both sustainability and social equity. These two aspects were closely linked in Marx's notebook in March 1868. Underlying them was the radically different metabolic relation between humans and nature within the Teutonic commune compared to the capitalist mode of production.

[83] Marx's rejection of productivism is not identical with the romantic advocation of a 'return to the countryside'

favelas. “No dia em que os quilombos perderem o medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter!” (Santos, 2023, p. 45)

Além disso, trazemos outro ponto importante sobre a cosmofobia das sociedades ocidentais que é a busca pelo progresso, pelo tecnológico, pelo desterritorializado, pelos espaços abstratos.

> A cosmofobia é a necessidade de desenvolver, de desconectar, de afastar-se da originalidade. A cosmofobia é a mesma coisa que o pecado original. E tudo o que é original assusta o eurocristão monoteísa. [...] A humanidade é contra o envolvimento, é contra vivermos envolvidos com as árvores, com a terra, com as matas. Desenvolvimento é sinônimo de desconectar, tirar do cosmo, quebrar a originalidade. O desenvolvimento surge em Gênesis. Relacionar-se de forma original, para o eurocristão, é pecado. Eles tentam humanizar e tornar sintético tudo o que é original. (Santos, 2023, p. 27-30)

Percebemos, portanto, que a filosofia rastafari seguida pelo coletivo analisado, que busca reproduzir o modo de vida original na alimentação e na forma de se relacionar com o espaço de forma mais ampla, é uma busca por se afastar da cosmofobia que está no entorno. Tal busca será melhor exemplificada no capítulo 4.

Como já mostrado, a continuidade das pesquisas de Marx após a publicação do volume 1 do Capital, evidenciaram seus interesses nos dois tópicos de pesquisa: ciência natural e sociedades pré-capitalistas/não-ocidentais.

> Notoriamente, o sério envolvimento de Marx com a sociedade não ocidental após 1868 fez com que ele reconhecesse as potencialidades revolucionárias das sociedades não ocidentais baseadas na propriedade comunal da terra. [...] Ao investigar cuidadosamente o motivo pelo qual ele precisava estudar sociedades pré-capitalistas e ciências naturais ao mesmo tempo, surge uma nova e surpreendente possibilidade de interpretar a carta de Marx a Zasulich: Marx, em última análise, tornou-se um *comunista do decrescimento*. [84](Saito, 2022, p.173, tradução nossa, grifo deles)

Além disso, “Marx estava originalmente estudando sociedades pré-capitalistas e não-ocidentais porque sua ‘vitalidade natural’ era inspiradora até mesmo para conceber uma sociedade pós-

[84]Famously enough, Marx’s serious engagement with non-Western society after 1868 made him recognize the revolutionary potentialities of non-Western societies based on communal landed property. [...] By carefully investigating the reason why he had to study pre-capitalist societies and natural sciences at the same time, a new and surprising possibility of interpreting Marx’s letter to Zasulich emerges: Marx ultimately became a degrowth communist.

capitalista na Europa Ocidental.” (Saito, 2022, p. 204, tradução nossa) Destacamos este trecho, pois ele evidencia que a concepção de uma sociedade comunista na Europa precisaria se inspirar nas sociedades pré - capitalistas e não-ocidentais.

> Como discutido anteriormente, Marx foi forçado a reconsiderar criticamente seu esquema teórico anterior na década de 1860 devido à degradação ecológica provocada pelo desenvolvimento capitalista. A ruptura metabólica não é nada além de uma manifestação da degradação da 'vitalidade natural' através da destruição capitalista da produção e propriedade comunais. Nesse sentido, a formação de classes e a degradação ambiental têm a mesma causa raiz. Isso fez Marx duvidar se a Europa Ocidental, com suas 'forças produtivas superiores', era de fato superior às sociedades não ocidentais e pré-capitalistas.

Dessa forma, a superioridade econômica da Europa Ocidental é uma farsa se a sociedade não mantém sua reprodução social e caminha para a autodestruição. Ou seja, não pode ser considerada superior a força produtiva do capital que não fornece base para uma sociedade pós-capitalista.

No livro “Discurso sobre o Colonialismo”, Aimé Césaire afirma que

> Uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento suscita, é uma civilização decadente. Uma civilização que prefere fechar os olhos aos seus problemas mais cruciais, é uma civilização enferma. O fato é que a civilização chamada “europeia”, a civilização “ocidental”, tal como foi moldada por dois séculos de regime burguês, é incapaz de resolver os dois principais problemas que sua existência originou: o problema do proletariado e o problema colonial. Esta Europa, citada ante o tribunal da “razão” e ante o tribunal da “consciência”, não pode justificarse; e se refugia cada vez mais em uma hipocrisia ainda mais odiosa porque tem cada vez menos probabilidades de enganar. A Europa é indefensável (Césaire, 1978, p. 1).

Em oposição, as comunas não ocidentais sim poderiam se dizer superiores, uma vez que “eles tinham uma regulamentação muito mais consciente de sua interação metabólica com a natureza, garantindo simultaneamente a igualdade social e a fertilidade do solo. Esta foi a fonte de sua duradoura vitalidade natural.” (Saito, 2022, p. 204, tradução nossa). Em relação à vitalidade natural, fazemos a conexão com a alimentação I-Tal (que significa alimentação vital) que possui como característica um retorno a alimentação originária, e, porque não, arcaica.

> Como termina essa crise? Marx continuou argumentando no Primeiro Rascunho que a crise do capitalismo "terminará através de sua própria eliminação, *através do retorno das sociedades modernas a uma forma superior de uma espécie 'arcaica' de propriedade e produção coletiva*" (Shanin 1983: 107; ênfase adicionada). Mais uma vez, "o que é mais novo é o que é o mais antigo". Marx não argumentou que o comunismo seria estabelecido após levar o desenvolvimento capitalista até onde fosse

> possível. Surpreendentemente, ele afirmou agora que a Europa Ocidental precisava "retornar" à sociedade pré-capitalista. Seria isso romantismo? A verdadeira questão é o que exatamente a Europa Ocidental precisa integrar das sociedades não-ocidentais para que possam "retornar" a uma forma superior de um tipo arcaico.[85] (Saito, 2022, p. 205-206, tradução nossa)

A partir dessas compreensões, Marx foi levado a defender a ideia de que as sociedades ocidentais devem adotar novas maneiras para organizar o metabolismo a partir das comunas agrícolas. Esse posicionamento representa uma completa ruptura com sua visão eurocêntrica anterior. A própria ideia de comunismo de Marx mudou na década de 1880 e marxistas que ficaram presos nos escritos pré 1880 estacionaram na compreensão do autor.

Neste caso, quais são esses elementos que o ocidente precisa resgatar das sociedades não-ocidentais para que ele retorne a uma forma superior e arcaica? Em relação a agricultura e a alimentação, especificamente, é o que nos interessa discutir.

Entendendo, portanto, que as preocupações de Marx tardio se voltam para questões ambientais e para as sociedades não ocidentais e/ou pré capitalistas, a inquietação se volta para refletir se há possibilidade de superação da ruptura metabólica que, como já mencionado, permanece irreparável no capitalismo e que, portanto, "a reparação da ruptura metabólica requer um sistema econômico diferente."[86] (p. 182) Inquietação essa que Marx não respondeu n'O Capital.

Aqui, propomos uma diferenciação a Saito em relação ao vocábulo "reparação" utilizada por ele e sugerimos uma tradução para "resgate metabólico". Entendemos que na língua portuguesa, a reparação não *necessariamente* corrige algo levando em conta aspectos originais. Parece que o vocábulo exprime uma tentativa de conserto, mas não necessariamente trazendo elementos originários. Quando utilizamos "resgate" demarcarmos que a restauração do metabolismo precisa necessariamente levar em conta as sabedorias e modos de vida das sociedades não ocidentais e pré - capitalistas. Além disso, "resgate" já é comumente usado

---

[85]How does this crisis end? Marx continued to argue in the First Draft that the crisis of capitalism 'will end through its own elimination, through the return of modern societies to a higher form of an "archaic" type of collective ownership and production' (Shanin 1983: 107; emphasis added). Here again, 'what is newest is what is the oldest'. Marx did not argue that communism would be established after pushing capitalist development as far as possible. Surprisingly, he now claimed that Western Europe needed to 'return' to pre-capitalist society. Is this romanticism? The real question becomes what exactly Western Europe needs to integrate from non-Western societies so that they can 'return' to a higher form of an archaic type

[86] The reparation of the metabolic rift necessitates a different economic system

como percebemos nas obras de Ailton Krenak, nos debates anti especistas e nas falas de alguns entrevistados para se referir ao resgate da cultura dos povos de África. Povos indígenas e quilombolas também utilizam muito a palavra "retomada", que possui vínculo direto com o território e poderia também ser apropriada neste contexto. Mas pelas justificativas apresentadas, optamos, portanto, por utilizar "resgate metabólico", evidenciando a necessidade de trazer sabedorias e modos de vida ancestrais onde havia um "metabolismo original" reforçando que tal movimento deve se dar sem anacronismo. Para que haja um resgate metabólico, é necessário que seja contra colonial e isso envolve as práticas alimentares.

> A domesticação, a caça e a sacralização também estão presentes em culturas dos povos originários e africanos, contudo o objetivo ao fazer este *resgate* não diz respeito a voltar no tempo nem romantizar sua cosmologia, mas sim entender que nos princípios norteadores da vida destes povos, podemos encontrar símbolos e valores que nos permitem desenvolver e criar uma prática sob uma ética política que não só referência nossa ancestralidade, mas combata a universalização de um tipo de mundo marcado pelo extermínio como estratégia de dominação da supremacia branca. (Antiespecista, p. 15, grifo nosso)

> Fiquei feliz de saber que o papa Francisco incluiu, em suas recomendações para a educação, a invocação dos ancestrais. Disse, para a imensa juventude que o ouve, que é preciso *resgatar* os vínculos com a ancestralidade. Achei isso, que não é muito típico de um discurso de papa, maravilhoso, uma vez que a ideia foi abandonada no século XX como se fosse um atributo de culturas antigas e "primitivas". (Krenak, 2022, p. 56, grifo nosso)

> Em resumo, o termo [nutricídio] anuncia a destruição nutricional da raça negra', afirma Márcia Cris, ativista do Movimento Afro Vegano, que passou a pesquisar o trabalho do médico nascido em Baltimore e a relacioná-lo com a realidade brasileira. 'Através do *resgate* da história dos povos africanos, ele nos dá uma visão do quanto fomos e ainda somos agredidos pelo sistema alimentar 'branco', e do quanto é importante voltarmos a nossa atenção para as nossas origens'. (O Joio e o Trigo, 2020, grifo nosso)

> Eles [Llaila Afrika, Aph Ko, Syl Ko, Vandana Shiva] mostram que, apesar de regiões como o continente africano e boa parte do asiático terem consumo de animais, a dieta desses povos era muito mais baseado em vegetais e harmônico com seus ecossistemas. Portanto, o veganismo é muito mais fácil de ser buscado se tal "alimentação ancestral" e os conhecimentos naturais desses povos forem valorizados e *resgatados*. (Antar, 2021, 7-8, grifo nosso)

Uma vez que o resgate metabólico requer necessariamente um sistema econômico diferente, Saito propõe que "o comunismo do decrescimento como um futuro pós-escassez sem crescimento econômico visa reduzir o 'reino da necessidade' e expandir o 'reino da liberdade' sem necessariamente aumentar as forças produtivas."[87] (Saito, 2022, p. 218).

[87]Degrowth communism as a post-scarcity future without economic growth aims to reduce the 'realm of necessity' and expand the 'realm of freedom' without necessarily increasing productive forces

Para fundamentar sua tese, ele descreve 1) como a acumulação primitiva é a causa do desastre econômico e ecológico; 2) como a ideia de ‘riqueza’ em Marx está pautada na abundância das sociedades - e não na capacidade de produzir mercadorias; 3) descreve como o comunismo “visa à 'negação da negação', através da qual os 'expropriadores são expropriados' e a união original da humanidade e da natureza é restabelecida”[88] (p. 227); e por fim 4) descreve o trabalho comum como forma de resgatar o metabolismo.

Sobre o primeiro ponto, Marx argumentava como a acumulação primitiva era um processo violento e sangrento e, dialogando com David Harvey, Saito expõe como essa acumulação “envolvia tomar a terra, cercá-la e expulsar uma população residente para criar um proletariado sem terra, e então liberar a terra para o fluxo privatizado da acumulação de capital.” Dessa forma, a acumulação primitiva possui uma espacialidade clara e entendemos que o primeiro passo em direção ao resgate metabólico parece ser a devolução de terras ao expropriados através de reforma urbana, agrária, assim como as retomadas indígenas e quilombolas - movimento fundamental para a soberania alimentar dos povos.

Saito comenta que mesmo em sociedades pré - capitalistas feudais, onde as pessoas escravizadas e as servas eram dominadas, ainda assim havia alguma unidade entre o humano e natureza. O rompimento deste metabolismo só foi possível de fato com a produção agrícola em larga escala, tornando não só os produtos commodities, mas também a força de trabalho se torna mercadoria.

> Certamente, escravos e servos eram dominados e explorados pelo senhor e pelo senhor feudal. Eles não eram livres e até *tratados como coisas*. Em outras palavras, foram reduzidos a uma parte das condições objetivas de produção e reprodução *ao lado do gado*. [...] Como o senhor não deixa o gado morrer de fome, a satisfação das necessidades básicas de escravos e servos era mais ou menos garantida nas sociedades pré-capitalistas. Em resumo, a *redução de sua existência a uma parte da natureza inorgânica como o gado* ironicamente realizava o que Marx chamava de 'unidade original entre o trabalhador e a condição de trabalhador' ” (Saito, p. 219, grifo nosso)

Dessa forma, através da ruptura, a exploração da natureza ocorre em conjunto com a exploração do ser humano. E por isso, a libertação humana também precisa estar em conjunto com o combate a degradação da natureza e a exploração dos animais não humanos.

---

[88] aims at the ‘negation of the negation’, through which the ‘expropriators are expropriated’ and the original unity of humanity and nature is re-established.

Essa comparação dos povos escravizados e servos com o gado na citação acima, demonstra a proximidade das explorações entre os animais humanos e não humanos detalhadas no subcapítulo 1.4 e, portanto, reforça a necessidade do antiespecismo reivindicar a libertação e a não exploração de todos os animais, que até hoje são tratados como coisas.

A partir disso, quando discorre sobre o quarto ponto, Saito afirma que: "É por isso que, enquanto a dominação deste poder cego de coisas reificadas persistir, a fissura metabólica será 'irreparável'."[89] (Saito, 2022, p. 237, tradução nossa) E, dessa forma, entendemos aqui que enquanto a dominação deste poder cego de animais reificados persistir, a ruptura metabólica continuará irresgatável, irreparável.

Mesmo nos povos originários e quilombolas onde há consumo de animais não humanos percebemos que não há a reificação destes, diferentemente nas sociedades ocidentais capitalistas. Percebemos que a forma de se relacionar com os outros animais é muito mais horizontal e respeitosa, como explicitado por Santos (2023) nos trechos: "Um pássaro que não vimos como morreu, não podemos comer." (p.26) e "Um caçador não vai matar uma fêmea jovem sabendo que depende dela para que a vida continue. Quando pegamos um peixe na armadilha, podemos selecionar, separar aquele que é maior daquele que é menor…" (p. 83).

Além disso, é explicita também que a forma de se relacionar com o alimento não é reificada a partir do momento que o alimento não é visto como uma mercadoria.

> Toda prática alimentar que se conecta com as festas se torna mais forte. Quando os modos alimentares se desconectam e se deslocam das festas, eles se enfraquecem. [...] A comida alimenta o corpo e alimenta a alma - a comida para nós não é só comida. O feijão que sai do supermercado e vai para as nossas festas passa a ser outro produto, incorporando outras vidas, outros espíritos. Não é mais aquele feijão, passa a ser outra coisa (Santos, 2023, p. 44-45).

Nesta passagem o autor mencionou especificamente a festa do congado, que "é uma defesa contra os colonialistas" e posteriormente afirma que "sem aquela comida, a festa não pode existir". Portanto, entendemos o fundamental papel da comida na luta contra colonial.

---

[89] This is why as long as the dominance of this blind power of reified things persists, the metabolic rift will be 'irreparable'.

Seguindo para o segundo ponto descrito por Saito para fundamentar sua tese sobre o comunismo do decrescimento, o autor elabora reflexões sobre como a riqueza da sociedade e da natureza é empobrecida no capitalismo, uma vez que este é um sistema que destrói essas riquezas apesar de aumentar sua força produtiva, o que constitui o paradoxo da riqueza. Isso ocorre uma vez que há pobreza na abundância, ou seja, uma sociedade e uma natureza pobres, degradadas e exploradas em um sistema com excesso de commodities e demais mercadorias.

Há a proposição de pensarmos "riqueza" como experiências não mercantilizadas, e sim com conotações mais amplas como a riqueza como cultura, habilidades, tempo livre e conhecimento. Tal concepção de riqueza parece ir ao encontro da concepção do bem viver. Este conceito se refere aos modos de vida de algumas sociedades indígenas e pode ser entendida como uma inspiração para as sociedades ocidentais. Ressaltamos que as sociedades indígenas possuem suas contradições e são muito complexas, e, portanto, não se trata de homogeneizar, reproduzir suas práticas e tampouco apagar seus conflitos e desacordos. Trata-se, porém, de vislumbrar outras possibilidades, em que a sociedade ocidental capitalista possa vislumbrar suas próprias alternativas diferentes da sua organização e estruturação atual.

De acordo com Acosta (2016), a concepção de bem viver é referenciada em outros valores totalmente diferentes da universalidade antropocêntrica europeia em que tudo se volta para o indivíduo e a responsabilização dele. Coloca em xeque a ideia de desenvolvimento, de acumulação, e pensa em uma outra abundância, não pautada em coisas, mas de água, de acesso à saúde, de lazer, de práticas coletivas, de alimentação saudável para todos, ou até mesmo abundância pensando na organização do tempo e como ele é organizado socialmente. Isso só é possível desmercantilizando a vida e não tendo como referência o PIB ou outros indicadores econômicos, e sim outros parâmetros, como, por exemplo, quanto os biomas estão se regenerando.

Sobre a acumulação, Nego Bispo traz uma reflexão importante sobre o que parece ser a natureza egoísta dos "povos da cidade" - podemos transpor para sociedades ocidentais. Ele afirma que "os povos da cidade precisam acumular. Acumular dinheiro, acumular coisas. Estão desconectados da natureza, não se sentem como natureza." (Santos, 2023, p. 20). Por outro lado, os povos quilombolas, sabem que "tem de tudo para todos, não temos medo e não precisamos armazenar. Só precisa armazenar quem não confia, quem tem medo da natureza não fornecer, medo da natureza castigar." (Santos, 2023, p.27) Ao contrário dos povos que

acumulam porque têm medo, eles pescam no rio apenas o necessário porque confiam no rio e coletam apenas os frutos necessários porque confiam que sempre haverá fruto - quando não for de uma árvore, vai ser de outra.

> Quando não for certo fruto vai ser outro. Quando não for umbu, vai ser juá, vai ser carnaúba. Quando não for carnaúba, vai ser caruá. Quando não for caruá, vai ser grão de galo, vai ser quipá, vai ser macambira. Vai ser xique, vai ser mandacaru. São coisas da Caatinga que alimentam os humanos e os não humanos. Há coisas na Caatinga que não são os humanos que consomem. Mas os não humanos consomem e depois compartilham com os humanos. (Santos, 2023 p. 26-27)

É interessante analisar tanto a relação entre os animais humanos e não humanos como também a ciência da sazonalidade dos frutos, assim como o respeito a ela. Com a agricultura industrial, há a possibilidade de produção e consumo de certos frutos e vegetais durante todo o ano, porém esse "ganho" obtido pela tecnologia pode trazer um custo alto para a natureza, além da alienação dos processos e ciclos naturais.

Ainda sobre a cosmofobia, o autor pontua que ela "é a responsável por esse sistema cruel de armazenamento, de desconexão, de expropriação e de extração desnecessária." Tais processos levaram então à produção de grande quantidade de lixo, que só foi possível pela acumulação maior do que aquilo que era necessário. A ideia de riqueza, portanto, parece diametralmente oposta nas sociedades capitalistas ocidentais e nos povos quilombolas.

Saito coloca ainda que a ideia de riqueza seria pautado "pelo desenvolvimento pleno e constante e pela realização das potencialidades dos seres humanos"[90] (p. 222) e aqui, numa ótica antiespecista, incluímos a realização das potencialidades de todos os animais poderem se desenvolver plenamente, sem opressões, mercantilizações e reificações.

Por fim, no terceiro ponto, Saito, a partir de Marx argumenta como a terra deve ser controlada em comum, usada com cautela, sem prejudicar as gerações futuras - sendo a terra "o que a geração atual herdou da anterior, eles têm a obrigação de passá-la para a próxima geração sem destruí-la." (p. 229) Para elaborar seu pensamento, Saito apresenta a seguinte citação de Marx:

> Do ponto de vista de uma forma econômica mais elevada da sociedade, *a propriedade privada do globo por indivíduos únicos parecerá tão absurda quanto a propriedade privada de um homem por outro*. Mesmo uma sociedade inteira, uma nação ou

[90] by the full and constant development and realization of the potentialities of human beings

> mesmo todas as sociedades existentes simultaneamente juntas, não são proprietárias do globo. Elas são apenas seus possuidores, seus usufrutuários, e, como bons pais de família, devem transmiti-lo às gerações seguintes em uma condição melhorada. (Marx, 2024, tradução nossa, grifo nosso)

Adicionamos, portanto, que em uma sociedade antiespecista, a propriedade de um animal não humano por um animal humano será igualmente absurda.

Quando mencionamos sociedades pós-capitalistas e antiespecistas, pode ser comum a visão de uma ideia romântica e utópica, talvez quase que ingênua. Para abrir essa discussão, trazemos inicialmente algumas falas feitas em um vídeo para o YouTube do canal Larica TV, o qual Luisa Mota e Tito Mota - ambos veganos - respondem às dúvidas que seus seguidores enviaram para eles. Em uma das respostas, Tito Mota menciona Ailton Krenak e trazemos trechos desse vídeo para dialogar com os temas deste capítulo. A pergunta aos irmãos foi: "Você acha que o vegano vive em uma utopia? Ou realmente acredita que o mundo será totalmente vegano um dia?". Luisa inicia respondendo:

> Muita gente fala isso: "ah vegano está vivendo uma utopia, um mundo de fantasia, um mundo cor-de-rosa. Só que na minha opinião é o contrário. Para mim as pessoas criam um mundo de fantasia e inclusive os veganos não só veem a realidade como assumem ela e também tomam alguma atitude a respeito disso. [...] Não sei os outros veganos, mas eu nem tenho essa perspectiva porque eu simplesmente acho, sendo muito sincera, que o mundo vai acabar, o planeta Terra vai acabar antes da gente poder imaginar que todos vão virar veganos. Se todo mundo começasse a se conscientizar, a gente tivesse políticas públicas efetivas de preservação da natureza, eu acho que a gente até teria alguma chance. Mas como eu sei que a maioria realmente não vai ver isso, eu tenho certeza que a Terra vai acabar antes da gente chegar perto desse passo. (Polêmicas [...], 2022)

Dessa forma, percebe-se tanto a concepção do veganismo como "enxergar a verdade" já discutida neste trabalho a partir de Oliver (2023) como também percebe-se que a concepção de fim de mundo está fortemente introjetada e consolidada, principalmente nas gerações mais novas. Em seguida, Tito Mota comenta:

> Eu achei muito bom que ela perguntou se os veganos vivem numa utopia, e eu acho que é muito claro que a gente tem noção da distopia que a gente vive nesse estágio do capitalismo, esse estágio do especismo. Porque assim o especismo sempre aconteceu né, mas o especismo mais capitalismo criou a indústria pecuária, a indústria da carne num nível que nunca na história da humanidade, na história da Terra existiu. Então a humanidade passou milhares de anos comendo animais, mas de 500 anos pra cá o negócio tomou uma proporção tão absurda que a gente tá só acelerando essa distopia e o caminho para o fim do mundo cada vez mais rápido. Eu gosto muito do que pensa o Ailton Krenak sobre o fim do mundo, inclusive ele tem um livro que chama "Ideias para adiar o fim do mundo" e eu acho que o veganismo é uma boa ideia para adiar o fim do mundo. É uma sugestão que a gente tá dando para a

> humanidade de como adiar o fim do mundo, pois se realmente todo mundo fosse vegano a gente ia consumir os recursos naturais da terra, as emissões de gases do efeito estufa iam ser em outro ritmo completamente diferente. Eu acho que ter uma utopia na mente, sonhar com o mundo que seja totalmente vegano e principalmente sonhar com a libertação animal eu acho que pode ser um norte. A utopia não é necessariamente ruim, a gente tem que ter uma utopia na mente para saber para onde a gente quer caminhar. (Polêmicas [...], 2022)

Neste trecho, é interessante perceber a análise que ele faz sobre o momento atual do capitalismo ser uma "distopia" e considerar o veganismo como "uma boa ideia para adiar o fim do mundo". Ou seja, ele considera que o veganismo poderia ser um movimento anticapitalista e se permite sonhar com um mundo que seja diferente do atual - neste caso, sonhar com um mundo anticapitalista e antiespecista - ao mesmo tempo em que acredita que estamos caminhando cada vez mais rápido para o fim do mundo.

Essa percepção parece ir ao encontro do pensamento de Raymond Williams (1989) que entende que neste momento, da iminência da desgraça, a verdadeira radicalidade política é fazer com que a esperança seja mais possível, do que o desespero seja convincente. Não podemos nos convencer do fim. E neste caso, a esperança possui característica prática de esperançar, como pontua Paulo Freire (2021), não de ficar esperando, tendo em vista que no trecho citado eles afirmam fazer algo a respeito para modificar a realidade que consideram degradante. Ainda de acordo com Paulo Freire, a ação de esperançar deve se dar em construção ativa e coletiva de uma alternativa.

Por fim, Luisa Mota conclui:

> Mas não que a gente vive num mundo cor de rosa que a gente não enxergue a realidade. Pelo contrário, a gente tá enxergando a realidade e tá tentando mudar ela. E assim, por mais que eu ache que o mundo nunca vai se tornar 100% vegano, eu não acho que o movimento como o veganismo é sobre isso ou é pautado nisso. Não é porque a gente acha que isso não vai acontecer que a gente não precisa continuar nos articulando e nos movimentando e propondo novas causas e ações que envolvam atitudes mais sustentáveis e que tentem contornar isso. Eu vejo que várias partes do veganismo levam a gente a ter um consumo muito mais consciente e que pode sim, como o Tito falou, levar a gente a preservar mais o nosso planeta. Mas a gente não é bobo não. Bobo é quem vê as coisas e finge que não tá vendo. (Polêmicas [...], 2022)

Dessa forma, entendemos que essas falas parecem ir ao encontro de uma das conclusões que Ueta (2021) chegou em sua tese ao afirmar que "diante das profundas incertezas da Sociedade de Risco, a dieta vegetariana emerge como uma categoria racionalizada weberiana e pragmática de se dedicar ao meio ambiente." (Ueta, 2021, p. 140)

Porém, ressaltamos que essa dieta vegetariana necessariamente precisa estar acompanhada de outras "práticas verdes" como evidenciou a autora, não apenas um "consumo verde". E destacamos aqui o fortalecimento da agroecologia como potência neste sentido.

4.6 Formas de resgate

"Seria apenas o 'romantismo' nostálgico de uma pessoa mais velha buscar possibilidades revolucionárias na sociedade não-ocidental?"[91] (Saito, 2022, p. 197, tradução nossa)

Retomamos essa tentativa de Marx de buscar possibilidades revolucionárias nas sociedades não ocidentais para a continuação das discussões neste subcapítulo.

Reconhecemos que muitos teóricos reivindicam o papel da academia em levantar perguntas e questionamentos e não necessariamente apontar caminhos para as respostas - e é realmente parte fundamental saber fazer boas perguntas e críticas bem consolidadas, inclusive é muito difícil fazer isso! Mas, por outro lado, pensamos na importância de mostrar que muitas respostas a essas perguntas já estão por aí e na realidade nem somos nós, da academia, que estamos descobrindo ou inventando elas. Talvez um dos objetivos desta pesquisa seja mostrar para nossos pares onde essas respostas estão - pois uma parcela da população já sabe disso há muito tempo.

Saito (2023) reforça o não anacronismo da elaboração da economia estacionária mostrando que a rejeição de Marx ao produtivismo não diz respeito a abandonar as técnicas que as sociedades ocidentais produziram até então, mas sim fazer um esforço de *confluir* todos esses aprendizados em direção a um comunismo do decrescimento. Utilizo *confluir* na perspectiva de Nego Bispo, como "a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito." (Santos, 2023, p. 15) Para exemplificar, ele utiliza a comparação de um rio que, quando encontra com outro rio, não deixa de ser ele, "passa a ser ele mesmo *e* outros rios, ele se fortalece." (Santos, 2023, p. 15, grifo dele). Para o líder quilombola, "a confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia" e, dessa forma, entendemos que a elaboração da economia estacionária em Marx e do comunismo do decrescimento devem confluir algumas

[91]Is it just the nostalgic 'romanticism' of an older person to search for revolutionary possibilities in non-Western society?

técnicas que as sociedades ocidentais construíram com os saberes das comunidades arcaicas e superiores de povos originários e quilombolas.

Criticando as apostas no desenvolvimento sustentável, Ailton Krenak pontua que “tem uma urgência de mudar e nesse caso é mudar o paradigma. Não é desenvolver de uma maneira diferente, é parar de desenvolver e envolver-se.” (Globo Repórter, 2024) Isso evidencia a necessidade do decrescimento que impreterivelmente deve levar em conta o que Nego Bispo chama de biointeração, que conectamos com o metabolismo entre os povos e a natureza. Ainda de acordo com o autor, a noção de desenvolvimento vista de forma positiva por essas sociedades provoca a desconexão, entendida aqui como a ruptura desse metabolismo.

> Por exemplo, se o inimigo adora dizer desenvolvimento, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofobia. Vamos dizer que a cosmofobia é um vírus pandêmico e botar para ferrar com a palavra desenvolvimento. Por que a palavra boa é envolvimento. Para enfraquecer o desenvolvimento sustentável, nós trouxemos a bionteração. (Santos, 2023, p. 14)

Da mesma forma que Marx, admitindo que estava errado ao acreditar que seria possível derrubar o regime irlandês pela ascensão da classe trabalhadora inglesa e, portanto, reconheceu que os próprios irlandeses colonizados devem ser os protagonistas na luta anti imperialista, pontuo que para a efetivação do resgate metabólico o protagonismo deve ser dos povos racializados, oprimidos e expropriados do Sul Global.

Porém, a escolha de trazer pensadores que refletiram sobre o capitalismo e suas dinâmicas de forma ampla se deve ao fato de que algumas categorias como “mercadoria”, “capital” e as relações que elas promovem no tecido social, existem em qualquer sociedade capitalista e sem um arcabouço teórico universal, “uma investigação científica se enquadra em uma compreensão relativista e empirista da realidade, que consiste em fatos particulares isolados e carece da capacidade de revelar as dinâmicas históricas do desenvolvimento capitalista.”[92] (Saito, 2022, p. 192, tradução nossa)

Isto posto, em aliança ao antiespecismo, evidenciamos a agroecologia do Sul Global como uma das formas mais eficazes de promover o resgate metabólico e propomos uma agroecologia

[92] scientific investigation falls into a relativist and empiricist understanding of reality that consists of isolated particular facts and lacks the ability to reveal the historical dynamics of the capitalist development

antiespecista, ou um antiespecismo agroecológico - particularmente com os princípios agroflorestais.

A ciência da agrofloresta propõe uma forma de produzir alimentos, distribuí-los e consumi-los, que deve levar em consideração os centros de origem dos alimentos, as condições necessárias para seu desenvolvimento saudável e que seja harmônica com o habitat em que ele está se desenvolvendo. Se, por exemplo, o centro de origem da laranja é na Ásia, mais precisamente da região situada entre a Índia e o Sudeste asiático, significa que as melhores condições para a produção deste fruto em outros territórios devem minimamente respeitar as condições ambientais de seu território de origem.

Para além disso, nenhum alimento é encontrado sozinho em seus centros de origem, o que torna totalmente descabida a concepção das monoculturas. Plantar a laranja sem observar como a laranjeira interage com as outras plantas na natureza se apresenta como um esforço contrário ao metabolismo natural. Dessa forma, os sistemas agroflorestais (SAFs) defendem tanto um plantio em consórcios quanto a combinação de diferentes estratos, o que aumenta a produtividade visto que haverá produção de alimentos em diferentes níveis e alturas. Em uma revisão da literatura sobre a produtividades dos SAFs em comparação com sistemas convencionais, Santos; Triches (2023) concluíram que

> Da literatura encontrada, verifica-se que 71% dos estudos apontam um maior rendimento de produção alimentar no sistema agroflorestal. Dentre os motivos citados que contribuem para tal resultado estão a qualidade do solo com maiores quantidades de carbono orgânico, fósforo, potássio e nitrogênio total, do que em sistemas monocultores. (Santos; Triches, 2023, p. 15)

Dessa forma, um sistema em consórcios garante que os nutrientes daquele solo se tornarão disponíveis de uma planta para outra. Todos estes elementos, que caracterizam os SAFs parecem lógicos quando se olha sobre a natureza natural, mas a agricultura industrial rompeu com todas as obviedades e as racionalidades ao impor monoculturas e massificação de práticas e hábitos.

Nos estudos agroflorestais, tem-se a distinção de três momentos de plantio em um solo degradado. O primeiro momento seria o sistema de retomada, onde há inserção de vegetação ainda muito rasteira (herbáceas) com raízes pouco profundas, já que o solo degradado ainda não permite árvores mais complexas. A medida que essa vegetação rasteira se instala, ela

começa a possibilitar a entrada de plantas médias (arbustivas), que fazem parte do sistema de acumulação. Por fim, o solo estaria pronto então para receber o sistema de abundância, composto de árvores complexas de raízes profundas convivendo com as outras de diferentes estratos. A concepção da agrofloresta é que somos seres de abundância e, por isso, é inaceitável continuar a nos alimentar com plantas de retomada, como querer comer hortaliças o ano inteiro sem respeitar sazonalidades, ou, por exemplo, não conhecer e consumir árvores frutíferas do nosso bioma, etc.

Dessa forma, os princípios da agrofloresta mostram a importância das árvores neste processo, sendo a árvore uma bomba de nutrientes no sentido que ela, através das raízes, consegue buscar nutrientes que estão em partes mais profundas do solo que foi lixiviado. Além disso, com a poda no momento certo e manejo dessa matéria orgânica resultante da poda espalhada pela superfície, a árvore fornece nutrientes a outras plantas de raízes superficiais. A partir do momento que a agricultura passou a usar de monoculturas de plantas de raízes pouco profundas como milho, café, soja, feijão, tomate, etc., aquele solo foi obviamente perdendo nutrientes.

Além disso, as técnicas das SAFs, ao contrário das monoculturas, permitem que haja maior umidade no solo, visto que as árvores produzem mais sombra e sua matéria orgânica permaneça neste solo, protegendo-o. Dessa forma percebe-se a menor utilização de irrigação que é altamente demandada na agricultura industrial e a falta deste recurso já está se tornando um obstáculo. Além disso, outros problemas podem se acumular com as monoculturas como o colapso da biodiversidade, extinção de insetos, entre outros.

Há também um caráter contra colonial de destaque nas agroflorestas que é a ideia dos paisagismos produtivos, contrário ao paisagismo improdutivo que não utiliza frutíferas e outras plantas comestíveis nos jardins e quintais das cidades. Abaixo, para exemplificar, trazemos uma fala do Namastê Messerschmidt, consultor de agroflorestas agroecológicas, e referência em plantios de SAFs em diferentes biomas do globo, ao definir agrofloresta:

> É um jeito de fazer agricultura que se chama agrofloresta. Nada mais é do que um jeito de dar às plantas o ambiente parecido com aquele que as plantas vêm da natureza. E dentro das florestas existe um jeito de se organizar, existe proteção de luz, as plantas vão lá embaixo e bombeiam nutrientes umas para as outras. Tem matéria orgânica, que faz segurar a umidade no solo, então a gente traz essas informações dessas tecnologias que acontecem na floresta para a forma de produzir em fazendas, em sítios e também nas cidades, onde a gente também pode pensar um paisagismo com esses princípios de ter diversidade e de ter comida também né.

> Antigamente no mundo inteiro se fazia paisagismo produtivo. E é interessante também a gente pensar que esse paisagismo que a gente pratica hoje, ele é um paisagismo que foi criado na Inglaterra onde os nobres começaram a deixar de plantar comida e isso era uma maneira de expressar para a sociedade a sua classe social: "veja eu sou nobre eu não preciso plantar comida, eu compro a minha comida". E é uma loucura que o mundo inteiro replicou. A gente observa esse mesmo padrão de paisagismo que se tornou hegemônico hoje no mundo todo, é importante que a gente volte a fazer um paisagismo produtivo, que tenha frutas nas cidades, que tenha hortaliças, que tenha comida. E não é feio ter bananeira no quintal! Não é feio ter juçara no quintal, é bonito! Que a gente possa conviver com a biodiversidade. As cidades são monoculturais, isso vai refletir em uma sociedade monocultural e um sistema diverso vai refletir em uma sociedade diversa, com respeito à diversidade, então eu acho que isso é muito importante por motivos ecológicos, ambientais, mas também por motivos humanos. (Messerschmidt, 2024a)

A ideia de inserir nas cidades paisagismos improdutivos pode ser percebida também na crítica de Lefebvre direcionada aos que defendem o "meio ambiente" nas cidades sem a modificação radical deste espaço urbano.

> Uma "natureza fictícia" posta pelos "espaços verdes" nas cidades, como os parques, os jardins etc., é uma simulação, uma representação da natureza, com vistas a melhorar a qualidade do espaço urbano, mas, na verdade, consistia em uma "*neutralização* do espaço não edificado" (LEFEBVRE, 2008b, p. 33; grifos no original). Adicionalmente, para Lefebvre (ibid.), os "aspectos da problemática urbana" vão além "das imagens banalizadas do 'meio ambiente'" (Pereira, 2023, p. 18)

Além disso, a fala de Messerschmidt sobre o plantio em monocultura resultar em cidades monoculturais e, portanto, o fomento a biodiversidade das espécies refletir em diversidade nas cidades parece ir ao encontro das resistências à produção de espaços abstratos que tem como meta a homogeneização. Além disso, a implementação de SAFs nas cidades visa retomar o valor de uso destes espaços.

> O paisagismo agroflorestal, ao desafiar a visão tradicional de jardins estéreis, propõe a criação de ambientes funcionais, repletos de alimentos orgânicos e capazes de restaurar ecossistemas, indo além da estética decorativa. Este movimento vai além da mera estética decorativa, oferecendo uma abordagem inovadora na integração de propriedades aos seus entornos, onde jardins monocromáticos dão lugar a ambientes multifuncionais, com árvores frutíferas, plantas medicinais e hortas integradas ao design paisagístico.
> O paisagismo agroflorestal integra-se ao Novo Urbanismo, uma tendência no planejamento urbano, para criar comunidades sustentáveis. Os Agrihoods, bairros que incorporam a agricultura urbana em seu planejamento, tornam-se soluções inovadoras para promover o acesso a alimentos orgânicos e fortalecer os laços comunitários. (Arantes, 2024)

Dessa forma entendemos que um dos movimentos importantes para produção de espaços não mais abstratos no urbano deve levar em conta outras formas de relação com espaços verdes,

que não sejam vitrines (natureza fictícia) mas que verdadeiramente interajam com os sujeitos, promovendo sua coesão, e a produção de comida nas cidades demonstra grandes potencialidades nesse sentido.

Nem todas as experiências agroecológicas utilizam os princípios agroflorestais e sendo assim, destacamos aqui que os princípios da agrofloresta parecem estar em acordo com o metabolismo com a natureza. Além da produtividade são citados outros benefícios do sistema agroflorestal como "o maior nível de resiliência quanto às mudanças climáticas como colocam Gidey et al. (2020), Jacobi et al. (2013), Xiaodong et al. (2018) e Pankou et al. (2021)." (Santos; Triches, 2023, p. 15) Ao buscar replicar na agricultura as relações originais entre as plantas na natureza, entendemos as técnicas da agrofloresta como tentativas de um resgate do metabolismo natural.

Além disso, identificamos que em alguns princípios da agroecologia como a não utilização de agrotóxicos para matar insetos conhecidos como "pragas" na agricultura moderna, e a necessidade de entender o que a presença de cada inseto quer dizer sobre o plantio, pode ser a raiz de uma concepção antiespecista na agroecologia. Messerschmidt, aborda essa questão quando comenta sobre o plantio de alimentos em contextos não propícios a ele:

> Porque aí você pega o abacate que é da abundância e leva para uma roubada, planta aqui nesse deserto, terra exposta sem matéria orgânica. A formiga vai vim falando "quem é o burro que plantou abacate aqui? Aqui não é para abacate, aqui é para quaresmeira, para assa-peixe. Vou tirar esse abacate dessa roubada daqui que alguém botou para que venha uma quaresmeira, uma embaúba, para criar condições para um dia plantas como abacate poderem crescer." Então a gente entende as ditas pragas como agentes manejadoras. A gente tem que entender o que que está acontecendo aqui, o que eu fiz de errado? Será que essa planta gosta desse lugar? Plantei abacate no banhado, abacate não gosta do banhado, a formiga vai detonar. Plantei abacate numa retomada: vai detonar. São fiscais do sistema. Que vão te fiscalizar se você fizer coisa errada elas vão cair em cima. As pragas, a formiga é como se fosse um mensageiro e você tem duas opções: *ou você conversa com o mensageiro ou você mata o mensageiro*. (Messerschmidt, 2024b, grifo nosso)

Ao abordar sobre os agrotóxicos nas plantações, Nego Bispo faz uma importante consideração que deveria ser levada em conta inclusive pelos veganos que não fazem resistência à agricultura moderna, visto que "Começaram, porém, a jogar veneno, e os animais silvestres foram morrendo. Joga-se veneno no inseto, ele morre, mas morre também o animal que se alimenta do inseto." (Santos, 2023, p. 85). Além disso, ele também aponta que o uso dos agrotóxicos prejudica a vida dos peixes nos rios, outro exemplo de como essa pauta precisaria necessariamente ser defendida por aqueles que se dizem antiespecistas.

> Muitos viventes vinham comer as folhas das plantas nativas e acabavam nos ajudando a proteger as plantas cultivadas. Quando só há um tipo de plantio e não deixamos as plantas nativas brotarem, os viventes comem todo o plantio. [...] Plantamos vários tipos de sementes juntas porque o que nos regia eram as orientações dos cosmos. [...] Alguns animais conhecidos como insetos preferiam comer uma espécie de planta e deixavam as outras [...] Não precisávamos usar veneno porque os animais faziam a seleção. Como todas as plantas eram alimento, aquelas que sobraram eram para nós. (Santos, 2023, p. 90-91)

Dessa forma, as ciências da agroflorestas criticam as produções orgânicas que ainda se utilizam de monoculturas, visto que, de acordo com esses saberes, sem árvores não há ciclagem de nutrientes e, portanto, há sempre a dependência de adubo externo (mesmo orgânicos). Essa crítica à dependência de fertilizantes externos pode ser associada com a "lei do reabastecimento" que Marx encontrou ao analisar as "Teutonic tribes", que abordamos no subcapítulo 3.5. Dessa forma, ao "imitar" a natureza com diversidade de espécies de estratos diferentes, sucessões, em que as plantas vão se alimentando com a matéria orgânica do manejo de outras, cria-se um sistema sustentável e cíclico, sendo inclusive muito utilizada para regeneração de áreas degradadas.

Nego Bispo também elabora uma crítica aos alimentos com selos de orgânicos visto que mesmo que não utilizem agrotóxicos, eles não foram produzidos pelo saber orgânico e se a população pobre não pode acessar, então não é voltado para a vida. "O que as vidas não podem acessar não é orgânico, é mercadoria - com ou sem veneno." (Santos, 2023, p. 101)

Em conclusão, acreditamos que os sistemas agroflorestais parecem buscar um resgate do metabolismo com a natureza visto que tem como método analisar as relações entre espécies encontradas na natureza para suprir as demandas alimentares do ser humano, e se colocando de forma diametralmente oposta à agricultura moderna que provocou a ruptura deste metabolismo e a produção de espaços abstratos. Ressaltamos que há sistemas agroflorestais com utilização de animais, mas enfatizamos a centralidade das plantas nessas práticas e estudos.

5 SEMENTES DE UTOPIAS CONCRETAS

Em meio às contradições do espaço abstrato analisadas anteriormente, movimentos sociais se colocam como contrários ao uso e organização do espaço que o capitalismo provoca e que é provocado por ele (Lefebvre, 2006). Dessa forma, estudaremos o Coletivo Roots Ativa como possível exemplo destes movimentos. Trata-se de um coletivo rastafari com alimentação de base vegetariana que se encontra no Aglomerado da Serra, grande território da periferia de Belo Horizonte. Algumas práticas observadas parecem fazer parte deste movimento de resistência às forças centradas na mercantilização e alienação do espaço, são elas: agricultura urbana de base agroecológica, compostagem, alimentação I-tal entendida como resistência à colonização, mutirões e autoconstrução, aproximação com outros movimentos sociais, promoção de espaços coletivos centrados em seu valor de uso, comercialização em circuitos curtos através da economia popular e solidária, entre outros. Para nossas análises, além da bibliografia utilizada, realizamos seis entrevistas semi-estruturadas e observação participante.

Inicialmente tratamos de forma breve das possibilidades de resistência contrárias à produção de espaços abstratos e se estas podem ser entendidas como germes para a produção de espaços diferenciais (Bastos *et al.*, 2017). Buscamos compreender algumas características dos espaços diferenciais, bem como esboçar um paralelo deste conceito tanto com o que o movimento antiespecista busca quando propõe o fim da dominação tanto da natureza como do outro (o outro entendido como animais humanos e não humanos), quanto de algumas práticas do coletivo Roots Ativa.

Em seguida buscamos conceituar o sentido de “utopias concretas” que Henri Lefebvre formulou a partir de Friedrich Engels para conectar com o que estruturamos anteriormente a respeito do resgate metabólico e de algumas formas para este resgate.

Por fim, analisamos alguns trechos das entrevistas feitas para este trabalho com sujeitos que de alguma forma estão conectados ao Roots Ativa assim como observações realizadas nas idas aos espaços do coletivo (tanto no Aglomerado da Serra como no Núcleo Lixo Zero, no bairro Santa Tereza).

5.1 Espaços diferenciais

Um compromisso central dos trabalhos em geografia alimentar, como abordam Sexton; Garnett; Lorimer (2022) tem sido tornar visíveis as contradições que ainda podem ser perpetuadas até mesmo pelo que eles chamam de “redes alimentares alternativas”, incluindo o movimento vegano. À medida que essas redes são influenciadas pelas estruturas dominantes, os trabalhos nessa área promovem uma abordagem crítica em relação a todas elas. Sobre isso, os autores expõem que

> Destaca-se distintiva as "políticas do possível" (Guthman, 2008) que moldam até que ponto qualquer AFN, incluindo o veganismo, pode alcançar seu potencial radical à medida que encontra e é moldado pelo mainstream - uma política que destacamos aqui como uma preocupação central necessária para a pesquisa em geografias alimentares veganas. No entanto, seguindo Gibson-Graham, devemos moderar uma visão do mainstream como homogêneo, em todos os lugares e inevitável, ao ler “para a diferença em vez de dominação” (2006, xxxi). Uma abordagem de geografias alimentares veganas deve permanecer cautelosamente aberta às possibilidades políticas que o Veganismo Corporativo está criando. A análise começa de onde estamos, tratando a situação existente "como um recurso (problemático) para projetos de se tornar; um lugar de onde construir algo mais desejável no futuro" (Gibson-Graham, 2006, xxxii). Considerando tanto a política do possível quanto a leitura para a diferença, uma abordagem de geografias alimentares veganas informa que considera as aberturas políticas surpreendentes e esperançosas geradas pelas trajetórias do Veganismo Corporativo, ao mesmo tempo em que permanece crítica ao que é ignorado e ao que pode ser alcançado a partir de outras versões de mainstreamização vegana.[93](Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 618-619, tradução nossa).

Não foi possível identificar se os autores se basearam em Lefebvre para analisar as possibilidades do veganismo, mas ao apontar o caráter radical do movimento a partir de uma leitura da *diferença* em vez da *dominação*, conectamos o primeiro conceito ao “espaço diferencial” e o segundo ao “espaço abstrato” do autor, assim como conectamos as *políticas do possível* com as “utopias concretas”.

Dessa forma, o espaço diferencial evidencia que a diferença é a particularidade que se aprofunda, é o não redutível, ao previsível, nem ao identificável, nem ao classificável, o impossível de ser reproduzido. (Ex: Roots não pode ser reproduzido, particularidades da

[93] It highlights the distinct ‘politics of the possible’ (Guthman, 2008) that shape the extent to which any AFN, including veganism, can achieve its radical potential as it encounters and becomes shaped by the mainstream – a politics that we highlight here as a necessarily central concern for vegan food geographies research. Yet channelling Gibson-Graham, we should temper a view of the mainstream as homogenous, everywhere and inescapable by ‘reading for difference rather than dominance’ (2006, xxxi).

montanha tanto aspectos físicos mas também as relações entre sujeitos que vivenciam esse espaço e as relações entre o coletivo e a comunidade no entorno fazem dele singular.)

Além disso, o espaço diferencial se coloca como uma possibilidade de produção de outro espaço, não mais dentro da dinâmica do capitalismo, mas que se aproprie da natureza e não a domine e destrua, em que predomine o qualitativo, o uso e valor de uso. Uma complexificação não reduzida das relações sociais, a criação de formas de vida social, de valores, de ideias, de modos de viver, de estilos. Neste sentido, numa lógica antiespecista, a não dominação da natureza e mercantilização dos espaços devem incluir os animais não humanos. Entendemos que os movimentos de resistência ao espaço abstrato colocados aqui, se apresentam ainda como germes de um espaço diferencial, estando ainda entre a dominação e a apropriação.

Lefebvre (1999), ao se preocupar com o problema da natureza, que é ao mesmo tempo problema da sociedade e do espaço, coloca que ela deve ser um ponto-chave na produção de espaços diferenciais, que é caracterizado por uma outra forma de relação com a natureza. Como visto anteriormente, a produção de um espaço que não trate a natureza de forma fictícia nos espaços urbanos, não mais fetichizando-a, mas uma relação baseada no uso e na apropriação (não mais na dominação).

Portanto, entendemos que dentro do sistema capitalista não é possível que existam espaços diferenciais, devido às contradições inerentes a este sistema - que produz e é produzido por espaços abstratos. “O espaço diferencial significa também o fim da propriedade privada do espaço e da sua dominação política pelo Estado” (Bastos, *et al.*, 2017, p. 254). Nego Bispo também vai ao encontro deste entendimento e ao propor a contra colonização da estrutura organizativa da sociedade ele demonstra que

> O Estado é um ambiente colonialista. Um ambiente colonialista e *abstrato*. Não existe governo bom para Estado ruim. Assim como não existe motorista bom para carro ruim, ou maquinista bom para trem ruim. Qualquer governo que governar este Estado será um governo colonialista, porque o Estado é colonialista. Quem anda numa bicicleta é ciclista, mas quem anda num carro é motorista, é chofer. *Ser colonialista é como ser adestrador de bois*. (Santos, 2023, p. 74, grifo nosso)

Porém, podem existir experiências territorializadas que se apresentam como germes de um espaço diferencial, mas que ainda possuem contradições internas e externas.

Bastos, *et al* (2017) analisam como as ocupações urbanas de Belo Horizonte podem ser vistas como espaços contraditórios, nem abstratos, nem diferenciais, mas ambos ao mesmo tempo, e que essa forma dialética de analisar estes espaços pode ser mais interessante.

> No entanto, em meio a essas contradições dos espaços, Lefebvre (2009) chama a atenção para a importância de novos movimentos sociais, não mais restritos às demandas em torno do mundo do trabalho, que questionam o uso e a organização capitalista do espaço, atentos às problemáticas da reprodução social e da vida cotidiana. Tais movimentos urbanos mostram que o espaço não é apenas econômico e subordinado ao valor de troca, e que tampouco é meramente um instrumento político homogeneizante. (Bastos, et al, 2017, p. 254)

Ao analisar as ocupações urbanas de Belo Horizonte como germes do espaço diferencial, os autores chamam atenção para o fato de que apesar de colocar a luta pela moradia na centralidade dos debates, as ocupações urbanas parecem questionar também as ideias de propriedade privada, pública e coletiva, buscando formas de produção de um espaço que se distancie do abstrato, formulando outros usos, com foco em seu valor de uso, contra a homogeneização.

> Os movimentos de ocupação iniciaram-se em torno da moradia, e ela mantém-se como seu núcleo. Porém, é uma luta que se enriquece e fortalece pela articulação com outros temas e que promove aprendizado e cooperação entre agentes de diferentes gerações, filiações e interesses. Ademais, são movimentos que tentam explicitamente uma construção que mescla arte e política, ativismo e festa; intencional ou intuitivamente aproximando cotidiano, produção e reprodução. (Bastos, et al, 2017, p. 258)

Ao mencionarem sobre a origem do coletivo Roots Ativa, os entrevistados para este trabalho falaram sobre a necessidade de encontrar um lugar para manifestarem sua cultura rastafari de forma coletiva - que envolve a agricultura, a alimentação, a música, etc. Dessa forma percebe-se que para além da necessidade da moradia, as experiências e necessidades de reprodução da vida também foram levadas em conta para a busca e produção deste espaço.

> A ocupação é um ato de coragem: é uma atitude radical que nasce preocupada em resgatar a vida cotidiana da dominação do espaço abstrato e na qual se coloca em curso um processo de tomada de consciência dos entraves da produção do espaço urbano. Tal consciência – a qual arriscaríamos chamar urbana – implica iniciativa e participação, mesmo que sejam meramente tentativas ou incompletas (Bastos, et al, 2017, p. 259)

Bastos, et al (2017) descrevem como a ocupação requer dos futuros moradores dois vetores de movimento político: reconhecimento externo e construção da coesão interna. Nas ocupações

urbanas, o enfrentamento à repressão e às tentativas de despejo e reintegração de posse por parte de instituições governamentais, proprietários de terras e aparatos do Estado constitui o primeiro movimento. Já o segundo movimento é voltado para a criação de espaços comuns, como creche, cozinha e biblioteca, que fortalecem as relações de vizinhança, exigindo no dia a dia esforços de cooperação e solidariedade.

A construção da coesão interna no Roots parece um movimento que requer menos esforço daquele empregado nas ocupações - talvez pela maior homogeneidade entre os integrantes, por partilharem muitos aspectos de uma cultura específica. Porém, apesar do Roots não ser uma ocupação urbana como as descritas pelos autores e não sofrer ações como tentativas de despejo, percebemos que o reconhecimento externo por parte da comunidade foi um movimento que demandou uma temporalidade maior. Inicialmente a vizinhança não sabia exatamente o que faziam ali e tinham certo pré-conceito com algumas práticas - mais de um entrevistado citou o Nyabinghi como exemplo (conceito filosófico que tem como fundamento a propagação da cultura Rasta através da música). Além disso, afirmam que a prática da agrofloresta ajudou o reconhecimento externo a partir do momento que a comunidade sabia como o espaço não estava bem cuidado anteriormente e perceberam como o coletivo estava ajudando a regeneração do bioma local e de alguma forma protegendo da Serra - inclusive fazendo resistência à mineração que se localiza perto dali. Ao mencionar sobre a instalação do coletivo, uma das entrevistadas coloca que foram “criando espaços comunitários da montanha e preservando também. E a própria comunidade foi legitimando né, 'o espaço dos Rastas, eles que cuidam e tals, porque não cercou até hoje?'.” (Entrevistada B, 2024) O espaço, como pode-se observar na fala da entrevistada, não possui cercas, o que pode representar a intencionalidade de uma ocupação coletiva e aberta ao território. Sobre a relação com a comunidade, ela comenta:

> Quando a gente sai aqui tem toda uma relação, as pessoas viram o começo de como era e aí que a comunidade foi dando valor. As crianças também chegaram, as crianças foram as primeiras a chegar, acolher o Roots. É uma relação muito boa. Quando teve o projeto do baldinho também foi criando mais relação com as pessoas. Total inserido na comunidade. (Entrevistada B, 2024)

Sobre as ocupações urbanas, Bastos *et al* (2017) descrevem que os meses anteriores às suas instalações foram destinados ao planejamento e elaboração de regras para o bom funcionamento no cotidiano, e os esforços para responder às primeiras demandas mais urgentes da recém-ocupação foram a construção da cozinha e da creche comunitária.

> Ambas são fundamentais à alimentação e garantem o bem-estar das crianças. Essas instalações também desempenham papel na interação entre a ocupação e a comunidade externa, apoiadores e vizinhança. Ali se estabelecem ou se fortalecem relações de solidariedade, cooperação e apoio mútuo. (Bastos, et al, 2017, p. 259)

É interessante analisar como estes dois espaços (cozinha e creche) são fundamentais para a reprodução social da vida, além de promover a coesão interna e estes esforços também parecem ter similaridades com o início da construção do Roots. Em primeiro lugar percebe-se que a construção da cozinha também foi prioritária, inclusive levando em conta a especificidade da alimentação rastafari, e em segundo lugar, como percebido na fala da Entrevistada B, apesar de não terem construído uma creche, as crianças da comunidade foram as primeiras pessoas a acolherem o grupo. Isso demonstra que as necessidades mais triviais podem "criar mobilização político-afetiva baseada no cotidiano" (Bastos, *et al*, 2017, p. 260).

Apesar de lidarem com uma homogeneidade maior entre os integrantes (e mesmo assim possuírem conflitos do cotidiano), entendemos que assim como as ocupações urbanas, por apresentarem reivindicações mais coletivas à propriedade da terra baseadas em seu valor de uso principalmente levando em conta o envolvimento com a terra, o Roots pode ser considerado um movimento de emergência em oposição às produções de espaços abstratos.

Dessa forma entendemos que mais do que categorizar o espaço em abstrato ou concreto, a leitura dialética de suas práticas não diz respeito à redução ou apagamento de suas potencialidades (Bastos *et al*, 2017), mas revela possibilidades outras de usos do território.

No texto "Qual o lugar da natureza na teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre? Algumas reflexões" Pereira (2023) assinala que

> As contradições do espaço apontam para a elaboração de uma teoria e de uma prática que não se contentem apenas em descrever as coisas, nem mesmo em criar um discurso sobre o espaço. É a necessidade de compreender o modo como o espaço é produzido, de que forma as relações sociais se manifestam, sujeito e objeto, abstrato e concreto, corpo e mente, que urge, então, uma utopia (concreta) e a necessidade de uma práxis: produzir um novo espaço, que Lefebvre (2000 [1974]) chamou de "espaço diferencial". (Pereira, 2023, p. 16)

Dessa forma, para a produção de espaços que criem resistências ao abstrato em direção ao diferencial, as utopias concretas se colocam como as práticas possíveis neste caminho.

5.2 Utopias concretas

Como visto, a expropriação de terras teve um papel fundamental no início da ruptura do metabolismo entre homem e natureza, que foi consolidada com o estabelecimento da agricultura em larga escala e a separação entre campo e cidade. “Para Engels, a separação da cidade e do campo constitui a primeira grande divisão do trabalho.” (Lefebvre, 2008, p. 96).

A partir disso, em resistência a dicotomia entre a cidade e o campo, “Engels afirma que a supressão desse estado ‘não é uma utopia’, apesar da civilização ter nos deixado, com as grandes cidades, uma herança que exigirá muito tempo e esforço para eliminar.” (Lefebvre, 2008, p. 96). Porém, o autor afirma que sem a ideia da abolição da antiga divisão do trabalho, essa utopia é apenas abstrata, inútil, reacionária.

Por outro lado, ele propõe uma utopia concreta e revolucionária, que

> fundamenta-se no movimento de uma realidade cujas possibilidades ela descobre. Dialeticamente, o possível é uma categoria da realidade, desde que sejam consideradas as *tendências* do real, ao invés de mantê-lo no mesmo lugar. (Lefebvre, 2008, p. 98, grifo deles).

Esta utopia, concreta, não consiste em afirmar que os homens apenas serão libertos quando houver a supressão da dicotomia entre campo e cidade, mas que a utopia começa no momento em que ela arrisca se impor no espaço.

Ao contrário do espaço abstrato, o espaço diferencial pode ser entendido como o produto e produção da utopia concreta, “apresentada como um objetivo possível, uma vez que é oriunda da práxis e da reconquista constante da cidade pelos seus habitantes.” (Matias, 2021, p. 98)

As utopias concretas como saídas para a crise do espaço, portanto, não são apenas teóricas ou abstratas, mas se revelam em uma práxis que parecem ir em busca do possível-impossível. Sendo assim, a natureza não está deslocada dessa práxis e, portanto, a busca pelo direito à cidade que revela a construção de outra urbanização e de uma vida cotidiana transformada, deve colocar como central o resgate do metabolismo com a natureza. Pereira (2023) pontua que a natureza precisa estar englobada neste movimento de mudar a vida, levando em conta a apropriação e não a dominação da natureza.

> A apropriação assume um sentido crucial em todo esse movimento, em que o uso e o valor de uso ganham proeminência contra a troca e o valor de troca. Nesse bojo, a autogestão ocupa lugar de destaque na estratégia política de esquerda herdada pelo projeto lefebvriano. O papel desempenhado pelos usadores é central, os quais, com suas práticas, podem construir e formular alternativas que são, em essência, anticapitalistas, com vistas a uma transformação do vivido. (Pereira, 2023, p. 22)

Além disso, o pensamento utópico aponta também para a autogestão destes espaços que não significa que está isenta de conflitos, mas que aceita e organiza as diferenças e revela-se como a participação democrática radical, capaz de abrigar a produção e a gestão do novo espaço, o espaço diferencial.

Os comuns urbanos, ao tensionar a autogestão e a cooperação, parecem buscar a realização de utopias concretas, visto que propõem produções de espaço, principalmente com foco no uso, e este uso sendo coletivo.

> Desse modo, as ocupações remetem a diferentes relações na direção do comum não apenas por meio do fomento de muitas práticas e espaços comuns (as hortas coletivas, a autoconstrução de instalações comunitárias, o desenho urbano participativo), mas também por reivindicações mais coletivas à propriedade da terra, contra a mercantilização da terra associada ao espaço abstrato, que perturbam o modelo de propriedade privada plena (Bastos, et al, 2017, p. 263)

Especialmente as hortas coletivas, que podem ser expressões de práticas e espaços comuns possuem mais conexões com as discussões apresentadas neste trabalho. As agriculturas urbanas que possuem princípios da agroecologia parecem potencializar ainda mais essa construção de utopias concretas, uma vez que "Os princípios da agroecologia se articulam à construção de um novo paradigma produtivo, no qual a reprodução da vida e o interesse comum se opõem à reprodução do capital e ao lucro individual." (Almeida, et al, 2024, p. 1) As autoras citadas reforçam que as conexões entre a agroecologia e a agricultura urbana, dentro do campo de debates sobre o comum, ainda precisam ser mais aprofundadas, mas que os movimentos em torno principalmente do SPG (Sistema Participativo de Garantia[94]) de agricultoras e agricultores urbanos que se propõe a um fazer agroecológico "de uma forma ou de outra tem se desdobrado na produção de novos espaços urbanos" (Almeida, et al, 2024, p 22).

"Além disso, nas periferias das metrópoles brasileiras e do Sul global, existem dinâmicas informais que anunciam princípios de coletividade, cooperação, compartilhamento ou

[94] Para mais informações ver: https://drive.google.com/file/d/1t6S88fA-jJ1Gstzr-vYGNmKy95dY7WQ2/view . Acesso em 03 jun 2024

solidariedade, mesmo diante de uma realidade excludente" (Almeida, et al, 2024, p. 9). Ao analisar um coletivo rastafari que pratica agricultura urbana de base agroecológica localizado no Aglomerado da Serra, a maior favela de Minas Gerais, identificamos diversas práticas coletivas e buscas por uma relação mais próxima com a natureza que podem ser consideradas sementes para a produção de um espaço que valoriza riquezas materiais (da natureza) e imateriais (da produção social) geridas coletivamente e não mais mercantilizadas, mas voltadas ao uso coletivo e ao valor de uso.

Entendemos, portanto, a necessidade não só de analisar práticas ligadas ao veganismo que promovem o deslocamento metabólico e a produção de espaços abstratos, mas também a necessidade de colocar uma lupa e analisar mais profundamente experiências coletivas que parecem ir ao encontro dos ideais antiespecistas e que buscam produzir espaços com maior valor de uso, principalmente propondo outras relações com a natureza não mais de dominação, mas que podem ser sementes de utopias concretas.

> As preocupações de Lefebvre com a destruição da natureza e o chamado à ação revolucionária atestam, penso, essa visão relacional que, noutros termos, é uma visão baseada na totalidade e que vê, em última instância, a possibilidade real de autodestruição do ser humano sob o capitalismo. (Pereira, 2023, p. 23)

Dessa forma entendemos que assim como os movimentos sociais que buscam utopias concretas a partir da produção de novos espaços centrados no valor de uso precisam necessariamente rever suas relações com a natureza e buscar por um resgate metabólico, por outro lado, os movimentos ambientais e ecológicos precisam necessariamente considerar quais espaços estão produzindo e colocar também como central as elaborações lefebvrianas.

Assim, como o texto de Lefebvre, este texto "serve de referência aos que combatem toda utopia e não importa qual utopismo." (Lefebvre, 2008, p. 99)

5.3 Regando comparações com o Roots Ativa

O coletivo Roots Ativa é um coletivo Rastafari que pratica agricultura urbana de base agroecológica e produz alimentos vegetarianos e veganos. A comercialização destes alimentos acontece no Núcleo Lixo Zero, espaço que também possui uma horta urbana e além de ser ponto de coleta de materiais recicláveis pela CooperLeste, é um local em que a vizinhança leva seus resíduos orgânicos para serem decompostos. Aqueles que desejaram se tornar

beneficiários, adquiriram um balde para armazenar seus resíduos orgânicos (resto de comida, casca de fruta, pó de café, etc) durante a semana e levam o balde para o Núcleo fazer a compostagem. Em troca, os beneficiários têm desconto nos alimentos vendidos pelo coletivo. Além dos produtos do próprio coletivo, no espaço há também a venda de mercadorias de outros pequenos produtores, como pães artesanais de um produtor, geleias e compotas de outro, alguns produtos do MST como arroz e feijão, entre outros. Dessa forma, entendemos que o coletivo, assim como o Núcleo, podem se enquadrar na economia popular e solidária.[95]

O espaço também abriga frequentemente oficinas como oficina de poda e manejo agroflorestal, oficina de compostagem, oficina de alimentação solarizada, entre outros. Alguns bazares de roupas também já aconteceram no Núcleo, o que pode ser entendido como o fomento à economia circular. (Abdalla; Sampaio, 2018)

Já a sede do coletivo está localizada na encosta da Serra do Curral, mais especificamente na Vila Nossa Senhora de Fátima, no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, e se instalou lá em 2008. O coletivo, apesar de estar em uma periferia econômica, está em uma área central da cidade, a Regional Centro-Sul. O espaço é uma unidade produtiva - espaços de cultivo agroecológico apoiados pela Prefeitura de Belo Horizonte "por meio da doação de insumos e da capacitação técnica, com os objetivos de promover segurança alimentar e nutricional, a ação coletiva, a produção de alimentos saudáveis, a geração de renda e o desenvolvimento local sustentável." (Prefeitura de Belo Horizonte; AUÊ, 2022).

Sobre o coletivo, o entrevistado A, que é um dos fundadores e segue a filosofia Rastafari comenta que

> A gente está num processo de ocupação do espaço. Com atividades culturais, com movimentos de regeneração da terra, de plantio, de agricultura. Tem também a questão da autonomia. Geração de renda, a produção e distribuição de alimentos. Cosméticos, farmácia. E a gente está conectado em várias redes em Belo Horizonte. Teia dos Povos, em conversa com outros grupos e movimentos sociais também. E é isso já estamos aí há 16 anos. (Entrevistado A, 2024)

A área cultivada do coletivo fica entre a divisa da área de preservação do Parque das Mangabeiras e o Aglomerado da Serra, a maior favela de Minas Gerais com mais de 46 mil

[95] Para mais informações ver: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/36990/2/Outras_economias_e_redes_subalternas_em.pdf . Acesso em 3 jun. 2024

habitantes que estão distribuídos entre oito vilas distintas que formam esse conjunto: Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, Santana do Cafezal, Novo São Lucas, Fazendinha, Chácara, e Marçola.

É interessante observar como um coletivo que se pretende uma relação com o espaço a partir do seu valor de uso, buscando reflorestar a Serra, retomar nascentes e criar outros vínculos com o território, está ali, *naquele* espaço, pois houveram anteriormente (e ainda há) relações com o espaço de Belo Horizonte baseadas em seu valor de troca, através de um consumo produtivo do espaço que empurraram para as periferias aqueles que não podem pagar pelo alto valor da terra no centro. Por outro lado, a escolha em se territorializar no Aglomerado da Serra parece não ter sido uma falta de escolha do coletivo, pelo contrário. Ao ser perguntado da relação do Roots com a Serra, o entrevistado A responde:

> Vejo como a cultura Rasta assim... Hoje o lugar que tem maior concentração de negros dentro de BH, é o Aglomerado da Serra, é a maior favela. E a cultura Rastafari é africana. Então a gente entende que esse lugar tem que estar conectado com esse povo. Trabalhar por reparação. Repatriação, que a gente fala que é viver como os antigos viviam, ne. Andar, comer, se alimentar, vestir, se reconectar à África. [...] A Serra é uma mãe e é isso, mais uma cultura africana aí e se tem um lugar para ela estar é aqui. (Entrevistado A, 2024)

Dessa forma percebe-se a intencionalidade em buscar a conexão principalmente da população negra e periférica com a cultura Rastafari e busca pela reconexão com o território através da forma originária com que os povos se relacionavam com ela. Percebemos, portanto, que há um forte vínculo com o território.

> Assim como todo o povo, assim, a gente precisava de um território pra gente poder justamente ter essas vivências de proteção, melhoria de plantio, né? Ter mais autonomia na alimentação, no chá, no que pudesse ter. A gente entende que está ligada à terra, à propriedade dela, à posse dela. E quando a gente veio prá cá era um cômodo de 3 por 3 [metros]. E aí a gente foi comprando. Foi moradia, foi cozinha, foi tudo lá dentro. A gente ampliou em 2011. E a gente conseguiu mais pessoas morando durante um tempo. E esse é um espaço Rastafari, então a gente tem que estabelecer alguns princípios, né? Tanto espirituais, cuidados com a terra. Envolvimento com ela assim. (Entrevistado A, 2024)

Essa fala retoma ao que Krenak elabora sobre a relação de alguns povos, que ele denomina sub-humanidade, com a terra, assim como sua organicidade.

> Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios,

> nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. (Krenak, 2019, p. 11).

O entrevistado A afirma que desde criança tinha uma relação com a terra, uma vez que sua família tinha um quintal em casa e também comenta da influência de uma mulher indígena Xakriabá que era vizinha de sua família e ensinou muitas coisas a ele. Além disso, ele comentou que antes da criação do coletivo participava de alguns mutirões que aconteciam perto do túnel da Lagoinha e fazia parte de um projeto chamado Quilombos Urbanos. Dessa forma, é interessante observar as confluências entre diferentes povos, que parece ainda estar presente no coletivo, como apresentado na fala do entrevistado. Há uma construção de parceria principalmente com a Teia dos Povos, articulação de comunidades que lutam por território no país e buscam a aproximação de diversos movimentos como o MST, povos indígenas, quilombolas e povos da cidade.

Além disso, também percebemos a necessidade de estar em coletivo compartilhando uma cultura, em contraposição a um trabalho individual.

> Pessoas que tinham afinidade com a cultura [Rastafari] e de alguma maneira, queriam se desenvolver, então a gente começou a encontrar. Foi tocar tambor, fazer as coisas. E também a gente começou desde então a criar mecanismos para manter a gente unido. Então a gente produzia o bombom. Cada um trabalhava num lugar, um trabalhava com escola, outro fazia curso. E então chegou um momento que a gente queria inverter essa lógica, né? A gente trabalha o dia inteiro aí, né? Para os outros, 8 horas e às vezes vai ter 1 hora da semana que vai… A gente queria inverter isto, está convivendo mais com a gente, criando esses empreendimentos. A geração de renda em 2006, 2008 foi o momento que a gente gerava renda, se fortalecia, se encontrava, trabalhava no duelo de MCs vendendo bombom. Nesse tempo a gente vivia praticamente de doação do Ceasa. Porque foi um momento muito importante, muito legal assim. (Entrevistado A, 2024)

Nessa fala também é interessante observar a busca de mudança de trabalho e a comparação entre o trabalho que realizavam anteriormente e que gerava mais-valia para outros sujeitos e a busca por um outro trabalho que faria mais sentido para seus valores.

Em relação aos debates expostos neste trabalho sobre decrescimento e economia estacionária, faço uma relação que produzi em um dos mutirões que participei, visto que nas primeiras vezes que fui participar tive certa dificuldade com a dinâmica e os tempos das atividades. Às vezes eles paravam, conversavam, e eu tinha muita ansiedade de não parar o que estava fazendo e tentar fazer o máximo que poderia no tempo que eu estaria ali. No primeiro mutirão que eu fui trabalhamos de manhã, paramos para almoçar e depois do almoço foi um momento coletivo de

conversas, trocas ideias, tanto sobre coisas mais cotidianas quanto reflexões mais profundas sobre planejamento e ações do coletivo a médio e longo prazo - e eu achava que após o almoço o mutirão iria voltar a trabalhar na terra. Foi uma surpresa muito grande para mim até para perceber a concepção produtivista que eu tenho, mesmo no subconsciente. As conversas pós-almoço se repetiram em todos os mutirões que eu fui, mas sei que tiveram outros mutirões que voltaram a trabalhar na terra após o almoço.

Quando Marx discute a distinção entre os domínios da 'liberdade' e da 'necessidade', ele defende que o metabolismo é alcançado de forma racional, com o mínimo de gasto de energia, em condições dignas e adequadas e com a redução da jornada de trabalho como requisito básico. (Saito, 2022, p. 234)

O debate sobre a diferença entre riqueza e mercadoria me fez perceber que mesmo participando do mutirão de forma voluntária, eu estava vendo aquela atividade como mercadoria na medida em que pensava na otimização máxima do tempo para fazer a capina seletiva das plantas, a quebra dos torrões de terra com a enxada, o nivelamento da terra, o despejamento do adubo e o recobrimento do solo. Quando a atividade toda acabava na parte do terreno que foi escolhida para ser trabalhada naquele dia, eu ficava sem saber o que fazer, até mesmo incomodada de não estar trabalhando em nenhuma outra atividade. Sendo que o momento de conversas e trocas após um trabalho coletivo de cuidado com o solo era a maior riqueza - e riqueza sem romantismo, pensando na definição de Marx para riqueza nas sociedades pré capitalistas.

> Marx considerava a riqueza da cultura, habilidades, *tempo livre e conhecimento* como a riqueza das sociedades. Em outras palavras, a riqueza ou prosperidade das sociedades não pode ser medida por uma quantidade sempre crescente de mercadorias produzidas e suas expressões monetárias, mas sim pelo desenvolvimento e realização plenos e constantes das potencialidades dos seres humanos. O desenvolvimento completo e abrangente das capacidades humanas e das potencialidades criativas é, no entanto, fortemente restringido sob o capitalismo, pois estas são sempre medidas por um "critério predeterminado", a saber, o quanto elas podem ser úteis para a obtenção de lucro. A produção capitalista sacrifica a riqueza social sob a "alienação total" e o "esvaziamento completo" das atividades humanas ao impor "um fim inteiramente externo" aos produtores unicamente para a valorização do capital. Marx problematizou essa tendência do capital como o empobrecimento da riqueza social sob a acumulação de uma "imensa coleção de mercadorias". Contra essa tendência, ele sustentou que a plena realização das potencialidades criativas humanas requer a eliminação da "forma burguesa" da riqueza como mercadoria. [96](Saito, p. 222, tradução nossa, grifo nosso)

[96] Marx considered the richness of culture, skills, free time and knowledge as the wealth of societies. In other words, the wealth or richness of societies cannot be measured by an ever-greater quantity of commodities produced and their monetary expressions, but rather by the full and constant development and realization of the potentialities of human beings. The full and all-round development of human capacities and creative potentialities

Compreendi que não era necessário trabalhar no máximo de área possível porque a quantidade de alimento que aquela área produziria seria excesso.

Nas entrevistas, percebemos que há cinco pessoas que possuem o Roots diretamente como espaço de geração de renda, mas que há outros sujeitos que também fazem parte do coletivo. Alguns não estão mais frequentando o espaço de forma assídua, mas estiveram em momentos considerados importantes pelo grupo e que, portanto, ainda se consideram pertencentes, (como um dos fundadores do coletivo que hoje mora em Goiás) e outros que começaram a ir dos mutirões e nas oficinas de forma mais constante recentemente. Dessa forma, para além das pessoas que trabalham diretamente no Roots e, portanto, sua maior fonte de renda vem do coletivo, há outros que possuem outras relações com o coletivo e com o espaço, relações não capitalistas. O entrevistado D, por exemplo, mora lá atualmente e participa de muitos mutirões, apesar de ter como renda os trabalhos que faz em outros locais como agrofloresteiro. O entrevistado E, por outro lado, já passou um tempo morando no espaço e apesar de hoje não morar mais no Roots sempre está presente nos mutirões - ainda mora no Aglomerado da Serra.

O entrevistado E mencionou que conheceu o Roots em 2012 mas foi em 2014 que se aproximou mais, quando um amigo que o apresentou para o coletivo acabou falecendo. Em sua fala percebemos que ele já tinha uma outra relação com alimentação e com a natureza antes de entrar para o Roots, mas que isso se ampliou depois que morou lá.

> Ele faleceu em 2015 [...] e como ele gostava muito dos mano aqui, depois que ele partiu, eu comecei a aproximar mais dos mano, tipo assim, ele achava maior massa, falava: "nó vei cê tem tudo a ver com os rasta, cê gosta de rangar umas parada natural, cê gosta da terra, cê é da mata mesmo, cê tem tudo a ver com os mano, colá lá mais, vai lá mais e tal." Ele sempre ficava me dando ideia e eu colava esporadicamente, aí depois que ele foi embora que eu meio que pra fortalecer essa ideia dele que ele viu que eu tinha a ver mesmo com a ideologia dos mano aí eu comecei a colar cada vez mais, cheguei a morar aí um ano e meio, dois anos. (Entrevistado E, 2024)

---

is, however, heavily constrained under capitalism because they are always measured on a 'predetermined yardstick', namely, how much use they can be for profitmaking. Capitalist production sacrifices social wealth under 'total alienation' and the 'complete emptying-out' of human activities by imposing 'an entirely external end' upon producers solely for the sake of capital valorization. Marx problematized this tendency of capital as the impoverishment of social wealth under the accumulation of an 'immense collection of commodities'. Against this tendency, he maintained that the full realization of human creative potentialities requires stripping away the 'bourgeois form' of wealth as commodity.

Para facilitar a compreensão da relação entre as entrevistadas e entrevistados com o coletivo, montamos uma tabela (Figura 15) que apresenta características gerais.

Entrevistada(o)	Relação com o Roots
Entrevistado A	Um dos fundadores do coletivo (2008), mora no espaço atualmente, segue a filosofia Rastafari, busca por uma alimentação I-tal: não consome carne mas consome derivados; prioriza alimentos crus mas consome cozidos com frequência.
Entrevistada B	Começou a fazer parte do coletivo em 2014, mora no espaço atualmente, segue a filosofia Rastafari, busca por uma alimentação I-tal: não consome carne mas consome derivados (pretende parar); prioriza alimentos crus mas consome cozidos com frequência.
Entrevistada C	Começou a fazer parte do coletivo em 2015 porém se afastou e retornou em 2018, não mora no espaço do coletivo mas mora perto, não segue a filosofia Rastafari, não tem como objetivo uma alimentação I-tal mas se alimenta dessa forma praticamente todos os dias. Uma das responsáveis por preparar os alimentos que são vendidos no Núcleo e nas feiras, além de ser uma das pessoas que fica nas feiras comercializando.
Entrevistado D	Começou a fazer parte do coletivo em 2023, apesar de já conhecer o coletivo a muito tempo. Mora atualmente no espaço mas possui outras fontes de renda: uma delas é como agrofloresteiro em outros locais. Também está inserido na Teia dos Povos. Não segue a filosofia Rastafari e não tem como objetivo uma alimentação I-tal. Já foi vegetariano por um tempo.
Entrevistado E	Começou a fazer parte do coletivo em 2014. Não mora atualmente no espaço mas já morou por quase dois anos - neste tempo sua alimentação era basicamente vegetariana. Possui outras fontes de renda mas está sempre presente nos mutirões e na oficina de capoeira. Segue a religião Candomblé e procura se abster de carne quando consegue, mas não define sua alimentação como I-tal.
Entrevistada F	É beneficiária do Núcleo Lixo Zero e começou a frequentar os mutirões no Roots recentemente. Participou anteriormente de um coletivo vegano mas saiu por conflitos internos. Atualmente possui uma alimentação I-tal sem nenhum alimento de origem animal e praticamente não consome cozidos. É grande estudiosa da colonização na alimentação.

Figura 15: Relação das(os) entrevistadas(os) com o Coletivo Roots Ativa

Lefebvre (2008) propõe a distinção entre usuário e usador, em que o usuário apenas consome mercadorias, dentre elas o espaço, relacionado a troca, enquanto o usador está associado ao uso, a apropriação do espaço, a vivência e pertencimento. Dessa forma, parece que esses sujeitos mencionados acima são usadores, pois não trabalham no coletivo em troca de salário, mas participam semanalmente dos mutirões e das oficinas que ocorrem ali. As oficinas envolvem temáticas ligadas à sustentabilidade como compostagem, produção de sabão a partir de óleo usado, uso de plantas medicinais até aulas de capoeira e preparatório para o vestibular. Nem todas as oficinas estão ativas no momento e a ocorrência delas é variável.

Toda quinta-feira há um mutirão no espaço e a cada semana o objetivo do trabalho pode variar, a depender do que precisa ser feito. Os trabalhos variam entre preparação do solo da horta, plantio, manejo da agrofloresta, poda seletiva, separação da terra da compostagem, entre outros. As atividades sempre começam pela manhã e é oferecido um almoço aos que se voluntariaram, eles também recomendam que cada voluntário leve algum alimento para somar no almoço, mas não é um pré-requisito para participar do mutirão e almoçar lá.

Além disso, o espaço do coletivo é aberto, não tem portas nem muros e dessa forma, qualquer pessoa consegue entrar ali, ir na horta e na agrofloresta. Como o mutirão é aberto a quem possa interessar ir, podemos afirmar que pelo menos para os moradores do Roots, o encontro naquele espaço é imprevisível, inesperado. Eles nunca sabem o número de pessoas que vai ao mutirão, ou mesmo se alguém vai.

Apesar do coletivo ser Rastafari, nem todos do coletivo seguem a filosofia. Porém, como mencionado no subcapítulo 1.1.3, o rastafarianismo propõe uma alimentação mais natural, chamada de I-tal e mesmo as pessoas entrevistadas que não seguem a filosofia acreditam que essa alimentação traz benefícios tanto ao corpo quanto ao meio ambiente.

> Fui aprendendo vários formatos de alimentação. [...] Eu não imaginava antes que tipo um copo de suco podia servir de almoço, né. Através dessa união de pequenas coisinhas de uma fruta, uma semente, uma raiz, um não sei o que da pra você fazer um suco da hora, dá pra alimentar de verdade né. Aí nesse período eu fiquei sem comer carne direto quase dois anos por causa da experiência mesmo que eu estava tendo aqui, que eu estava vendo realmente que era nutritivo de verdade comer só os vegetais. (Entrevistado E, 2024)

O entrevistado E também mencionou que joga capoeira e luta jiu jitsu, e que por conta disso também procura se alimentar de forma mais leve. Segundo ele, a família que difundiu o jiu jitsu no Brasil também possui uma alimentação mais equilibrada e mais leve.

> Eu sempre procurei, né? Por mais que a gente não leva uma vida tão saudável em outros aspectos, né? A gente trabalha com evento é noitada, é golo, álcool, essas parada. Não em excesso e sempre esporadicamente, mesmo assim, né? De alguma forma a gente está danificando, né? O corpo, né? É perdendo noite, dormindo fora de hora, alimentando fora de hora. Então, o máximo que dá para fazer para retroceder essas ideia aí, né, é tentar comer bem, comer parada natural igual os mano agora está na brisa de germinar, né? De comer as paradas germinadas, que também é da hora. (Entrevistado E, 2024)

Como mencionamos, o entrevistado E não segue a filosofia rastafari e não mora atualmente no espaço. Ele possui outras fontes de renda e uma delas é trabalhar em eventos noturnos de música, que o leva a não conseguir ter uma vida tão saudável como ele mesmo pontua. Porém, ainda assim, busca se alimentar de forma mais leve e possui uma visão crítica sobre o processo alimentar. Ele também comenta que nem sempre foi assim:

> É da hora estudar o alimento, né. Que tipo assim, estar próximo mesmo, né? Da informação, né? Porque simplesmente chegar e colocar no prato é, beleza. E aí, mas e aí, que que esse alimento... Onde ele passou, onde que ele, né? Que que aconteceu para ele chegar até aqui? É igual o fast food mesmo, o cara só quer fazer um sanduíche, ele em 40 segundos, McDonald faz, faz um sanduíche em 40 segundos, um minuto e 20, faz 12 sanduíches simultaneamente, só entrego o cara, o cara só taca para dentro e não sabe o que que passou, né? Qual que é só a história ali daquele alimento. Antes eu não ligava muito para isso, não comia de qualquer jeito, qualquer coisa. Depois eu comecei a... através da oração, mano, através da oração que a professora ensinava a nós na escola. Ela falava: "que abençoe esse alimento e abençoe quem o preparou para mim" Antes eu só achava que era para abençoar só a cantineira, né? Que está ali que fez o rango, né? Mas só que ela desempacotou e quem que empacotou aquele feijão, tá ligado quem que carregou? Quem que plantou? Aí eu comecei a pensar muito nisso, foi quando eu uni essa ideia com os rastas, comecei a colar com os rastas. E comecei a ter mais essa proximidade com o alimento, né? E até hoje eu to aqui, tem uns 12 anos que eu frago os mano e desses 12 anos pra cá sempre tentando fazer diferente, sempre pensando em naturalizar ele o máximo possível. (Entrevistado E, 2024)

É interessante observar como nesse caso, o entrevistado buscou mais informações sobre o processo da alimentação através dos sujeitos que fazem parte do sistema alimentar.

Já o entrevistado D trabalhava com permacultura e agroecologia desde criança, com sua família. Em 2019 começou a trabalhar mais intensamente com agroflorestas e já implantou SAFs em diversos municípios. Também comentou de um projeto de recuperação de nascentes através da agroflorestas em um terreno com alto declive. Além disso, o entrevistado D comentou que já foi chamado por algumas empresas para trabalhar com implementação de agroflorestas e uma delas é uma empresa de leite vegetal (macadâmia e noz pecã) e que neste período sua alimentação era toda vegana.

Ao perguntarmos como a entrevistada C definiria sua alimentação, ela respondeu:

> Eu como carne, mas eu como muito pouco no caso, né? Eu assim, eu porque eu almoço aqui, eu só janto em casa e olha lá, tem vezes que eu nem janto. É mais final de semana mesmo que eu estou em casa, tenho que fazer comida, né? Mas durante a semana almoço com eles. Em casa que eu como carne que aqui eu não como não. (Entrevistada C, 2024)

Percebendo que a entrevistada costuma cozinhar carne quando ela mesma prepara seu almoço, perguntamos então se ela sente falta de consumir carne quando almoça no Roots:

> Aqui não, mas na minha casa tem vezes que eu sinto, entendeu? Se vou fazer alguma comida, não consigo fazer uma comida sem fazer uma carne mesmo se eu não tirar um pedacinho, porque eu não como um bife ou como um bifão grandão, grandão, eu como pedaço, eu... Frango mesmo, eu não gosto das partes que tem mais carne, eu gosto das partes que tem menos carne, entendeu? Ainda sinto falta, eu como ainda, né, eu não não pretendo parar por enquanto, também não, né? Vou ver o que acontece, né? Porque pra virar vegana, vegetariana é um pouquinho meio caro, ta? Bastante verdura, verdura não está barato hoje em dia, né? E assim a gente tem que achar uma coisa pra suprir também, porque querendo ou não porque a carne também tem uma vitamina, né? Principalmente a carne de boi não sei. De porco não gosto muito não. Então, quem sabe? Vou ver mais para a frente, né, o que acontece, o que pode acontecer, né? (Entrevistada C, 2024)

Em seguida, perguntamos se antigamente ela também preferia as partes do frango que tinham menos carne, ou se foi algo que mudou depois que começou a consumir menos carne por estar no Roots, ela respondeu:

> Era, porque na minha casa a gente não comia carne todo dia. Nós veio mesmo de família assim, pobre, né? Que a gente não tinha condições de comprar carne. Fui comer carne direito quando fui morar com a minha sogra. Que lá meu, meu sogro tinha mais condições. Que no serviço dele ele ganhava mais e na minha casa era só minha mãe que cuidava de nós 4 filhos, né? Então o final de semana que a gente ia comer carne mesmo durante a semana, era arroz, feijão, angu, verdura. (Entrevistada C, 2024)

Ao perceber que durante a semana a alimentação dela não tinha carne nem derivados, perguntamos então se aquela alimentação era quase vegana, e ela respondeu:

> Era! Risos. Por isso que acho que mais de final de semana eu como [carne]. Porque era no final de semana que nós comia, né, em casa. Que minha mãe fazia um frango e uma outra verdura. Mas tirando isso durante a semana comia, eram os miúdos, tipo miúdo que é mais barato que vende no açougue. (Entrevistada C, 2024)

Podemos associar essa falta da carne na infância da entrevistada C com o que descreveu Ueta (2021) sobre a ausência do alimento em classes sociais mais baixas. A autora menciona que a carne tem o “sabor da prosperidade” ao propor que o aumento do consumo da carne aconteceria com alguma ascensão social, como foi o caso da entrevistada. Por outro lado, ao mencionar que adotar uma dieta vegana e/ou vegetariana requer um gasto maior, dado o alto preço das verduras, percebemos que isso pode afetar a segurança alimentar e nutricional, uma vez que mesmo ingerindo carne o Guia Alimentar recomenda também a ingestão de verduras e legumes com frequência.

Ela afirmou não comer muitos alimentos ultraprocessados (porém depois afirmou tomar bastante refrigerante e “suco de saquinho” em sua casa), apesar das suas filhas comerem bastante biscoito recheado. Ela também afirmou que consome muito pão, e afirmou ser “a louca do pão” por ingerir muito esse alimento. Afirmou que sua filha de 17 anos não come salada, que é meio “chata” para comer, mas que sua filha de 25 anos come salada.

A entrevistada C também afirmou que não costuma comprar verduras na sua casa, pois elas iriam estragar, já que suas filhas não comeriam. Porém, mencionou que um dia fizeram chips de inhame no Roots e que depois ela ganhou alguns inhames de uma vizinha e fez a mesma receita para suas filhas, que comeram o chips. Comentou também que a partir disso tentou fazer com outros tubérculos como batata-doce e que suas filhas também gostaram, mas que esses alimentos da forma cozida elas não gostam. Dessa forma é interessante perceber o aprendizado em relação a outras formas de consumir os alimentos, buscando romper a monotonia do paladar.

A entrevistada C também afirmou que quando sai com os outros integrantes do coletivo ela come carne perto deles e que isso não é um problema, que eles não impõem nada a ela, mas alertam sobre as questões da carne, e falam para ela ter cuidado com a grande ingestão de açúcar.

Quando perguntamos ao entrevistado Apenas a entrevistada C não seguia a cultura rastafari ele disse que não é somente ela, que há outras pessoas integrantes do coletivo que também não seguiam.

> Mas é isso que eu to falando, a gente não acredita que todo mundo tem que ser rasta. A [entrevistada C] interage, se alimenta quase todo dia com a gente. Assim, ela não é vegana, mas a gente sabe que a base da alimentação dele é o que a gente come, a gente convive. Com a comunidade mesmo? Tem essa convivência diária, né? Se vê todo dia. Ela consegue participar de atividades. Foi lá para a Bahia. A gente também vai integrando um a um devagar, né? (Entrevistado A, 2024)

Dessa forma, percebemos a intencionalidade de integrar mais pessoas da própria comunidade ao coletivo e que, apesar da entrevistada C não ter como objetivo uma alimentação I-tal, se alimenta dessa forma praticamente todos os dias. Sobre a alimentação I-tal, ela aponta que

> Aí igual essa anemia que eu tenho, minha imunidade é baixa. Só que eu não fico doente, cê acredita? Por causa da alimentação que eu tenho aqui, com eles que é o almoço. Bastante verdura, suco de melancia, que eles fazem com beterraba, você entendeu? Esse negócio é uma coisa forte, né? Na minha casa, você acha que eu ia tomar esses negócios? Na minha casa eu tomo suco de saquinho, eu tomo refrigerante, você entendeu? Muito raro eu fazer um suco com suco natural. Aí aí eu acho que a alimentação desse também é, me ajuda também, entendeu? Porque aqui eu como bastante verdura, fruta mais ou menos. Mas é bastante verdura que a gente come aqui, né? Eu acho que essa alimentação me ajuda também, porque eu acho que se eu comesse só alimentação da minha casa, acho que provavelmente eu não ia estar bem, né? Porque quando eu descobri que eu estava com essa doença, a alimentação que eu tinha, nossa senhora mal mal tinha uma verdura, comia muita acelga que tinha muita acelga lá nossa senhora nunca vi tanta acelga. Mas aí foi lá que eu descobri. Acho que até a má alimentação também, que fez eu dar essa anemia ou ou provavelmente eu já tinha e ela foi expulsa. Agora, sabe? Na má alimentação também. Aí aqui eu como os negócios, eu acho que faz bem pra mim. Eu sinto que faz bem. Aí eu acho que pela essa alimentação que eu como, eu acho que faz bem para mim, porque se fosse minha casa eu ia comer arroz, feijão, batata frita. Mal mal uma saladinha de alface, né? Um tomate, então aqui é mais verdura mesmo. (Entrevistada C, 2024)

O entrevistado A mencionou a ida da entrevistada C para a Bahia e essa viagem teve como objetivo a participação em uma imersão junto da Teia dos Povos. Sobre essa viagem, a entrevistada C mencionou que foi uma experiência muito boa, mas que acreditava que os entrevistados A e B que deveriam ter ido, visto que ela trabalha mais com a parte da cozinha no coletivo e que os outros integrantes trabalham mais com “o meio ambiente, cuidar das plantas”. Perguntei a entrevistada C o que ela fez nessa imersão, e ela respondeu:

> Eu é nada. Só acompanhava o povo. Eles explicavam o negócio do cacau, a vassoura de bruxa que tem no cacau, o cupuaçu. Aí a gente conheceu a fábrica de chocolate deles, que eles têm também lá. Eles têm uma universidade lá dentro. Uma escola pra criança, criança pequeno, grande, maiorzinho e depois a universidade lá no fundo lá. É um lugar maravilhoso. Tem um riozinho lá que corre lá dentro lá que a gente tomou banho. Acho que eu fui só uma vez só, não gosto muito de água gelada. Mas eu fui lá. E é um pessoal inteligente, entendeu? É um pessoal inteligente e lá tem tudo o que ele precisa que tem na cidade. Acho que só não tem algumas alimentações, tipo, no caso, arroz, feijão, esses negócio que eles devem buscar fora. (Entrevistada C, 2024)

Entendemos que a viagem teve como objetivo, além de aproximar os laços do Roots com a Teia dos Povos, aprender formas mais autônomas de viver no território. Dessa forma, entendemos que a entrevistada C acredita que seria melhor outros integrantes do Roots terem ido na viagem por estarem mais envolvidos em outros trabalhos dentro do coletivo, mais voltados para a organização interna e planejamento. Entendemos então que apesar de buscarem uma horizontalidade nas relações, há certa diferença entre os trabalhos, e que há pessoas mais integradas que outras, talvez inclusive pelo tempo em que cada um se aproximou do coletivo. O entrevistado D também foi a essa viagem, mas possui uma relação mais próxima com a Teia

dos Povos. Também percebemos sobre a busca pela horizontalidade das relações em uma fala do entrevistado D:

> Então a minha relação era disso, admiração mesmo. E também agora também é de opinar, de interagir, de co-criar com os manos, entendeu? Eles deram abertura e vamos co-criar então. Para não ficar aquela coisa vertical, tipo "eles mandam". Mas aí eu falei com o [entrevistado A]: "mano, delibera. Cê tem que deliberar", e falei com a [entrevistada B]: "delibera". Se não fica ponta solta nas relações e nos entendimentos das ações que a gente cria. (Entrevistado D, 2024)

Dessa forma, percebemos a intencionalidade em buscar relações mais horizontais, buscando colocar os demais integrantes do movimento em espaços de reconhecimento, mas que essas tentativas podem encontrar obstáculos no cotidiano. Não foi possível identificar maiores questões ligadas às relações internas do coletivo.

Pelo fato de a entrevistada C ser a que geralmente comercializam nas feiras, perguntei a ela sobre prováveis perguntas dos consumidores, visto que ela come carne e vende alimentos vegetarianos e/ou veganos de um coletivo Rastafari. Ela mencionou que não perguntam sobre a alimentação I-tal, mas que perguntam sobre o vegetarianismo e veganismo e que ela explica a diferença, apesar de não ter esse tipo de alimentação. Além de ser a responsável por fazer os alimentos que são vendidos na feira, ela também comentou que já participou de oficinas como uma oficina que ocorreu no Mercado da Lagoinha em que ela ensinou a fazer a paçoca que ela faz e vende nas feiras. Tendo em vista que o coletivo comercializa em algumas feiras agroecológicas, também perguntei a entrevistada C o que ela entende por agroecologia e ela disse que algumas coisas ela entende e outras não. Perguntamos se os consumidores questionam a ela se ela é rastafari, e ela respondeu:

> Pergunta, mas só que quando eles veem meu cabelo lisa aí já falam "você não é rasta, né?" Que rasta a maioria dos rastas tem tudo dread, né. Eu já falo, sou não rasta não, gente, eu sou funkeira, cê tá entendendo? Risos. Gosto de funk, rap, reggae, mas não sou rasta não. (Entrevistada C, 2024)

Tendo em vista que a entrevistada C não se identifica com a cultura rastafari, perguntamos se ela se identifica ou frequenta alguma religião, e ela respondeu negativamente.

> Nem católica, nem evangélica, nem centro nem nada. Minha fé é minha mesmo. Quando eu era mais nova eu ia na igreja mas era pra ficar mais na rua mesmo. Mas eu não vou na igreja não. E eu não gosto muito quando os outros ficam me chamando pra ira pra igreja não, nossa senhora. Ainda mais pessoal evangelho. Eu já falo "olha gente, ó, me chama não que se um dia que eu quiser e bater no coração eu vou." Mas

> eles ficam: “ah vai na igreja, você precisa se salvar.” Igreja não salva não, o que salva é a fé das pessoas que estão ali dentro. (Entrevistada C, 2024)

Por outro lado, o entrevistado E frequenta a religião candomblé e apontou algumas questões relacionando o consumo de carne com a sua religião. Ele afirmou que já possui um dia na semana que não consome carne por sua devoção ao orixá, e que coincidentemente o dia de seu orixá é quinta-feira, o mesmo dia dos mutirões. Ele passou alguns meses morando no Roots e menciona que neste tempo praticamente não precisam comprar comida, visto que conseguiam plantar e colher a maior parte de sua alimentação. Nessa época sua alimentação era basicamente I-tal e atualmente come carne apenas quando vai na casa de sua avó, visto que para ela seria uma desfeita ele não comer a carne que ela preparou.

Ao perguntar o que seria a alimentação I-tal, trago as respostas dos entrevistados A e B:

> Alimentação que não precisa mais derramar sangue, né? Usar nenhum tipo de retroalimento para uma cadeia, né industrial. E gera muito sofrimento, gera alimentos muito processados, modificados, com muitos hormônios e muita coisa. Não sei se a gente pode chamar aquilo de alimento, né? A gente acredita que a terra pode nos alimentar assim, sem precisar estar comendo animais. (Entrevistado A, 2024)

> Alimento que cura mesmo, buscar a cura do nosso corpo, de estar fortalecendo o templo, essa coisa também de alimentar a melanina que é o contato com o sol, de entrada de luz... é profundo, é um estudo! É uma luta mesmo, uma resistência que hoje a gente vive essa era da indústria, que cada vez mais vai empurrando coisa que não é alimento pra gente, açúcar, nosso paladar é viciado né. Então o I-tal vem pra cortar e limpar mesmo e de ser uma comida mais pura pro nosso corpo, só o que vem da terra mesmo. E sobre essa questão da carne a gente acredita muito nessa luta de terra que tem no Brasil, então acaba sendo uma luta contra isso também, uma resistência a todo esse sistema do agro, que está matando indígenas. (Entrevistada B, 2024)

Dessa forma percebe-se que além da abstenção de consumir animais há também a abstenção de produtos ultraprocessados e críticas à indústria de alimentos. O Entrevistado A afirmou comer alguns alimentos derivados de animais como queijo e mencionou a questão da socialização neste processo, principalmente estando em Minas Gerais, estado que possui muitos alimentos derivados do leite em sua cultura alimentar. Também afirmou que tenta não definir sua alimentação nem se encaixar em rótulos, mas que a alimentação I-tal enxerga o corpo como um templo. Há uma placa na entrada do coletivo com o nome Roots Ativa no centro e algumas outras palavras menores em volta dela. Abaixo da logo há “cozinha vegetariana” e perguntei sobre isso ao questionar como o entrevistado A define sua alimentação.

> Eu acho que essa, essa identidade assim, você vê assim, está muito ligado também a questão da geração de renda e parte comercial assim. Mas a gente vê que a parte da manutenção dos princípios, né. A gente trabalha de uma maneira com alimentos que se a gente considerar, são alimentos que estão aí provocando, né? Tirando pessoas de terra e de território, para poder por gado, por soja. Então tudo para manter o mercado, manter uma cultura que não era daqui, né? O consumo de carne vermelha nesse porte, a vaca não era daqui. A gente tem mais vaca que ser humano e isso não é considerando. Mesmo assim, toda essa cadeia na parte espiritual, a parte ambiental, social, de tudo que envolve, né? Mas tem Rasta come peixe que come outros alimentos, né? Que vive em ilha, né? Então a gente entende assim, a gente tá adaptado a cada meio. Enfim, conheci Rasta que bebe sangue, que vive na Patagônia e às vezes por 6 meses, não tem ali muito assim a terra só. [...] É isso, Rasta é um homem adaptado a cada um. Não vai deixar de ser Rasta. A gente tem que ampliar essa visão, de que ou é ou não é. (Entrevistado A, 2024)

Percebe-se, portanto, que a aliança ao movimento vegetariano parece tanto fazer parte de uma estratégia comercial quanto a similaridade da parte do movimento que combate a pecuária industrial que expropria pessoas de suas terras. Além disso, ao mencionar Rastas que consomem peixes e bebem sangue devido às condições dos territórios que se encontram, percebemos certa flexibilidade na cultura alimentar I-tal - diferentemente de vertentes do veganismo que são inflexíveis como visto no subcapítulo 1.1.4 e mais próximo da flexibilidade dos antiespecistas subversivos.

Apesar da flexibilidade em relação aos derivados como o queijo exposta pelo entrevistado A, ele afirmou que desde que começou a busca pela alimentação I-tal não ingeriu mais carne, argumentando que “Eu acho que é uma coisa muito forte assim para a gente, essa questão do sangue, entendeu?”. Ele afirmou que o leite em si já não ingere mais há muito tempo, mas que ainda consome queijo algumas vezes. Ao perguntar se ele pretende parar um dia, afirmou que atualmente tenta não colocar muitas regras em relação a isso, mas que sempre busca pela alimentação I-tal, de preferência viva (com o mínimo de cozimento possível), “o mais próximo do que a natureza oferta”, e a base de frutas. A entrevistada B também argumentou da mesma forma, porém ela diz que está tentando se abster do consumo de derivados.

O entrevistado A mencionou que antigamente comia carne e que quando decidiu parar precisou buscar mais autonomia na alimentação - a busca pela autonomia em diversos âmbitos apareceu com frequência na entrevista.

> Rastafari uma das primeiras coisas que aprende é que seu corpo é seu templo mesmo. Uma coisa muito forte dentro da cultura, você entender que seu corpo é seu templo e

> existe um processo de colonização que começa dentro de nós a partir das bactérias, no estômago ele tem vários neurônios e a gente começa a entender isso, que tem que começar de dentro. A gente pode estar muito viciado no pão, na farinha, alimentos que geram inflamação. É muito legal esse processo da cultura Rasta, transforma muito essa visão que a gente traz que o rasta é Deus em carne, a gente entender que a gente é Deus e Deusa da criação. A gente influencia em tudo, se a gente olhar para o planeta como está, os efeitos do aquecimento e tudo tem a ver com essas ações e esse poder de transformação. (Entrevistado A, 2024)

Como já mencionado, o Rastafari carrega preceitos contra a colonização em diversos aspectos da cultura e a alimentação é um deles. O entrevistado A comenta sobre o processo de colonização do paladar que segundo ele vicia e gera inflamação, ao mencionar o pão e a farinha de um modo geral. Dessa forma, a busca por se alimentar de forma não colonizadora parece, além de ser uma busca pela saúde do corpo, a crença nas potencialidades do sujeito transformar o espaço, visto que comentou da interferência das ações antrópicas no planeta.

> Essa proteção acho que ela é muito interessante. A gente tá vivendo um momento de aquecimento assim. Então é importante também ter pessoas conectadas com o território, protegendo, plantando, né? Não sujando a água, cuidando dessas coisas. A gente entende que o nosso ancestral maior é terreno é a mãe terra e todo mundo vê, independente de filosofia e de cultura, então esse princípio tem que estar conectado com essa manutenção dessa vida da água, da terra, do nosso próprio alimento. O Roots, tem essa visão de se estabelecer. Então tem as plantas medicinais, que a gente manteve. (Entrevistado A, 2024)

> Tem o termo nutricídio, né? Que é um processo pensado que foi justamente povos que não se alimentavam de determinados alimentos e foi inserido alimentos que de alguma maneira fomenta doenças, fomenta indústria farmacêutica e tudo. Eles inventam a doença e inventam a solução. É um processo doido e a gente vê como a gente consegue interagir com isso e transformar essa visão. Porque a gente vê que o ultraprocessado é muito barato comparado a verdura e a fruta. E muitas as pessoas dão um destaque, mas às vezes tem também a questão do acesso, passa a ter acesso a umas coisas que não tinha. (Entrevistado A, 2024)

Comenta que o nutricídio envolve não só introduzir alimentos que fazem mal, mas torná-los baratos, acessíveis e atraentes, vistos como objetos de desejo.

> A gente tenta trabalhar, conectar as pessoas na terra, a gente produz aí remédio, faz oficinas e atividades, justamente pra… Muita gente já vem aqui no espaço atrás de medicina como curta, o território tem esse poder né? Quando você se estabelece de forma consciente gera saúde, gera cura, gera alimento, gera sombra aqui pra passarinho, bicho. Então aqui que era só braquiária a gente viu mudar bicho, inseto, então a gente viu essa transformação, a gente viveu ela, né. De braquiária até onde tá, com sombra. (Entrevistado A)

O entrevistado falou isso ao apontar para dois pés de manga-ubá que plantaram e mencionou que há vizinhos que sentam ao pé dela para ter sombras em dias muito quentes. É interessante analisar essa questão visto que o espaço do aglomerado fora do Roots é pouco arborizado.

Em um momento da entrevista, a entrevistada B mencionou o imperador Selassie e a imperatriz, importantes dentro da cultura Rastafari. Perguntei se eles seguiam a alimentação I-tal e abaixo citamos a resposta:

> Até que não mas como Rasta acaba sendo resistência ao sistema, desde sempre foi lutando contra colonialismo, aí nos dias de hoje traz essas visões pra gente mesmo, ir se educando enquanto povo, e Rastafari trouxe nosso olhar para África. [...] É uma cultura viva, porque mesmo que eles não eram daquele tempo, ai nos dias de gente tem essa leitura dos dias de hoje de como está o todo e combate mesmo, ai até arrepiei risos. Que é contra a Babilônia mesmo, que outras coisas que o Rastarafi foi a gente é também rastafari foi anticolonialista, a gente tá aí contra o sistema. Que ele foi o que lutou naquele tempo e não deixou a Itália entrar na Etiópia, que foi o único lugar da África que não foi colonizado. Aí é esse grande exemplo pra gente. (Entrevistada B, 2024)

Dessa forma percebemos que por ter uma forte raiz contra colonial, a cultura Rastafari busca se adequar para promover resistência ao colonialismo de seu tempo.

Quando questionado se a alimenação I-tal e/ou alimentação sem origem animal é capaz de transformar o território, os entrevistados A e B afirmaram que sim, porém pontuaram a necessidade de pensar para além do consumo, nas outras etapas do sistema alimentar.

> Eu tenho condição e consciência que pode, mano. De forma profunda e radical mesmo assim, saca? Só que é isso que eu falei, não é só a substituição, né? De alimento e tal. Então tem a ver com acesso, tem a ver com o tanto de questão, né? Mas eu acho que assim, quando a pessoa passa a plantar uma cebolinha, um chá, qualquer coisa, né, numa lata, aqui a gente vê muito isso. [...] Ela já dá um salto de consumidora pra produtora, né? Vamos tomar um chá ali. Ela já não comprou, ela já estabeleceu um produto de maior qualidade, né? Então acho muito potente, aqui muitas pessoas aqui tem esse histórico com a roça, sabe o que a gente vê desse movimento rural pro urbano? (Entrevistado A, 2024)

> Importância é que a gente vai estar tendo soberania alimentar mesmo, acaba que é uma segurança alimentar, né. Ainda mais no meio da cidade que é só empurrado coisa que não é alimento. E podendo plantar é melhor ainda. Quando a gente planta nosso alimento a gente fecha esse ciclo mesmo da segurança alimentar e quando você tem essa relação com a alimentação de poder plantar e de comer da terra você vai cuidar mais da terra, cuidar do entorno, cuidar do território. Porque quando você está com a cabeça da cidade, do industrializado você não vai nem ter a relação com a terra, se a pessoa não buscar. (Entrevistada B, 2024)

Quando questionados mais especificamente sobre os limites da transformação apenas do consumo, mencionaram sobre o processo de separação e alienação do ser humano com a terra a partir da mercantilização desta. Também é possível analisar a crítica ao desenvolvimento a partir da industrialização:

> Hoje, dentro do sistema, que é que é o capitalismo, né? Hoje ele vende todas as nossas fontes de vida, né? A água, o alimento, a gente não tem autonomia em quase nada. Não sei como é que a gente conecta assim nesse nosso assunto, entendo que é um processo complexo assim, né? Acho que o que faz o humano estar hoje aí na Terra foi o modo de viver, né? Que protegia, cuidava, né? Que sabia que precisava dela. Esse desenvolvimento, essa evolução industrial, essas coisas cada vez foi oferecendo facilidades entre aspas. As pessoas migrando e cada vez mais. Deixando de ter autonomia sobre o seu alimentos, sobre a água que você bebe, sobre como é que se trata essa água que você usou, descarta e tudo. (Entrevistado A, 2024)

> Tudo é um começo, né? Se a gente for pensar tem que mudar é uma estrutura, né? E a alimentação eu acho que é uma base, viu, velho? Tipo quando uma pessoa passa a ter seu alimento. Não precisava de nada de fora. Tem água que tá nascendo ali, Já pode ter mais escolha do que que ela quer, né? Agora, quando você tá função, você tem que se matar para sobreviver para comer um alimento de péssima qualidade, porque é tudo caro. Então, acho que alimentação hoje se pensando no Brasil assim é complexo, porque planta soja para alimentar gado e está ligado ao genocídio do povo. A falta de terra para o povo. Então se os caras fazem isso em escala no final é para vender, né? Só que é isso, é um processo de transformação lenta, né? A gente entende isso, né? A gente é induzido a muita coisa processada, né? O que já vem de família assim mesmo, de comer as coisas e nem saber o que ta comendo, né? Presunto, não saber nem o que é isso, salame, da onde vem isso, o que isso causa. A gente vai aprendendo, vai vendo, né, salsicha. A gente nem conhece como alimento, né. (Entrevistado A, 2024)

> Os limites no final é o próprio capitalismo mesmo né que não vai querer sair perdendo no final vai criar até essas coisas de carne artificial e tal mas que se as pessoas começarem a dar uma mudada nisso pode ir, mas é complicado viu. Porque é toda uma indústria, toda uma...mas uma hora vai caminhar pra isso. Não é nem questão de querer, é necessidade. (Entrevistada B, 2024)

Dessa forma entendemos que as críticas ao sistema capitalista e a busca por autonomia e soberania alimentar ao plantarem seu próprio alimento assim como procurar se estabelecer em um espaço coletivo que articula espaço de moradia, música, capoeira, entre outros, podem ser entendidas por um esforço de resistência ao espaço abstrato em direção a construção de uma utopia concreta.

Dessa forma, esse esforço de resistência e a busca pelo original é diretamente relacionada a contra colonização. Ao propor que chamemos o Rastafari de movimento e não de filosofia, crença ou religião, Araujo (2014) afirma que

> As formas como acionam a noção de *movimento* remetem à ideia de *deslocamento*, de *caminhada*, de *afastamento* da Babilônia e *aproximação* da terra santa, a Etiópia. Trata-se de um movimento de êxodo físico e mental do cativeiro em terra estrangeira. Esta noção de *terra estrangeira*, por sua vez, evoca também a noção de *conceitos estrangeiros*, conceitos *domesticantes*, conceitos dos quais os Rastas querem se desprender. No que segue eu procuro apresentar algumas das formas através das quais os irmãos e irmãs buscam este desprendimento do colonizador. (Araujo, 2014, p. 34, grifo deles)

A Etiópia é importante para o Rastafari pois é a "terra prometida de Sião [...] terra onde foram gerados os primeiros homens." (Araújo, 2014, p. 21).

> A vida fora do continente africano é experimentada e narrada pelos Rastas como o exílio na Babilônia. Esta palavra-som, Babylon, é utilizada pelos irmãos para descrever a Jamaica como o cativeiro em terra estrangeira, longe da África, para falar da confusão mental promovida pelas mentiras dos opressores e também, como notou Frederick Cassidy (1961), para se referir à polícia. (Araujo, 2014, p. 22)

Ao assimilar que a Babilônia possui muita semelhança com o sistema capitalista, que provocou a ruptura metabólica, indagamos se este movimento de afastamento da Babilônia poderia ser considerado uma caminhada para o resgate metabólico. Não é objetivo do trabalho reduzir o movimento Rastafari para caber em um conceituação ocidental, mas ao tensionar essas semelhanças identificamos potencialidades. Assim como a semelhança entre a alimentação I-tal e o vegetarianismo e veganismo, como já abordamos no subcapítulo 1.1.3.

Perguntamos aos entrevistados o que seria a Babilônia, e segue algumas respostas:

> Babilônia era uma forma de pensar que foi materializada. Babilónia é um sistema confuso, né, velho? Onde os valores, muitas das coisas foram desconectadas, né mano? Esvaziadas, né mano? A gente entende assim que as lutas, movimentos sociais, música, ritmos que foram criados. Para transformar passar mensagem. A gente entende que o movimento rastafari está ligado a essa transformação social, em vários âmbitos, né? A questão da cultura, da música, do alimento. (Entrevistado A, 2024)

> É esse sistema que a gente vive hoje, esse sistema opressor, racista. É tudo que tem de ruim nesse mundo de hoje. E até sentimentos também, esses sentimentos ruins nas pessoas também já é a Babilônia. Então Babilônia não é só lá fora, também é dentro da gente. Por isso a gente vai cortando e limpando mesmo. (Entrevistada B, 2024)

Dessa forma, perguntamos se existiu algum momento em que não havia a Babilônia:

> Eu acredito que existia...acho que existe, né? Acho que a gente está vivendo uma era que tem pessoas que tem sua autonomia, tem sua alimentação, povos que... então. Por mais desconectado eu acho que tem a ver com essa transformação que a gente falou estrutural que a gente. No momento em que se conecta com a natureza pra criar um ambiente cheio de concreto, cheio de coisa, sujando a água. Não considerando nem nada, né? O problema é um sistema que corrói, um sistema corrupto, né? Um sistema

> opressor é um sistema. Um sistema escravagista. Isso é Babilônia. Racista, esses valores, né, que são valores, mas também que afeta, afeta os corpos. Então a gente entende que é um controle da humanidade. (Entrevistado A, 2024)

É interessante observar que para o entrevistado, há pessoas que conseguem sua emancipação da Babilônia mesmo vivendo no sistema capitalista, principalmente através da busca pela autonomia.

De acordo com Lefebvre, o espaço percebido, fruto da era urbana, não é necessariamente ruim, pois é nele que surge a possibilidade de combater a alienação e é através dele que podemos lutar contra ele mesmo conforme resistimos a integrar a sociedade de acordo como ela se manifesta. Este espaço é, portanto, um ato de recusa e emancipação e percebemos muita similaridade com a intenção de se afastar da Babilônia.

Dessa forma, perguntamos se houve algum momento em que não existiu a Babilônia, visto que o rastafari prega a busca pelo modo de vida original.

> Só ali naquele auge de Kemet, de mais elevação mesmo no Egito. [...] Kemet é o antigo Egito, é um estudo mais profundo não sei muito não, mas significa "Terra preta", terra do povo preto. Quando a terra era mais dominada pelos povos originários e africanos acho que tinha mais equilíbrio. (Entrevistada B, 2024)

Os entrevistados falaram que apesar da mudança para se emancipar da Babilônia ser estrutural, essa mudança também passa pelo consumo e começa daí.

A partir disso questionamos quais seriam as formas para se emancipar da Babilônia:

> Eu acho que a gente tem vários exemplos nas aldeias, de quilômetros, de pessoas que sobreviveram a momentos muito turbulentos no Brasil. Acho que muito dessa sabedoria está ali, saca? De como eu viver, de como plantar, de como comer, de como celebrar, né? Acredito que tem povos que tem a cultura que sabe conviver com a natureza de forma harmoniosa. [...] Acho que a natureza é a base, né? Da sustentação terrena, né? Eu acho que o territórios, quanto mais envolvido tiver com a natureza, melhor que ela vai ser, né? De se estabelecer para buscar uma autonomia. Eu vejo muito isso. A terra como um processo de autonomia. O Brasil passou um processo histórico cabuloso. A gente sabe que a favela é consequência desse processo histórico, né? Muita gente veio de fora e ganhou terra. E ganhou, né? E nego fez o que fez aí, levantou o Brasil de cabo a rabo. E nem recebeu a terra. Acho que tem tudo a ver assim terra, alimento, a posse da terra, essas discussões aí. (Entrevistado A, 2024)

Perguntamos qual seria o objetivo da transformação e da mudança que eles propõem:

> Terra para todo mundo, comida para todo mundo. Tipo assim a gente olha e vê todo mundo aglomerado aqui ai a gente sai numa estrada e vê aquele tanto de terra. Teve o êxodo que foi pra cidade e agora tem que ter o êxodo que vai pra terra. Mas no final é a consciência mesmo porque não adianta dar terra se a pessoa não tiver consciência, politizar mesmo. (Entrevistada B, 2024)

> Acho que a manutenção da vida. A gente tá falando de território, a gente está falando sobrevivência de resistência, né? De alimentos, de água. Falando de autonomia. A gente é parte dela, né? A gente não pode se ver a parte dela em nenhum momento, né? A gente é mais um ali que ta... Ver ela de forma positiva. (Entrevistado A, 2024)

Perguntei para a entrevistada B sobre a relação com outros movimentos e ela afirmou que quando estão juntos a relação é positiva, e que estão com a intenção de se aproximarem cada vez mais. Mencionou que estão sempre aprendendo com outros povos e em seguida falou:

> A Makota até comentou num post do mutirão, deixa eu ver: "Quando nos libertarmos da colonização, mudamos até a compreensão de olhar os territórios e perceber como as tradições africanas se espalharam pelo mundo. Para além do candomblé, a cultura rastafari não é muito diferente dos terreiros, porque o compromisso com a Terra traz o mesmo cuidado com a vida. Um dia seremos um só povo novamente." Aí acho que isso resume tudo também. (Entrevistada B, 2024)

A entrevistada citou Makota Kidoiale, liderança quilombola muito importante para Belo Horizonte. Percebemos dessa forma a tentativa de aliança principalmente com o movimento quilombola e outros que lutam por território como a Teia dos Povos.

Quando perguntamos mais especificamente sobre a relação do Roots com a comunidade ao redor, a entrevistada C mencionou:

> Ah eles veem os menino aqui diferente, né? Não sei se é por causa dos dreads, do jeito da cultura deles, né? Antigamente, [mencionou dois integrantes] andavam de túnica! Então querendo ou não o povo já olha com outros olhos. Vou falar a verdade quando eu vim pra cá morava ali no [local onde ela morava] meu marido falou assim: "fui lá na frente e vi um povo macumbeiro tocando tambor." Aí eu acho que o pessoal deve olhar assim como esse olhar, porque eles não tem cultura, né? Eles acham que tocar tambor é porque tá fazendo macumba. Eles acham que os Rastas são os hippies do centro. Os hippies do centro nem banho toma, gente! Um dia mesmo um cara falou: "ah eles são hippies" eu virei e falei: "eles não são hippies não, eles são Rastafari. Totalmente diferente daquele povo que fica no centro." O pessoal sabe que eu trabalho com os meninos, né? Ai eles falam: "Eles não é hippie, não?" Aí eu falo: "Não, gente hippie é totalmente diferente de rastafari." (Entrevistada C, 2024)

Sobre a relação do Roots com o entorno,

> A gente teve vários processos aqui, um deles foi com um baldinho. Que a gente começou a conviver intimamente com as pessoas durante anos, assim a gente toda semana ia lá. E através do baldinho a gente conseguia ter um diagnóstico, né? De

> como a pessoa se alimentava, como alimentava. O que tava acontecendo, se a pessoa estava grávida, estava com criança, se estava passando algum tipo de insegurança alimentar, então era um momento muito interessante. A gente conectou, é muito legal assim nas pessoas, saca? E acho que tem essa coisa da alimentação da carne, sabe? Às vezes as coisas não param de comer carne, mas vê que pode diminuir, interagir de várias maneiras, né? Teve casos que a gente criou saneamento, que não tinha um banheiro. A gente fez. A gente interage a partir do conhecimento que a gente tem. Que nos é dado. Com o processo de geração de renda de trabalho a partir do conhecimento que é gerado aqui dentro também. Esse é um espaço que a gente quer que cada vez mais a gente quer que tenha pessoas que possam interagir com ele. Plantando muita fruta, muito alimento. Isso vai atrair talvez mais pessoas. (Entrevistado A, 2024)

O processo do baldinho mencionado se refere a um projeto de 2015 chamado Vida Composta em que o Roots coletava os resíduos orgânicos gerados a partir da alimentação de 40 pessoas do entorno. Inicialmente fizeram uma mobilização junto de um almoço coletivo em que falaram da problemática do lixo, de ser vetor de algumas doenças. As pessoas que concordaram começaram a fazer parte do projeto que inclusive gerou renda para alguns jovens da comunidade. Ou seja, a partir de um trabalho de conscientização sobre o lixo gerado na casa das pessoas da comunidade, o coletivo pôde verificar se as pessoas estariam em algum quadro de insegurança alimentar e portanto ajudar essa família de alguma forma, principalmente a partir do que eles plantavam no espaço. Percebemos uma relação de vínculo muito forte com o entorno principalmente via educação, conscientização e doação de alimentos. Sobre a mudança na conscientização a entrevista B afirmou que: “a mesma galera que antes jogava o lixo de qualquer jeito, era o que puxava a nossa orelha, se a gente não não fosse lá pegar o balde.” (Entrevistada B, 2024)

Perguntamos também se já houve alguma resistência da comunidade em relação ao Roots para a entrevistada A e ela mencionou que hoje em dia, pelo fato de ter crescido o número de igrejas evangélicas na Serra, esse grupo de pessoas fica mais resistente principalmente quando tocam o tambor. Perguntamos se já tinha acontecido alguma coisa e ela respondeu:

> Não, mas assim cê vai percebendo, tipo assim, gente que vinha aqui, dependendo se vira evangélico já não vem mais ou a mãe não deixa o menino vim na capoeira por causa que é da igreja. Rola umas coisas assim, mas nada de ter briga e tal, mas, mas aquelas coisas que a gente vai percebendo. E que a própria comunidade vai perdendo, né? (Entrevistada B, 2024)

Além de perguntar qual a importância da Serra para o Roots e perceber a necessidade do vínculo territorial conforme já analisamos, perguntamos também para alguns entrevistas qual a importância do Roots para a Serra:

> Acho que é de grande importância, viu? Porque se eu eu tenho quase certeza que se o Roots não tivesse aqui, essa montanha já não estaria aqui. Já estaria toda ocupada, acho que de grande importância de estar bio regenerando uma área, mantendo uma área verde na Serra, da cultura também, como um ponto das pessoas poderem estar podendo vim pegar uma planta medicinal, poder estar trocando, conhecendo uma alimentação mais saudável. Então acho que é importante. (Entrevistada B, 2024)
> Ah, eles estão cuidando daqui, né? Que se fosse o pessoal, eles nem ia cuidar, ia deixar tudo ali. Igual eles fizeram um negócio lá em cima lá, acho que o negócio da água, se fosse o pessoal daqui, não ia fazer, não ia cuidar da montanha, igual eles cuidam. Igual esse povo que bota fogo é eles mesmo que vai lá e apaga. O povo vêm aqui para roubar passarinho, aí eles não deixam também. Tem muitos animais que vem pra cá também, né? Que o povo quer capturar aí os meninos já não deixam. E vai cuidando da montanha aí. Porque se deixar o povo vem, desmata a montanha, arrancar as árvores, quer construir casa no lugar que onde não dá. Igual se eles não tivessem feito negócio lá em cima, lá poderia a montanha até descer, por causa do espaço cultural que eles fizeram com o muro de arrima. Aí eu acho que isso é importante, que eles cuidam daqui, mas o povo daqui não dá valor, o povo de fora dá valor, mas o povo daqui não dá, é, são poucas pessoas aqui que dá valor, serio. O povo de fora dá mais valor do que eles. Aqui você pode contar nos dedos os moradores daqui que vem aqui, mais é o menino que mora aqui, outro ali, o Defunto já mora lá perto da minha casa, ele também já tem, ele cuida lá das plantas lá, acho que ele tem um espaçozinho dele lá, que ele planta lá também, entendeu? São poucas pessoas aqui na favela, né? (Entrevistada C, 2024)

A partir dessas respostas percebemos primeiramente como a falta de moradia na cidade é um problema chave nas ocupações de encostas das serras, e dessa forma como as ocupações irregulares podem acabar gerando outros problemas ambientais. Por outro lado, percebemos o movimento de preservação da área verde pelo coletivo, uma ocupação do espaço diferente de outras vistas no território. Mencionaram que estão com projeto de recuperar nascentes do aglomerado e começaram a mapear onde elas estão. Ressaltamos, porém, que a região já foi bastante estudada por gestores e planejadores urbanos, e provavelmente há um vasto passivo de conhecimento acumulado sobre as nascentes do Aglomerado da Serra, mas que a fala dos entrevistados pode representar o distanciamento entre o conhecimento produzido por gestores e pesquisadores e a população que vive no território, ou até mesmo uma falta de comunicação entre estes atores. O entrevistado D já teve experiência com construção de agrofloresta para recuperação de nascente. Essa conversa aconteceu em um dia de mutirão pós-almoço junto com um pessoa que também mora na serra também, tem experiência em manejo e foi voluntário neste dia de mutirão.

Além disso, na fala da entrevistada C acima percebemos que ela acredita que as pessoas que moram na comunidade dão menos valor ao coletivo do que as pessoas de fora da comunidade.

Quando fazem eventos como as festas juninas ou demais oficinas que não conseguem apoio financeiro, cobram um valor das pessoas de fora da comunidade e os moradores do Aglomerado participam sem precisar pagar. É interessante esse movimento para promoção de maior coesão com as pessoas que moram no território pois percebemos que nos mutirões muitas vezes há mais voluntários de fora da Serra do que os próprios moradores. Também percebemos um recorte de classe e raça dos voluntários dos mutirões que não são moradores - maioria são pessoas brancas da classe média. Em conversa com outros pesquisadores pude perceber que é relativamente comum o fato de ter mais pessoas de fora da comunidade em diversos mutirões de outros territórios do que pessoas do entorno. O recorte de raça e classe também foi comentado por pesquisadores que analisam mutirões em outros territórios.

Além disso, o Roots já construiu dois encontros Rastafaris em seu espaço e a entrevistada B comentou que tem datas que os Rastas procuram estar juntos para celebrar sua cultura e se fortalecerem.

> É muito fortalecer, que acende a chama mesmo, traz conhecimento que a gente não sabe da cultura, história e a vivência toda também, né? E poder ver, você vai ver mais criança Rasta, você se identifica, fortalece mesmo, né? E aí a gente fez um em 2014, que acabou virando Internacional, que chegou gente da Jamaica, sacerdotes, né? Chegou gente da Colômbia. E teve um outro em 2022, também. Aí a gente faz as nossas reuniões mesmo. Fala de como está o rastafari no momento atual. Faz planos para o futuro, articulações... bem bacana. Também toca Nyabing, né? quem é nosso toque do tambor, come junto. (Entrevistada B, 2024)

Por fim gostaríamos de pontuar um acontecimento marcante na história do coletivo que foi a saída dos três fundadores do Roots para morarem em uma reserva extrativista no Goiás;

> A gente foi para para o Goiás viver, foi quando a gente abandonou a Serra. A gente achava que a vivência era viver numa floresta assim, entendia que o melhor lugar para a gente estar era num território, mais isolado. Pra gente ter um mínimo de influência assim, saca? Aí teve esse momento que a gente saiu. E aí eu nunca cantei não, mas o Divinho era do rap, os meninos incentivou: “faz um refrão, vamos ver”. Aí eu falava, “não, não, aglomerado desse jeito, povo esculachado vivendo sem respeito. Vamos ao campo voltar a habitar. Já sabemos quem é o dono do capital que suga o nosso sangue sem ao menos importar. A mudança de valores, o *resgate* cultural baseado na vivência natural. O confiante ensinamento a sabedoria ancestral, quebrando a corrente e a dominação mental. A cultura não resume futebol e Carnaval. Se um dia esse sistema cai, me diz quem se segura? [...] Capitalismo, consumismo, desejos banais. Tem que se limpar, deixar isso para trás. Viver no amor e na paz. Sei que você é capaz. Se certifique e corra atrás.” Aí falava “Marcos Garvin ensinou como se faz, faça sua correria, mas sempre se lembrando de se livrar das garras do sistema.” A gente sabe que a gente está dependendo dele aqui, mas o caminho é *retornar um pouco*, né. A música chama “a arca dos rastas”. E fala também “a arca dos rastas vai descendo a favela. Passando pelo asfalto em direção à floresta. A arca do rasta vai descendo a favela quebrando o asfalto em direção à floresta.” Aí tem uma

> hora que fala do germinado que a gente só estava comendo vivo, a ideia era quebrar mesmo e sair plantando alimento em todo canto. Aí a gente foi pro Goiás e teve essa vivência, de comer cru. Foi tipo uma reserva extrativista do Brasil. Chamava "Terra Ronca", então não precisava nem implantar. Era colher já. Buriti, baru. (Entrevistado A, 2024, grifos nossos)

Percebemos que a saída do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, teve como objetivo a saída da Babilônia para viver em um lugar com maior predomínio da natureza. Entendemos que essa busca teve como objetivo o resgate do modo de vira original, como defende o movimento Rastafari. Porém, depois eles retornaram para a Serra, e abaixo segue a explicação do entrevistado: que voltaram?

> Essa coisa do rap, é uma das meninas que morava aqui. A gente voltou porque a galera falou que estava mato muito grande. Estava um surto de dengue. E aí falaram "mano os cara vai botar fogo no seu barraco" . Porque era tudo de madeira e reciclado. Aquela coisa a gente já estava anos fora, a gente não sabia como é que estava acontecendo aquilo de lixo. Quando a gente chegou aqui, tinha uma montanha de lixo. E aí voltou eu e o [nomeou outro integrante] para fazer todo esse trampo. E uma menina, eu lembro dela cantando pra mim. Tem crianças que me chamam de pai, né? Então ela ficava cobrando isso tipo assim "ah vocês vem aqui, rastafari e abandona nós?" Então tem aquela coisa assim de se encontrar no oásis, mas ver o povo na luta, sabe? E a genta também se vê nessa luta assim, sabe? De retorno e tipo assim, pode ir sozinho mais rápido, né, velho? Mas a gente demora mas vai todo mundo também, uma ideia meio de *resgate*, né? Porque não adianta só você ir pra terra, tem que ter a comunidade, tem que... a gente vê que poucos vivem sozinhos. O rasta tem essa coisa de chamar um a um, ir integrando pouco a pouco, criar uma família mesmo. De ter escola, de ter toda essa autonomia mesmo. (Entrevistado A, 2024, grifo nosso)

Interessante observar que ele mencionou estar vivendo "em um oásis" quando estava em Goiás, mas que retornou para a Serra por dois principais fatores: a preocupação com a degradação que estava acontecendo em sua casa e o sentimento de ver que sua comunidade continuava na Babilônia.

Os entrevistados utilizaram a palavra resgate diversas vezes sem saber que este era um conceito importante para este trabalho. Dessa forma, após o entrevistado A utilizar a palavra, perguntamos então o teríamos que resgatar:

> O modo de viver original. A forma de comer, de plantar, vestir. Porque tudo que a gente mudou está baseado no consumo, do que eles estão ofertando. Mas estão é resgatar a cultura, né? Resgatar a África como berço da humanidade, todos os conhecimentos, toda a contribuição. Isso tudo tá aí, né? A gente não está inventando nada, está aí, visível, mas a ideia do rasta é essa, colocar a África como o centro do mundo, né? Dali saiu todos os povos, então acredito que a solução tá alí também né. (Entrevistado A, 2024)

Logo em seguida ele pediu para falar mais:

> Teve um momento histórico, né, na Jamaica, naquela região das ilhas onde tinham levado muitas pessoas, para trabalhar com cana de açúcar. Foi profetizado por Garvin que um rei negro iria ser coroado e este seria o momento da redenção do povo, assim sabe? Então teve esse momento histórico, né? Que o rei que tem o nome de Rastafari que veio da Etiópia foi coroado e isso foi muito forte para o povo que tava passando por uma opressão muito grande, sendo subjugado, que estavam destruindo sua cultura, acabando com sua língua. Então foi um momento muito forte assim, sabe? De ver sua majestade ver, né? Rastafari foi no topo, né, velho? Foi o primeiro negro que falou nas Nações Unidas. Do terceiro mundo assim que conseguiu chegar e falar. Tem uma música do Bob Marley que é o discurso dele né que é "War". Então é isso aqui, conectar com esse momento histórico assim, né? De transformação, né? Uma agitação assim, né? Das pessoas que foram de maneira tirada, da arca ao movimento, né? Nesse povo de retorno assim, tá ligado? Então eu falei retornar, resgatar. E aí tem esse movimentos do povo africano em diáspora que foi espalhado e isso, resgatar essa cultura africana que de alguma maneira foi suprimida, né, velho? Não tem como esconder, porque está tudo aí, né? A base alimentação da, dança, das línguas, espiritualidade. Mas maquiada como Grécia, como europeia, o eurocentrismo tirou esse... aprendeu tudo na África e tirou esse protagonismo assim, né? E aí acho que é importante voltar esse protagonismo. O povo africano assim sabe. No mundo de, de reconhecer nossa matriz, nosso povo. Rastafari fala dessa raiz muito antiga, né? Desde o primeiro homem, né, que surgiu na Etiópia, foi comprovado várias vezes pela ciência. Ancestralidade é antiga, tem que resgata a ancestralidade, voltar lá na raiz, né? Na raiz mesmo das coisas. (Entrevistado A, 2024)

Por fim, percebemos que a experiência do coletivo apresenta uma diversidade considerável de riquezas materiais e imateriais e que há uma tentativa de uma gestão compartilhada destes recursos. Ao praticarem agricultura urbana de base agroecológica, fomentarem mutirões e promoverem outras oficinas como capoeira, cursinho popular, empoderamento de mulheres negras, oficinas de compostagem e sabão ecológico, entre outros, percebemos a busca por produzir um espaço que se distancia da mercantilização e na centralidade do valor de troca, propondo outros usos deste espaço com foco em seu valor de uso. Também percebemos a intenção de fortalecer mais a conexão com demais pessoas do aglomerado da Serra a partir dos projetos mencionados.

Identificamos também algumas tentativas de alianças com outros movimentos sociais principalmente com o objetivo de fortalecer a luta por território, os mais citados foram a Teia dos Povos e a aproximação com o Quilombo Manzo. Percebemos a centralidade da terra em suas práticas, que parece se originar na filosofia Rastafari, assim como a intencionalidade da organização coletiva. Também percebemos os diálogos feitos com a economia popular e solidária por estarem em feiras que possuem estes princípios. Não identificamos nenhuma relação com o movimento vegetariano e/ou vegano, apesar de estamparem "cozinha vegetariana".

Sobre o alcance da experiência percebemos que a intenção é fortalecer principalmente o Aglomerado da Serra, apesar de também estarem no Núcleo Lixo Zero no Bairro Santa Tereza. Identificamos que os projetos a médio e longo prazo do coletivo envolvem a maior coesão no território em que se encontram, principalmente a partir de projetos de agricultura urbana agroecológica, recuperação de nascentes da Serra e sempre a partir de esforços da própria população. Não identificamos intencionalidade em buscar outros apoios da política pública, apesar de serem uma unidade produtiva da Prefeitura de Belo Horizonte.

Em conclusão, acreditamos que a análise mais aprofundada de um coletivo que costura tantas temáticas demande um trabalho mais aprofundado para tecer melhores compreensões de suas potencialidades assim como de suas contradições.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Dentro desta agenda mais ampla, destacamos o surgimento do Grande Veganismo como um assunto particularmente oportuno para os geógrafos se envolverem criticamente, dada sua crescente proeminência nas tradições alimentares contemporâneas e suas implicações para a (re)organização espacial, político-econômica e cultural das redes alimentares globais. (Sexton; Garnett; Lorimer, 2022, p. 607, tradução nossa)

Este trabalho procurou avançar o entendimento da geografia a respeito de alguns temas que envolvem a ruptura metabólica e os veganismos através de uma exploração conceitual e empírica. Percebemos ainda a incipiência de geógrafos debruçados a traçar essas correlações e, por outro lado, as potencialidades em trazer essas discussões para o campo da geografia.

Ao traçar um pequeno panorama das descobertas e discussões mais atuais em relação a ruptura metabólica e aos antiespecismos, acreditamos que o trabalho contribui para o avanço da relação entre esses movimentos, e acreditamos que podem ser construídos vínculos mais fortes entre essas temáticas, devido a algumas semelhanças entre elas. Ainda é necessário nutrir e enraizar as discussões propostas para que se possa colher outras análises na direção de conectar as temáticas exploradas neste trabalho e avançar as discussões.

Para isso, buscamos inicialmente conceituar veganismo, assim como analisar as justificativas usadas para a abstenção ou redução do consumo de animais e derivados. Verificamos que além das motivações ligadas a crenças, filosofias, religiões e outros movimentos culturais, as motivações que estão ligadas à saúde humana, bem estar animal e argumentos que relacionam a pecuária à degradação ambiental parecem estar bem embasadas cientificamente. Identificamos que o movimento vegano possui vertentes muito diferentes entre si, mesmo com o objetivo comum de acabar com a exploração animal.

As contribuições deste trabalho foram no sentido de explorar quais expressões do veganismo parecem contribuir com os deslocamentos temporais, espaciais e temporais da ruptura metabólica. Ao evidenciar práticas dentro do movimento vegano que contribuem com a mercantilização da alimentação e da natureza, concentram riqueza em grandes corporações e mantém a alienação e fetichização da mercadoria, produzindo espaços abstratos - e nos referimos a essas vertentes como veganismo de mercado ou veganismo como consumo.

Essa vertente está inserida dentro do sistema alimentar hegemônico, também entendido como sistema agroalimentar moderno, que é o qual a sociedade está organizada atualmente. Este sistema, baseado na industrialização e urbanização extensiva, em que grandes corporações detêm o poder sobre o território (uso corporativo do território), produzindo espaços abstratos, promove também o alto consumo de ultraprocessados - grupo de produtos alimentícios que está comprovadamente ligado à DCNTs como obesidade e hipertensão, além de manter o imperialismo alimentar e o colonialismo do paladar. Dessa forma, as estratégias de veganizar o mercado parecem estar apenas reafirmando a posição subalterna e dependente de alguns territórios na economia global enquanto aumenta a concentração de poder. Propomos então que o veganismo que se alia às grandes corporações que produzem ultraprocessados sem ingredientes de origem animal e que não propõe uma alternativa de produção, também fazem parte do que chamamos de sistema hegemônico centrado na carne, indo ao encontro das pesquisas dos geógrafos Sexton; Garnett; Lorimer (2022). Constatamos, portanto, que a análise destes processos sob a ótica da geografia e da produção do espaço oferecem ricas contribuições.

Ao identificarmos que o veganismo liberal, cimentado num sistema alimentar hegemônico, possui muitas características que parecem deslocar a ruptura metabólica e produzir espaços abstratos, acreditamos que conseguimos avançar em um debate promissor sobre isso, apesar de incipiente.

A abordagem da produção do espaço serviu de base para análises e reflexões que usualmente não são feitas em pesquisas que investigam o veganismo e também não encontramos referências que debatem a ruptura metabólica com a produção do espaço. Dessa forma um dos maiores obstáculos foi a literatura incipiente nestes temas, porém consideramos que apesar de incipiente o tema é relevante principalmente nos avanços dos debates a respeito das diversas crises atuais.

Por outro lado, também verificamos que há vertentes do veganismo que se dizem populares e anticapitalistas por compreenderem que a causa da exploração dos animais não humanos é a mesma dos animais humanos e, portanto, buscam alianças com outros movimentos sociais como o feminismo e antirracismo. Além disso, boicotam produtos ultraprocessados, e buscam diálogos com movimentos como a agroecologia que lutam pela soberania alimentar e SAN, para a promoção da saúde dos animais humanos e não humanos. Entendemos que essas conexões entre os movimentos ainda não estão totalmente estabelecidas, e, portanto, parece ser

um desafio principalmente do movimento vegano buscar mais incorporações nestes espaços. Verificamos que essas vertentes do veganismo, ao buscarem conexão com outros movimentos, são mais abertas às práticas alimentares que envolvem o consumo de animais e derivados e, portanto, por se inspirarem nas formas como povos originários e tradicionais se relacionam com o território, caracterizamos o sistema alimentar almejado por essas vertentes como um sistema alimentar arcaico à base de plantas - elucidando que não é exclusivo de plantas, mas que essas possuem centralidade nos processos produtivos.

A superação da ruptura metabólica é um processo que não pode ser alcançado no atual modo de produção, portanto as tentativas de resgate precisam buscar alternativas também ao capitalismo. Essas alternativas, como demonstrou Marx, devem se inspirar em relações com o território entendidas como superiores e arcaicas, por povos não ocidentais e/ou pré-capitalistas como os povos originários e outras populações tradicionais, uma vez que suas formas de trabalho, ou seja, seu metabolismo com a natureza não tem como objetivo a dominação desta. Saito ressaltou que essa inspiração deve ocorrer sem anacronismo, confluindo algumas técnicas desenvolvidas pela sociedade ocidental com os saberes dos povos tradicionais, que ele denominou de “metabolic repair” e nós interpretamos como o resgate metabólico. Entendemos também que o resgate metabólico (e a resistência ao veganismo de mercado) deve vir do sul global, levando em conta os territórios periféricos, buscando um modo de produzir alimentos que sejam agroecológicos em direção à soberania alimentar.

Dessa forma, identificamos que as tentativas de resgate metabólico parecem ser utopias concretas, entendidas como uma pré-configuração das relações sociais e de produção almejadas pela sociedade no pós capitalismo. As utopias concretas caminham em direção ao espaço abstrato, que só poderá ser produzido em sua totalidade com o fim da propriedade privada e, portanto, a mercantilização do espaço e dos recursos, e deve ocorrer pela reconquista da cidade pelos sujeitos, frente a alienação que a ruptura provocou.

Dessa forma, ao estudar o coletivo Roots Ativa identificamos algumas práticas entendidas como sementes no sentido de produzir espaços com maior centralidade no valor de uso, que sejam coletivas e que possuem potencialidades para buscar resgatar o metabolismo com a natureza. Algumas dessas práticas analisadas foram: abstenção do consumo da carne e redução do consumo de derivados, abstenção do consumo de ultraprocessados ao buscar uma alimentação I-tal, prática de agricultura urbana de base agroecológica para construção de SAFs,

vínculo com o território, prática da compostagem e aliança com cooperativa de reciclagem, construção de vínculos não capitalistas com alguns sujeitos da vizinhança do coletivo assim como práticas coletivas como mutirões, autoconstrução e oficinas abertas, busca de aliança com outros grupos que lutam por território e comercialização sem atravessadores em espaços que promovem a economia popular e solidária - possibilidade de educação alimentar do consumidor. Também observamos a presença de outra concepção de abundância e riqueza.

Além disso, se associarmos a concepção de Babilônia ao sistema capitalista, entendemos que novos diálogos podem se ampliar, visto que apesar da busca por autonomia ser individual, há a necessidade de construção coletiva atrelada a um território para manifestação da cultura rastafari.

Dessa forma, entendemos que o coletivo Roots Ativa parece buscar um resgate metabólico através de práticas que fomentam a resistência a espaços abstratos na cidade, porém identificamos que tanto este resgate quanto a produção do espaço diferencial só conseguem ser concretizadas com o fim do atual modo de produção. Entendemos que as contradições são inerentes ao sistema capitalista e a sua produção do espaço, mas que algumas práticas do coletivo podem servir de inspiração para outras formas de uso do espaço urbano, visto que o resgate total do metabolismo precisa ser construído de forma global com a superação do sistema de produção atual.

Gostaríamos de elucidar que não temos uma visão romântica dos processos, e sabemos que podem haver muitos obstáculos tanto nas relações sociais e, portanto, nas espaciais. Acreditamos que a duração da pesquisa também pode ter sido um fator limitante para analisar mais profundamente as contradições existentes.

O trabalho identificou que escolhas individuais não podem ser entendidas como movimentos sociais de resistência ou de pleito de alternativa. O veganismo como consumo, mesmo que apoiado no boicote aos ultraprocessados e grandes corporações, não possui caráter revolucionário em si.

Ao longo deste trabalho percebemos que para além do veganismo é necessário um antiespecismo subversivo que não abarque apenas veganos, mas que se alinhe a outros

movimentos e que tenha vínculo com o território respeitando seu metabolismo natural, além da necessidade de educação crítica para construir resistência à hegemonia.

Talvez, ancorada em Walter Benjamin, a pesquisa se pretendeu uma tentativa de organizar o pessimismo (Lowy, 2021), e ao longo da pesquisa percebemos que não estamos perto de resgatar o metabolismo com a natureza, mas precisamos continuar a buscá-lo.

> Ainda falta muito para conseguirmos uma total superação e dissolução do espaço abstrato. Lefebvre nos pediu luta e otimismo, para que nossas vitórias e conquistas coletivas e individuais não se percam em meio ao obscurantismo que se apresenta em quase todos os domínios do espaço percebido. Como sempre dizia Lefebvre, “o possível só é possível quando buscamos o impossível”. (Matias, 2021, p. 101)

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Fernando.; SAMPAIO, Antonio. Os novos princípios e conceitos inovadores da Economia Circular. 2018. **Revista Entorno Geográfico** No 15: 82-102. Disponível em: https://entornogeografico.univalle.edu.co/index.php/entornogeografico/article/view/6712 . Acesso em 30 mai. 2024

AFRIKA, Llaila. **African holistic health**. Seaburn Publishing Group. Nova Iorque, 2009. ISBN: 1-59232-241-7

Agência Minas. **Governo de Minas firma parceria com a Ferrero para desenvolver parque esportivo inovador em Poços de Caldas, no Sul do estado**. 2023. Disponível em: https://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/governo-de-minas-firma-parceria-com-a-ferrero-para-desenvolver-parque-esportivo-inovador-em-pocos-de-caldas-no-sul-do-estado . Acesso em 31 mai. 2024

_____. **Governador Romeu Zema visita vinícola da Epamig em Caldas e fábrica da Ferrero Rocher em Poços de Caldas.** 2020. Disponível em: https://www.agenciaminas.mg.gov.br/sala-de-imprensa/governador-romeu-zema-visita-vinicola-da-epamig-em-caldas-e-fabrica-da-ferrero-rocher-em-pocos-de-caldas . Acesso em 31 mai. 2024

AGUIAR, Vitor. **Seca no Amazonas: Rio Negro atinge menor nível em 121 anos, com apenas 13,59 metros**. 2023. Disponível em: https://encurtador.com.br/hLgSE . Acesso em 31 mai. 2024

Aliança Pela Alimentação Adequada e Saudável. **Governador Zema ignora apelo da sociedade civil e revoga decreto da cantina saudável em MG**. 2020. Disponível em: https://alimentacaosaudavel.org.br/blog/governador-zema-ignora-apelo-da-sociedade-civil-e-revoga-decreto-da-cantina-saudavel-em-mg/8959/ . Acesso em 31 mai. 2024

Aliança Pelo Marxismo e a Libertação Animal. XVIII Teses sobre marxismo e libertação animal. **Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales**. Ano IV, vol. II. 2019. ISSN 2346-920X

ALMEIDA, Carol. **Frigoríficos, granjas e fabricantes de iogurtes: quem está investindo no veganismo sem veganos**. 18 jan. 2021. Disponível em: https://ojoioeotrigo.com.br/2021/01/frigorificos-granjas-e-fabricantes-de-iogurtes-quem-esta-investindo-no-veganismo-sem-veganos/ . Acesso em 20 mai. 2024

ALMEIDA, Daniela.; MARTINS, Ghiulia.; COIMBRA, Marina. Agricultura urbana e agroecologia: produção do espaço e do comum urbano na Região Metropolitana de Belo Horizonte. in: **Teorias e práticas urbanas**: caminhos. Org: Geraldo Costa, Heloisa Costa, Rita Velloso, Roberto Monte-Mór. - Belo Horizonte: Cosmópolis/IEAT/UFMG, 2024.

ALMEIDA, Daniela.; EUCLYDES, Ana. Metrópoles em transição: planejamento metropolitano e agroecologia na construção de uma agenda comum para as agriculturas da RMBH. *in* **Pensar metropolitano** [recurso eletrônico]: 10 anos de implantação da agência RMBH / Org: Diego Pessoa Santos *et al*. - Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Agência de Desenvolvimento da RMBH, 2019. Disponível em:

http://www.agenciarmbh.mg.gov.br/wp-content/uploads/2021/03/ebook-Pensar-Metropolitano-10-anos.pdf . Acesso em 05 ago. 2023

AMOS, Jonathan. **As impressionantes cavernas abertas por derretimento no maior iceberg do mundo, que pode desaparecer**. 2024. Disponível em: https://encurtador.com.br/rBqy1 . Acesso em 31 mai. 2024

ANTAR & UVF. **Antiespecistas**: o manual do veganismo popular e revolucionário. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2021.

ANTIESPECISTA, Dhuzati. Boicote ao veganismo e resgate de relações ancestrais com os animais. in: **Antiespecismos subversivos**: construções a partir das dissidências. Org: Martina Davidson e Mica Peres - Rio de Janeiro: Ape'ku, 2023.

ARANTES, Murilo. A Transformação de Jardins Estéreis em Ecossistemas Funcionais e Sustentáveis. **AgroSintropia**. 2024. Disponível em: https://agrosintropia.com.br/postagem-2/#:~:text=O%20paisagismo%20agroflorestal%2C%20ao%20desafiar,indo%20al%C3%A9m%20da%20est%C3%A9tica%20decorativa. Acesso em: 03 jun. 2024

ARAUJO, Felipe. **"Trodding out of Babylon**": linguagem, pessoa e formas de tradução Rastafari. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014)

BARROS, Márcio. **A emergência do animalismo: Um estudo sobre origens, epistemologias e práticas da libertação animal**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2020.

BASTOS, Camila.; MAGALHÃES, Felipe.; MIRANDA, Guilherme.; SILVA, Harley.; TONUCCI FILHO, João.; CRUZ, Mariana.; VELLOSO, Rita. Entre o espaço abstrato e o espaço diferencial: ocupações urbanas em Belo Horizonte. **Revista Brasileira Estudos Urbanos e Regionais** (online), Recife, v.19, n.2, p.251-266, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.22296/2317-1529.2017v19n2p251 . Acesso em: 03 jun. 2024

BATISTA, R. et al. Lactose em alimentos industrializados: avaliação da disponibilidade da informação de quantidade. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2018. Disponível em: . ISSN 1678-4561. https://doi.org/10.1590/1413- 812320182312.21992016

BELLO, Walden. **Desglobalização para uma nova economia mundial** - Entrevista. 2009. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/21157-desglobalizacao-para-uma-nova-economia-mundial-entrevista-especial-com-walden-bello Acesso em 17 dez. 2022

BRAGA, Camila.; GRISA, Catia. Sistemas alimentares sustentáveis e compras públicas alimentares nos restaurantes universitários de São Luís-Maranhão: uma proposta metodológica. *in:* **Sistemas Alimentares e Territórios no Brasil**. organizadores Catia Grisa, Eric Sabourin, Ludivine Eloy [e] Renato S. Maluf. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2022.

BRAND, Ulrich.; WISSEN, Markus. **Modo de vida imperial**: sobre a exploração dos seres humanos e da natureza no capitalismo global. Tradução: Marcelo Couto — São Paulo: Elefante, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia Alimentar Para a População Brasileira:** promovendo a alimentação saudável. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

_____. **Vigitel Brasil 2021**: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2021 / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças não Transmissíveis. – Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

BRENNER, Neil; SCHMID, Christian. (2015). **Towards a new epistemology of the urban?** City, 19 (2-3), 151-182.

Bündnis Marxismus und Tierbefreiung. XVIII Teses sobre marxismo e libertação animal. **Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales**. 2019. Tradução de Sabrina Fernandes e Maila Costa. Ano VI, vol. II. ISSN 2346-920X. Disponível em: https://revistaleca.org/index.php/leca/article/view/259/250 . Acesso em 03 ago. 2023.

BOLOGNA, Mauro.; AQUINO, Gerardo. Deforestation and world population sustainability: a quantitative analysis. **Scientific Reports** volume 10, Article number: 7631 (2020) . Disponível em: https://www.nature.com/articles/s41598-020-63657-6 . Acesso em 31 mai. 2024

BOMFIM, Marcos. **Orientações sobre alimentação em instituições ou programas oficiais da Igreja Adventista.** Site da Igreja Adventista do Sétimo Dia. 2013. Disponível em: https://www.adventistas.org/pt/saude/orientacoes-alimentos-instituicoes-programas-oficiais-igreja-adventista/ . Acesso em 19 mai. 2024.

BOURKE, India. **'Achar que é tarde demais só leva a não fazer nada'**: o otimismo de pesquisadora de Oxford diante da emergência climática. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn0nqzv9009o . Acesso em 31 mai. 2024

CAETANO, Morgan. FERREIRA, Rame.; SEEMANN, Wij. Substratos de afeto: estratégias para nutris resistências antiespecistas. in: **Antiespecismo subversivos**: construções a partir das dissidências. Org: Martina Davidson, Mica Peres. - Rio de Janeiro: Ape'ku, 2023.

CANAL RURAL. **Carne criada em laboratório pode ser produzida e vendida. Site Canal Rural**. 2023. Disponível em: https://www.canalrural.com.br/agricultura/agronegocio/carne-criada-em-laboratorio-pode-ser-produzida-e-vendida/ . Acesso em 02 abr. 2024

CANDOMBLÉ VERDE. Apresentação da página. Facebook. 2014. Disponível em: https://www.facebook.com/candombleverde/?locale=pt_BR . Acesso em 21 mai. 2024.

CANDOMBLÉ VERDE - religião sem mortes, sem sacrifício e valorizando o respeito aos animais. Vídeo. 4min21s. Publicado pelo canal Alma Luz. 17 de out. de 2021. Disponível em: https://youtu.be/J0eNGd6wI5Q?si=ijyWzQUKt3E8jclo . Acesso em 21 mai. 2024

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro : Edições Antares, 1984.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e sociedade**: uma história da alimentação. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

Censo Agropecuário. **Censo Agropecuário 2017**. IBGE. Rio de Janeiro, v. 8, p.1-105, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3096/agro_2017_resultados_definitivos.pdf . Acesso em: 27 jul. 2023.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Lisboa: Editora Sá da Costa, 1978.

CNN BRASIL. **Frio de -53ºC faz ovo congelar em cidade no norte da China**. 2023a. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/frio-de-53oc-faz-ovo-congelar-em-cidade-no-norte-da-china-veja-video/ . Acesso em 31 mai. 2024

CNN BRASIL. **Cidade da China registra dia mais quente da história do país, com 52,2ºC**. 2023b. https://encurtador.com.br/fzvXd Acesso em 31 mai. 2023

CNN BRASIL. **Primeiro hotel espacial tem inauguração prevista para 2027**. 2021. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/viagemegastronomia/noticias/primeiro-hotel-espacial-tem-inauguracao-prevista-para-2027/ Acesso em 31 mai. 2024

COELHO, Luisa.; PERES, João. **Como a Nestlé se apropriou das receitas brasileiras (ou de como viramos o país do leite condensado)**. O Joio e o Trigo. 2021. Disponível em: https://ojoioeotrigo.com.br/2021/04/como-a-nestle-se-apropriou-das-receitas-brasileiras-ou-de-como-viramos-o-pais-do-leite-condensado/ . Acesso em: 29 jul. 2023.

CROQUER, Gabriel. **Carne de laboratório é aposta do agro, tem Brasil na vanguarda, mas não vai estar no próximo churrasco**. G1 Agro. 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2023/04/28/carne-de-laboratorio-e-aposta-do-agro-tem-brasil-na-vanguarda-mas-nao-vai-estar-no-proximo-churrasco.ghtml . Acesso em 23 mai. 2024

EARTH OVERSHOOT DAY. **How many Earths? How many countries?** Disponível em: https://overshoot.footprintnetwork.org/how-many-earths-or-countries-do-we-need/ > Acesso em 23 mai. 2024

EAT-Lancet. **Food in The Anthropocene**: the EAT-Lancet Commission on Healthy Diets From Sustainable Food Systems. Summary adapted report. Disponível em: https://eatforum.org/content/uploads/2019/04/EAT-Lancet_Commission_Summary_Report_Portugese.pdf . Acesso em 03 ago. 2023

EMBRAPA. Brasil é o quarto maior produtor de grãos e o maior exportador de carne bovina do mundo, diz estudo. **Estudos socioeconômicos e ambientais**. 2021. Disponível em:

https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/62619259/brasil-e-o-quarto-maior-produtor-de-graos-e-o-maior-exportador-de-carne-bovina-do-mundo-diz-estudo . Acesso em: 27 jul. 2023.

_____. **Pegada hídrica da água.** Contando ciência na web. Disponível em: https://encurtador.com.br/HmlqI . Acesso em 30 out. 2020

_____. **Contagem de células somáticas.** Agência de Informação da Embrapa - Agronegócio do leite. Disponível em: https://encurtador.com.br/KgaRJ . Acesso em 25 ago. 2021

ENGELS, Friedrich.; MARX, Karl. **Manifesto Comunista**. 2005. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2545967/mod_resource/content/1/MARX%3B%20ENGELS.%20Manifesto%20Comunista.pdf > Acesso em 17 dez. 2022

ESCOBAR, Arturo. **El "postdesarrollo" como concepto y práctica social**. Universidad Central de Venezuela, 2005.

ESPÍNDOLA, Isabela.; RIBEIRO, Wagner. (2020). Cidades e mudanças climáticas: desafios para os planos diretores municipais brasileiros. **Cadernos Metrópole**., São Paulo, v. 22, n. 48, pp. 365-395

FAO. Nutrition and food systems. **A report by the High Level Panel of Experts on Food Security and Nutrition of the Committee on World Food Security**. Roma, 2017. Disponível em: http://www.fao.org/3/a-i7846e.pdf . Acesso em 29 set. 2020

_____. **Tackling Climate Change through Livestock**: A global assessment of emissions and mitigation opportunities. Roma, 2013. Disponível em: http://www.fao.org/3/i3437e/i3437e.pdf . Acesso em 29 set. 2020

FERREIRA, Vanessa; MAGALHÃES, Rosana.. Obesidade entre os pobres no Brasil: a vulnerabilidade feminina. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 4, p. 2279–2287, abr. 2011.

FINALMENTE!! Boicotar produtos ou marcas?!?! Gravado por Vitor Ávila. Vídeo. 13min. Publicado pelo canal: Vegano Vitor. 28 jun. 2019. Disponível em: https://youtu.be/q4N0C3VGoDc?si=Gh71Aivhrpge7FNC . Acesso em 23 de mai. 2024

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da alimentação.** (tradução de Luciano Vieira Machado e Guilherme J.F. Teixeira. – São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 29ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREITAS, Rosana; NÉLSIS, Camila; NUNES, Letícia. A crítica marxista ao desenvolvimento (in)sustentável. 2012. **Revista Katálysis**. Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 41-

51, jan./jun. 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-49802012000100004 . Acesso em: 27 jul. 2023.

FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx**: materialismo e natureza. Ed. Civilização Brasileira. 2005.

_____; CLARK, Brett. **Imperialismo ecológico**: a maldição do capitalismo. 2004. Disponível em: < http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/social/2004pt/10_foster.pdf > Acesso em 17 dez. 2022

G1 CE. **Dono ou tutor de pets? Especialista em direitos dos animais explica uso de termos**. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2022/02/06/dono-ou-tutor-de-pets-especialista-em-direitos-dos-animais-explica-uso-de-termos.ghtml . Acesso em 28 mai. 2024

GIRAUD, Eva. **Veganism**: Politics, practice and theory. 2021. London, UK: Bloomsbury Academic.

GLOBO REPÓRTER. **'A gente está estrangulando ecossistemas inteiros', diz Ailton Krenak sobre aquecimento global.** G1. 2024. Disponível em:https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2024/05/11/a-gente-esta-estrangulando-ecossistemas-inteiros-diz-ailton-krenak-sobre-aquecimento-global.ghtml . Acesso em 30 mai. 2024

GRISA, Catia; ROZENDO, Cimone; GOMES, Ramonildes; ZIMMERMANN, Silvia. Sistemas agroalimentares contemporâneos: dinâmicas, perspectivas e desafios. Raízes: **Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 159–163, 2021. DOI: 10.37370/raizes.2021.v41.756. Disponível em: http://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/756 . Acesso em 10 fev. 2023

GrooVI. **I-tal.** Gravataí: Breakdown Studios, 2021.

HUNTY, Rita von. **É preciso combater a normalização dos modos de vida predatórios**. Opinião. 25 de fevereiro de 2022. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/opiniao/e-flagrante-a-necessidade-de-um-debate-capaz-de-combater-a-normalizacao-dos-modos-de-vida-predatorios/ . Acesso em 01 mai. 2024

IBGE. **Em 2018, abate de bovinos e suínos continua em alta**. Agência de notícias IBGE, 2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23989-em-2018-abate-de-bovinos-e-suinos-continua-em-alta . Acesso em 04 ago. 2023

IDEC - Instituto de Defesa do Consumidor. **A sindemia global da obesidade, desnutrição e mudanças climáticas - relatório da Comissão The Lancet**. 2019. Disponível em: https://alimentandopoliticas.org.br/wp-content/uploads/2019/08/idec-the_lancet-sumario_executivo-baixa.pdf . Acesso em 27 jul. 2023

IPES-Food. **From uniformity to diversity**: a paradigm shift from industrial agriculture to diversifed agroecological systems. International Panel of Experts on Sustainable Food

systems. 2016. Disponível em: https://www.ipes-food.org/_img/upload/files/UniformityToDiversity_FULL.pdf . Acesso em 10 abr. 2024

IVU - International Vegetarian Union. **Vegetarian History**. 2013. Disponível em: https://ivu.org/history-legacy-pages/2013-02-17-21-30-33.html . Acesso em 27 jul. 2023.

_____. **Religions that Promote Vegetarianism**: Uncovering the Ethical Foundations. 2013. Disponível em: https://ivu.org/history-legacy-pages/religions.html . Acesso em 21 mai. 2024

_____. **History of Vegetarianism - Leo Tolstoy (1828-1910)**. Disponível em: https://ivu.org/history/tolstoy/ . Acesso em 27 jul. 2023.

JBS. **JBS terá maior unidade de bovinos da América Latina no Mato Grosso do Sul**. Disponível em: https://mediaroom.jbs.com.br/noticia/jbsteramaiorunidade-debovinosdaamericalatina-nomato-grosso-do-sul Acesso em 23 mai. 2024

KAISER, Edward.; GODSCHALK, David. "Twentieth-Century Land Use Planning: a Stalwart Family Tree" Journal of the American Planning Association (1995). *in*: **The City Reader**. Editora, Routledge 6ª edição. 2016.

KIM. Brent.; *et al*. Country-specific dietary shifts to mitigate climate and water crises. **Global Environmental Change**, Volume 62, 2020, 101926, ISSN 0959-3780, Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2019.05.010. Acesso em 21 mai. 2024

KO, Syl. By "human", everybody just means "white". 2015. in: **Aphro-Ism: Essays in Pop Culture, Feminism and Black Veganism from Two Sisters**. 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

(POLÊMICAS) tretas com veganos, mac0nha, ex-veganos e muito mais. Gravado por: Luísa Mota e Tito Mota. Câmera: Anne Magalhães. Edição: Gaboroto. Legenda: Bruna Massa. Identidade visual: Luiz Gustavo Vieira. [*s. l.*: *s. n.*], 26 jul. 2022. Vídeo (31 min.) Publicado pelo canal Larica TV. Disponível em: https://youtu.be/RMYJ_GgjBRQ?si=emY4Z2eUTY8qzgKN . Acesso em 24 mai. 2024

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora 34, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A. 1999 [1972].

_____. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev. 2006.

_____. **Espaço e política**. Trad. Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. **O direito à cidade**. Trad. R. E. Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITÃO, Emília. **A influência da religião na alimentação: estudo exploratório**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Consumo Alimentar) - Departamento de Ciências e Tecnologia, Universidade Aberta. Lisboa. 2016.

LICHOTTI, Camille.; BUONO, Renata. Um Maracanã de comida no lixo. **Piauí**, 2022. Seção Igualdades. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/um-maracana-de-comida-no-lixo/ . Acesso em 28 mai. 2024

LOPES. Gustavo. Produção e representação do espaço: o desenvolvimento da (i)mobilidade urbana. GeoPUC – **Revista do Departamento de Geografia da** PUC-Rio Rio de Janeiro, ano 5, n. 10, jan.-jun. 2013, p. 1-25.

LOWY, Michael. O pessimismo revolucionário de Walter Benjamin. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 33–37, 2021. DOI: 10.5216/rth.v24i2.71194. Disponível em: https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/71194. Acesso em: 30 mai. 2024.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação de capital.** 1970. Disponível em: https://gpect.files.wordpress.com/2013/11/a-acumulac3a7c3a3o-do-capital-rosa-luxemburgo.pdf . Acesso em 17 dez. 2022

MALUF, Renato. **Sistemas alimentares, desigualdades e saúde no Brasil**: desafios para a transição rumo à sustentabilidade e promoção da alimentação adequada e saudável. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2022.

MARTINS, Marcos. Gramsci, educação e escola unitária. **Educação e Pesquisa**., São Paulo, v. 47,, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147226099 . Acesso em 20 mai. 2024

MARX, Karls.; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro 1:o processo de produção do capital. 2ª ed. - São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. Chapter 46. Building Site Rent. Rent in Mining. Price of Land *in* **Capital** Vol. III Part VI Transformation of Surplus-Profit into Ground-Rent. Disponível em: https://www.marxists.org/archive/marx/works/1894-c3/ch46.htm . Acesso em 26 mai. 2024

MATIAS, Keidy. A tríade dialética espacial de Henri Lefebvre. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 80–103, 2021. DOI: 10.14393/cdhis.v34n1.2021.61954. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/61954 . Acesso em: 7 ago. 2023.

MATIOLI, Victor. **Donos do mercado: como os grandes supermercados exploram trabalhadores, fornecedores e a sociedade**. São Paulo: Elefante, 2020. ISBN 978-65-87235-21-9

MELITO, Leandro. Obesidade: indústria comemora estudo polêmico que, uma vez mais, tira o foco do papel da alimentação. **O Joio e o Trigo**. 2023. Disponível em:

https://ojoioeotrigo.com.br/2023/05/estudo-polemico-que-uma-vez-mais-tira-o-foco-do-papel-da-alimentacao/ . Acesso em: 31 jul. 2023.

MELLO, Antonio. **Por que Zuckerberg e outros bilionários estão construindo bunkers? O que sabem? O que temem?** 2023. Disponível em: https://revistaforum.com.br/global/2023/12/22/por-que-zuckerberg-outros-bilionarios-esto-construindo-bunkers-que-sabem-que-temem-149952.html . Acesso em: 31 mai. 2024

MIRANDA, Roberta. **Le Viander de Taillevent**: o consumo santuário de carne pelo grupo nobiliárquico nos séculos XIII e XIV na França e seu contexto histórico. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 204, 2013.

MELO, Mylena. BH vive explosão de ultraprocessados: em dez anos, estabelecimentos "não saudáveis" cresceram 154%, e delivery, 7.000%. **O Joio e o Trigo**, 2020. Disponível em: https://ojoioeotrigo.com.br/2020/12/bh-vive-explosao-de-ultraprocessados-em-dez-anos-estabelecimentos-nao-saudaveis-cresceram-154-e-delivery-7-000/ . Acesso em 15 fev. 2023

MELO, Mylena.; IWASAWA, Nathália. Monitoramento inédito revela infrações da indústria de substitutos do leite materno em plena pandemia. **O Joio e o Trigo**. 2020. Disponível em: https://ojoioeotrigo.com.br/2020/12/monitoramento-inedito-revela-infracoes-da-industria-de-substitutos-do-leite-materno-em-plena-pandemia/ . Acesso em 15 fev. 2023.

MESSERSCHMIDT, Namastê. Sem título. Instagram. Publicado em 19 de janeiro de 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C2TTRMWriFF/ . Acesso em 20 mai. 2024a

MESSERSCHMIDT, Namastê. Sem título. Instagram. Publicado em 26 de abril de 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C6Pgh6zrv7j/ . Acesso em 20 mai. 2024b

MOTA, Ana.; SANTOS, Kauan. A farsa da "Revolução Verde" de mercado: o desafio do veganismo político diante das ONGs e ativistas liberais e neoliberais no movimento animalista no Brasil. *in:* **Libertação animal, libertação humana**: veganismo, política e conexões no Brasil / [Org.] Ana Gabriela Mota; Kauan Willian dos Santos –1ª ed. – Juiz de Fora, MG: Editora Garcia, 2020. ISBN 975-65-86566-07-9

Movimento Afro Vegano. Posição do Movimento Afro Vegano sobre a RE 494601 e o sacrifício de animais. *in:* **Libertação animal, libertação humana**: veganismo, política e conexões no Brasil / [Org.] Ana Gabriela Mota; Kauan Willian dos Santos –1ª ed. – Juiz de Fora, MG: Editora Garcia, 2020. ISBN 975-65-86566-07-9

NESTLÉ, Marion. **Uma verdade indigesta**: como a indústria alimentícia manipula a ciência do que comemos. São Paulo: Elefante, 2019.

NIEDERLE, Paulo., SCHUBERT, Maycon. How does veganism contribute to shape sustainable food systems? Practices, meanings and identities of vegan restaurants in Porto Alegre, Brazil. **Journal of Rural Studies**, Volume 78, 2020, p. 304-313, ISSN 0743-0167, https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2020.06.021.

_____. Veganismo e agroecologia: práticas convergentes para a produção de sistemas alimentares saudáveis. **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 58, p. 212-232, jul./dez. 2021. DOI: 10.5380/dma.v58i0.73465 e-ISSN 2176-9109

NUPENS. Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde. **Manifestação do Nupens/USP sobre a Nota Técnica nº 42/2020 do Ministério da Agricultura com descabidos ataques ao Guia Alimentar para a População Brasileira**. Faculdade de Saúde Pública. Universidade de São Paulo, USP. 2020. Disponível em: https://www.fsp.usp.br/nupens/notaoficial . Acesso em 03 ago. 2023

OLIVER, Catherine. Vegan World-Making in Meat-Centric Society: The Embodied Geographies of Veganism. **Social & Cultural Geography** 24, no. 5 (2023): 831–50. doi:10.1080/14649365.2021.1975164.

OLIVER, Catherine., TURNBULL, Jonathon.; RICHARDSON, Michael. Claiming veganism and vegan geographies. **The Geographical Journal**, 190, e12546. 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1111/geoj.12546 . Acesso em 12 mai. 2024

ONU News. ONU confirma que 2023 bate recorde de temperatura global. ONU News Perspectiva Global Reportagens Humanas. 2024. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2024/01/1826127?jw_start=%7Bseek_to_second_number%7D . Acesso em 31 mai. 2024

Our World In Data. Land use per kilogram of food product. Disponível em: https://ourworldindata.org/grapher/land-use-per-kg-poore . Acesso em: 27 jul. 2023.

PEREIRA, Claudio. Qual o lugar da natureza na teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre? Algumas reflexões. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 25, e202319pt, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202319pt Acesso em 10 abr. 2024

POYNTING, Mark.; RIVAULT, Erwan. 2023 é confirmado como ano mais quente já registrado: 2024 pode bater esse recorde?.

PRATO CHEIO. O império da proteína. **O Joio e o Trigo**. 2024. Disponível em: https://ojoioeotrigo.com.br/2024/04/o-imperio-da-proteina/ > Acesso em 15 mai. 2024

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE; AUÊ! - Grupo de Estudos em Agricultura Urbana. **Unidades produtivas coletivas/comunitárias da agricultura urbana de Belo Horizonte/MG**. 2019. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/smasac/susan/fomento/sistemas-de-producao/coletivas-e-comunitarias . Acesso em 30 mai. 2024

PRESSINOTT, Fernanda. Flórida proíbe produção e venda de carne cultivada em laboratório. **Globo Rural**. 10 de mai. 2024. Disponível em: https://globorural.globo.com/pecuaria/noticia/2024/05/florida-proibe-producao-e-venda-de-carne-cultivada-em-laboratorio.ghtml . Acesso em 26 mai. 2024

RACA - Revista de Alimentação e Cultura das Américas. Comida e Religião na América Latina e no Brasil. **FIOCRUZ**. v. 3 n. 1: (JAN./JUL. 2022). Disponível em: https://raca.fiocruz.br/index.php/raca/issue/view/5 . Acesso em: 03 ago. 2023

RECLUS, Jean Jacques Élisée. A propósito do vegetarianismo. A reforma alimentar. Ateneu Diego Giménez, Piracicaba, 2010. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/reclus/1897/mes/40.pdf . Acesso em: 28 jul. 2023.

RIVA, Leura; GUERRA, Clarissa; SILVA, Maria Ruptura metabólica, crise ecológica e alimentar: a experiência agroecológica do MST na busca da soberania alimentar como paradigma anticapitalista. **Revista Jurídica** (FURB). v. 26 (2022). ISSN 1982-4858

ROCHA, Luciana. *et al*. O consumidor vegano e as corporações: um estudo sobre o dilema do engajamento em boicotes ou buycotts. In: **Anais do VI Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. Recife, UFPE, 2019. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/vicbeo/171709-O-CONSUMIDOR-VEGANO-E-AS-CORPORACOES--UM-ESTUDO-SOBRE-O-DILEMA-DO-ENGAJAMENTO-EM-BOICOTES-OU-BUYCOTTS . Acesso em 30 abr. 2023

ROCHA, Nina. Cardápio Rastafári - Coletivo mineiro busca inspiração na religião jamaicana. **Revista Piauí**. Edição 192, Setembro, 2022. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/cardapio-rastafari/ . Acesso em: 27 jul. 2023.

SADIA. Nuggets legumes. Disponível em: https://www.sadia.com.br/produtos/vegetais/linha-de-vegetais/nuggets-legumes-2/ . Acesso em 23 mai. 2024

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SAITO, Kohei. **Marx in the Anthropocene. Towards the Idea of Degrowth Communism.** Cambridge, Cambridge University Press, 2022.

_____. **Slow Down**: the degrowth manifesto. Nova Iorque: Astra House, 2024.

SALLEH, Ariel. Ecosocialismo-Ecofeminismo. **Ecología política**. 1992, p.89-92. Disponível em: https://www.ecologiapolitica.info/novaweb2/wp-content/uploads/2019/10/02_Salleh_1992.pdf . Acesso em 28 ago. 2021

SALLES-COSTA, Rosana; FERREIRA, Aline; JUNIOR, Paulo; BURLANDY, Luciene. **Sistemas alimentares, fome e insegurança alimentar no Brasil**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2022.

SANTOS, Antonio. **A terra dá, a terra quer**. 1aed. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Mílton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Vanessa. A dieta lactovegetariana dos Hare Krishna: estilo de vida e adaptações normativas alimentares. 30ª Reunião Brasileira de Antropologia. **Revista Idealogando** - ISSN 2526-3552, v. 1, n. 1, p. 19-34, fev, 2017.

SCHUSTER, Jéssica.; OLIVEIRA, Aline.; Oliveira; DAL BOSCO, Simone. O papel da nutrição na prevenção e no tratamento de doenças cardiovasculares e metabólicas. **Revista da Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio Grande do Sul**. 2015. Disponível em: https://www.socergs.org.br/arquivos/125/2015-Nutricao-II.pdf . Acesso em 10 abr. 2024

SEARA. Empanado de frango. Disponível em: https://www.incrivel.com/produtos/empanado-incrivel/ . Acesso em 23 de mai. 2024

SEEG. Análise das emissões brasileiras de gases de efeito estufa e suas implicações para as metas climáticas do Brasil 1970 – 2020. **Observatório do Clima**. 2021. Disponível em: https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2021/10/OC_03_relatorio_2021_FINAL.pdf . Acesso em: 29 jul. 2023.

SENA, Dafne. O ecossocialismo como alternativa nas eleições municipais. **Le Monde Diplomatique Brasil.** Justiça Ambiental. 11 de novembro de 2020. Disponível em: https://diplomatique.org.br/o-ecossocialismo-como-alternativa-nas-eleicoes-municipais/ . Acesso em: 01 mai. 2024.

SEXTON, Alexandra.; GARNETT, Tara.; LORIMER, Jamie. Vegan food geographies and the rise of Big Veganism. **Progress in Human Geography**, 46(2), 605-628. 2022. https://doi.org/10.1177/03091325211051021

SOUZA, Patricia. **Religião e comida**: Como as práticas alimentares no contexto religioso auxiliam na construção do homem. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2014.

SOUZA, Marcelo. **Lixo zero? Uma pesquisa-ação na co-construção de uma solução territorial para os resíduos sólidos urbanos**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021.

SUJATO, Ajahn. Porque os budistas deveriam ser vegetarianos. 2018. in: **Budismo e sociedade**. Disponível em: https://budismoesociedade.com/2018/05/13/porque-os-budistas-deveriam-ser-vegetarianos/ . Acesso em 20 mai. 2024

SVB - Sociedade Vegetariana Brasileira. Selo Vegano. Disponível em: https://svb.org.br/selovegano/ . Acesso em 23 de mai. 2024

_____. Campanha “Se você ama um, porque come o outro?” chega a mais cidades brasileiras. Disponível em: https://svb.org.br/2680-campanha-se-voce-ama-um-porque-come-o-outro-chega-a-mais-cidades-brasileiras/ . Acesso em 20 mai. 2024

TARQUINI, Andrea. **Marx 2020**. 2012. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/noticias/505607-marx-2020 . Acesso em 21 mai. 2024

The Intercept Brasil. Associação bancada por Nestlé e Coca-Cola tentou engavetar guia que recomenda comida de verdade. 2019. Disponível em: https://theintercept.com/2019/10/29/guia-comida-ministerio-saude-nestle-coca-cola . Acesso em 03 ago. 2023.

The New York Times. Como a Grande Indústria Viciou o Brasil em Junk Food. 2017. Disponível em: https://www.nytimes.com/2017/09/16/health/brasil-junk-food.html . Acesso em: 31 jul. 2023.

The Vegan Society. Definition of veganism. Disponível em: https://www.vegansociety.com/go-vegan/definition-veganism . Acesso em 04 ago. 2023.

TORRES, Raquel. Brasil tem 57 mil mortes por ano devido ao consumo de ultraprocessados, estima pesquisa. **O Joio e o Trigo**. 2022. Disponível em: https://encurtador.com.br/OCq9L . Acesso em: 27 jul. 2023.

TV Comunitária DF. Ecossocialismo ou extinção, diz faixa em manifestação na Av. Paulista. **TV Comunitária DF**. 23 de junho de 2023. Disponível em: https://www.tvcomunitariadf.com/2023/06/23/ecossocialismo-ou-extincao-diz-faixa-em-manifestacao-na-av-paulista/ . Acesso em 01 mai. 2024

Vegano Periférico. **Organização Vegana muda a definição de veganismo**. Terra. 2023. Disponível em: https://bit.ly/4532Fhf . Acesso em: 27 jul. 2023.

UNILEVER: veganos compram ou não? Gravado por: Flávio Giusti. Vídeo. 12min33s. Publicado pelo canal: VegetariRango. 11 mar. 2018. Disponível em: https://youtu.be/O9z4os2Pau0?si=Nml_23qKrCv6F-sJ . Acesso em 23 de mai. 2024

VITORIA, Fernando; FONTANA, Cleder. Natureza e sociometabolismo em Marx: contribuições à leitura da crise socioecológica do capital. **Germinal**: marxismo e educação em debate, Salvador, v.13, n.2, p.92-109, ago. 2021. ISSN: 2175-5604.

UETA, Mariana. **O sabor da prosperidade**: diálogos intergeracionais sobre consumo alimentar e impacto ambiental no Brasil e na China. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 257, 2021.

União Vegana de Ativismo. O Veganismo Popular não comemora o aumento do preço da carne. 2021. Disponível em: https://midianinja.org/xepaativismo/o-veganismo-popular-nao-comemora-o-aumento-do-preco-da-carne/ . Acesso em: 20 jul. 2023.

WEID, Jean. O sistema agroalimentar mundial – em crise terminal. **A Terra é redonda**. 2024. Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/o-sistema-agroalimentar-mundial-em-crise-terminal/ . Acesso em 10 mai. 2024

WILLIAMS, Raymond. **Resources of Hope**: Culture, Democracy, Socialism. Londres: Ed Verso, 1989.

XAVIER, Chico. **O Consolador** – 26ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 2006.

Rede PENSSAN. II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil [livro eletrônico]: **II VIGISAN** : relatório final/Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar – PENSS AN. -- São Paulo, SP : Fundação Friedrich Ebert : Rede PENSSAN, 2022.

ANEXO A - Termo de Consentimento utilizado no trabalho

UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO

Este termo de consentimento de uso de imagem e informações se refere à pesquisa de mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela pesquisadora Lara Palhares Silva Puliero, entre os anos de 2023 e 2024.

O uso de imagem e/ou depoimento e/ou dados biográficos em todo e qualquer material entre fotos, documentos e outros meios de comunicação serão utilizados apenas para fins de divulgação do trabalho. Os dados fornecidos não serão utilizados em hipótese alguma para fins comerciais, utilizando-os apenas para fins de divulgação de pesquisa.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e sem limite de tempo ou número de utilizações.

Gerenciamento dos dados:

A entrevista poderá ser gravada e uma transcrição ser produzida para fins de análise. O acesso aos dados de áudio e a transcrição é limitado ao pesquisador, assim como o controle do uso acadêmico vinculado. Se optar por participar anonimamente, todos os registros da sua participação serão confidenciais.

Qualquer variação nas condições acima só ocorrerá com sua aprovação.

Consentimento para entrevista, citação e uso de imagem:

Todos ou parte dos dados da entrevista podem ser usados nos seguintes produtos da pesquisa:

- Na dissertação de mestrado, artigos e outras publicações acadêmicas;
- Em apresentações em eventos acadêmicos (como conferências, seminários e congressos).

Por favor, marque o seu acordo sobre as opções abaixo:

Concordo com que a entrevista seja gravada em áudio	
Desejo receber uma cópia da transcrição da entrevista, caso ela seja transcrita	
Eu concordo em ser anonimamente citado nos produtos da pesquisa, com identificação apenas do vínculo a instituições, grupos, coletivos e outras organizações.	

UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

Eu concordo em ser citado nos produtos da pesquisa, com identificação apenas do vínculo a instituições, grupos, coletivos e outras organizações.	
Desejo aprovar previamente os fragmentos usados para citação	

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Nome e assinatura da/o entrevistada/o:

_____

Documento (CPF ou identidade):_____

_____, dia _____de _____de _____

Informações de contato:

Se tiver outras dúvidas ou preocupações sobre a pesquisa, entrar em contato:

Lara Palhares Silva Puliero
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Instituto de Geociências — Universidade Federal de Minas Gerais
Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627, Belo Horizonte/MG
Contatos: pulierolara@gmail.com / 31 992913231

Lara Palhares S. Puliero